

A stylized, colorful illustration of a hillside town. In the foreground, a green building with a red-tiled roof and white-framed windows is prominent. Behind it, a blue building with a red roof and white windows is visible. To the right, a white suspension bridge spans a body of water. The background shows a green hill under a blue sky. The overall style is graphic and modern.

RUI COUCEIRO

Morro da Pena Ventosa



Porto
Editora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





© Neusa Ayres

Rui Couceiro nasceu no Porto, em 1984. Trabalha no meio editorial desde 2006 e é, desde 2016, editor da Bertrand, tendo a seu cargo a chancela Contraponto. É membro do Conselho Cultural da Fundação Eça de Queiroz. Escreve para a Visão. Abandonou uma tese de doutoramento em Estudos Culturais, para escrever o seu primeiro romance, *Baiôa sem Data para Morrer* (2022), publicado em Portugal pela Porto Editora, no Brasil pela Biblioteca Azul e prestes a sair em Espanha pela Siruela. O livro foi distinguido com o Prémio Literário Manuel de Boaventura 2022 e finalista do Prémio Pen Club Português 2023.

Morro da Pena Ventosa

Rui Couceiro

Publicado por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

© 2024, Rui Couceiro e Porto Editora

Design da capa: Luís Alegre/Ideias com Peso

1.^a edição em papel: junho de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-69376-1

*Ela é a muralha, com a cintura rodeada de nevoeiros,
generosa e tímida, com a sua coroa provinciana e a luva suja
na mão descalça.*

AGUSTINA BESSA-LUÍS

*[...] não só o granito azulado dos seus palácios, mas também
as paredes encardidas dos seus pardieiros, abrigam uma gente
que não conhece o pecado da futilidade.*

EUGÉNIO DE ANDRADE

*Que diz além, além entre montanhas, / O rio Doiro à tarde,
quando passa? [...] / Que diz ao vê-lo a Sé, quase sombria?*

*E a tão negra muralha à luz do dia? [...] / E o rio passa
torturado, aflito, / Sulcando sempre o seu perfil nas almas!...*

PEDRO HOMEM DE MELLO

*Nunca encontrei um companheiro tão sociável como a
solidão.*

HENRY DAVID THOREAU

A literatura é uma defesa contra as ofensas da vida.

CESARE PAVESE

Aos meus Pais, que me apresentaram o mundo no Porto.

À Helena, o meu porto.

Os sibilos do vento

Fantasiar é uma inescapável necessidade. Mesmo que seja sobre o amor ou a morte. É-o tanto quanto palpar a concretude dos dias – quer ela se manifeste através de agitação, quer em versão serena –, para se ter a certeza de que se está vivo e não se foi derrotado pela realidade. Por isso, venho a este lugar. Onde ontem o mar rebentava com força, há hoje um deserto. A espuma branca deu lugar a um manto que o vento alisou durante a noite e que a luz agora amarelece. Deixo os meus pés marcados na areia e aceito que o sol me queime a pele – gosto da forma como me toca. Nunca usei óculos escuros, preciso das cores que a luz oferece ao mundo. Sento-me e, com cuidado, faço correr a areia de uma mão para a outra, como se controlasse o tempo. Ao meu redor, não há ninguém. Atrás de mim, só as marcas dos meus passos. Sinto-me filha única daquele lugar. Abro bem os olhos, para que nada me escape ou se interponha. Não quero nada entre mim e a cor, nada entre mim e o mundo.

Deixo-me ficar, assim, fitando a areia com que, uma após a outra, vou enchendo as mãos feitas conchas, dispostas uma abaixo e outra acima do fio do horizonte. Quando uma se enche e a outra se esvazia, troco-as de posição, volto atrás no tempo, para ver a vida correr de novo. Há dezasseis dias que, ao final da tarde, venho sentar-me no areal da Praia do Cabedelo, em Gaia, de costas viradas para o meu mundo, que me olha lá do alto da Sé do Porto. Tenho vindo à procura não sabia de quê. Talvez quisesse ser encontrada, porventura esperaria uma resposta, eventualmente uma aparição. Não contava com um desejo, uma vontade súbita de escrever o que se seguirá, ao invés do que era suposto. Ouvi os sibilos do vento e decidi começar. Foi assim.

Ajardinar a realidade

Tenho tanta vontade de falar daquilo que me aconteceu, mas sinto tão pouca coragem para o fazer. Tomaram posse de mim um pensar flutuante e um sentir errático. Só sou capaz de abordar o assunto deste modo, centrando a imagem num desejo, ajardinando um pouco a realidade, para tornar o começo mais airoso. Falta abrir o plano e mostrá-la a encostar-me à parede, que é o que ela faz todos os dias a toda a gente, ainda que, de verdade, disso só dêmos conta quando a têmpera faz baque contra o duro reboco e um fio de sangue nos contorna a bochecha esmagada, até se anunciar – e, aí, nunca tem um sabor doce – no canto da boca.

Daria fosse o que fosse

Por conseguinte, daria fosse o que fosse para não ter de escrever o que se segue. Tal não significa que o vá fazer contra vontade, ou que não antecipe mais do que sofrimentos terríveis de suportar. Nem que tenha alguma coisa contra este caderno de capa verde. O que está na origem da frase com que acabo de começar este trôpego terceiro arranque é a noção incontrariável de que só a escrevi porque algo muitíssimo doloroso aconteceu. Por isso, não dar início ao que está por começar equivale a não colocar uma pedra sobre o que, na verdade, já terminou, e significa não encarar o fim. Forço-me a registar o que conseguir.

Não há cartas que se escrevam como as que destinamos a quem não está. Elas convocam a melancolia e afogam-nos em saudade, mas também nos devolvem o conforto da voz, do olhar, do escutar e do estar de quem nos falta. Sei-o bem e estou consciente dos benefícios que ela poderá trazer-me. Mas não sei se estou preparada para o fazer, espero estar. De todo o modo, não deixo de sentir, com tudo o que em mim sente, e que é mais do que eu supunha, que seria sem dúvida preferível, melhor e mais justo que não precisasse de o escrever, ou que não estivesse agora mesmo a fazê-lo, e o momento se dissolvesse depois de eu me beliscar e perceber que, afinal, tudo não passara de um pesadelo. Não poderei limitar-me ao presente, ao puramente quotidiano, nem mesmo ao que sinto a cada dia (ainda que o vá fazer também por ti, dado que fazê-lo por ti é fazê-lo por mim). Por motivos do foro emocional, e de modo a organizar a perceção que dele tenho, precisarei de convocar para o papel também o passado. Não menos importante é o facto de que tal decisão acautelará também a eventualidade de outras pessoas virem a ler estas páginas. Nesta história, que é a minha e a dos meus, como na vida, só o conhecimento profundo do que já ocorreu poderá evitar leituras

precipitadas ou incorretas.

O fim das noites ágrafas

Bendita seja a pulsão (eu adorava ser mais de pulsões, como tu) que senti, ao ir comprar este caderno, antes de vir para casa e sentar-me nesta poltrona verde-floresta, cujo couro agora acaricio, e que era o poiso favorito da minha avó, a fim de acabar com as noites ágrafas e iniciar estes registos, mostrando-te a cidade e a minha vida de hoje, tão diferentes das que conheceste. Todos os dias, pequenos impulsos evitam pequenas, médias e grandes tragédias. Isto ainda está no começo e o que mais desejo é que sejas tu, ou tu e a escrita, tu e o que te escrevo, a salvar-me das horas negras. Todas as noites, o universo condena um pouco mais a nossa existência através de acontecimentos de dimensões e consequências variadas. E não é por não gostar do escuro que atribuo a fortuna aos dias e a fatalidade ao breu; talvez seja por superstição, concedo, mas o que são as superstições senão a disciplina da precaução, isto é, a convicção de que é melhor não fazermos as coisas de outra maneira, sob pena de tudo acontecer como sempre acontecem as coisas enquanto o sol dorme? Sei, por isso, que talvez esteja, como dizia a minha avó, demasiado presa à minha própria mitologia, mas a alma que trago cá dentro já deu mostras bastantes de não saber operar de outra maneira. E antes viver assim – experienciando um mundo só meu – do que de olhos apagados e com os ouvidos tementes de tudo. A minha avó dizia-me sempre: Beta, filha, tu não precisas de ser como os outros para seres certa.

As notas com que se tocam os dias

Como gotas que pingam a compasso no silêncio, o alvorecer começa a resgatar da penumbra as notas com que se tocam os dias. Primeiro, o chilrear de um passarinho; depois, quase seguidos, os motores das carrinhas de transporte de pão, de jornais e das toalhas e lençóis com que lavandarias especializadas abastecem hotéis e alojamentos locais; a seguir, cilindrando os paralelos, passa um autocarro levando os ensonados profissionais noturnos e trazendo os mais sacrificados dos trabalhadores matutinos. Deixam de se ouvir os apitos dos semáforos, que fazem companhia aos insones, desaparecem os ruídos dos carros isolados a descerem a rua e dos grupos de embriagados que se recusam a aceitar o fim da noite. Em crescendo, a malha sonora da cidade vai-se compondo com o rumor coletivo dos automóveis e os demais sons de que é feita. Começam a ouvir-se as pessoas – as que passam vão apressadas, as que não passam fumam à porta dos cafés, algumas caminham dando baforadas em cigarros eletrónicos, outras falam sozinhas, porque o cabelo lhes esconde os auriculares sem fios, outras não falam, antes escutam meditações, ou podcasts, as mais jovens exibem volumosos e coloridos auscultadores, essas ouvem música, reformadas vão ao pão, param na frutaria e compõem o começo do dia com o que ninguém faz por elas, reformados espreitam valas e crateras abertas na via, na qual homens novos, sujos e molhados trabalham de colete e capacete, reparando canalizações, trotinetes deslizam rua abaixo, gaivotas grasnam no topo de edifícios, de carros ou, ainda mais dominadoras e intrépidas, de verdes contentores do lixo. Antes disso, silenciosos, os sem-abrigo enrolaram os sacos-cama em que se encasularam quando a noite lhes pousou o frio em cima, arrumaram a um canto os cartões com que procuraram proteger-se dele e da humidade que sobe do rio, afagaram os cães que os olham sempre sem julgamento, censura nem pena,

antes como centro de tudo, e partiram rumo à sobrevivência diária, andrajosos, de barbas compridas, no caso dos homens, de cabelos colados, se forem mulheres. Alguns, quero crer, subirão ao Largo de Viriato, a fim de cuidarem da higiene pessoal, no balneário público que lá subsiste. Por vezes, em momentos daqueles, em que as evidências nos tombam, vejo-os entrar, discretos, cabisbaixos, ou então sair, de queixo a apontar em frente e não para o chão, recuperada que está alguma da dignidade que o mundo lhes tirou.

Amarfanha-se-me o coração quando encontro, condenado a viver assim, um rapaz de quem certamente te lembras, o Luís Miguel, filho da antipática do primeiro andar, a D. Salete, e do Jiboias. Os consumos desviaram-no da vida que se desenhava para ele e fizeram com que o pai lhe dissesse que a casa onde até então vivera já não era a dele, não era local onde fosse bem-vindo. Vale-lhe, bem como a quem com ele se cruza, que, por algum insondável motivo, no rosto ladino do Ideias, como é conhecido, dance sempre um sorriso. Todos os dias, aquele meu antigo colega de escola, rapaz baixinho e de rosto redondo, tem para oferecer ao mundo, pelo menos, uma nova ideia, ainda que nunca tenha conseguido concretizar nenhuma. Quando me cruzo com ele, diz: ouve bem esta ideia, ou tive uma grande ideia, ou ainda tive uma ideia genial, diz-me lá se não é verdade, se isto não é uma ideia espetacular. E, de seguida, fala-me de criar fábricas de pacotes de água a ferver, de aterrar o rio e unir Porto e Gaia, de abrir épocas de caça aos pombos e às gaivotas, com prémios para os melhores, de a Câmara escavar túneis das casas das pessoas até às fábricas de bolachas, para quando se acorda a meio da noite com fome, ou então de projetos de carros que se autolavam, já para não falar do maior sonho de sempre, o de ver canábis plantada em todos os canteiros da cidade, para usufruto dos munícipes.

Do fundo do meu caixão

É cálida, no contacto com a pele fria, a madeira de pinho deste caixão em que estou deitada. Mas não está quente por ter sido usada por outro corpo, como os desagradáveis assentos dos autocarros. Este esquife foi feito para mim, à minha medida, e o pinho é a estrear. Não estou ainda morta, como Brás Cubas, nem prestes a morrer, como Ivan Ilitch, por isso sinto a madeira rija e suponho que seja por isso – mesmo não estando aqui há muito tempo – que me doem as costas. A posição também não é muito favorável à escrita, tal como de resto a situação. A cera escorre sobre os castiçais com cheiro a pechisbeque que comprei na Rua do Almada, de modo a preparar o momento. Talvez te pareça estranho, mas, nesta fase, nada me tem animado tanto como este contexto. Demasiados dias se passaram sem que escrevesse uma linha. Da última vez, e das poucas que a antecederam, estava sentada na poltrona aqui ao lado. Agora, estou estendida, e a verdade é que, para o propósito em questão, não estou pior. Até porque percebi que a escrita não me acontecia por excesso de conforto. Sentava-me na poltrona e a sensação era de comodidade. As molas fofas do assento encolhiam-se para me receber, a pele antiga aquecia-se em poucos segundos, o encosto acomodava-me as costas com cuidados que só uma mistura de molas e espuma antigas podem oferecer, e os braços da poltrona pediam-me que lhes pousasse os meus por cima, para os aconchegar. Se esticasse as pernas rumo ao pousa-pés, apetecia-me tudo, menos escrever. Pior: ali sentada, sentia-me acolhida no regaço da minha avó, que quando eu era miúda assim me contava histórias da infância dela, em Miragaia. E, claro, as palavras não me saíam. Desfiava recordações, caía em melancolia e chegava mesmo a dormir. Quando me apercebia de que estava mergulhada nessa suave modorra, irritava-me comigo mesma. Não estava a fazer nada daquilo a que me havia proposto, não estava a

dignificar a memória da minha avó, como era minha intenção e ato da mais essencial justiça. Mal me sentava, de caderno na mão, punha-me a pescar ideias, a vasculhar o dia que tinha passado, e, de repente, estava com a cabeça noutro lugar. Por vezes, a caneta caía-me das mãos e eu acordava, estremunhada. Depois de a apanhar, a evidência daquela incapacidade, constatada dia após dia, começava a enervar-me tanto, que, à noite, chegava a ter dificuldade em adormecer. Como é que o efeito de uma poltrona sobre o meu corpo e o meu espírito era mais forte do que a minha vontade?

Sofri dos nervos até que, ao sétimo dia, fui acometida de uma ideia resplandecente. Porque há algum tempo me assaltava a imagem última da minha avó, enfiada numa urna de pinho, decidi que passaria a deitar-me neste caixão, encomendado nesse mesmo dia via internet, a uma empresa do Marco de Canaveses, e assim resolveria os meus desentendimentos com o mundo. O modelo chama-se Porto, afunila em direção aos pés, a abertura é à moda de Braga, dado que a tampa se divide em duas abas que se franqueiam cada uma para seu lado, e a meu pedido não tem estofo, ou seja, não é forrado nem acolchoado, para eu não cair na tentação de dormir. E não é que funciona? Cá estou eu, a escrever, poucas horas depois da chegada deste esquife, que navegou prédio acima nos braços de dois homens de ar macambúzio, um dos quais insistia em mostrar-me o rego do rabo, de cada vez que se baixava. Se, um dia, o trambolho tiver de sair carregado, suponho que serão precisos mais, até porque desde que a minha avó foi repousar para o cemitério tenho comido caixas e caixas de chocolates, esse bem essencial à sobrevivência da minha alma tão soxada. Mas o mais provável é que saia vazio, na data prevista.

Foi já dentro deste caixão que escrevi o texto que antecede este. Devo clarificar, todavia, que não escrevo apenas quando estou dentro dele, no qual me deito com duas almofadas sob a cabeça. Ficaria com os cotovelos feitos num oito. Também gosto de escrever sentada na sanita. Ainda esta manhã senti vontade de registar algumas ideias que nos próximos dias desenvolverei e foi lá – pousando os pés nos azulejos frios – que me fui sentar. A escrita não escolhe horas, mas, pelos vistos, prefere determinadas condições. E o que me é em absoluto imprescindível é não sentir conforto. Por isso, percebi que

enfiar-me numa nave de madeira idêntica à que levou a minha avó daqui de casa para debaixo da terra do Cemitério do Prado do Repouso, onde toda a vida ela quis ficar, iria ajudar-me a finalmente começar o que já deveria ter tido, quem sabe, um desfecho. O que acontece, na prática, pelo menos desde que há uma hora aqui me enfiei, é que certas partes do corpo vão começando a ficar dormentes. Mas não há dúvidas de que o desconforto me põe desperta e desempoeira a memória. Julgo até que a escrita que aqui me acontece surge tocada por uma percepção ampliada da realidade – e, até prova em contrário, é do fundo do meu caixão que presto atenção ao mundo passado e presente. Começemos pelo que já passou.

Máquina do tempo

Muitas coisas na minha vida aconteceram antes do tempo, mas muita da realidade do meu tempo tardou em chegar à minha vida. Por isso, costumo dizer que sou contemporânea da minha avó, no sentido em que nasci na mesma época que ela, nas primeiras décadas do século passado. Na minha infância, a Sé era uma parte da cidade deslocada do tempo que se vivia. A nossa casa, um conjunto de pequenas divisões, sem lareira nem banheira, no quarto andar de um prédio estreito, amarelo-torrado. A minha avó e eu sonhávamos que fosse revestido a azulejo verde-garrafa, daquele biselado, tão típico do Porto, tão bonito, motivo pelo qual na nossa casa a minha avó queria tudo em tons de verde, a condizer com o prédio. Quando abríamos a porta e púnhamos um pé fora do pequeno apartamento, iniciávamos uma viagem de regresso a uma época que deveria ser, essa sim, por direito, a minha. Contrariando as recomendações e os cuidados impostos pela minha avó, eu desatava a correr máquina do tempo abaixo, soltando o fôlego em espiral, pedindo desculpa aos degraus por estar a pisá-los com força e sendo iluminada desde o alto por feixes de uma luz muito branca. Durante pelo menos cinco anos, só quando chegávamos à rua, entrávamos nas décadas finais do século xx. Havia já uns indícios de modernidade na casa do Luís Miguel, dado que o pai, o Jiboias, era picheleiro e havia feito um quarto de banho completo dentro de casa, mas usarmos uma banheira nossa era coisa que só conhecíamos da televisão. Tínhamos uma sanita num cubículo na varandita das traseiras e nada mais. Quarto de banho a sério só por acordo com a senhoria, pouco tempo antes de eu entrar para a escola, o que foi bom, para me resgatar do começo do século passado e me deixar menos diminuída perante os meus colegas, alguns deles levados à escola de carro.

Fora de uma tina

A água caiu-me inteira sobre o corpo como um manto macio, e não cessou de cair, porque o chuveiro não era um chuveiro, mas um grosso tubo de ferro, que derramava pesadamente sobre a minha cabeça uma massa de água que logo se abria num deslizar veloz pelo meu rosto, pelos meus cabelos colados aos ombros, pelos meus seios por nascer, pelo meu umbigo mínimo e pelo meu ventre ainda infecundo, até fugir de mim, para dentro de um buraco no chão, e para então outra água, igualmente quente, me tocar da mesma maneira. Fora de uma tina, de uma tina verde, naturalmente, foi assim o primeiro banho que tomei em nossa casa, com a minha avó, maravilhada, a olhar para o esquentador alimentado pela garrafa de gás que o Sr. Aníbal tinha trazido ao ombro, escada acima, e a dizer-me: não gastes tudo, mas que te saiba muito bem, minha filha. E soube mesmo. Já ninguém poderia chamar porca-limposa à minha avó, como eu sei que lá na rua havia quem chamasse, e talvez tu recordes também.

Mais tarde, o Jiboias acoplou ao tubo um chuveiro a sério, que a minha avó comprou na Feira da Vandoma, e eu pude passar a sentir o conforto e a dedicação de uma chuva quente, feita de milhares de gotas que lá do alto se atiravam a mim, e a sonhar-me a protagonizar o próximo anúncio televisivo do gel de duche Tahiti. Eu queria tomar banho todos os dias, várias vezes por dia, se possível, e a minha avó acabou por autorizar-me a fazê-lo às terças, quintas e domingos. A cada um desses dias, aquelas sensações a esfuziarem-me sem cessar instalaram em mim uma predileção por duches que nos dias de hoje me faz sonhar com viagens transatlânticas, para conhecer as cascatas do Iguaçu, do Niágara, de Vitória, de Yosemite, ou de Salto Ángel. Já cheguei até a subir alguns dos afluentes do Douro, como o Inha e o Arda, para me enfiar em pequenas quedas-d'água. E ainda hoje guardo aquele chuveiro, já muito velhinho, mas merecedor do muito carinho

que lhe devoto. Todo este assunto me faz lembrar a minha mãe, que eu sentia gostar muito de água, não só pelo modo vigoroso como se lavava, às vezes a meio da noite, dentro daquela tina, mas também pela forma como gostava de derramar o olhar sobre o rio. Lembro-me de que saía para caminhar sobre a ponte – dizia, segundo me contou a minha avó, porque disso não tenho memória, que gostava de entrar e sair da cidade, que era como cruzar uma fronteira, como passar de uma para outra vida. E punha-se a atravessar para a banda de lá, vindo de seguida para cá, repetindo assim o percurso, para lá e para cá, várias vezes, fitando a água no fundo do vale.

Cartas banais

Muitos anos depois, aos domingos de manhã, eu dava banho ao corpo amarrotado da minha avó. Cresci com ela e o pior da minha vida até ao momento é aceitar que já não a tenho. Oito dias passados, repetia os gestos circulares, a mão abrigando um sabonete vermelho de glicerina, uma memória com cheiro adocicado que perdurará em mim, mesmo que deixem de vender este produto com que, desde que ela se foi, me lavo todos os dias. Como lhe fazia a ela, passo a espuma por entre os dedos dos pés. Mas eu estou de pé e ela estava sentada, por isso, às vezes, desequilibro-me, coisa que talvez não acontecesse se pudesse ter andado no ballet, e eventualmente não escangalharia a anca, como a minha avó escangalhou quando estava já ferida de artroses, e como eu acho sempre que acabará por suceder-me quando me vejo naquele equilíbrio precário. Nos dias em que lavo o cabelo, estico-o entre as mãos, primeiro com o champô e depois com o condicionador, como fazia com o dela, para lhe dar a alegria maior do banho, e que consistia em olhar-se ao espelho e ver-se de novo com o cabelo comprido. O pouco que lhe restava era um arbusto grisalho mas, como é evidente, eu não lho dizia.

Depois do banho tomado, eu tratava-lhe das unhas dos pés. É incrível como as unhas dos mais velhos podem crescer. Tudo o resto diminui, e as unhas, é mesmo impressionante, acrescentam um milímetro a um corpo morrente. Dá ideia de que as unhas envelhecem menos. Aliás, chegam até a ficar empedernidas, como se quisessem fixar-se mais ao corpo que se acostumaram a habitar, como se procurassem agarrar-se mais à vida. As dos polegares da minha avó tinham até de ser aparadas com um corta-unhas especial, que comprei numa farmácia da Baixa, junto ao café em que a minha avó e os historiadores oficiais dizem que parava a mais rica burguesia, o Astoria. Depois de seco o cabelo, ela gostava de que lhe vestisse a

roupa de ir à missa, embora já não pudesse ir à missa. Chegava a calçar-lhe os sapatos de domingo, de tacão alto, encaixando-os à volta daqueles frágeis pés calosos, e pousava-lhe sobre o peito o colar de pérolas que ela dizia serem verdadeiras, mas que ambas sabíamos serem falsas. Pedia-me que lhe pusesse pó de arroz nas faces e eu acabava a maquilhá-la com tudo o que usava para mim, mas procurando adaptar o trabalho à idade daquela senhora. O batom é que, não havia alternativa, tinha de ser vermelho. Se não for vermelho, dizia, não é batom, mas, assim, estou pronta para receber cartas de amor! E, nessa altura, entrava-nos sempre pelo quarto um homem a cantar. A minha avó dizia: não sei se já te cantei uma canção de que gosto muito. Eu perguntava: qual, avó? E ela, com a voz trémula, mas alegre, começava, enquanto eu baixava o som do rádio sempre ligado na Renascença: Quantas noites em claro passei / A escrever para ti / Cartas banais / Que eram toda a razão do meu ser / Cartas grandes, extensas, iguais / Ao meu grande sofrer. A dada altura, acrescentava: sabias que é de um rapaz do meu tempo, ali das Fontainhas? Ai sim?, perguntava eu, fingindo espanto. Sim, do grande Tony de Matos, que Deus o tenha e guarde por muitos anos. E então eu pedia-lhe que cantasse mais, por vezes distraíndo-me e trauteando também Cartas de amor / Quem as não tem / Cartas de amor / Pedacos de dor / Sentidas de alguém, deslize que a levava, com doce indignação, a excluir: ah, bandida! Já te tinha ensinado a canção! E ríamo-nos. Muita coisa lhe escapava já, mas eu sabia que nem morta a minha avó poderia esquecer as coisas de que mais gostava, como aquela canção sobre banais cartas de amor que ela nunca soube mas adoraria ler. E eu também não a esqueceria, tinha a certeza. Trauteá-la era ouvir a voz da minha avó. E eu iria guardá-la, só para a contrariar. Ela dizia-me que, quando partisse, eu iria lembrar-me cada vez menos dela, que era assim com toda a gente e que também ela já pouco ou nada se lembrava dos pais dela e menos ainda dos avós. Mas eu não queria nada disso, eu não queria esquecer uma pessoa que foi, no mesmo corpo e dentro da mesma casa, mãe, pai, irmãos, avô e avó.

Atenção ao mundo

Quando, enfim, terminávamos o ritual do banho, passávamos à leitura da correspondência da semana. Era sempre assim. Aberto o primeiro sobrescrito, eu começava a ler: água – 6,04€, águas residuais – 3,58€, TRH/TRG – tanto, resíduos urbanos – isto, IVA – aquilo. E patati patatá, depois de já ter lido coisas como documento de pagamento, titular da conta, morada, NIF, local de consumo e resumo de faturação. A minha avó era um exemplo muito raro, raríssimo, de uma espécie abençoadamente quase extinta neste país: os analfabetos. Subsistem apenas alguns espécimes, como a minha avó, na Ribeira e noutras partes pobres do Porto – e quem o ignora não conhece a cidade, nem sabe que uma parte do mundo está vedada a estas pessoas. A minha avó pedia-me que lhe lesse as cartas todas, incluindo as das contas da luz, da água e da televisão e internet, que, na verdade, eram as únicas que recebia. Obrigava-me a lê-las de fio a pavio, todas as letras, todos os caracteres. Quando eu lhe dizia que não era preciso, que, tirando as somas, diziam o mesmo que no mês anterior, ela zangava-se comigo. E, quando ouvia a última palavra de cada uma daquelas burocráticas missivas, perguntava-me sempre: leste tudo, Elisabete? Eu confirmava, jurava que sim, e ela sentenciava: temos de estar atentas ao que nos diz o mundo, seja na rua, ou na correspondência, minha filha, caso contrário fazem de nós lorpas, passam-nos a perna como os jogadores da bola. E, depois, satisfeita, punha-se a contar dinheiro vivo, que depositava num envelope. Para a minha avó, pagar uma dívida era melhor do que ganhar dinheiro. Era a certeza de ser capaz de corresponder às obrigações e de poder fazer face às nossas necessidades.

Nos últimos meses, já não era assim, até porque estava deitada, mas a minha avó nunca parava, mesmo quando, antes disso, começou a passar os dias sentada, por nunca se ter acostumado à prótese da

anca. Levava todo o dia a cogitar, a escutar, a observar. Todo o dia entretida com o mundo, mesmo que o mundo dela fosse pouco mais do que uma rua. Nas alturas em que me via em introspeções, dizia: vai fazer qualquer coisa, rapariga. E sentenciava, com uma das suas frases favoritas, e que ainda ecoa em mim a todo o momento: mente vazia, oficina do diabo.

Chá de cidreira

Enquanto ainda tinha saúde, só se dava ao silêncio nos momentos de devoção. Gostava muito de se ajoelhar na Igreja de São João Novo, apertar as mãos uma contra a outra, segurando com força um rosário, e falar com Jesus, Nossa Senhora e com o Pai Nosso. Nas conversas com pessoas, se alguém contava ter resistido a um cancro, ou de que modo qualquer outro assunto importante havia terminado bem, ela também não dizia nada: olhava para o céu e benzia-se. Depois, punha-se a aproveitar o dia o melhor que podia, feliz por estar viva. Embora gostasse muito de falar, os períodos de silêncio tinham para ela um sentido de renovação; saía deles revigorada.

Quando eu terminava de lhe ler as cartas, por exemplo, chegava o momento favorito dos dias dela, o ponto alto das manhãs de domingo. Mais do que sabedora da resposta, perguntava-me: e agora vais contar-me a história da tua semana, não vais, minha filha? E eu abria um caderno igual a este, onde todos os dias ia anotando o que era anotável, para, ao domingo, antes de tirarmos o assado do forno, ler à minha avó os episódios de uma vida que ela já não podia acompanhar senão à distância, confinada que estava àquele quarto andar do número 42 da Rua da Pena Ventosa, com os seus pouco mais de dois metros de largura – um para cada uma, e chega-nos muito bem, costumava ela dizer-me.

Na semana em que a minha avó morreu, decidi que iria fazer o luto continuando a escrever durante um ano exato, todas as noites, e que, nessa mesma casa, sentada no chão, como sempre estava quando lhe lia os relatos semanais, iria ler tudo o que nesse ano escrevesse, sem parar. Talvez apenas omitindo ou suavizando um ou outro episódio que, todavia, não deixarei de registrar neste caderno, e nos que eventualmente lhe sucedam, com o intuito sugerido pela própria. Se comecei a fixar tinta e recordações nestas páginas pautadas, é porque

a minha avó, embora achasse que a vida continuava no céu, queria também deixar memórias na terra. Por isso me pediu que falasse dela aos meus; e tu és tudo o que eu tenho, de momento – e és muito.

Quando a minha avó me fazia tal pedido – e era frequente fazê-lo – eu punha-me a pensar e concluía que, enquanto indivíduos e sociedade, a nossa existência provavelmente continua sobretudo nas consequências do nosso modo de vida. A minha avó há de continuar a viver em mim e através de mim, ainda que por vezes me pergunte se em algum outro mundo nos veremos. De todo o modo, o fundamental é referir que, pondo nessa decisão muito mais certeza do que me é habitual, optei por não me despedir imediatamente dela. Sem a começo me aperceber, defini o período de um ano como o do imprescindível luto destinado a dizer adeus a alguém tão – faltam-me aqui os adjetivos adequados, por não existirem – como a minha avó era. E o melhor de tudo era que com uma só decisão cumpriria um quádruplo propósito. Continuando, durante um ano mais, este quase-diário que para ela criei, e para ela mantive ao longo de catorze anos, não só não romperia de imediato um dos mais fortes dos nossos laços, conservando a minha avó na minha vida diária por mais tempo e despedindo-me dela menos de supetão, como aconteceu fora destas linhas, como também, uma vez que te é destinado, teria a possibilidade de te dar a conhecer a minha avó, cumprindo a vontade dela. No entanto, rapidamente percebi que, por consistir no registo dos dias que vivi, um conjunto de textos deste cariz apresenta sobretudo quem o escreve e o contexto em que vive. Pois, então, melhor ainda: dar-me-ei a conhecer a mim mesma – sem esconder alguns excessos de espírito a que procurava poupar a minha avó – e a um mundo que em breve deixará de existir.

De momento, fico-me por aqui. Vou fazer um chá de cidreira. Sabes porquê? Certa vez, já perto do final, a minha avó aproveitou um momento de lucidez para me chamar e me dizer: filha, não te aflijas se, depois de o Senhor me levar, deres por ti a comprares o chá que eu bebo, a entrares em casa e chamares por mim, ou até mesmo a perguntares-me o que quero jantar. Tudo isso faz parte da vida e eu estarei bem, a olhar por ti lá de cima. E eu sei que estás, sei mesmo. Mas, para ela ter a certeza disso, desde que partiu, só bebo o chá que

ela bebia.

Uma brevíssima lembrança

Só quem cresceu no campo sabe que não há pior cheiro do que o da cópula entre cavalos, entre égua e cavalo. Mas eu não cresci no campo e sei que não há pior cheiro do que o do sexo entre cavalos. À noite, quando me julgava já adormecida, ou não querendo saber se dormia ou não, o meu pai invariavelmente cobria a minha mãe contra a vontade dela. Digo assim, porque não poderia referir-me a tais atos com expressões como fazer amor. Nunca mais me esqueci daquele cheiro fétido, nem do que via nos olhos da minha mãe, na manhã seguinte. E, como a tristeza procura sempre companhia, eram coisas que acabavam também por se instalar em mim. A minha pele era um tecido fino e permeável, e estava cheio de nódoas e buracos.

Naquela altura, o meu pai ainda vivia connosco. Isto significa que ainda não bebia tanto como veio a beber. Mas, em dado momento, não conseguiu contrariar aquele que hoje julgo ser o seu destino e pôs-se a beliscar a morte, a tocar-lhe ao de leve. Percebeu, de cada vez que ela lhe dava um encontrão e o deixava estendido na calçada fria, com um pacote de vinho na mão, atacado pelas pulgas e pela piolheira, que tanto enervavam a minha mãe, que ela – a morte – não era coisa assim tão difícil de enfrentar e, menos ainda, de suportar. Talvez pensasse mesmo, com maior ou menor dose de consciência, que, enquanto estava a braços com a morte, ninguém o chateava. E, em rigor, acordava sempre, o que demonstrava que, na verdade, não era assim tão fácil ela derrotá-lo. E, acaso um dia não acordasse, tanto lhe fazia, porque os apagões que tinha eram momentos de sossego. Por essa altura, deixou de trabalhar. Poucas semanas depois, foi a escadaria de madeira escurecida e rangente, abençoada pela claridade vítrea de uma claraboia tocada pela lua, e à qual eu haveria de me encostar horas a fio, a salvar-nos dos cenários degradantes que montava quando entrava em casa, e mais ainda das fúrias dele, num espaço já

de si pequeníssimo para quatro, quanto mais para quatro e um alcoólatra agressivo. Por não conseguir subir as escadas, passou a dormir na entrada do prédio, a vomitá-la quase todas as noites e a fazer dela sanita, para vergonha e desespero da minha mãe, que todas as manhãs as limpava o mais cedo possível, para que os vizinhos não dessem conta daquilo que todos sabiam. Quando ela o erguia do escangalho em que dormira, tresandando a vinho e a desgraça, os ossos cada vez mais visíveis e a barriga cada vez mais inchada, ele repelia-a e barafustava com palavras impercetíveis e com outras bem identificáveis, mesmo por crianças pequenas, como eu era. A que mais usava tinha quatro letras apenas: puta. Sei-o, porque me lembro de espreitar e escutar do patamar do primeiro andar, e de a seguir correr por ali acima, para ir chorar abraçada às saias da minha avó, que cheiravam sempre a estrugido – um aroma que ainda hoje me conforta. Esse e o do detergente com amoníaco, e o da lixívia de marca indiferenciada, comprada em garrações amarelos que guardava à entrada do prédio, junto aos contadores da água, com que lavava as imundícies que o meu pai depositava no mosaico hidráulico de tom cinza-claro, que a cada noite foi ficando mais bordeaux. Mal ela o erguia, ele regressava à rua, cambaleando, entortado pelo vinho no pescoço e nos joelhos, uma brevíssima lembrança do homem alto que já fora. Ao reentrar no mundo dele, regressava algum sossego ao nosso, apesar de a minha mãe viver a segurar o coração entre as mãos, achando que a qualquer momento lhe ligariam a dizer que ele tinha sido atropelado, ou coisa do género, e mergulhada em vergonha de cada vez que se cruzava com os vizinhos da rua e do prédio que ele sujava diariamente. Foi assim até ao Jiboias lhe ter assentado – como o próprio disse, erguendo o punho imenso – dois morteiros, ao sair de casa mais cedo do que o costume, para um serviço urgente, e ver a entrada naquele estado. O meu pai não voltou a aparecer no prédio, embora da janela eu por vezes o visse, ao fundo, numa parte em que a rua faz uma ligeira quebra e se angula um tanto, a olhar na direção de casa. Nessas alturas, a tristeza entrava em mim sem pedir licença, mas acabava a confundir-se com o medo e com o alívio de saber que ele nunca teria coragem de enfrentar o Jiboias.

Quando, por acaso, eu o avistava na rua, fugia de imediato para

casa. Bastavam uns segundos, talvez menos, até, para o perceber a dançar com a morte, à qual tinha perdido em absoluto o respeito e o medo. Não só se abeirava dela, como com ela dançava uma injucunda dança. Arrastando os passos pela calçada, movimentava-se ao som de uma marcha fúnebre e vogava ao ritmo das ondas do mar de vinho em que se enfiava todas as manhãs. Se calhar, saber-se numa peregrinação com um final tão derradeiro era a única coisa a motivá-lo. São ideias minhas, que ainda hoje tento pôr-me na cabeça dele. Por vezes, era encontrado desmaiado e transportado para o hospital, onde já o conheciam. Se morto não estava, morto parecia. Reanimavam-no sabe-se lá com que químicos ânimos, e o vinho, orago dos seus dias e embalo das suas noites, voltava a correr-lhe nas veias. Atordoados, combalidos, arrastava os pés e os pensamentos até ao destino. A cada trago, enquanto se lhe turvavam visão e pensamento, esse destino ficava mais nítido. Insistia, por isso, na busca, até se ter defronte dela. E, porque suponho que isso lhe calava as vozes interiores e as incompreensões exteriores, beliscava-a, beliscava-a uma e outra vez, cada vez com mais força, dava-lhe encontrões, desafiava-a sem receio, até, invariavelmente, se ver estendido e urinado no passeio, sem contudo largar – e foi assim até estertorar pela última vez – o pacote de vinho, passaporte para a viagem desejada e que um dia acabou mesmo por chegar, sem ele nunca ter sabido, porque, daquela vez, a coberto da noite, emparelhado com o álcool, depois de a desafiar horas a fio, bebendo mais e mais, ela voltou a estendê-lo na calçada fria, mas ele já não urinou, nem acordou.

Só a marca do corpo dela

Recordo-me como se fosse hoje: eu estava sentada na cama e, lá fora, sem parar, a chuva continuava a alimentar o rio – era o tempo que se delia. De quando em vez, eu levantava-me e ia espreitar à janela. É o começo de algo bom, dizia-me a minha avó, da sua poltrona, ao ver-me meditando. Disse-me várias vezes, durante aquele dia triste. E eu, de tanto a ouvir, acabei por me convencer de que ela tinha razão; não havia, de resto, motivo para não acreditar na sabedoria da minha avó. Por isso, aos poucos, tal certeza plantou-se-me no espírito e, ao quarto dia, de súbito, um levíssimo arrepio de felicidade – como uma peninha a tocar-me a orelha – tomou-me conta do corpo, e logo depois outro, por recear deixar de sentir o que sentia naquele instante.

Era o quarto dia sem notícias da minha mãe. Nunca te contei isto. Uma semana antes, eu acordara a meio da noite, pensando ter vontade de fazer xixi, mas apanhara-a quieta, de pé, a olhar para a minha cama. Perguntei-lhe se já eram horas de acordar e, no instante seguinte, vi-lhe a boca a iniciar movimentos trémulos, as lágrimas a acumularem-se-lhe nos olhos e, depois, a desabarem-lhe rosto abaixo, até que o choro começou, como se toda ela caísse de um precipício. Aflita, perguntei-lhe o que tinha, se lhe doía a barriga, se se tinha aleijado, se alguém lhe tinha feito mal. Ela meneava a cabeça, indicando-me que não, mas não verbalizava nada, só agarrava a cara e os cabelos. Depois, deu-me um abraço rápido e ordenou-me que fosse dormir e não fizesse barulho, para não acordar a minha avó. Segundos depois, ouvi-a pegar nas chaves e voltei a sair da cama. Vi-a agarrar em dois sacos muito inchados, que eram os que o meu pai levava quando ia trabalhar para fora, e abrir a porta. Perguntei-lhe: aonde vais, mamã? Não me perguntes como, nem porquê, até porque não tenho a resposta, mas naquele momento senti que nunca mais a veria.

Tinha sete anos. Respondeu-me que ia levar umas coisas ao lixo, mas voltava já. A esta hora?, perguntei. Está calada e vai para a cama, que eu venho já. Abriu a porta, passou os sacos com esforço para o lado de fora e fechou a porta estreita atrás dela, sem olhar para trás. Eu enfiei-me na cama e chorei com a certeza de que a minha mãe não voltaria.

Passados uns minutos, a porta abriu-se e a minha mãe entrou, com um outro saco na mão, alaranjado, que eu nunca tinha visto. Levantei-me e ela, ao ver-me assim, pousou-o e perguntou se a avó tinha acordado. Respondi-lhe que não e ela disse: anda, vamos dormir, vou dormir aqui contigo. Enfiou-se na minha cama, abraçou-me – coisa raríssima nela – e eu acabei por adormecer. Na manhã seguinte, quando acordei, a minha mãe não estava ao meu lado, só a marca do corpo dela. Também não estava em casa, bem como a maior parte da roupa e dos pertences dela. Aquela foi a última vez que a vi.

Uma dor tão pequena

Não imagino a minha dor se não te tivesse. Não imagino a dor de uma mãe que, um dia, vi perder uma criança numa passadeira da Rua Mouzinho da Silveira. De repente, uma travagem e um estrondo. E depois um berro imenso e, largado pela rua e atirado ao céu cinzento, vindo de uma mãe que correria vários metros, para de seguida se ajoelhar, um choro equivalente ao de cem mulheres. Eu tinha doze anos e chorei com ela. Chorei ao longo de vários dias por aquela criança, mas também imaginando a dor da mãe e sentindo-a deveras. O que não era capaz de conceber era que dor tão pequena teria sentido a minha mãe – se é que sentiu alguma dor –, para ser capaz de abandonar uma filha e até a própria mãe. Amiúde, tentei não a culpar, não sentir raiva nem desprezo por ela, conforme o padre Octávio, primeiro, e a minha terapeuta, mais recentemente, tantas vezes me recomendaram. E como tu própria me tens sugerido. Uma ou outra vez, quase consegui. Tem sido forma de me apaziguar nos momentos mais tristes, sobretudo na fase em que perdi a esperança de que ela voltasse e de conseguir enfrentar os dias. Antes a tivesse visto entrar num caixão como este, penso por vezes. Ao menos, saberia onde estava. Ao menos, se tivesse abandonado o mundo, em vez de abandonar a filha, sentir-me-ia apenas triste. Assim, toda a vida me senti triste e atraída.

Em certos momentos, é justo dizê-lo, valeste-me tu. Mas, em geral, valeu-me sempre e só a minha avó. Quando me via em baixo, ela exclamava: Santa Maria, mãe de Deus! Rapariga, tu sai-me desse buraco, que és a maior preciosidade que eu tenho e que estes olhos já viram! Aquilo alegrava-me. E se, mais tarde, o buraco se mostrava fundo, a minha avó punha as mãos na cintura, acenava com a cabeça, em jeito de reprovação, abria um sorriso e dizia: louvadinha sejais. E eu animava-me, vá-se lá saber porquê.

Como o pião e o baraço

Depois de ter podido passar a tomar duche, centrei a minha tristeza noutro assunto. Naquela fase, eu convencera-me de que aquilo que mais me murchava o ânimo era não ter uma casa banhada pelo sol e iluminada pelo rio. Sonhava com as águas a olharem-me através da janela, ao invés daquelas pedras sujas e das telhas encardidas com que me confrontava diariamente. Para ver o Douro, tu e eu esgueirávamo-nos para o sótão – raposices, chamava a minha avó àquelas aventuras –, subíamos ao telhado através de uma pequeníssima janela, levávamos uma vassoura para enxotar as gaivotas que já então reclamavam aquele espaço e encostávamo-nos à chaminé, ou à claraboia, a ver passar as águas mansas em direção à Foz. Foi ali que decidimos quais seriam os nossos futuros, enquanto a luz forte da tarde nos amorenava os rostos. Eu acreditava que aquele era o lado mais manso da cidade, toda a tarde afagado pelo sol, protegido do vento pelas colinas e pelas casas, distante do bater das ondas. Sol no quarto é que não havia maneira de ter, porque era interior, e na cozinha só batia de esguelha, normalmente de março a maio, porque estava virada a noroeste. Também supúnhamos que dali seria bom olhar o céu estrelado sem proteção, mas, apesar de tu seres destemida, à noite eu não me aventurava a esgueirar-me sótão acima.

Nas ruas, procurávamos o lado do passeio onde caíam os raios rentes. Nas mais estreitas, o sol não entrava e o granito escurecia de tanto ser tocado pela humidade das manhãs e das noites. Eu sabia que, não fosse a forma como havia sido construída, a cidade do Porto seria solar. Mas como a zona mais antiga tinha sido pensada e erguida para ninguém entrar nela, e assim se manter, como até hoje, invicta, também era em grande medida à prova de sol, o que pode parecer um pouco inadequado enquanto lugar para se viver, mas era em absoluto necessário para se sobreviver e, portanto, lógico à luz dos interesses

do momento.

Nós andávamos constantemente à cata do sol e era sempre nos vasos da D. Aldina que eu via a primavera chegar à cidade. Quando as sardinheiras – a que ela com orgulho chamava gerânios – começavam a florir, era tempo de sair à rua em busca do calor que vinha do céu. Às vezes, depois da escola, fazíamos longas caminhadas e íamos deitar-nos na areia ou nas rochas da Praia do Ouro, ao lado de um dos vários sítios em que as tainhas se amontoavam, alimentando-se com avidez de toda a porcaria que vinha da cidade, pela ribeira da Granja, e envenenava o nosso rio. Para nós, aquilo era um aquário cheio de peixinhos fofos e com muita fome. Na infância, a idade não é o que já se sabe ou conhece, mas o que se vai encontrando.

Metros adiante, eu olhava-me nas águas mais quietas, as que descansam junto à areia, num suave remanso, e via uma expressão que nunca era realmente a minha, mas somente a minha a olhar para mim mesma. Aos poucos, percebi que aquela imagem não era o verdadeiro espelho da alma, mas sim a imagem de mim própria à procura da minha alma. Por isso, não conseguia deixar de me olhar, não por vaidade, antes como se procurasse alguma coisa que a razão me dizia que não iria encontrar, mas que a emoção me obrigava a querer – era como se eu me buscasse a mim mesma naquelas águas paradas.

Foi pouco antes disso que nos conhecemos, sei-o bem, porque foi também nessa altura que comecei o meu primeiro diário. Registava tudo, incluindo as experiências traumáticas e momentos breves mas desagradáveis, como a toma de uma vacina, ou de um remédio, coisas de monta no quotidiano feliz de uma criança. Ainda me recordo do cheiro e do sabor do xarope que diariamente me davam, quando durante alguns anos sofri de otites e amigdalites quase em permanência. Quando a minha avó me empurrava a colher lábios adentro, eu já sabia que de seguida iria enterrar os dedos nas minhas bochechas de criança, para me puxar a pequena mandíbula para baixo, e depois, com a colher, me poder despejar o líquido repugnante goela abaixo. Pergunto-me se foi por os ter escrito que memorizei estes pequenos episódios. É bem possível. Na escola, escrever tudo também me ajudava a memorizar. Ou talvez não ajudasse. Talvez fosse, como nestes casos, apenas a memória da juvenília a funcionar.

Mas que importa? A verdade é que me dedicava, sobretudo, e com mais esmero, a registar e descrever com minúcia as coisas boas. Tinha medo de que aquelas memórias, sobretudo as felizes, passadas contigo, me escapassem. Quem sabe se não se esgueirariam na noite, quando eu estivesse a dormir, para se instalar na cabeça de outra pessoa? Eu queria que fossem minhas, somente minhas.

Certa vez, depois de termos estado a contemplar o pôr do sol junto ao Passeio Alegre, vimos sair de um grande carro preto alguém com quem, desde então, e mais ainda depois de ter descoberto que fazíamos anos no mesmo dia, passei a sentir uma quase inconfessável cumplicidade. De tanto e tão reverencialmente ouvir falar dele, e de tantas vezes o ver na televisão e ouvir na rádio, e quase sempre triunfante, eu não podia acreditar que estava ali, à minha frente, do outro lado da rua, em pessoa, uma figura que acreditava ser mais importante do que todas, incluindo o Mário Soares e o Cavaco Silva, uma espécie de rei ou divindade, o presidente Pinto da Costa! Em carne e osso! Corremos em direção a ele, que retirava o blazer escuro do lugar de trás do seu automóvel e o vestia sobre uma camisa branca e imaculada adornada com uma gravata azul-egípcio. Nós olhávalo de baixo e víamo-lo enormíssimo. Pôs-me a mão na cabeça e ofereceu-me um presente que retirou da mala do carro, um pequenino galhardete do Futebol Clube do Porto, que guardo religiosamente e penduro do lado de dentro da janela de cada vez que jogamos uma partida importante, como uma final, na esperança de que Deus, caso passe por ali, a veja e se lembre de abençoar o meu querido Porto. Mais tarde, voltei a ver o presidente algumas vezes e percebi que não era tão enorme como em criança me parecera. Mas é grande, muito grande, no sentido em que é uma daquelas pessoas maiores do que elas próprias e maiores do que toda a gente, inclusive do que toda a gente junta. Onde ele estava, não cabia mais ninguém. Ou então os outros apagavam-se em absoluto e só se via o presidente, como acontece quando uma grande estrela pop está em palco, iluminada, perante uma multidão rendida no escuro.

No final de tarde em que conheci o presidente Pinto da Costa, andei aos saltos, às rodas e às cambalhotas pelo Jardim do Passeio Alegre, fiz o pino contra as palmeiras e contra o Farol de São-Miguel-

o-Anjo. Manifestava a minha alegria de forma esfuziante, até que, a certa altura, comecei a aperceber-me de que o Sol se punha. E, para mim, desde há muito que os fins de tarde traziam a tensão da noite. O escurecer tinha cara de inferno. Àquela hora, lá surgia a Estrela d'Alva, a melhor das coisas ligadas à noite (para lá da Lua, quando está cheia, ou perto disso), e tentava contrariar o escuro que chegava. A estrela da tarde anuncia a noite, mas ao menos é séria, dá luz em permanência e não se põe a cintilar ao ritmo do cantar dos grilos, como fazem as demais. E foi a fugir da noite, e dos açoites da minha avó, que deitei – deitámos – a correr Cantareira fora, ao contrário das águas, em direção a Miragaia. Os rapazes é que tinham coragem para andar à guna, pendurados nas portas traseiras do elétrico. A nós restavam-nos duas opções: ir a calcantes, ou ir a penantes, o que era a mesma coisa. Mas mais por mim do que por ti, embora fosse eu que tivesse de chegar antes do anoitecer. Éramos como o pião e o baraço.

A vida que os prédios estreitos guardavam

O Porto é muitas cidades: a planície da Foz nada tem que ver com as falésias das Fontainhas, ou com as colinas da Sé. E, ao fim de tanta andança, enquanto o diabo fazia a noite e seus ardis, tínhamos ainda de escalar o morro da Pena Ventosa, depois de já termos subido Mouzinho da Silveira, uma rua muito amiga de quem a desce, mas muito malcriada para quem tem de a subir. Por vezes, atalhávamos caminho pela Rua do Comércio do Porto, à qual a minha avó chamava Rua da Ferraria de Baixo (ela preferia os nomes antigos e, ali ao pé, chamava Capela da Porciúncula à Capela de Nossa Senhora da Soledade, onde uma vez por semana ia rezar pelos animaizinhos e pela Natureza, junto à Igreja de São Francisco). A seguir, debes lembrar-te, metíamos sempre pela Rua da Bainharia, que espanta por já ter sido uma das mais importantes da cidade, até dobrarmos, lá no alto, a esquina da Rua Escura. Como só percebe realmente quem conhece a Sé, emaranhado de ruelas muito estreitas, sinuosas e íngremes, chegávamos à Rua da Pena Ventosa sem nenhuma réstia do fulgor com que partíramos, mas, verdade seja dita, e acredito que sentisses o mesmo, quando me aproximava dela, olhava para a nesga de céu que espreitava por entre as casas às cavalitas umas das outras e sentia-me protegida e animada – estava em casa.

Quando íamos sem pressa, gostávamos de meter pela Rua de Sant’Ana, a do arco que já não existe, e de nos enfiarmos ainda mais Sé adentro. Eu acenava às pessoas, algumas delas sentadas à soleira, outras debruçadas à janela, e elas cumprimentavam-me. Perguntavam-me o que andara a fazer, ou de onde vinha, e eu, apressada, respondia que tinha ido à praia contigo. Entrar no Largo da Pena Ventosa, sem dúvida o recanto mais bonito de toda a Sé, sob a vigilância das torres da sempre inesperada Igreja de São Lourenço, oferecia-me uma alegria cristalina. Aquele casario tratou-me toda a vida com desvelo, e a

sensação de regressar, depois de uma aventura, tinha sempre um sabor doce, mesmo tendo a certeza de que iria ouvir das boas. Sabia-me aos figos que, em bando, roubávamos na figueira das Escadas do Barredo, uma das poucas árvores de todo o bairro da Sé e uma das três únicas árvores de fruto (as outras eram um limoeiro e uma laranjeira que só dava laranjas azedas, de casca grossa, e que nos abriam aftas na língua). Era uma árvore tão grande e tão simpática, que fazia sombra a duas ilhas. O tronco era a junção de vários troncos, era como o pescoço da velha, cheio de encorrilhas, mas as parecenças terminavam aí, porque era grossíssimo, largo como uma casa. Lá do alto, tão alto que se via do lado de Gaia, acima de prédios de dois ou três andares, os ramos abaulados estendiam-se sobre os telhados e despejavam neles tantos figos, ali por altura do São João, que nem se lhes via o tom laranja. Mas a velha, a quem também chamávamos a bruxa dos figos, queria-os todos para ela, porque a figueira estava no quintalzinho dela, um terreno minúsculo, do tamanho de um quarto, quase todo ocupado pelo tronco adamastoriano da árvore. Nós subíamos um muro altíssimo, de pedra tosca, e, equilibrando-nos para não nos picarmos no arame farpado que ela mandara instalar, apanhávamos tantos figos quantos conseguíssemos, antes de a velha – uma caralheira encartada, como a denominava a minha avó – aparecer e desatar aos gritos, chamando-nos vasculhos e mandando-nos fazer roscas para trás da Estação de São Bento, para, e dizia assim, ganhades tusto para pagardes os figos, suas rodilhonas, suas pataqueiras, suas putas! Fugíamos para longe e lambuzávamo-nos com os figos mais doces do universo, a melhor lambarice de sempre. Quando, por azar, nos cruzávamos com ela na rua, normalmente junto à Fonte das Escadas das Verdades, ou ao Chafariz do Pelicano (há quem também lhe chame Chafariz da Rua Escura, e ainda, talvez mais corretamente, de São Sebastião), aonde ela ia encher um cântaro azul, a velha fazia de conta que não nos via e começava a abanar a cabeça e a murmurar, enquanto acabava de se abastecer de água: sois piores que a dor de dentes e a diarreia. Até que, quando de propósito eu lhe passava perto, por detrás das costas, ela se virava de repente e tentava deitar-me a mão, para me puxar as orelhas e sabe-se lá o que mais. Furiosa, desatava a gritar: eu nico-te, sua piranga, chimpote nas ventas! E eu

fugia a sete ou mais pés, desconfiando da velhice da velha, em direção à catedral onde casou o rei, como dizia a minha avó, referindo-se, vim a descobrir mais tarde, ao matrimónio de D. João I com D. Filipa de Lencastre. Por vezes, também descia pelas Escadas do Barredo, o que era terrível, porque obrigava a dar uma volta enorme e a cruzar-me com um homem assustador que nascera sem olhos e passava os dias à janela, ali juntinho ao Senhor da Boa Fortuna, a ouvir e a cheirar o mundo. Se me escapava na direção oposta, ia muitas vezes esconder-me na casa do Meias Solas, logo ali no começo da Rua das Aldas, que tinha sempre a porta aberta. Chamavam-lhe Meias Solas, embora o seu nome fosse Filipe, porque tinha umas suíças grandes, mas nunca entendi a relação entre uma coisa e a outra. Pouca gente gostava do Meias Solas. Diziam que levava na anilha e também que apanhava na peida, coisas que eu demorei a compreender quase tanto como quando garantiam que levava no cu como as galinhas. A começo, perguntava-me, puerilmente, se ele, por alguma razão, transportaria ovos no rabo. A minha avó dizia-me que ele era como o Carlinhos da Sé, vendedor ambulante de lingerie na nossa zona e na Ribeira dos anos 60, que se passeava nas ruas de soutien e de cabelos compridos. Depois, em surdina, temente a Deus, concretizava, indicando que um e outro eram invertidos. E logo de seguida encomendava-me ao Senhor, deixando-me sem entender o que seria isso de ser invertido e que mal teria, já que o Meias Solas era das pessoas mais simpáticas que eu conhecia. Também não percebia quando se dizia que engolia sardaniscas. Sabia, sim, que gostava muito dele, um rapaz que tinha sempre um sorriso para mim e que sonhava ser barbeiro, como o António Variações, figura que ilustrava, através de recortes de revistas e jornais de tamanhos vários, a quase totalidade das paredes do quarto em que dormia. Passados poucos anos, já ninguém o via sorrir, mas apenas a arrastar-se para dentro de casa, ao fim da manhã. Dizia-se que tinha tido um grande desgosto de amor e que andava sempre com os vitorinos molhados, que era o mesmo que dizer que andava sempre bêbedo. Mais tarde, soube-se que tinha apanhado sida, porque não usava camisa sem mangas. Pelo sim, pelo não, deixei de passar pela Rua das Aldas. Quando soube que o Meias Solas se tinha atirado da ponte, chorei dois dias inteiros, mais uma manhã, por tristeza e por

remorsos – remorsos por nunca mais o ter ido visitar.

Quanto à velha, foi o meu crescimento a gerar uma espécie de entente entre nós. Não nos tornou amigas, nem instalou cordialidade na nossa relação, mas também deixou de haver provocações da minha parte e respostas furibundas do lado dela. Naquela rua e, em geral, neste morro socalcado em que ainda vivo, multiplicam-se histórias e delas guardo memórias tão ternas, que, por vezes, parece que prefiro nem as desembulhar. Estão cá dentro, sinto-as, mas evito remexer-lhes demasiado, por medo de as danificar, ou, pior ainda, de as descobrir diferentes do que parecem ser. Sinto uma nostalgia doce e quero continuar a senti-la assim, quero que tudo fique tal qual está inscrito na saudade que sinto. Naquela rua, e neste morro socalcado em que desconheço por quanto tempo mais viverei, somam-se prédios estreitos, alguns com as frontarias a debruçarem-se para o empedrado do chão, como se estivessem cansadas. Umas chegaram mesmo a desistir. Outras, já poucas, aguardam cuidados, suportadas por estruturas férreas. Tem de ser assim, para evitar desgraças, como a que vitimou a D. Felicidade, que morava mesmo ao lado do pai do Tiago Tolo, que ninguém vê desde que prometeu matar o Lingras, que também nunca mais foi avistado por aqui, e é caso para, como o da D. Felicidade, também ter saído no jornal. Sobre o fim dela, guardei numa gaveta um recorte do *Notícias*. O texto anunciava assim: Derrocada arrasta idosa na Sé. De cada vez que o leio, faz-me confusão o emprego do verbo arrastar, mas dizer soterra, esmaga, mata, ou vitima, embora talvez fosse mais adequado, era ainda mais triste. Por isso, com uma caneta BIC das azuis (ou, melhor, com uma caneta daquelas a imitar as BIC, que a minha avó me trouxe da mercearia), escrevi, a letras maiúsculas, por cima do título, a seguinte versão alternativa: DERROCADA LEVA A FELICIDADE. É assim que releio a notícia, quando, por acaso, dou com ela entre as tralhas enfiadas nesta gaveta. Aconteceu de novo agora, ao começar arrumações. Peguei neste pedaço amarelecido de jornal e vim deitar-me de novo no caixão.

A D. Felicidade era cega. Não gostava de que lhe chamassem invisual. Tinha cegado depois do parto, não se sabia bem porquê. O filho, o Kosta (assim mesmo, com K), era um maduro que passava os

dias a jiboiar, de tasca em tasca. À conta dessa circunstância, não estava em casa quando esta caiu e, como escreveu o *JN*, arrastou a mãe. A Câmara realojou-o no Bairro do Lagarteiro e, se ainda lá morar, aposto que continua a dormir todas as noites – como fazia questão de anunciar ao mundo, quando o mundo dele era a Sé – com uma camisola do Kostadinov, assinada pelo próprio, em 1992. Uma vez, perguntei à D. Felicidade como era ser cega e ela respondeu-me que a cegueira não corresponde ao breu. Perguntei-lhe quem era o breu, mas ela continuou: a cegueira pertence à solidão. E eu continuei sem entender nada. Estava a brincar com as formigas – a fazer casinhas para as formigas – nas escadas de casa dela, que tinham vários buracos na madeira. Eu tapava alguns com papel que enfiava na boca e ensopava com saliva e, depois, com um pauzinho, conduzia-as para os buraquinhos de que gostava mais. Sentada uns degraus acima, a D. Felicidade prosseguia: quando se cega, o lugar dos olhos passa a ver tanto como o joelho, o cotovelo, ou – e batia com a mão na anca abundante – a ilharga. No corpo de um cego, só as mãos e os pés veem qualquer coisita. Veem o quê?, perguntei. Não veem tudo escuro, como vê quem fecha os olhos, ou quem os abre de noite. Então? Os dedos veem de outro modo. As mãos, o nariz e os ouvidos salvam quem não vê de muitos perigos.

Os sentidos da D. Felicidade não foram capazes de a salvar da derrocada daquela casa cor de pera demasiado madura. Talvez ela nem tenha sido capaz de erguer os braços no ar, para com as mãos ver o teto ruir, quando este lhe caísse sobre os dedos finos. Na verdade, desejo que tenha sido assim – rápido. Que saudades da D. Felicidade! Que saudades da vida que estes prédios estreitos guardavam. Na Sé, os edifícios adaptaram-se às pequenas e às grandes irregularidades do terreno, por vezes nascendo por cima de penedos impossíveis de vencer, ou em torno deles, incorporando-os no seu interior. As configurações incomuns das casas albergam, ainda hoje, algumas das figuras que preenchem o imaginário da minha infância, mas, dando lugar a pessoas que ficam só duas ou três noites, a maioria dessa gente já não mora cá. Vou falar-te de alguns mais adiante. No episódio que comecei a contar, a esta hora já teria há muito chegado a casa e a minha avó talvez já me tivesse puxado a orelha direita (era sempre

essa, porque ela não tinha força na mão esquerda, molestada por calos). Vejo-me agora de novo a chegar a casa, no dia seguinte, mas vinda de cima, da ponte, ou da Batalha. Descer o morro, no outono e no inverno, era bem pior do que subir. As calçadas ficavam todas resvaladiças, como as minhas memórias, que caem sempre lá para trás, e a noite chegava cedo para jantar. Por isso, eu nunca queria atrasar-me, era coisa que me aterrorizava. Não pela reação da minha avó, mas pelo escuro em si e pelo que ele representava. Só em casa me sentia segura. Despachava-me a subir as escadas e, pouco depois, punha-me à janela. Naquelas noites, sabia que a cidade estava viva através do fumo que, ao final da tarde, começava a sair das chaminés e se misturava com a névoa. Só depois se acendiam as luzes. Ao longe, via a ponte iluminada por candeeiros e pelos carros que passavam. No Porto e em Gaia, as pontes são como suturas que unem as margens que o rio insiste em separar.

Reuniões de homens-bons

Não sei se, hoje em dia, gostas de bisbilhotices, mas quero crer que, tal como quando éramos miúdas, elas não te desagradam em absoluto e que, desse modo, compreenderás que eu não tenha resistido a pegar de novo no caderno e na caneta, quando me preparava já para dormir, a fim de te contar algumas coisas que fui sabendo do meu querido Filipe, o Meias Solas, já depois de a doença o ter levado, e de na casa dele e na de cima se ter instalado uma casa de tias, que recebia só o melhor produto, nada disso que anda praí a polir esquinas, explicava a D. Maria Alice, que, segundo se conta, já tinha tido o melhor pernao de toda a Sé, mas que naquela altura era apenas uma velha pandeireta, pelo menos foi o que disse o Sr. Arnaldo na Associação, que ela não valia dez reis de mel coado e que o negócio das carnes andava fraco. Nessa altura, eu pensava que ele se referia à atividade dos talhantes, mas nenhuma daquelas expressões desapareceu da minha memória, como vês. Seja como for, não era disto que ia falar-te.

Dizia-se que havia um capelão – que, por ser careca, era carinhosamente conhecido por Cabeça de Piça – que dava a volta à mona ao Meias Solas. Havia quem garantisse tê-los visto no roço atrás da Capela (há também quem lhe chame Oratório) de São Sebastião, que fica na rua com o mesmo nome, mesmo nas costas da estátua de Vímara Peres, imagina, mas, como na altura não havia telemóveis, nunca circularam provas. Hoje, teria sido diferente, e o senhor padre por certo ter-se-ia visto escarrapachado nas redes sociais e nos jornais, de hábito levantado, que é o que dizem que sucedeu, a dada altura, quando o Meias Solas se ajoelhou diante dele ali juntinho ao oratório. Mas, se bem te lembras, ou caso queiras ir confirmar, na eventualidade, como disse, de estas histórias te interessarem, verás que entre a capelinha e as escadas que dão acesso à base da Antiga

Casa da Câmara, que hoje integra o Museu Municipal, há um recanto, mais ou menos abrigado, e que parece convidar os homens a todo o tipo de porcarias, como diria a minha avó. Aliás, já se sabe que os homens não resistem a cantos, recantos, ou becos, e aproveitam sempre para pôr a arejar aquilo que nós sabemos. Parece ter sido o que aconteceu naquele dia, diante do Meias Solas, mas com propósitos distintos dos que são mais costumeiros. Entre possíveis exageros e efabulações, com que o tempo vai robustecendo as melhores histórias e assim garantindo que elas perduram, algumas verdades parecem ser incontestáveis, pelo menos a avaliar pela quantidade e consistência dos testemunhos que sempre me foram chegando: a de que o Meias Solas afirmava, à boca cheia, que o capelão era um pedaço de mau caminho; a de que não usavam camisa de vénus quando o padre nele, e cito, amolava a ferramenta; a de que o padre só o queria para o bom fim e depois o evitava; bem como a de que, como o Meias Solas era um caguinchas, chorava tantas horas dramaticamente mergulhado entre lençóis e almofadas, que, quando por fim se levantava, não conseguia meter-se noutras coisas que não nos copos e nos drunfos, até estar o caldo entornado e ficar, garante-se, todo cego e chorão. Até que, um dia, saltou, quando estava quase para lhe dar o badagaio. Era sempre nestes termos que se referiam ao pobre Meias Solas, meu querido Filipe Variações, que Deus o tenha tão bem como o padre o teve, ali mesmo, junto à primeira sede do poder autárquico, na qual se reuniam, até ao final do século xvii, os representantes dos 24 ofícios da cidade, os chamados homens-bons.

O doente do ano

O teu pai está outra vez bêbedo, hoje bateu com o carro, não pode andar mais de cu tremido, disse a mãe à filha. A filha não era eu, nem a mãe era a minha. A filha era a minha mãe e a mãe era a minha avó. E foi ela, claro, a minha avó, que me contou tudo o que sei do meu avô, que morreu antes de eu nascer, estava já a minha mãe grávida. Dias depois, a minha avó voltou a anunciar à minha mãe: o teu pai está novamente bêbedo, caiu e partiu a cabeça, já nem a butes pode andar. Mas o homem garantia que não tinha bebido, ou que não tinha bebido mais do que um copo à hora de almoço. A mulher não acreditava nele (ninguém acreditava, na verdade) e o facto era que ele próprio, depois de muito se ter defendido, começou a duvidar do que dizia, por não conseguir explicar por que motivos caíra ou batera com o carro. Para agravar a situação, reportava umas certas tonturas. Rendeu-se à evidência de que tinha um problema, de que, além do corpo, tinha o miolo carunchoso. Envergonhava-se por achar que estava a ficar fraco, por presumir que ficava bêbedo só com dois copos de vinho. A minha avó ralhava-lhe: bebeste tanto a vida toda, que agora tens o castigo! O teu corpo já nem um copo aguenta! E, pelos vistos, o meu avô estava fraco. Chegava a casa a deitar os bofes pela boca, depois de subir as escadas. A médica de família passou uma carta ao Hospital de Santo António. Fizeram-lhe análises ao sangue e à urina. Foi observado em oftalmologia, porque se sabia que tinha cataratas e se queixava da vista, mas os médicos duvidaram de que o grau de afetação do cristalino que evidenciava o levasse a não ver outros carros quando conduzia, ou a cair sobre uma mesa, em casa. Continuaram, então, os exames. Ligaram-no a todo o tipo de engenhocas e enfiaram-no dentro de salas aparelhadas de tudo o que eram maquinas, para se descobrir que o fígado não apresentava problemas, que também não havia indícios de senilidade, ou de

cancro, mas que o meu avô sofria de graves problemas respiratórios. Para surpresa de todos, sobretudo do próprio, concluiu-se que, por vezes, o ar não lhe chegava ao cérebro e ele apagava – foi assim que a minha avó disse que lhe explicaram o problema. Fora isso que lhe sucedera quando caíra e partira a cabeça e quando enfiara o carro na traseira de uma carrinha Ford vermelha, com a qual um homem alto e gordo fazia venda ambulante de enchidos. Sentindo-se carregada de culpa, a minha avó pediu mil perdões, em mil capelas e igrejas, pelo julgamento injusto, e rogou pela cura do meu avô, que voltou a tratar com o devido carinho. Ele, por sua vez, foi insistentemente aconselhado a deixar de fumar pelo doutor, sob pena de desmaiar para sempre, e proibido de conduzir. Passou a tomar tanta medicação, que até perdeu o apetite. E não melhorou. Continuava a não conseguir respirar. Já nem saía de casa. Era uma dor de alma ver tão diminuído um homem daqueles, que sempre tivera tanta energia. A dada altura, parecia uma pessoa de louça, um bonequinho, tal a fragilidade que evidenciava. Por vezes, sentia-se sufocar. Assim foi numa tarde em que os bombeiros o levaram ao colo desde o quarto andar e seguiu de ambulância, inanimado, ficando a minha avó a implorar por ajuda a Nossa Senhora de Vandoma.

Nessa noite, veio o diagnóstico: o seu marido tem bicos de papagaio. A minha avó era uma mulher sem instrução oficial, mas tinha suficiente sabedoria adquirida oficiosamente para não perceber de que modo poderia um diagnóstico de bicos de papagaio impedir alguém de respirar. Do outro lado da secretária, a doutora esclareceu: bicos de papagaio na traqueia. Na traqueia? Sim, minha senhora, o seu marido tem um problema na garganta, tem bicos de papagaio, que formam um garrote e o impedem de respirar. A solução imediata é simples, acrescentou, e, por isso, vamos operá-lo já amanhã de manhã, fazemos-lhe uma traqueostomia, um buraquinho aqui na frente – aqui, disse, enquanto apontava para junto da maçã de adão – e ele começa logo a respirar. Mais tarde, operamos-lhe os bicos de papagaio. E, de facto, no dia seguinte, o meu avô parecia novo, pelo menos foi o que passaram a dizer a minha avó e a vizinhança. O sucedido ganhou dimensão de lenda na boca dos mais velhos, sobretudo pelo que vou contar a seguir. Quando o meu avô acordou da operação e sentiu que

conseguia respirar, animou-se de tal forma, que se levantou e desprendeu dos tubinhos e fios que tinha ligados ao corpo, para espanto do mais acordado dos colegas que estavam em situação de pós-operatório, e começou a vestir-se. Quando uma auxiliar deu por tal cenário, tentou abordá-lo, mas ele nada dizia. Chamou as enfermeiras, que tentaram movê-lo, assim como a doutora, mas o meu avô Manuel estava decidido a ir embora e até perguntou pela chave do carro. Acabou assinando um termo de responsabilidade e seguiu a pé até casa, do Santo António até aos Clérigos e dali para a Sé, ficando imortalizado como o primeiro doente daquele hospital a sair diretamente do recobro para casa pelo próprio pé, numa operação daquele tipo.

Mais tarde, operaram-no aos bicos de papagaio e taparam-lhe o buraco decorrente da traqueostomia. O pós-operatório, que ele atravessou indo ao hospital como quem vai a uma vulgar consulta, foi mais complexo, mas já todos o conheciam e acarinhavam. O meu avô tinha ficado tão famoso no hospital, que, ao invés de ter pressa em voltar para casa, como da vez anterior, quis lá ficar a morar. A comida era boa, as senhoras muito simpáticas, as camas quentes e toda a gente gostava muito de conversar. Até perguntou à senhora doutora se podia levar a esposa para morar lá também. Como é evidente, não foi bem-sucedido, mas, fosse como fosse, voltou a recuperar em muito menos tempo do que era esperado. A doutora dizia: o seu marido tem cá uma vontade de viver! Ficou tão amigo das gentes do hospital, que terminou sendo eleito o doente do ano. Já depois de ter tido alta, e de se ter reformado na sequência daquelas complicações, atravessava todos os dias o Jardim da Cordoaria, o mais antigo da cidade, para ir até ao Hospital de Santo António conversar com auxiliares, enfermeiros e médicos. Não se aproximava do tribunal, dizia que era um lugar mal frequentado, e ia direto ao hospital, onde passava os dias, como outros passam nos centros de dia e nas tascas. Por sugestão de um médico, até o operaram às cataratas. Segundo a minha avó, ele de facto já não via grande coisa. Quando o foi buscar, mais a minha mãe e o meu pai, ao hospital, demoraram a chegar a casa. Não porque o meu avô não pudesse caminhar, mas porque estava encantado com o resultado da cirurgia e com todo um mundo de cor e forma que

renascia diante dele e dos seus renovados olhos. Obrigou o meu pai a seguir, muito devagarinho, sempre em primeira, e a parar a cada dez metros, para ler tudo o que lhe aparecia por diante: placas de trânsito, reclames luminosos, montras, cartazes de campanhas eleitorais passadas, pichagens em muros, tudo. Os outros carros fartavam-se de buzinar e de os insultar, mas o meu avô não queria saber. O mundo readquirira nitidez e ele queria vê-lo todo, queria ler tudo. Para desespero do meu pai, demoraram duas horas a fazer um percurso que, em circunstâncias normais, lhes levaria cinco minutos. Meses depois, sofreu um ligeiro enfarte, enquanto conversava com um funcionário administrativo do hospital. Porque estava no lugar certo, à hora certa, foi assistido de imediato, recuperou sem problemas de maior e prosseguiu a vida. Até que, um dia, num dos pouquíssimos em que não se encontrava no hospital, foi com um amigo ver a nova Barragem de Crestuma, sofreu um enfarte daqueles a sério, pelo menos foi assim que me contaram, e morreu. Ainda o levaram para o seu Hospital de Santo António, mas em vão. Quatro meses depois, no mesmíssimo hospital, nasci eu.

Quando o Porto perde

Apercebo-me agora, ao reentrar neste caixão e reler o que até aqui escrevi, bebendo um cappuccino quente, de que na verdade não só não fiz nada do que prometi à minha avó, como também não estou a fazer aquilo a que me propus. Quero crer, contudo, que tu me incentivarás a continuar. Tenho-te antes falado da minha família e da minha infância, parte dela passada contigo. Não foi por mal, nem por nenhum tipo de vontade consciente, parece-me. Terá sido por necessidade, algo que aconteceu porque assim tinha de ser – porque alguém assim quis. E com isto se confirma que, tantas vezes, a vontade de Deus – o verdadeiro destino – contraria os intentos e as ideias que temos para as nossas vidas.

Sinto que também devo falar-te da vizinhança. Ainda há pouco, estive à janela, como era costume da minha avó, que, antes de se ter aleijado, passava horas debruçada sobre o mundo. Dizia que era como estar na rua, mas sem ter de descer e subir as escadas. Tinha uma certa razão. Do alto do nosso prédio, vê-se muita coisa. Àquela hora, chega a casa O-da-Pastinha. É um vizinho recente. Chamo-lhe assim porque anda sempre com uma pastinha na mão. Terá uns trinta e cinco anos, talvez um pouco mais. Não deve ter quarenta. Vive sozinho, é alto, tem bom ar. Não se veste de forma excessivamente formal, por isso aquela pastinha não é de advogado. Pode ser engenheiro, ou médico, até professor. Talvez trabalhe nas Finanças, ou na Câmara. Às vezes, vejo-o chegar com livros na outra mão, ou com um saco do supermercado contendo sempre, pelo menos, uma garrafa de vinho. Mas, por norma, tem-na ocupada pelo e com o telemóvel. Dá ideia de ser uma pessoa solitária. Por vezes, vejo-o numa das duas esplanadas do Largo da Pena Ventosa. Sempre sozinho. Fuma um cigarro, bebe umas cervejas, lê, mexe no telefone. Não sabe que aquele lugar fechado foi já o mais amplo logradouro da cidade, largo

de reunião pública e até de protesto contra o poder do bispado ou do rei. Depois, volta a casa. Mora onde vivia o Toni Fulminantes. O prédio foi todo reabilitado, no ano passado. Está bonito. Mas mandaram as pessoas todas embora e de quatro apartamentos fizeram oito. Nessa altura, o Toni foi indemnizado e arrendou um rés do chão pequenino na Viela do Anjo, dizendo que da Sé só o tiravam dentro de um caixão. A mulher, há dois anos, saiu de maca. E depois de ambulância. Morreu de cancro das mamas, como ele dizia, porque o bicho tinha-lhe apanhado as duas, uma de cada vez. O Toni Fulminantes anda há pelo menos vinte e sete anos a fazer assaltos – quem o contabiliza e garante é o próprio – com uma pistola que toda a gente sabe que é de brincar. Passa o tempo na Associação, a beber paralelos com o seu comparsa Navalhadas. O primeiro sempre se gabou de ter a pistola mais rápida da Sé, o segundo de já ter sacado a tripa a nove gajos, entre outros órgãos mais pequenos que perfurou a muitos mais, para lá de dedos e orelhas amputados num abrir e fechar de olhos, claro. Mas diz-se que andam desavindos. Que anunciam a toda a gente que hão de matar o outro. Da última vez que vi o Navalhadas, impressionou-me a sua excessiva magreza. Não achei que estivesse capaz de sacar tripas, ou sequer de esfaquear ao de leve, fosse quem fosse. Mas também não sucumbirá com os tiros de pólvora seca do Toni. De resto, sei que, há muitos anos, já esteve preso em Custóias e que se orgulha disso. O Toni Fulminantes nunca chegou a estar preso, mas gostava muito de se anunciar como bandido. Diz: eu sou bandido, mas assumo! Assumo tudo, não tenho medo de ninguém! Nem da bófia! Assumo tudo!

No mesmo prédio, em cima do Toni, morou até ao final a D. Fátima, que era doente dos nervos. O marido já estava enterrado desde a semana em que o Boavista foi campeão – não aguentou a emoção e caiu de um poste de eletricidade, junto ao Bessa, durante os festejos. Veio nas notícias e tudo, costumava dizer a D. Fátima, orgulhosa. A casa deles também não tinha quarto de banho. E a D. Fátima, nos últimos anos, também já não tinha mobilidade. A filha vinha buscá-la de quinze em quinze dias, para lhe dar banho em casa dela, em Rio Tinto. A D. Fátima tinha uma irmã, que eu nunca vi, e um gato que não via, o Pitogás. O bicho era cego, mas geniquento,

dava tarefas das grandes a todos os outros gatos e demais seres vivos que se aproximassem. Se sentisse alguém por perto, lançava – com infalível precisão – as garras enormes na direção do que pressentia, farejava e ouvia, e, desferindo novos e ferozes ataques, não descansava enquanto não sentisse que a ameaça batera em retirada. Só às mãos da D. Fátima permitia aproximações e chegava mesmo a deitar-se de lado, ou de barriga para o ar, a fim de receber festas. Esse era um dos consolos da D. Fátima. O outro era o Douro. Eu falo muito com o meu rio, explicava. Ponho-me à janela, olho para ele e falo. Digo-lhe as coisas que penso e o que me vai cá dentro, que às vezes as pessoas não entendem, ou não querem ouvir, e que ele escuta sempre.

A irmã da D. Fátima, a D. Palmira, também era viúva. O marido, revisor da CP, terá sido uma das duas pessoas – e não uma, como a princípio se noticiou – que morreram no descarrilamento de um comboio, à chegada à Estação da Trindade, a 5 de julho de 1993, por falta de travões. A composição subiu a plataforma da estação, abalroou um quiosque, felizmente sem provocar vítimas, mas depois embateu num peão, que teve morte imediata. Também o revisor, que se encontrava de pé, a atravessar de uma carruagem para a outra, acabou por morrer uma semana depois, não resistindo aos múltiplos ferimentos. Era o Sr. Orlando, o marido da D. Palmira, que ficou tão ou mais abalada do que a irmã, até porque isto sucedeu antes de estar defunto também o marido da D. Fátima. Curiosamente, para se ver a pouca sorte daquela família, com a qual Cristo nada queria, já um tio das duas irmãs morrera num comboio. Foi no famoso Desastre de Custóias, na noite de 26 para 27 de julho de 1964, quando uma composição sobrelotada se quebrou, ou melhor, quando a última carruagem se desgatou e foi embater num pontão, perto do apeadeiro de Crestins. Não se sabe ao certo quantas pessoas morreram, estima-se que entre noventa e uma e cento e duas, mas uma delas, isso sabe-se, era o tio da D. Fátima e da D. Palmira, que regressava de um dia de praia, na Póvoa de Varzim.

No andar imediatamente acima ao da D. Fátima, moravam o Badalhoco e a Badalhoca. Era assim que a minha avó – e toda a gente na rua – lhes chamava. Tinham um filho que não batia bem, ainda pior do que o Ideias. Aliás, na Sé, o Nelinho era mais conhecido que o

tremoço, porque, apesar de andar sempre todo mal-ajambrado e de ter os sapatos com fome, isto é, rotos, de ser um javardo e passar o tempo a assoar-se a lenços de cinco pontas (as mãos), também se dizia que tinha a bicha solitária. Então, deitava os garfos a tudo o que de comestível estivesse à porta das mercearias, minimercados e cafés: tomates verdes ou maduros, maçãs, pacotes de batatas fritas, bollycaos e até batatas e cebolas. Depois, punha-se na alheta, a dar gás aos calcantes, lambendo a beíça, antes que chamassem os moinas, ou antes que o Galego, assim conhecido por falar muito depressa, saísse da mercearia a correr para lhe chegar a roupa ao pelo, enquanto lhe gritava: tu és marado dos cornos, ó cabrão! Pega, que já comeste! É pra aprenderes, seu insurreto! Embrulha! E não vale a pena pedires desculpa! Nem pelas alminhas da ponte! Nem chorares! É-me igual ao litro! Pões-te a gamar, levas nas trombas! Deixei de ver o Nelinho durante uns anos, até que um dia, por acaso, o encontrei a arrumar carros no Campo 24 de Agosto: venha, venha, venha, pode vir, vire, vire, agora desvire, tá bom, tá bom, não mexa mais! No final, pedia uma moedinha para uma sopa, ou uma sandes, e, no caso dele, era por certo verdade.

O Badalhoco e a Badalhoca praticavam um nobre desporto diário que consistia em rapar os pratos para a rua, que, no entender deles, era uma lixeira. Quando acabava de jantar, o Badalhoco abeirava-se da janela de guilhotina e, juntando garfo e faca na mão direita e segurando o prato branco com a esquerda, rapava parapeito abaixo o que sobrara do jantar: restos de arroz, fios de esparguete, espinhas de peixe, cascas de fruta, caroços de azeitona ou de pêsegos, etc. Uma vez, vi um camone levar com um osso de costeleta na cabeça. A minha avó garantia que foi por causa dos badalhocos que começaram a aparecer aqui as gaivotas. E, em boa verdade, estes nossos vizinhos davam notas de algum fascínio ornitológico, e sentiam, parece-me, arroubos de entusiasmo avicular: por um lado, a Badalhoca fartava-se de atirar pão esmigalhado pela janela, fazendo da calçada defronte do prédio um pombal, por outro, tinham sempre um ou dois garnisés em casa, como animais de estimação. Unia-os essa paixão e uma outra, se assim poderei dizer – a paixão pelo também meu amado Futebol Clube do Porto, que, quando perdia, deixava o Badalhoco com semelhante

melão. Vou contar e terminar por hoje, uma vez que já me doem as costas e os cotovelos.

Um dia, já o Badalhoco se mostrava velho e cansado, ouvi a Badalhoca queixar-se a uma vizinha nos seguintes termos: ele já não gosta de mim, já não gosta de mim. E a vizinha, na tentativa de a consolar, contrariava-a, dizia claro que gosta, claro que gosta, toda a vida gostou. Mas a Badalhoca insistia que não, que não, que já há muito tempo não gostava. Tudo isto se deu em poucos segundos, à saída da lojinha do Sr. Carvalho. Eu passava e não pude deixar de ouvir. Quando a vizinha, cujo nome não recordo, mas era nora da Maria Puta, fatalmente lhe perguntou por que motivo ela achava que ele já não gostava dela, a Badalhoca sentenciou: porque, quando o Porto perde, ele já não me bate.

Antes o desejo que o fastio

O-da-Pastinha deve andar preocupado com alguma coisa. Vejo-o subir e descer a rua, de cigarro a viajar incessantemente entre a mão esquerda e a boca. Na direita, traz sempre o telemóvel. Por vezes, estaca no meio da rua, que não é larga, não se apercebendo de que vem gente atrás, e põe-se a responder demoradamente a uma mensagem. Quando alguém diz excuse me, ou ó camone, sai da frente, ou então lhe toca ao de leve com o cotovelo, tentando passar rente à parede, lá cai em si e pede muita desculpa. Logo depois, é vê-lo subir e descer novamente a rua, de telefone no ouvido, gesticulando muito com a mão que transporta o cigarro. Normalmente, vejo apenas uma ponta vermelha, incandescente, agitar-se no ar. Já tentei ouvir as conversas, mas fico com vergonha, tanto de ser vista, como de me meter em assuntos alheios, e, em rigor, cá de cima não conseguiria mesmo ouvir fosse o que fosse. Ele fala demasiado baixo, não é por certo de cá, e a Sé, e o Porto, em geral, já não são a cidade silenciosa de há uns anos.

Quem é muito de cá, nascida e criada na Sé, é a D. Lisete, que há dias lhe disse, da porta sempre aberta do seu rés do chão, enquanto esfregava a unha numa raspadinha, o senhor doutor um destes dias ainda se espalha. Ele sorriu – ela disse-me que ele tinha sorrido e que era um moço muito bonito – e agradeceu o cuidado, sublinhando que as pessoas ali eram todas muito simpáticas. Não errou. É rijamente que os portuenses se dizem do Porto e não é com menos firmeza que os da Sé de cá se dizem, pelo que a D. Lisete fez questão de o informar de que na Sé se tratam os vizinhos como família, antes de o convidar a provar uns rissóis que estava a acabar de fritar. Em miúda, tantas e tantas vezes me sentei à porta de casa da D. Lisete, que abria em duas metades horizontais: a de cima estava sempre aberta, fosse dia ou fosse noite; a de baixo abria-se também muitas vezes, ainda que

frequentemente a D. Lisete nela pendurasse os braços e ficasse ali, a ver passar as gentes, como se estivesse à janela. Pequenita, eu sentava-me no degrau, a mastigar os aromas das iguarias que vinham daquela cozinha mágica, em parte alimentada pelo minúsculo quintal, pouco mais do que um canteiro, no qual a D. Lisete desde sempre plantava com esmero couves, tomates e feijões. Eu adorava vê-la a bordar aquele pouquinho de chão situado nas traseiras, onde também criava sempre um coelho e duas galinhas, mas não tinha autorização para entrar nas casas dos outros. A minha avó detestava que eu comesse fora de casa. Era só nessas alturas que a via enfurecer-se. Dizia: até parece que somos uns desgraçados, uns pobrezinhos que não têm o que comer! Por isso, em vez de aceder aos convites da D. Lisete, corria para casa e socorria-me do que houvesse na cozinha para saciar o meu apetite. Bananas, bolachas, maçãs, pão, esparguete. Qualquer coisa servia, embora nada soubesse ao que eu imaginava ser o sabor dos cozinhados da D. Lisete. Era uma fome que nunca se esgotava. Mas o que mais me satisfazia nesses momentos era fazer sanduíches de bolacha Maria recheadas – transbordando, diga-se – de manteiga e compota de amora, e devorá-las tão deliciada quanto a minha avó se mostrava, por ver-me feliz, a ponto de não resistir a exclamar: lambareira! Aquela – e não a que indico aos turistas – era a verdadeira comfort food. Aos sábados de manhã, a minha avó dava-me para as mãos um tupperware cor de laranja, de tampa branca, retangular, e confiava-me a melhor – a minha favorita – de todas as missões: regressar a casa com ele cheio de amoras. Sozinha, ou na tua companhia, punha-me à cata delas junto aos muros de algumas casas abandonadas, já esquecidas de a quantas gerações tinham dado abrigo, ou nos terrenos baldios próximos dos Guindais, onde também havia uma espécie de boucinha. A minha avó contava que, quando era criança, as pessoas se punham à pancada por causa das amoras e de outros milagres que certos recantos da cidade pudessem oferecer aos estômagos famintos. Era gente com tanta fome que se dizia que, no inverno, comia as pedras do granizo só para ter alguma coisa que mastigar. Hoje, a Natureza comparece na cidade apenas onde é desejada para propósitos ornamentais, contida em canteiros, como pássaros em gaiolas, mas, naquela época, asseverava, não era assim.

Ela ainda era do tempo em que, no topo da Rua de Cedofeita, o Porto se afigurava uma cidade de quintas, todas elas muradas e gradeadas, com altos portões, contendo no interior hortas verdejantes e árvores cujos galhos a qualquer instante poderiam ceder, tal a quantidade e o peso dos frutos que neles pendiam. Ela ainda era do tempo em que a água que se bebia era a das fontes e em que conseguir comprar uma abóbora-porqueira era motivo de gratas rezas ao Senhor.

Tudo isto está a dar-me fome. Nunca gostei de ir dormir sem confortar o estômago. E, depois de tanto tempo deitada nesta madeira rija, quero crer que já mereço um lanchinho. Como dizia a minha avó, antes o desejo que o fastio, até porque muito bons desejos se enterram e ela achava um desperdício não os satisfazer.

Germaniana me confesso

O desastre anunciou-se e logo se cumpriu. A D. Lisete tem a boca murcha, de quem está sempre triste, e um nariz grande e pendente, como se pesasse demasiado, mas essas traições fisionómicas notam-se menos quando fala, porque é uma mulher alegre e com muita genica. Hoje, ao final da tarde, em boa hora deitou a mão ao seu novo amigo, O-da-Pastinha, depois de o ver espalhar-se, degraus abaixo, pelas gastas escadinhas que levam do Largo da Pena Ventosa à Rua de Sant'Ana. O desgraçado não só partiu o motor da distração, o telemóvel do qual nunca tira os olhos, como também a cabeça, ou se não partiu deixou-a feita num oito, dado que enfiou a testa no granito, embate segundo a D. Lisete bem audível – foi como as marteladas dos calceteiros, disse – e que deu origem a um galo gordo e a um golpe que lhe tingiu o rosto de vermelho, coisa arrepiante de se ver e que foi preciso ir resolver com sete pontos ao Hospital de Santo António. Assim contado, este episódio talvez possa conter uma certa comicidade, como alguém disse ser da natureza de todas as tragédias, mas, para O-da-Pastinha, como para todas as vítimas de adversidades ou desastres, a situação não deve ter sido nada risível, nem, desconfio, coisa para olhar com desprezo ou bombarato. Imagino-o agora deitado na cama, com um saco de gelo ou de ervilhas congeladas na cabeça, aguardando ansiosamente pela manhã, para ir a um centro comercial comprar um telemóvel novo. Isto, claro, se não tiver comprado um online, através do computador, e mandado entregarem-lho em casa, ou se não tiver um sobresselente, ou até mais, para momentos de desespero.

Admito que estou a sentir muita pena d'O-da-Pastinha. É uma comichão na alma, uma picada de tal forma ritmada na tranquilidade em que deveria estar já a esta hora da noite, que me dá vontade de sair deste meu conforto desconfortável em que decidi que iria

escrever-te, e ir atenuar o dele, perguntar se precisa de alguma coisa, se se sente bem. Mas ele é tão ensimesmado, tão indecifrável, que temo uma reação pouco amistosa às minhas boas intenções. Os homens, já se sabe, são mais pobrezinhos no sentir. Não tiveram as mesmas oportunidades que nós, a quem tudo foi dado e permitido em matéria de expressão e gosto. Vou ficar. Ele também há de saber bastar-se a ele próprio, já é crescidinho. E hoje o meu dia foi cansativo, preciso de repouso, preciso de relaxar.

De manhã, andei com um grupo pela Avenida dos Aliados, explicando-lhes que, apesar da sua importância no contexto da cidade, ela tem pouco mais de cem anos, e pela zona da Praça da Liberdade, atualmente com as entranhas à vista, por conta das obras do Metro e da Estação de São Bento. A propósito, soube-se há tempos que, logo ali defronte da estação, por detrás dos tapumes que resguardam os trabalhos, foi encontrada a escadaria do antigo Mosteiro de São Bento de Avé-Maria, demolido em finais do século XIX, para, no começo do século XX, dar origem à atual gare ferroviária, cuja arquitetura – de Marques da Silva – integrou e, por isso, mantém, os arcos do Mosteiro, ornamentados, do lado de dentro, por vinte e dois mil azulejos desenhados por Jorge Colaço e produzidos na Fábrica de Louça de Sacavém. As escadas ficaram debaixo de terra todos estes anos, esquecidas, mas foram agora desocultadas – graças a Deus, às máquinas e aos operários – durante as obras de expansão do metropolitano (já ninguém diz metropolitano). Há muito, muito para contar neste trecho da cidade e eu germaniana me confesso. Inspiro-me nos saberes transmitidos pelo grande Germano Silva, muito mais do que um jornalista, o mais maravilhoso dos historiadores da cidade, um apaixonado autodidata. Foi por ele que decidi fazer o que faço. Habituei-me, desde miúda, a vê-lo passar – sozinho, ou com um grupo de pessoas às quais explicava a cidade – e sentia-me fascinada com o conhecimento daquele homem de passo destro. Quando sonhava com namorados, imaginava-os estrangeiros e tendo-me como cicerone e poliglota dando-lhes a conhecer a cidade com a mestria de Germano Silva. Ele é a minha maior referência. Na verdade, todos nós, guias turísticos do Porto, somos aspirantes a Germano. Compro, leio e releio os livros dele mais do que a minha avó me pedia que lhe lesse as

sagradas Escrituras. Merece uma rua, uma avenida, uma praça e uma estátua. Merece tudo desta cidade, este homem que tanto tem feito pela preservação da memória e da cultura portuenses.

À tarde, levei outro grupo a fazer um percurso bem maior, pela marginal, desde a Praça do Infante até ao Passeio Alegre. E com um bónus no final. Lá chegaremos, mas verás que é um percurso inspirado nas raposices da nossa infância. O começo foi animado, porque encontrei o Luís Miguel Ideias, que, sorrindo ao de leve e falando entredentes, me disse estar a desenhar uma catapulta gigante, para colocar no alto da escadaria da Igreja de São Francisco, e despachar turistas para o lado de Gaia. Se corresse bem, poder-se-ia desenvolver um modelo mais evoluído, que disparasse até Lisboa. Eu pedi-lhe que não fizesse tal coisa aos meus clientes e prossegui, atravessando Miragaia e Massarelos, outrora terras de marinheiros, mostrando-lhes capelas, prédios estreitos de vistas largas, prédios que tiveram vistas e deixaram de ter, como os que foram tapados pela construção da Alfândega Nova, apontando-lhes as Escadas do Monte dos Judeus, o Palácio das Sereias e a Rua da Bandeirinha, falando-lhes da importância do lugar para quem navegava, assunto que retomarei quando estivermos mais adiante. Chamo a atenção também para os Arcos de Miragaia, que tantas vezes se enchem com as águas do Douro, refiro o milagre de São Pantaleão, médico e mártir arménio, da cidade de Nicodema, que foi nosso padroeiro e cujos restos mortais o Porto acolheu. Mostro-lhes as ruínas do Convento da Madre de Deus de Monchique, que continua a mirar o rio, enquanto aguarda que a autarquia o recupere e lhe dê uso. Há registos que indicam que o interior da igreja, do qual pouco ou nada resta, era do mais rico que por cá já se viu, na linha do que se pode encontrar nas igrejas de Santa Clara e São Francisco. Mas aquilo que os visitantes mais gostam de saber é que o grande escritor português Camilo Castelo Branco, autor tão prolífico como talentoso, fez daquele convento um símbolo da separação trágica de Simão e Teresa, protagonistas de uma das mais conhecidas histórias de amor da literatura e da cultura nacionais, a do romance *Amor de Perdição*. Aponto-lhes a varanda da qual Teresa terá ficado a ver afastar-se a nau que levava Simão para o degredo, e a ficção torna-se verdade no interior dos turistas, que se emocionam e

fotografam a varanda. Afinal, o que é a imaginação senão uma forma de complementar os sentidos e de afinar os sentimentos?

Continuo a desfiar histórias, enquanto caminhamos, parando aqui e ali, vendo os amarelos a passarem, transportando outros turistas. De seguida, à chegada ao Cais das Pedras, interessam-se pela muito antiga Igreja da Confraria das Almas do Corpo Santo, que foi erigida virada para a cidade, e portanto de costas para o rio, mas oferecendo a quem entrava no Porto por aquelas águas um lindíssimo painel de azulejos, e que hoje se dá às fotos dos turistas como se tivesse sido pensado para o efeito, interesse que se acentua quando lhes conto que nela rezavam as mulheres dos homens que dali partiam nas carreiras das Índias e do Brasil.

Pouco depois, chegámos ao Sítio do Ouro, passámos o quase nada que sobra da antiga Fábrica do Gás, da Companhia Portuense de Iluminação e Gás. Adiante está o Cais do Ouro, também rima com o rio, de onde saem barquinhos para a Afurada, e o local onde terão existido as famosas taracenas medievais, os estaleiros nos quais em tempos se alçaram os navios que levaram os portugueses até Ceuta. Apontado aos Estaleiros do Ouro, está o antigo Trem do Ouro, edifício que os portuenses conhecem por ter sido, mais tarde, o Quartel de Manutenção Militar. Diz-se que será convertido em habitação de arrendamento acessível. Ao chegar ao Largo do Calém – António Calém, reputado empresário do Vinho do Porto – e ao seu Monumento aos Tripeiros, cuja história ali termino, depois de a ter começado com a partida das embarcações rumo a Ceuta. Logo adiante, há uma capela dedicada ao Senhor dos Navegantes, ao qual ainda há muito quem, do outro lado do rio, na Afurada, terra de pescadores, devote as suas preces. Está ali a Rua das Sobreiras, logo à direita, e não resisti a indicar ao meu grupo o edifício que alberga os ateliês dos prestigiados arquitetos portuenses, ambos vencedores do Prémio Pritzker, o Nobel da Arquitetura, Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto Moura. A seguir, a Cantareira, em cuja fonte outrora tanta gente se abastecia, enchendo cântaros, como seria de esperar. E, logo depois, o famoso Farol de São-Miguel-o-Anjo, o mais antigo da Europa, que data de 1528 e veio ajudar as embarcações que até então podiam guiar-se apenas pela Capela de Santa Catarina, uma capelinha, da qual lhes falo, mas sem a

mostrar, a menos que insistam muito. Nesses casos, aponto-a lá no alto, adianto brevemente que tem das melhores vistas da cidade, e continuo, informando que, decerto já não com a configuração atual, porque é muito antiga, foi construída com o dinheiro dos mareantes. Porquê? Porque, estando lá no cimo do monte, ela servia de baliza aos marinheiros, quando voltavam do alto-mar. Ao verem-na ao longe, encaminhavam os barcos naquela direção.

Nesta altura, junto ao Jardim do Passeio Alegre, o percurso estava no fim. Será que O-da-Pastinha está melhor?, perguntava-me eu. Tivemos ainda tempo de observar a calma com que o rio se entregava ao mar, de tirar umas últimas fotografias, houve quem comprasse uns biscoitos a uma senhora de avental e que, quase aposto, noutros tempos vendia peixe. As conversas dos elementos do grupo giravam em torno de algumas das histórias contadas ao longo da tarde. O Sol começava a baixar em direção ao mar e perguntei-lhes se gostavam de surpresas. Todos disseram que sim e eu lancei nova pergunta. Quem é que gosta de surpresas, mesmo que isso obrigue a caminhar mais um bocadinho? Oito dos doze, os menos cansados, disseram que sim. Mesmo que a subir? Todos confirmaram e aceitaram fazer comigo o percurso inverso, até ao Fluvial, onde a subida se iniciaria. Fiz um telefonema breve e arrancámos.

No Jardim do Cálem, seguimos na direção do Clube Fluvial Portuense e, pouco depois, virámos à direita, para subirmos a Rua das Condominhas. Duzentos metros adiante, voltámos de novo à direita, para a Rua Luís Cruz e, de imediato, para a Travessa Luís Cruz, até darmos com as costas de uma capelinha, à qual se chama Santa Catarina e também Senhora dos Anjos. Ofegantes de termos subido a calçada íngreme, de olhos sempre postos no empedrado e, por fim, no muro de tom igualmente pardo, admirámos brevemente a capela, até avançarmos mais uns passos, erguermos o pescoço e acima do granito deflagrarem o azul-esverdeado do rio, o verde dos pinheiros contrastando com o bege da areia do cabedelo, o azul do céu e uma luz amarela, quente, atirando-se a tudo quanto daquele alto se avistava. Uma senhora com uma cesta de verga aproximou-se e eu apresentei-a aos meus clientes: esta é a D. Arminda e trouxe-nos uma lembrança, para que desfrutem ainda mais deste momento e não o

esqueçam. Porque, aqui no Porto, os momentos mais importantes assinalam-se assim. A D. Arminda deu as boas-tardes e disse mais umas coisas num português que não interessava nada que os estrangeiros não entendessem, abriu a cesta e, com todo o cuidado, tirou de dentro dela nove cálices – ela não bebia – e uma garrafa de Vinho do Porto. E então, felicíssimos, aqueles oito novos tripeiros brindaram à vida e à cidade que os recebia e se apresentava a partir do Miradouro de Santa Catarina, tirando selfies, abraçando a D. Arminda e esta que te escreve, cujos dias de trabalho agora já conheces.

Só o Senhor nos pode julgar

O-da-Pastinha, ao cabo de alguns dias, e ainda com um penso na testa, já entra e sai de casa, novamente, sem lembrança do castigo, de telemóvel na mão, demonstrando não ter emenda. Atenção, não julgues que, nesta fase da vida de que agora te dou conta, passo o tempo à janela, esperando ou espiando as pessoas; nada disso, o que sei foi-me contado pela D. Lisete. É evidente que, uma vez por outra, acabo por cruzar-me com ele, e que o meu olhar, em certas ocasiões, o avista pela janela, mas são situações de todo fortuitas. Admito, contudo, que me compadeço dele, que tenho pena de ver aquele homem – ainda por cima alto e bonito – fazer uma vida solitária, casa-trabalho, trabalho-casa, sempre agarrado ao telemóvel, em busca sabe-se lá de quê.

O meu coração romântico leva-me a crer que procurará preencher um qualquer vazio. E que esse deve ser bem fundo, dado que, navegando com o seu inseparável telemóvel por mundos que não este de calçadas toscas, nas quais passam gentes e um ar apertado entre paredes, não consegue claramente preenchê-lo, como a D. Lisete e eu há já muito percebemos, tendo em conta a quantidade de vinho que despeja para dentro dele mesmo. Não é que o esteja sempre a ver a beber, porque mesmo que quisesse não estou dentro de casa dele; tão-pouco pretendo ser má-língua, mas duvido que seja para fazer coleção que, a cada dia, e isso nós temos visto, ele transporte mais e mais garrafas para casa. É certo: não o vi ainda sair com elas vazias para o vidrão, mas já se sabe que os homens, sobretudo quando moram sozinhos, e perdoa-me a generalização, não se preocupam muito com arrumações e limpezas. Também é verdade que eu não estou sempre, sempre atenta aos passos dele, por isso é perfeitamente natural que nunca o tenha visto sair de casa para deitar o lixo. De todo o modo, a chegar com garrafas cheias, ou a ir sentar-se nas esplanadas desta

nossa Sé, para beber o que decerto em casa já terminou, foram várias as vezes que topei com ele. Isto inquieta-me. Mesmo sendo, na verdade, um desconhecido, preocupa-me que aquele homem possa beber demasiado. É como ver alguém a debruçar-se na ponte. Num caso e noutro, na minha cabeça, só ressoam as velhas certezas da minha avó, ditames que o povo moldou na oficina do tempo: quem ao mais alto sobe, ao mais baixo vem parar, que é o mesmo que dizer que quem ao perigo corre, nele morre. Ou ainda, se preferirmos um eufemismo: quem ao moinho vai, enfarinhado sai.

Ele também deve achar que o fumo com que atesta os pulmões a todo o instante – que pena um rapaz com um sorriso tão bonito estar a estragar os dentes e tudo o mais com o tabaco – serve para lhe preencher a alma. Nã, nã, nã, nã! Estimado vizinho, excelentíssimo Senhor-da-Pastinha, não creia em tal solução para o problema que evidencia. Eu bem vejo o quão ansioso vive, sempre a olhar para o smartphone, constantemente a enfiar na boca cigarros em vez de palavras bonitas como as que eu lhe poderia dizer. Ou até beijos, porque não? Esta parte foi a D. Lisete que disse, não foi algo em que eu tenha pensado originalmente. Disse assim: ó Beta, o moço anda sempre agarrado ao telefone, a esfumaçar, a esfumaçar, sempre a botar cigarros na beija, em vez de se agarrar a ti e de botar na boca dele a tua, essa boca tão bonita que nosso Senhor te deu! E deu-me um abraço, para me poupar do facto óbvio de que iria ver-me corar.

Não sei se deveria ter escrito o que escrevi, temo que possas ficar com uma imagem errada de mim, por isso hesito um pouco, embora também saiba bem, seria até impossível esquecer-me, que prometi – a mim mesma e, sobretudo, à memória da minha avó – ser sincera e pôr-me nestas páginas tão inteira quanto possível. E essa promessa eu quero cumprir. De resto, quando me via encolher-me perante possíveis julgamentos dos outros, ela costumava dizer: filha, só os imortais não sentem medo, mas só o Senhor nos pode julgar. Lembro-me sempre desta frase quando me falta a confiança.

Côdeas com açúcar e canela

Aqui, na Sé, ainda moram alguns dos de cá. É gente de uma estirpe muito resistente, mas que todos os dias se perde, mais até do que noutras partes da cidade, menos povoadas pelas câs diante das quais é nossa obrigação levantarmo-nos. Há, por aqui, mulheres e homens com os corpos e as almas habituados aos declives da vida. Sobem e descem as ruelas rampeadas, logo depois as escadarias íngremes e queixosas que os levam às casas frias e húmidas que habitam, mesmo ao lado de outras renovadíssimas, com janelas eficientes, aquecimentos centrais, quartos de banho a lembrar bons hotéis e até elevadores. Mesmo com artroses, varizes, hérnias e tromboses, com dores no peito, pulmões que ofegam sem estarem sujeitos a esforços, picadas nos rins e pés inchados pela gota, mesmo com isso e maleitas piores, eles chegaram até aqui, deixando outros para trás. Dão os bons-dias a gente que lhes responde com falares que não entendem e sentem-se de outro tempo.

Não me parece que, nos dias de hoje, bendita sejam a medicina e a ciência, fiquem muitas pessoas novas pelo caminho. Mas, quando eu era miúda, e embora me parecessem já bastante velhos, morria por aqui muita gente nova. Espantava-me – e ainda me espanta – constatar quão necessárias se mostravam a resistência de que falei, mas também a sorte, para se chegar a velho. O que significa, por maioria de razão, que havia muita injustiça naquilo tudo. Por cima da D. Lisete, por exemplo, morava o Dr. Neptuno, que não chegou a ancião, embora tivesse perfil para isso. Nunca consegui saber por que motivo se chamava assim. Garantia ter nascido a dois minutos da Lua e dizia ter trabalhado no circo, em vários circos dos maiores da Europa e do mundo, como o circo Cardinali e o circo Chen. Também tocava clarinete e afirmava ser amigo do Pedro Abrunhosa, que, naquela altura, acabara de ficar conhecido, mas as vizinhas diziam que ele era,

isso sim, amigo do Paulo Abrunhosa, o irmão não tão famoso. O Dr. Neptuno sabia pôr cadeiras e tapetes a voar, era capaz de hipnotizar cães, gatos e pessoas, de engolir facas e pistolas, de atravessar paredes e até de voar ele mesmo – não muito, mas o suficiente para chegar a um primeiro andar. Embora todos soubessem do que iria morrer, ninguém sabia como fazia aquelas coisas. Havia quem o acusasse de ser um aldrabão, mas, quando lhe perguntávamos se fazia magia ou se era mágico, ele dizia que não, que nada daquilo era magia, ou ilusão, e que tudo era verdade. Andava sempre com uns cartõezinhos na carteira, que entregava a toda a gente, e que diziam:

DR. NEPTUNO
PRESTIDIGITADOR

O Dr. Neptuno tinha hepatite, uma doença que eu achava engraçada, porque tinha vários tipos e todos se distinguiam com letras. Dizia-se, ou talvez fosse ele que dissesse, não sei bem, que apanhara uma hepatite que era a mais grave de todas, muito rara, como se fossem as outras todas misturadas. Agora que falo disto, lembro-me de que ele próprio a referia assim, dizia sofrer de hepatite ABC, uma doença inexplicável para a ciência. Começou a piorar de modo significativo depois de o Foguete, que era um o cão voador, ter desaparecido. Uma vez, sonhei que estava a comer às colheradas uma embalagem de Tulicreme e que tinha na mesa uma outra, essa de Tulicarne, para ir dar ao Foguete. Isso aconteceu precisamente na véspera de o Foguete, que no circo era disparado de um canhão e voava rente ao topo da tenda, se ter evaporado, não se sabe como, nem porquê, como num truque de magia, junto ao Museu Guerra Junqueiro. Semanas depois, deu-se o funeral do dono e, embora à porta da casa mortuária um papel anunciasse a partida do Dr. Neptuno, apareceu gente a referir-se a ele como Franquelim. Dois homens de idade semelhante à dele disseram a um outro que o Franquelim tinha andado ao mar com eles. Contaram outras coisas das quais não me esqueci, ou porque eram dizeres que eu nunca tinha ouvido, ou porque demonstravam que o Dr. Neptuno era mesmo boa pessoa. A dado momento, disseram que, em terra, ele escolhia sempre

a mais feia, porque as mais feias eram mais limpinhas, dedicadas e carinhosas. Disseram também que lhes levava pão com chouriço. Comprava um pão na padaria e um chouriço que mandava cortar, para oferecer às mais feias. Mas, claro, já se sabe que quem está por detrás da cortina a querer escutar tudo acaba por não distinguir todos os sons, portanto isto foi tudo o que consegui ouvir. Há algumas memórias da infância que se vão cimentando em nós, até as lembrarmos e contarmos com toda a certeza, apesar de – em rigor – nunca sabermos ao certo se são recordações efetivas ou rebentos da nossa imaginação. Mas, neste caso, lembro-me disto como se fosse hoje.

Para a casa do Dr. Neptuno, foi viver uma senhora viúva, cujo nome agora não recordo, creio que era D. Amélia, que conseguira um casamento vantajoso com um burguês do Bonfim, chamado Sinforiano da Silva, desse nome lembro-me bem, e que aguardava que o tribunal deliberasse pela divisão da herança. Acabou por aguardar tanto, por motivos que desconheço, que teve de ir morar para casa da filha e, diz-se, morrer na penúria. Só não me recordo do nome, mas está aqui na ponta da língua. Talvez fosse Amélia, Amália não era. Pode ser que me lembre mais adiante.

Tudo isto aconteceu num tempo em que, e era comum ouvir isto, não se podia entrar na Sé. Turistas, no Porto, havia poucos, e a restante cidade tinha medo de cá vir, talvez nem se lembrasse de que existíamos. E a verdade é que isso pouco nos importava. Vivíamos felizes com o que tínhamos e, se necessário fosse, com o que não tínhamos. No meu caso, pelo menos, era assim. Quando queria muito comer bolachas, pegava nas côdeas que enrijeciam no fundo do saco do pão e polvilhava-as com açúcar e um bocadinho da canela que a minha avó guardava para o Natal, fechava os olhos e imaginava que estava a comer de uma lata de sortido fino. As bonecas, fazia-as com collants rotos cheios de trapos ou papéis amachucados. Na altura em que apareceram as consolas, desenhava-as nos cadernos e pintava-lhes os botões dos comandos; depois, em frente ao televisor desligado, simulava jogos em que príncipes salvavam princesas e imaginava o João Filipe, que era o mais giro dos meus colegas de turma, a jogar com o seu comando de papel, até me salvar. O João Filipe era moreno,

muito moreno, até gozavam com ele chamando-lhe preto. Mais ou menos nessa altura, tinha eu nove anos, vi um preto verdadeiro junto ao Marquês. A minha avó até me enfiou as unhas no braço e murmurou: não olhes, não se olha assim para as outras pessoas! Mas eu nunca tinha visto um preto fora da televisão. Até aí, pensava que só os havia nas telenovelas, nos videoclipes e no futebol. O Porto de então era muito diferente deste. Naquela altura, eu também fazia muitos desenhos, quase sempre a lápis de cera. O que durou mais anos na parede foi um que representava uma janela virada para o rio e que eu afixei mesmo em frente à minha cama; durou anos, até estar tão escuro e carcomido pela humidade, que já aparentava mais ser um desenho do inferno do que de um cenário sonhado. Foi para o lixo.

Uma pequena amostra de uma grande perda

Nunca comi como as outras pessoas. Não gosto de levar à boca uma garfada de arroz, depois uma de carne e depois outra de legumes, ou salada. Como primeiro os legumes, depois a carne e por fim o arroz ou as batatas. Ou por outra ordem, mas nunca tudo misturado. Digo isto porque, tendo acabado de jantar, ainda sinto na boca o sabor das batatas assadas que fiz e que nunca, mas mesmo nunca, vá-se lá saber por que mistério, porque sigo a receita dela, se aproximam das que a minha avó fazia. Em certa medida, e a medida culinária é das mais importantes, a vida parece estar contra mim. Já os bolos que ponho no forno não me crescem há pelo menos mês e meio. E tenho tentado fazer vários, para me animar, para oferecer a mim mesma bons momentos. Mas parece que tudo corre mal, ou que o forno também sente a falta da minha avó.

Para compensar o falhanço culinário, trouxe para este leito rijo um pacotinho de biscoitos comprados na Padaria Ribeiro. São uns enroladinhos, chamados parafusos, e têm como característica a irresistibilidade. Mal acabo de comer um, não resisto a um segundo. É-me impossível evitá-lo. É mais forte do que eu. Aconcheguei o saquinho, aberto no topo, entre a cintura e a madeira, para me poder servir enquanto escrevo. Sempre gostei de mastigar em silêncio, sobretudo alimentos crocantes, como é o caso. Também gostava de jantar com os outros em silêncio. Desligava a televisão, fechava as janelas e concentrava-me na mastigação alheia, no som da comida a ser triturada pela força das mandíbulas. A minha avó já não mastigava com grande ímpeto, e talvez este meu prazer auditivo seja pouco ortodoxo, mas partilhá-lo aqui servirá, pelo menos, para te dar conta de que tenho vindo a aperceber-me de que perder alguém não consiste no desaparecimento desse indivíduo enquanto ser, enquanto animal que está presente na Terra, mas no desaparecimento das múltiplas

interações, grandes ou pequenas, que tínhamos por costumeiras com quem, de repente, passa a ausente. Deixar de poder escutar o mastigar leve da minha avó, quase um ciciar, foi uma pequena amostra da minha grande perda.

Rezar na Sé

Já percebeste que, quando a minha avó partiu, se apagou uma luz dentro de mim. Ela era rodas baixas, como costumava dizer, mas tinha muito dentro dela e era tudo para os outros. Foi ela, em grande medida, que despertou a minha paixão pela cidade e que me levou a conhecê-la, a ponto de hoje viver desse conhecimento.

A minha avó gostava muito de ir rezar às capelas e igrejas, mas não se ajoelhava todos os dias na mesma madeira, gostava de ir variando. Quando eu era miúda e estava de férias, ou aos fins de semana, acompanhava-a sempre. Saímos bem cedo, mas somente depois de ela cumprir outro hábito matinal. Quando acordava, a minha avó apressava-se a abrir um frasco, daqueles que trazemos para casa com salsichas ou feijão, e a mergulhar nele uma colher de chá. Depois, vertia o pó branco, com ar de açúcar, mas mais fino, num copo que enchia com água da torneira; mexia muito bem e bebia tudo de um trago. A mim, enfiava-me por entre os lábios uma colher de um líquido acastanhado, malcheiroso e de sabor horrendo, a que chamava remédio para crescer. Só mais tarde soube que era óleo de fígado de bacalhau, nome bem mais repugnante do que o do remédio para a ardência, que comprava avulso numa loja do Bolhão, e ao qual chamava bicabornato, mesmo quando eu, já sabendo ler, tentava explicar-lhe que a palavra se dizia bicarbonato, bi-car-bo-na-to, bi-carbo-na-to de só-di-o.

Como te dizia, a minha avó ia variando de igreja. Além de visitar semanalmente a Capela da Porciúncula, gostava de ir rezar, uma vez por mês, à Igreja de Santa Clara, uma preciosidade sem par, toda alindada de ouro, como ela própria dizia, referindo-se à luxuriante talha-dourada que parece nascer das paredes e dos tetos. Via-se-lhe nos olhos um espanto sempre igual, como aquele que só existe nos amores maiores, de cada vez que punha a vista naquela grande

cascata de ouro a brotar da nascente, logo depois de uma porta tão pequena dar acesso a um tesouro tão desmedido. E só não ia admirá-la mais vezes, porque se pagava bilhete. Em menina, levada pela mão dela, eu olhava para aqueles altares e via os anjinhos neles representados a fitarem-me e, logo depois, a esvoaçarem rente às cúpulas e aos tetos abobadados das igrejas e capelas. Durante as homilias, eles sorriam-me, com os seus lábios de tinta, e acenavam-me com as mãozinhas roliças. As palavras dos padres eram, em grande medida, indecifráveis para mim, mas os rostos dos anjinhos comunicavam comigo sem precisarem de falar, diziam-me coisas através dos pensamentos, e faziam-me sentir bem naqueles lugares.

Por vezes, a minha avó ia também à Sé, rezar a São Pantaleão, que segundo ela também estava guardado na nossa cidade, ali na catedral. Apostava que era o coração que lá repousava, porque uma cidade com esta alma gostava de guardar corações, estava bom de ver, era o de D. Pedro e o deste santinho com certeza, outra parte não haveria de ser. A Igreja dos Grilos, que na verdade se chama de São Lourenço, era a igreja de todos os dias, o que em rigor não a diminui, pelo contrário. Para mim, é a mais surpreendente de todas, uma vez que, avançando-se por uma ruela estreitinha, se dá de repente de caras com uma frontaria de tal forma monumental, em estilo maneirista barroco-jesuítico, que obriga a erguer os olhos para os céus. Vendo-se de baixo, ou de cima, a igreja e o convento esmagam qualquer pessoa, encolhem as casas em volta e põem uns e outros a imaginar como terá sido a respetiva construção. Com o tempo, a minha avó começou a ter dificuldade em descer até ao Largo do Colégio, todo ele ensombrado por esse edifício erguido pelos jesuítas há meio milénio. Raios partam a porcaria da anca, a impedir-me de me finar de pé, dizia, entre dentes.

Porém, quando se tratava de subir até à Sé, e por certo graças a um qualquer auxílio divino, a anca da minha avó desinflamava bastante, a artrose tornava-se menos incomodativa, e ao cabo de alguns minutos lá estava ela a dizer-me o mesmo de sempre, a falar-me da cidade de D. Hugo, do nascimento do infante, do casamento de D. João I e de outras histórias da História, que me faziam olhar a minha avó, também ela, como uma espécie de monumento. A veteranaria daquele

maciço rochoso, no qual se ergue uma imponente catedral, bem como de todos aqueles pequenos edifícios habitacionais, transferia-se para ela, ou, melhor dito, contagiava a maioria das pessoas que ali morava, já todas muito acostumadas a viver. Algumas, como a minha avó, subiam o morro para rezar e pedir pelos seus. De facto, se o contexto é a cidade, na Sé toda a movimentação é um murmúrio. Anda-se a pé, e não de carro, sobe-se e desce-se, não há terreno plano senão no alto, reservado aos senhores da Igreja. Era de lá que ela gostava de ver o fogo no São João. Naquela noite, a minha avó acreditava que, quando chegasse o amanhã, tudo iria ser melhor. Aliás, para ela, e para outras pessoas muito antigas, o ano só começava no São João. À medida que o dia 23 de junho se aproximava, nascia-lhe no rosto um leve esgar, que depressa se transformava, ao chegar ao alto, num terno sorriso de esperança, que a acompanhava pelo menos até ao São Pedro.

Sem justiça nem perdão

Quando se cumpriu o funesto destino do meu pai, náufrago à deriva nas calçadas ondeantes da Sé, sempre ameaçadas por grandes vagas de granito com varandins e janelas, próprias de um mar alto e revoltoso, como era o único em que havia vogado, uma parte de mim apaziguou-se. A minha avó disse que o Senhor tinha sido misericordioso, que daquela forma era melhor para todos, que a aceitação era o melhor modo de lidar com dores e amarguras, e eu procurei aceitar. Tentava imaginá-lo, tranquilo, com as mãos cruzadas sobre o peito, tal qual o olhara pela última vez, no dia do enterro, e esforçava-me para conceber para ele uma existência livre do desassossego que, fundido com o vinho, lhe corria nas veias. Olhando sobretudo para a minha avó Laurinha, a minha outra avó, mãe do meu pai, que não parava de chorar, soluçando muito alto, o padre disse, na missa e no cemitério, que Deus acolheria aquele filho. Eu ainda hoje procuro acreditar que ele era filho d'Ele, como todos os outros. Só isso me serena, quando me assomam as memórias da tempestade que foi para mim aquele final.

Até então, a maioria das pessoas empregava um tom de voz mais baixo quando se referia a ele: o teu pai, infelizmente... E, de seguida, punham-me a mão na cabeça, ou no ombro, erguiam o sobrolho e embrulhavam os lábios. Havia quem, aludindo ao meu avô, lembrasse que era coisa de família: já eram assim o tio e sobretudo um primo. Nasceu para aquilo, disse uma vez a D. Fátima. E o marido, ao lado, acrescentou: era um predestinado, como o Madjer. Certa vez, também bem-intencionada, a D. Lisete disse-me: o teu pai, já se sabe, é muito amigo de beber, mas graças a Deus não tem mau vinho. E eu, farta de tudo aquilo, farta de não ter um pai como as outras crianças, respondi torto à D. Lisete, respondi alto e torto, e depois corri o mais que pude, para casa, não por rezear qualquer tipo de reação, mas por vergonha e

tristeza.

A D. Lisete não ficou aborrecida comigo, antes aflita. Depois de jantar, tocou à nossa campainha, subiu as escadas (nessa altura ainda não sofria tanto das pernas) e bateu à porta. Alegou que tinha dito algo inocente, até me explicou a expressão popular, tu perdoa-me, minha filha, que gostava muito de mim e não era intenção dela magoar-me, enfim, procurou restabelecer a ligação que se quebrara. Aos poucos, conciliadora, e com palavras que não foram exatamente estas, a minha avó foi tirando as conclusões pelas três: é mau o vinho que, depois de bebido, se derrama sobre os outros, misturado com impropérios e outras violências; é mau o vinho que salpica, dia após dia, mesmo que sem deliberação, os pés dos outros; assim como é mau, muito mau, terrível, o efeito do vinho em excesso sobre o próprio.

Naquela época, o meu pai aguentava-se tanto nos empregos que ia arranjando, como anos mais tarde, de pé, nas calçadas. Não carregava preocupações, nem responsabilidades. Fazia uma vida à parte. Era como se vivesse noutra realidade. Talvez fosse livre, independente. As últimas profissões que teve foram as de calceteiro e de varredor. Trabalhos que se faziam na rua, ideais para várias escapadelas, a fim de praticar a única atividade que verdadeiramente lhe interessava. A nada se dedicava senão ao vício. Seguia sempre, rumo a mais bebida, deixando atrás dele martelos pousados, vassouras encostadas, esperanças tombadas, corações quebrados. O caminho era um só: o mergulho, diário e desamparado, num mar de vinho. Ou talvez num rio.

As ruas da Sé da minha infância estavam cheias de tascas e cafés, que a dado momento passaram a chamar-se snack-bares. Certa vez, à porta da Associação, que também já tinha dois bancos altos ao balcão, um fulano que segurava uma cerveja junto de outros bebedores apontava para o meu pai e troçava: sabem qual é o rio favorito dele? Não é o rio Douro, é o rio Tinto! Nunca mais me esqueci daquelas palavras e das gargalhadas em uníssonos que se lhes seguiram. Eu tinha seis anos e, a mando da minha mãe, tinha ido saber do meu pai, para ver se ele queria jantar. Naquela noite, se alguma coisa ele jantou, foi soro, porque acabou-a no hospital.

Noutra ocasião, aquando de um internamento prolongado, um entre vários, estava previsto fazerem-lhe uma colonoscopia, no último dia, mas, por qualquer motivo, ela não pôde realizar-se e mandaram-no para casa, pedindo-lhe que se apresentasse no hospital dois dias depois, bem cedo, para efetuar o exame. A preparação implicava beber algumas doses de um produto de mau sabor, que o médico explicou poder ser misturado com outros líquidos, desde que transparentes. Cumpridor, o meu pai bebeu o preparado com três litros de vinho branco, fresquinho. Quando o convencíamos a tomar medicação, coisa rara, chegava a enfiar os comprimidos todos na boca e a engoli-los, de uma vez só, com demorados goles de vinho tinto. A minha mãe só não se preocupava, porque sabia que ele iria, de modo inevitável, vomitar tudo aquilo.

Além do aparelho digestivo, era o intelecto a parte mais desgastada do meu pai. Acreditarás em mim, se te disser que nunca senti nada tão doloroso como constatar aquela decadência acelerada, que lhe alterou as ideias e o rosto. A evidente decrepitude – e as palavras não são minhas, mas do médico-legista – do meu pai via-se até nas feições profundamente transformadas, que resultavam em expressões incompreensíveis. Adquiriu uma cara bolbosa e muito avermelhada. O nariz e os lábios incharam-lhe, assim como as bochechas, e pareciam consequências de intervenções estéticas malsucedidas. Os olhos ficaram amarelecidos e mais pequenos, por via das protuberâncias que os comprimiam. Também o meu coração se apequenava de cada vez que o avistava na rua. Eu cosia-me à parede e, à primeira oportunidade, expirando aflição, corria pelo caminho por onde viera. Quando estava na escola, esquecia aquela desgraça, mas, ao regressar a casa, e sobretudo ao anoitecer, a angústia tomava conta do meu espírito. Ao ver o Sol chegar-se ao arco da Ponte da Arrábida, para de lá mergulhar no mar, os meus pés e as minhas mãos inquietavam-se, ensaiando a ansiedade que, com o cair da noite, iria inevitavelmente assenhorar-se de tudo quanto fazia parte de mim. Durante anos, eivada de todos os nervosismos, custava-me comer à noite e perguntava-me se as dores que sentia no estômago seriam fragilidade herdada, ou castigo de Deus, por não ajudar o meu pai a tratar o inchadíssimo estômago dele e tudo o mais que reclamava cuidados

sérios e urgentes. Assumia uma culpa tão pesada, que arrastava para o soalho bichento o meu ânimo, os meus interesses e a minha energia. O mal-estar tirava-me o sono e deixava-me, em suma, arrasada sobre a cama, como o meu pai no passeio. É a chorar num caixão que recordo a rapariga que era naquela altura. É a balbuciar, de olhos postos sempre em tudo menos nos meus ou nos dos outros, cambaleante, que me lembro do meu pai daqueles anos. Ele não compreendia, nem se fazia entender. Pouco dizia e quase nada parecia ouvir. Eu, tantas vezes, sentia não querer ouvir, não querer ver, não querer saber daquele inferno, sentia não querer continuar a viver.

Quando a massa de que era feito não aguentou mais e ele, finalmente, se foi, não veio a desresponsabilização, mas o seu contrário, uma culpa maior e que demorei a mitigar, com muito daquilo a que é comum chamar-se força de vontade. Não me foi possível, ainda, dirimir a culpa, mas amarfanhei-a com força num recanto de mim, de onde só comparece quando os vincos e as pregas fundas que nela crio com as mãos começam a enfraquecer e ela volta a crescer cá no fundo. Não consegui também apagar a tristeza, nem ter a certeza de que ele está bem, lá onde quer que se encontre, ou se está apenas a pagar por uma fraqueza que não encomendou. Não sei porquê, mas tento encarar o comportamento dele, aquele afã dionisíaco, como uma inevitabilidade a que estava destinado, como é da natureza das árvores serem árvores e das pedras serem pedras. Apazigua pensar que não tinha alternativa.

Por outro lado, estou ainda a tentar aceitar que os nossos se vão, sem justiça nem perdão visíveis, procurando crer que a misericórdia existe e que todas as vidas, de algum modo, valem a pena. Mas não é fácil. Hoje, estou assim. Sinto falta do meu pai. Não tive outro.

Os nossos estão connosco até ao fim

O fim dos nossos é dor que nunca acaba. Acompanha-nos, ao longo da vida, como pedras pesadas nos bolsos. É sofrimento mitigado pelo nascimento dos filhos, que, com aquelas mãozinhas, pegam em grande parte das pedras e as atiram ao mar, aliviando o peso e tornando os movimentos mais ligeiros e os dias mais fáceis. Bem vistas as coisas, estamos ligados pela vida, mas também pela morte, que em todos deposita a dor. O que sustenta os nossos pais, quando perdem os deles, é o facto de nos terem a nós, mas basta ouvi-los a recordarem a infância, para percebermos que sentem falta dos pais deles, que essa ausência lhes dói, como talvez não soubéssemos que os pais podiam sentir dores. Mas a verdade – única e derradeira, que sei que a minha própria vida confirmará – é que a dor dos nossos pais só termina quando a nossa começa, isto é, quando eles nos faltam.

Talvez o meu caso contrarie esta regra que acabo de criar e cuja validade pode até estar já próxima do fim, dado que, infelizmente, não há um modo único e bonzinho de sentir tal dor. Digamos que a maioria de nós principia o calvário com a morte dos pais, ainda que por vezes o início dessas mortes se dê tempos antes de se efetivar. Há mortes longas e mortes rápidas, e por certo mortes de média duração, mas o meu pai começou a morrer aos meus olhos muito antes do último estertor. E não há nisto nenhum sentido figurado. Por mais que possamos considerar que a morte se inicia no dia em que se nasce, a primeira fase da vida é de crescimento, de aumento das capacidades para viver. Só depois se começam a perder tais faculdades, só então se começa, de facto, e na maioria dos casos, a morrer aos poucos. Mais do que todas as outras pessoas, o meu pai cedo meteu ombros à tarefa de chamar a morte e depressa se pôs, mais do que os outros, a morrer um bocadinho todos os dias, destruindo-se de modo progressivo. Resiliente, como hoje se diz, a propósito de tudo e de nada. O meu pai

foi muito resiliente no morrer. Parece piada, mas é dor. E estou em crer que foi por isso que, ainda que profundamente triste, senti um grande alívio e até uma certa alegria, mesmo que – repito, para não me interpretares mal – envolta em grande mágoa, quando o fim dele chegou. Aquele momento, que, para todos, mas sobretudo para ele, foi libertador, mitificou-se em mim e perdoa-me se isto te pode parecer estranho, mas hoje recordo-o com ternura. Não sei até se, com o passar dos anos, como forma de autoproteção, não fui suavizando as arestas de uma memória agreste – como um oleiro faz a um pedaço bruto de barro, até o tornar um vaso ou uma terrina. Tê-lo-ei feito de modo inconsciente, para meu conforto e não, como faz o oleiro, pensando nos outros. Mas acho que não fui egoísta, uma vez que não prejudiquei ninguém; limitei-me a procurar proteger-me. Feitas as devidas salvaguardas, para que não estranhes o que te confesso, e a esta distância, quero dizer-te que creio ter visto no rosto dele, quando por fim o vinho o venceu, mesmo a seguir à estocada final, um esgar de contentamento, como se, na boca, o meu pai sentisse, naquele momento que ele próprio sabia ser o último, o sabor ufano da vitória.

Foi por isso que percebi que não perdi o meu pai. Nunca se perde. Ou talvez se perca, mas não no caso de alguém tão caído em desgraça como ele. Apesar das dúvidas que ainda hoje tenho, a ideia que mais demoradamente se tem instalado no meu espírito é a que servia de remate à calma que a minha avó procurava dar-lhe quando mo pressentia demasiado inquieto. Depois de me explicar que havia sido melhor assim, sentenciava: tu não perdeste o teu pai, Beta, Deus livrou-o e livrou-te do mal, e tu agora guardas o que de bom ele tinha. E é com esta frase, que eu repetia à minha chorosa avó Laurinha, ensaiando pose de adulta, que ainda hoje me atiro às noites em que as dúvidas teimam em comparecer, apertando bem as mãos uma contra a outra, para não deixar escapar o sorriso dele no dia em que me ensinou a andar de bicicleta, ou as tardes que passámos a lançar papagaios de papel no Cabedelo. É esse pai, e não uma assombração como a que descrevi, que procuro no escuro, que desejo que esteja comigo até ao fim dos meus dias.

Uma vantagem, nenhum perdão

Talvez a única vantagem da doença seja o facto de, ao culminar em morte, não nos apanhar de surpresa. Uma morte súbita arrasa connosco, é um prédio inteiro que rui sem ter dado sinal de problemas nas fundações. Uma morte anunciada é uma dor que acomodamos, aos poucos, dentro de nós. Com o tempo, outros hão de partir e, acaso tenhamos a sorte de ficar por cá muito tempo, podem mesmo ir-se todos e esse torna-se outro problema com o qual teremos de lidar, agigantando-se ano após ano. A minha avó dizia que é terrível ter a noção de que todos os do nosso tempo se foram. E que é nesse momento que começamos a aceitar – e até a desejar – a morte. Nessas alturas, assustada, com as palavras entaladas pelo desespero, eu perguntava-lhe se ela desejava morrer. Ela olhava para mim e dizia-me: não, filha, és tu que me manténs viva.

Só não sei por que razão não fui capaz de a manter viva mais tempo. E não sei como hei de perdoar-me por isso.

O corpo lançado

Numa altura em que a minha avó dizia que eu já tinha o corpo lançado, os rapazes começaram, primeiro, a olhar para mim e, depois, a querer tocar em mim. Tu lembras-te disto, de certeza. Eu dizia à minha avó que não, que os rapazes não se metiam comigo e ela respondia-me sempre: lérias, isso são lérias, e lérias não adubam sopas. Ela sabia bem que temperos pedem os corpos adolescentes, e o meu já estava em idade de me pedir por avanços.

O que tu e a minha avó não sabiam era que, na infância, ninguém ensinava às meninas que o corpo que habitavam não era delas. Ou talvez soubessem, mas não de modo tão vívido como eu. O corpo que pensávamos ser nosso pertencia aos homens, que determinavam o que podia ou não fazer-se com ele. Porque se aquele fosse meu, mesmo insinuando-se já um pouco por debaixo das roupas, eu poderia fazer – ou não fazer – com ele o que bem entendesse. Mas eu não sabia que ele era meu, eu pensava que os homens tinham direito ao corpo das meninas e das raparigas, por isso tinha medo. Tinha medo de que, com o meu corpo lançado de adolescente, me dissessem outra vez senta aqui no colo e depois comessem a acariciar-me as pernas, a tocar-me entre elas, a introduzir os dedos em mim, a beijar-me à força, a pôr de fora o que ninguém tinha pedido para ver, a conduzir a minha boca até lá, de seguida a deitar-me, tudo tão rápido e tão bruto, a abrir-me as pernas e a fazer comigo o que eu pensava estar guardado para fazer apenas com quem eu quisesse, alguém especial, aquela pessoa, e quando eu quisesse. Mas o meu corpo, aprendi certa noite, não era meu.

A fruta da época

Pela primeira vez, enfiei-me a comer de talheres dentro desta tumba a cheirar a Pronto – na verdade, cheira ao verniz com que o marceneiro o banhou, mas lembra-me sempre o produto com que a minha avó Laurinha limpava os móveis – e, enquanto mergulhava uma daquelas minúsculas colheres de café, para prolongar o prazer, na polpa de duas metades de pitaya vermelha, veio-me à memória a primeira vez que comi um kiwi.

Tinha sete anos e achei estranhíssimo que um fruto verde pudesse estar maduro. Comi-o, deliciada, cortado em duas metades, com uma colher de café que a minha avó Laurinha me estendeu, dizendo: pega, para saberes o que é bom. A experiência foi tão extraordinária, que me demorei uma tarde inteira a comer o kiwi. Depenicava-o com a colher, que fingia ser o bico de um pardal, seduzida pelo sabor doce, mas querendo deixar de o sentir o mais tarde possível. À conta de tão intensa prova, passei a incluir kiwis em todos os desenhos e trabalhos que fazia para a escola. Sempre que esboçava uma figura humana, punha-lhe um kiwi na mão, ou um alto no bolso, que representava um kiwi guardado, porque, para mim, antever a felicidade era imaginar-me a poder comer kiwis sempre que quisesse, por mais que a minha avó Laurinha me dissesse que isso dava diarreia. As composições também incluíam sempre kiwis e numa delas falei sobre uma menina que comia batatas fritas de kiwi, com bife de kiwi, que ainda hoje não percebo como seriam, acompanhados com sumo de kiwi, e ainda musse de kiwi à sobremesa. À conta da paixão por aquele fruto exótico, ou por já não poder ouvir-me falar mais nele, quando fiz oito anos, a minha avó Laurinha ofereceu-me um maracujá comprado a uma vendedora do Mercado do Campo Alegre, chamada Naila, e nascida num país esquisito de nome Sudão, que ela dizia ser o maior de África e um dos maiores do mundo, razão pela qual a minha avó

Laurinha a achava um bocadinho mentirosa. Dessa vez, não comi o presente, nem fiz alarde da situação – não contei a absolutamente ninguém que o tinha recebido. Nem a ti. Guardei-o com tanto carinho e com cuidados tais, que, ao longo de semanas, o vi envelhecer como uma pessoa. Primeiro, foi mudando de cor, perdendo aquele tom luzidio da juventude, um tanto esverdeado, até adquirir uma cor próxima do roxo e começar, a pouco e pouco, a ficar com a pele enrugada. Eu guardava-o na gaveta da cómoda e todos os dias verificava o estado dele. A dado momento, estava tão enrugadinho, tão enrugadinho – como aquelas velhinhas de cem anos que caminham olhando para o chão, todas dobradinhas, apoiadas em bengalas –, que começou a secar. A casca enrijeceu e parecia mais leve. Teria entrado algum bicho dentro dele e comido o conteúdo? Ter-se-ia evaporado? Por fim, tristemente, apodreceu. Já não se pode aqui estar, com tanto mosquito dentro de casa, dizia a minha avó Laurinha, a todo o instante, até que, um dia, o meu maracujá desapareceu e eu fiquei furiosa. Fiz uma cena tão terrível, que ela, com a ternura e a macieza próprias das avós, prometeu dar-me dois maracujás, quando os houvesse, e um fruto ainda melhor, no dia em que eu fizesse nove anos.

Não faltou ao prometido. Já conhecedora do sabor do maracujá, tendo comido não dois, mas três, porque a minha avó Laurinha tinha levantado uns certificados de aforro e vivia naquela fase com mais desaforo, o meu aniversário chegou e ela fez aparecer sobre a mesa uma grande caixa, embrulhada em papel de jornal pintado de amarelo com uma mistelinha feita por ela com água e meia colher de chá de açafrão. A caixa era tão grande, que eu pensei que contivesse um cacho de bananas. Dentro dela, porém, descansava um ananás cheio de estilo, uma excentricidade da Natureza que eu de imediato considerei ser o punk dos frutos. A exuberância e a magnitude do presente eram tais, tão avassaladoras, que contei a toda a gente do Bairro do Cruzinho, e mais tarde da Sé, que tinha recebido um ananás e que o ananás viera dentro de uma caixa amarela, tão amarela como um canário, e partilhei todos os pormenores e ainda outros, que inventei, porque, no ano anterior, ninguém soubera que eu tinha recebido um maracujá. Mas nem só mergulhados em boas memórias se

conservaram aqueles tempos, como de seguida perceberás.

Bairro do Cruzinho

Quando, depois da morte do meu pai, a minha mãe desapareceu e a minha avó percebeu que ela não voltaria mais, tomou uma decisão que considerou absolutamente imprescindível para garantir que o meu desenvolvimento seria saudável, a minha educação adequada e o meu futuro livre de constrangimentos. Com a idade que tinha, e uma vida passada entre a exuberância de ventre e peito aberto da população da Sé, ela sabia que, sem tal resolução, eu viveria amaldiçoada para sempre. Não seria, até, de estranhar que acabasse possuída pelo demónio, tal a quantidade e a robustez das pragas já rogadas ao meu jovem destino. Por isso, um dia, levou-me pela mão até ao Bairro do Cruzinho.

Dois dias antes, ao lusco-fusco, ela aproximara o busto da janela e gritara: ó Beta, anda jantar! Como eu não respondi de imediato, insistiu: Beta, filha, jantar! Onde andas, rapariga? Segundos depois, enfiei a cabeça pela abertura entre as telhas e respondi: estamos aqui em cima, avó! No dia seguinte, sentindo reforçada uma preocupação que não era nova, correu a pedir ajuda ao Dr. Belarmino, que sabia muitas coisas e haveria de saber como poderia resolver-se aquele assunto também. A cabeça da miúda, ter-lhe-á dito, parece estar avariada, senhor doutor. Quedou-se à conversa com o advogado por um bom quarto de hora, findo o qual retornou a casa sem mostrar alívio. Murmurava coisas como: sabe Deus, nosso Senhor, o que prali vai, dentro daquela cabeça. Horas mais tarde, também a apanhei a comentar ao telefone: pois, claro, com um pai borrachão, que carregava ramadas maiores do que o caixão em que foi a enterrar, que resultado poderia haver? Foi depois desse telefonema que decidi que, no dia seguinte, depois da escola, iríamos ao Bairro do Cruzinho.

Nessa tarde, deu-me de lanchar duas fatias de regueifa torrada com manteiga e doce de morango por cima e um copo de leite com

chocolate, e saímos de casa. Começámos por subir ao terreiro da Sé, para nos benzermos, coisa que a minha avó fez sete vezes seguidas e me ordenou que repetisse, de olhos fechados, antes de prosseguirmos devidamente encomendadas. Quanto nos preparávamos para continuar, em direção a São Bento, cruzámo-nos com o Luís Miguel Ideias, que, com os dedos das mãos a enrolarem-se uns nos outros e toda uma postura fremente, explicou estar a estudar uma forma, penso que foi isto, de mandar polir o terreiro e todas as ruas da cidade ainda em paralelo, o que poderia poupar os pneus e os amortecedores dos carros, bem como muito dinheiro em asfalto. Não tinha conseguido patentear – e disto nunca mais eu e a minha avó nos esquecemos – as maçãs de carne, que nasceriam das árvores em que haveriam sido enxertadas vacas e porcas, mas estava confiante no sucesso deste novo projeto. Enquanto eu imaginava uma quimera que fosse metade macieira metade vaca, capaz de dar maçãs feitas de bife, a minha avó incentivou-o a avançar e fizemo-nos ao caminho. De São Bento seguimos até à Praça da Liberdade, metemos pela Rua da Fábrica, porque a minha avó dizia já não ter pernas para subir a Rua dos Clérigos, seguimos pela Cordoaria, abrigadas pelos seus trinta e sete plátanos de tronco mutante (dizem que foi uma doença que os deformou), pelo Jardim do Carregal, de seguida Rua D. Manuel II, Rua Júlio Dinis, Praça da Galiza e, por fim, Rua do Campo Alegre.

À chegada, indicou-me que ficasse cá fora, a brincar com o resto da canalha, e entrou na casa da minha outra avó, enlutada como ela, a avó Laurinha, para lhe dizer, sem rodeios e com ar febril, que lhe parecia fundamental que, tão depressa quanto possível, me tirassem o quebranto. Ela terá concordado de imediato e ficou decidido que eu passaria ali uma temporada boa, nas férias escolares, a fim de garantir que a coisa – a realizar em casa da prima Odete, que também morava lá no bairro e tinha uma sala maior – se daria sem reversões.

Eu não sabia o que era o quebranto e fiquei assustadíssima. Supus que aquilo equivalesse a retirar-me uma parte palpável de mim – um osso, ou talvez um órgão – e não percebia por que razão necessitava de submeter-me a tal tortura. Não sentia nada a mais, nem nada fora do lugar, por isso por que motivo era necessário retirarem-me fosse o que fosse? Comecei a sentir-me agoniada, mas ninguém parecia querer

saber. Aquilo aparentava ser coisa de família, uma espécie de tradição que interessava sobretudo às mulheres, porque todas se mostravam muito dedicadas e até entusiasmadas com a necessidade de me submeterem à imprescindível purga. Mais tarde, percebi que todas elas eram, pelo menos, doutoradas na matéria e aprendi que o quebranto, não sendo de osso ou uma víscera, é coisa que entra e se instala nas pessoas. Afeta mais as mulheres do que os homens, ainda que seja aconselhável retirá-lo também a eles, por motivos preventivos, uma vez que as más energias proliferam nos tempos modernos. Bem se viu o erro que cometi ao não ter feito o mesmo ao teu pai, disse-me inúmeras vezes a minha avó Laurinha, que todos os dias acendia velas pela alma do filho.

O procedimento é indolor, mas isso era coisa de que ninguém conseguia convencer-me, dada a duração dos preparativos, que ocupou quase um mês inteiro, e a quantidade de mulheres que mobilizou – avós, tias-avós, vizinhas, conhecidas, peixeiras de canastra na cabeça, vendedeiras do Mercado do Bom Sucesso, merceiras e até uma parente afastada que morava em São Pedro da Cova. Na sala da prima Odete, esperneeiei, chorei e berrei – lembro-me muito bem disso – e dizem que até xixi nas cuecas eu fiz. Pudera! Chama-se instinto de sobrevivência. Eu era miúda, mas não era tola, por isso queria, de todas as formas ao meu alcance, evitar o suplício que adivinhava. Espantar ao máximo, como forma de as fazer desistir, era a técnica de defesa que eu conseguia executar. Dizem que foi preciso agarrar-me, como se agarravam os doidos de modo a enfiá-los em camisas de forças e depois os mandarem para os hospitais próprios para quem padece da pinha, que era a forma de a minha avó Laurinha se referir à cabeça. Tirar-me o quebranto foi como a matança de um porco, disse-me ela várias vezes. Foi tão difícil que, no final, como compensação, até me levaram ao Shopping Brasília, para andar de escadas rolantes. É que foram precisos, além de benzeduras mil, vários braços para me segurarem e um cuidado que me parece de uma delicadeza extraordinária: uma meia enfiada na minha boca. Quando, finalmente, me tinham pronta para o sacrifício, começaram por fazer-me o sinal da cruz e pela seguinte reza: Se tens quebranto / Eu o espanto / Se tens mau-olhado / Eu o esconjuro. E de novo me benzeram. De

seguida, num prato branco e raso, colocaram água e – benzendo-me novamente antes – sobre ela deitaram três pingos de azeite. Não se ouvia um zumbido, nem a respiração de ninguém. Expirar só era permitido no final. O momento era de enorme tensão, dado que, caso os pingos se espalhassem, se misturassem com a água, eu teria mau-olhado ou quebranto. Na feliz eventualidade de isso não acontecer, eu estaria livre de tais maldições naquele momento. Mas era temidíssima a possibilidade da desventura, de o azeite se misturar com a água, ou de ir ao fundo, turvar, ou mudar de cor. Acaso isso acontecesse, dever-se-ia abrir uma cova, despejar nela o líquido e, durante seis dias, verter sobre ele toda a urina que a pessoa fizesse (eu até já tinha começado), além de se acender uma fogueira e nela se queimar o prato, que não deveria ser tocado por crianças nem por enfermos. E, claro, de imediato haveria que dar-se início ao ritual, com as seguintes rezas, intermediadas por três benzeduras: Deus te viu / Deus te criou / Deus te livre / De quem para ti com mal olhou / Em nome do Pai, do Filho / e do Espírito Santo / Virgem do pranto / Tirai este quebranto. E logo após: Tens quebranto / dois to botarão / três to tirarão / a Senhora, o Senhor e o apóstolo São João.

Se queres saber se o azeite se fundiu com a água, a resposta é sim. Pelo menos, é o que as minhas duas avós sempre contaram. Para em absoluto tirarem de mim o quebranto, contavam que também me haviam defumado, do mesmo modo que se faz ao chouriço e ao presunto, como medida de reforço das anteriores, não fosse o diabo tecê-las. Com sal, alecrim, lâ, alho-porro, cabeças de fósforos e raspas de corno esquerdo de bode fizeram uma queimadinha e com o resultado dela me defumaram.

Tudo isto aconteceu no Bairro do Cruzinho. Não ficava no topo de uma montanha, mas acedia-se-lhe subindo uma rampa e, uma vez lá chegados, sentia-se o que se sente quando se alcança o sagrado promontório de um santuário. Pelo menos, era o que eu sentia, quando era pequena. Nele, também não vivia nenhuma santa ou santo, mas muitas figuras que pareciam ter vindo a bater asas de outros planetas. O Bairro do Cruzinho é – ou era, porque já não alberga ninguém, nem sei se não lhe porão um prédio em cima – diferente das outras ilhas da cidade. Desde logo, por não estar

escondido no interior de um quarteirão, atrás de edifícios mais altos, mas também porque quase todas as casas tinham quintais, que eu gostava de ver às risquinhas, lavrados a enxada, ou com alfaces alinhadas e couves a espreitarem acima dos muros. E, como ilha distinta que era, constituía morada de gente diferente. Talvez não fosse assim no começo, enquanto bairro operário nascido no final do século XIX e habitado sobretudo por trabalhadores da indústria têxtil existente na cidade à época e nas décadas subsequentes, mas, ao longo dos tempos, foi crescendo ali, da interação das famílias que foram morando nas quase cinquenta habitações, uma cultura singular. A noite de São João era a mais animada, com fogueiras entre as casas e nos quintais, com sardinhas, pimentos e febras assados por toda a parte e partilhados pelos vizinhos. Também por altura de São Bartolomeu me deixa grandes memórias, dado que o meu avô paterno – até ter morrido de soluços, em agosto de 1995 – me levava com ele, e com mais uma série de vizinhos, em cortejo, com umas máscaras de papel na cabeça, tomar um banho de mar, na Praia do Ourigo, quando batia a meia-noite. As mulheres não podiam ir, mas as meninas, enquanto não se fizessem mulheres, eram levadas pelos pais e pelos avós. Quando regressávamos, as mães, irmãs mais velhas, tias e avós tinham preparado uma ceia, uma espécie de piquenique, à volta de uma fogueira, numa eira outrora pertencente à desaparecida Quinta do Bom Sucesso. A casa mais próxima da eira era a do Eduardo Renegado, um homem que morava sozinho, com um cão muito grande. Chamava-se mesmo assim: Eduardo José dos Santos Renegado. Uma vez, não sei se te lembras, pedi ao meu tio Fernando, aquele que era marceneiro, que talhasse uma peça que eu desenhara no meu caderno da escola, a marcador castanho. Eu lembro-me bem. Foi assim: peguei na tesoura, cortei a folha do caderno, levei-a ao bolso, dobradinha, e fui ter com o meu tio. Pedi-lhe ajuda e ele aceitou. Quando me entregou a encomenda, saí da oficina dele a correr e, sem a minha avó saber, porque ela não gostava do Eduardo Renegado, ofereci-lhe a escultura do meu tio, não porque estivesse apaixonada por ele, mas porque eu ouvia toda a gente dizer que ele não tinha coração. Por isso, eu decidira ajudar, oferecendo-lhe um coração que ele podia colocar no lugar onde lhe faltava o dele. Logo

ao lado da casa que habitava, morava uma vizinha, a D. Alda, que, nesse dia de São Bartolomeu, dava a beber infusões estranhas às crianças, com o consentimento dos pais, que confiavam em absoluto no saber daquela mulher velha.

Os rituais eram vistos como meios para a cura, fosse ela qual fosse, ou para a purificação do Bairro e dos seus moradores, que assim ficavam limpos das nocivas energias exteriores. Mesmo a limpeza doméstica feita pela minha avó obedecia a um ritual. Primeiro, mandava o meu avô sair, fazer uma série de coisas de que o incumbia, depois começava por varrer a casa toda – o que não era nada difícil, porque era pequeníssima – e lavá-la com lixívia. Depois de secar, lavava-a novamente com uma mistura de arruda, alecrim e mais não sei que erva, para – dizia ela – a purificar. Acendia uma vela branca e alta e, de seguida, ia também ela tomar banho, na divisão construída pelo meu avô nas traseiras, que tinha um pequeno lavatório, uma sanita e uma bacia pendurada num prego, que se pousava no chão para o banho com água aquecida no fogão. Quando terminava, bebia um chá e deitava-se no sofá a comer bolachas Maria. Durante meses, dizia ela, ninguém entraria lá em casa calçado, o que eu adorava, por poder exercitar o prazer de andar descalça, mas, a partir de terça-feira, tudo voltava ao normal, até ao sábado seguinte, ou até lhe entrarem pela casa os cães da prima Ana Paula, que morava mesmo em frente, e ao lado da irmã, a prima Odete, ou os gatos que habitavam o Bairro, alimentados por todos e que por vezes serviam de alimento aos cães da prima Ana Paula, uma costureira que ficou cega aos cinquenta e sete, mas nunca deixou de coser. Era ainda mais cega do que a D. Felicidade, mas dizia que via com os dedos e, de facto, ninguém desconfiava de que os arranjos fossem feitos por uma ceguinha. Ao lado, morava o Zé Fulgêncio, empregado de mesa numa cervejaria, que tinha um carro de corrida. Não era bem um carro de corrida, mas parecia. O Zé Fulgêncio tinha uma extensão que dizia ir dali aos Aliados, e que aos domingos passava pelo quintal, até à Rua do Bom Sucesso, para se dar àquilo de que mais gostava, um ritual tão pagão como o da minha avó, mas ajustado às inclinações dele: aspirar e lavar o seu bólido, o que incluía um trabalho de pedicure exaustivo nas jantes e nos pneus, que coloria de preto no final do serviço. Fazia-

o debaixo de um grande carvalho, que ainda hoje nos diz, de braços abertos ao nosso espanto, que é grande e velho, e que haveremos de morrer e ele ali estará, a receber os olhares e os espantos das pessoas, seguro de ter crescido para isso. Do outro lado, em frente ao Zé Fulgêncio, moravam os Nunes, a quem chamavam os Torna-Viagem, por terem estado emigrados no Brasil. Tinham uma filha chamada Cecília, que caminhava com a ajuda de canadianas, por causa de uma deficiência na perna esquerda, e outra chamada Thalita, que não tinha defeito nenhum e era a favorita dos rapazes. Também lá morou um cigano, de Bergerac, na França, a quem chamávamos Maxi e que só foi admitido no Bairro depois de ter provado ser gente de boa índole. E conseguiu-o com distinção, aliás, só não se tornou o morador mais famoso, porque lá tinha morado o Germano Silva, que escrevia no *Notícias* e sabia tudo sobre todas as coisas da cidade. É justo dizer que o mestre Germano foi a figura que me fez gostar ainda mais do Bairro do Cruzinho e desejar, como já te contei, fazer aquilo que hoje faço. Voltando ao Maxi, importa dizer que era viúvo, tinha três filhos mais ou menos da minha idade e creio que, mesmo depois de feita uma espécie de referendo a propósito da sua admissão, sem conhecimento da senhoria, porque se tratava de um subaluguer, só foi aceite por vender aos vizinhos, a preços muito jeitosos, segundo me era dado saber, sapatilhas, calças de ganga, T-shirts, cuecas e meias – e tudo mais quanto possa imaginar-se a nível de roupa contrafeita. Foi graças ao Maxi que tive as minhas primeiras Levis 501 e uma camisola da Benetton, assim mesmo, só com um tê. A propósito dessa grande bênção, como de todas as outras, mais pequenas, que me sucederam, a minha avó Laurinha disse-me: dá-te por feliz, porque se não te tivéssemos tirado o quebranto nunca te terias enfiado dentro dessa roupa chique.

O povo saiu à rua

Chegada a casa, estou habituada a enroscar-me aos pés da noite, quietinha, esperando a manhã. Depois da prisão imposta pelo breu, quando chega o alvorecer, salto da cama com toda a sede e fome de vida – mais depressa do que uma pulga, dizia a minha avó – e atiro-me ao dia. Sempre assim foi e rogo ao destino para que assim continue a ser. Mas, esta manhã, não acordei com muito ânimo. Aliás, não acordei pela manhã. Foi a meio da noite que gritos terríveis me despertaram, num sobressalto de pesadelo. Ainda me virei para o lado, para tentar voltar a adormecer e esquecer os horríveis clamores daquele sonho, mas eles não pararam. Não vinham de nada sonhado, mas sim de uma tragédia real. Por instantes, pensei que houvesse na rua uma cena de pancadaria e que algum desgraçado estivesse a apanhar uma sova das grandes, mas, de repente, os uivos de dor pararam e nada mais se ouviu. Talvez o agressor tivesse desertado, depois de ter deixado a vítima inanimada, perdoa-me a linguagem de noticiário. Saltei da cama, abri as portadas e depois a janela. Ao cimo da rua, outras pessoas faziam o mesmo. Topei-as a espiarem por entre frinchas, talvez com medo de serem vistas por eventuais criminosos, de levarem um tiro, ou de verem um cenário macabro. Quando enfiei a cabeça de fora e olhei para a calçada, impressionou-me o facto de não ver nada, nem ninguém. Não que a iluminação pública estivesse apagada, a questão não era essa, porque tudo estava convenientemente alumiado. Mas, além de vasos com plantas e mesas e cadeiras de esplanadas empilhadas, talvez ainda um gato preto e alguns papéis a dançar com o vento, não havia nada na rua, quanto menos um corpo tombado e sangrento. Mas a dor, queixosa, continuava a ouvir-se. Ao redor cá de casa, de resto, já que era de bem perto que os bramidos vinham, só mais uma luz se via através das vidraças e nem sequer mostrava ninguém à janela. Vinha de casa d'O-

da-Pastinha. De súbito, acendeu-se a luz do apartamento de baixo do dele e, logo depois, percebi-o pela porta da entrada, que era envidraçada, a das escadas do prédio. Aos poucos, foi-se ouvindo barulho dentro do edifício pintado de azul-bebé. Depois, vi a D. Lisete e o marido saírem à rua, ele de pijama, ela de camisa de noite, enrolando-se num robe. Mais e mais gente se foi aproximando. Eu própria enfiei um fato de treino e desci, apesar de ser de noite. Deixei-me ficar à porta, olhando de longe.

De seguida, e arrepio-me toda só de me abeirar do que aí vem, ouviu-se um estrondo. Passados alguns ansiosos minutos, soubemos ter correspondido ao arrombar da porta de casa d'O-da-Pastinha. De seguida, ouviu-se um grito de mulher e eu senti-me um bocado tonta, a ponto de me sentar no degrau por instantes, com a cabeça para baixo, entre as mãos. Mal me recompus, decidi voltar para casa e escalei os vários andares, agarrada ao corrimão, com a energia possível. Lá chegada, tranquei a porta, benzi-me e bebi um copo de água com muito açúcar, antes de me deitar na cama durante algum tempo, enquanto ouvia vozes atropelando-se umas às outras, entrando pela janela, além do teto a rodopiar, e imaginava, cheia de medo, que pudesse ter ocorrido um terrível crime de sangue naquela casa, talvez até algo pior, um crime seguido de profanação de cadáver, essas coisas horríveis que se mostram em notícias e séries de televisão. Depois, ouvi a palavra bombeiros, ouvi gente a aproximar-se e fui capaz de me erguer e de, sentindo o soalho oscilar como um barco, me chegar de novo à janela. Ao longe, comecei a ouvir uma sirene. Dezenas de possibilidades me passavam pela cabeça. Estaria aquela casa amaldiçoada? Ainda há tempos, a desgraça se abatera sobre um antigo morador, o Toni Fulminantes, e agora algo de terrível teria por certo acontecido a quem lá mora de momento, O-da-Pastinha.

Quando os bombeiros apareceram, a correr rua abaixo, transportando uma maca, voltei a arrepiar-me, mas o pior de sentir, pelo abalo que provocou, a ponto de me entontecer de novo, foi ver a maca sair, ocupada por um homem jovem e inanimado: nada mais nada menos do que O-da-Pastinha.

Decepar o presente

Ainda eu não tinha tido tempo de terminar um angustiado suspiro e já a notícia chegava pela porta: O-da-Pastinha tinha ido na maca de braço cortado, alguém lhe tinha cortado o braço! Os vizinhos mais valentes andavam já a ajudar a polícia, entretanto chegada, a dar voltas ao apartamento, a procurar nos telhados, a correr rua acima e rua abaixo, a entrar nas casas, em busca do criminoso. Houve ainda quem dissesse que procuravam também pelo braço amputado. Atarantada, sentei-me na borda da cama, que me parecia gelada, e deixei-me estar, com as mãos por debaixo das coxas.

Quando, enfim, a curiosidade se mostrou mais forte do que o mal-estar, puxei uma cadeira para junto da janela, que abri devagarinho como se alguma tragédia pudesse entrar. Ajoelhei-me no assento e pus a cabeça de fora, também a medo. O horror cheirava-se e ouvia-se: dezenas de vozes se sobrepunham, as pessoas atropelavam-se, atravessando a rua para lá e para cá, como formigas indecisas. Mulheres gritavam das janelas para que os homens voltassem para dentro, não fosse o assassino andar à solta pela rua, ou, pior ainda, entrar-lhes casa adentro com elas sozinhas, para lhes cortar os braços, ou as pernas. Um turista alto e aloirado tentava comunicar com a D. Lisete, que de estrangeiro conhecia apenas os refrões do Joe Dassin, e com um agente da polícia, que respondia a tudo com yes ou no, mesmo quando nada lhe era perguntado. A D. Lisete explicava que o sonho de toda a vida, de toda a vida, porque aquilo era um lugar de categoria, onde já dormiram reis e rainhas, presidentos e presidentas, era passar uma noite no Hotel Infante Sagres. Uma categoria, está a perceber?, perguntava ela, perante o olhar de espanto do turista. E ela continuava, abrindo os braços e dizendo coisas como: assssssiimmm ou enooooormmeeeee. Logo ao lado, um homem não tão grande, mas muito corpulento, vindo sabe-se lá de onde, ameaçava um homem que

não era corpulento de lhe enfiar com uma bifana nas ventas. À janela, um cão ladrava para a maralha, e uma boa meia dúzia de gaivotas sobrevoava o local, soltando grasnidos que ecoavam no granito.

Nos minutos seguintes, uma versão distinta do sucedido começou a circular. O-da-Pastinha, ai, meu Deus, como me arrepio toda só de escrever isto, que horror, O-da-Pastinha não tinha ido na maca de braço decepado, mas sem mão. E, segundo a polícia, tudo indicava que tinha sido ele mesmo a fazer uso de uma arma branca, uma faca de cozinha, para – ai, que horror – decepar a própria mão. Que palavra horrível. Talvez fique melhor amputar. Ai, meu Deus. Ou então desunir, mas, só de imaginar uma mão a separar-se de um braço, começo a sentir tonturas. Não há palavra boa para um acontecimento tão mau, não há eufemismos possíveis para mutilações de nenhum tipo, e a própria palavra mutilação precisaria de outra que a substituísse poeticamente, caso a poesia fosse capaz de amaciar uma realidade tão áspera.

O que vale é que o tempo veio minorar a tragédia, se assim se pode dizer, porque, na verdade, soube-se mais tarde, aquilo que acabei de referir – com uma mistura de masoquismo e sadismo que talvez pudesse ter evitado, mas sem a qual não seria possível tornar vívida a recuperação daqueles momentos de enorme angústia de que te quis dar conta – não aconteceu. O-da-Pastinha, de acordo com quem seguiu para o hospital, atrás da ambulância, não empunhou uma faca para desvincular – eis como uma palavra desinteressante se faz útil – a mão do braço. O-da-Pastinha não tinha cortado a mão, mas sim, e a verdade verdadinha é esta, os dedos da mão esquerda. E não penses que daqui a pouco vou anunciar que afinal o que aconteceu foi apenas um ferimento ligeiro com um corta-unhas, porque não foi, os gritos aterradores de desespero e dor ouvimo-los eu e toda a vizinhança, que continuava a acompanhar a situação como quem está dentro do cenário de uma telenovela. Entre outros alvitre, houve quem dissesse que estava bêbedo, garantiu-se que havia quem cortasse os dedos, como quem corta os pulsos, para morrer, e que O-da-Pastinha tinha ar de deprimido, não falava com ninguém, vivia sozinho, e metia-se nos copos de certeza, porque todos os dias comprava vinho, asseverou-se que aquilo era como quem corta as mamas, para evitar o cancro, e que

ele deveria ter cancro dos dedos, ou das unhas, podia ser doença que alastrasse como uma micose, ou coisa assim, era como nas árvores, a praga quando lhes pega começa a matá-las numa ponta e só termina na outra, veja-se o que aconteceu ali na Cordoaria. As pessoas, quando estão a sós, tendem a supor isto e aquilo; lembro-me bem de a minha avó acabar de lavar a loiça e, ao sair da cozinha, dizer coisas como: eu cá acho que, ou estive a pensar e ou ainda a mim parece-me que, ou dá-me ideia que. Curiosamente, essas mesmas pessoas, diante de outras, deixam de achar e passam a afirmar, como se soubessem mesmo, estando na verdade a dar palpites, a tentar adivinhar e a confiar na sorte, aspirando a ter razão. Se a sorte os tocar, dirão, no final: estão a ver? Eu não vos disse? Neste caso, porém, quem sabe o que motivou O-da-Pastinha, este homem vindo sabe-se lá de onde, sou eu. Por isso, antecipo já, para que não sofra com a curiosidade, que o que aconteceu não teve nada que ver com qualquer dos motivos atrás apresentados.

Toda a vida os vizinhos se entreadjudaram

Uma mosca voava junto à janela procurando atravessar um vidro que não sabia ser vidro e o velho relógio de parede pingava o tempo devagar. Não se ouvia barulho lá fora, eu já tinha meditado um pouco, mas continuava a sentir-me ligeiramente intranquila. Bebi uma infusão quente, pus uma música calma e, depois, optei por aconselhar-me com o meu coração, como sempre fazia desde que a minha avó não estava. É difícilimo aprender a dar ouvidos ao que apenas bate e, aparentemente, nada diz. Mas hoje sei que, quando o coração bate com força, com tanta força que nos assusta e rouba o fôlego, é porque tem algo de inadiável para nos dizer. Saibamos nós dar-lhe ouvidos, disse-me tantas vezes a minha avó, sem que eu vez alguma tenha prestado atenção. Era assim que dizia: Deus e coração, saibamos nós dar-lhes ouvidos. Só recentemente – já ela nada dizia, mas se dissesse seria assim – comecei a botar sentido. Ou, se preferirem, comecei a fazer aquilo a que vida incita, se estivermos atentos: a incorporar no nosso comportamento e no nosso carácter – mesmo que muito mais tarde – aquilo que quem gosta de nós por amizade ou amor nos ofereceu, sob a forma de conselho ou exemplo. Estou convencida de que crescer não pode ser outra coisa.

Decidi, então, escutar o que tinha para me dizer o coração e, procurando ser honesta comigo mesma, percebi que mexia comigo o caso d'O-da-Pastinha. Que força teria motivado tamanha desgraça? Que fraqueza teria resultado naquela tragédia? Que motivo, bom ou mau, estaria por detrás de um ato daqueles? Sem que nada até então o fizesse prever, decidi levantar-me, vestir-me, pôr uma base e um rímel, e ir a casa dele.

Uma hora depois, ou coisa assim, estava a olhar-me ao espelho, antes de descer. Estranhamente, não me sentia nervosa, nem inquieta. O enigma iria desfazer-se, se tudo corresse bem. Desci as escadas,

venci os metros que separam o meu prédio do dele, que tinha a porta encostada. Subi as escadas de madeira nova, ali instaladas em substituição das de madeira escura e gasta que serviram de pouso a tantos pés durante talvez um século, e bati à porta. Mal ela começou a abrir-se, eu disse: olá, chamo-me Elisabete, mas toda a gente me conhece por Beta, e sou sua vizinha. Ele ficou a olhar para mim, sem dizer nada, com a mão ao peito, toda ligada. Estava vestido com um fato de treino preto e, de dentro de casa, esgueirava-se um odor seco a cigarros. Olá, boa tarde, acabou por responder. Depois acrescentou: sim, eu já a vi por aí algumas vezes. E sorriu, levemente. Naquele momento, comecei a pensar: mas que raio vieste tu para aqui fazer, sua idiota? O nervosismo tomou conta dos meus pensamentos e vi-me sem saber o que responder. Ficámos então a olhar um para o outro e, apesar de ser evidente que eu deveria dizer ao que ia, foi ele que acabou por falar: eu poderia perguntar-lhe em que posso ajudar, mas neste estado – e ergueu ligeiramente a mão enfaixada – não creio que tenha muito para oferecer. Como remate, voltou a sorrir, ao de leve, um sorriso franco e bonito, e disse: mas posso convidá-la a entrar, para me dizer com outro à-vontade o que a traz por aqui. Eu hesitei, até que acabei por aceitar, mas fiquei ainda mais nervosa quando senti a porta bater atrás de mim. E se ele fosse um maluco e quisesse cortar-me também os dedos? Ou uma orelha, ou o nariz, ou quem sabe até a língua... e confesso que chegou a passar-me pela cabeça a mutilação genital, cúmulo da crueldade, da injustiça e do machismo. Agarrei-me com força às chaves de casa, que levava na mão, e disse, hesitante: bom, eu queria apenas perguntar-lhe se precisa de alguma coisa... Ele sorriu de novo e isso deu-me confiança para prosseguir, justificando-me: cresci aqui e toda a vida os vizinhos se entreadjudaram, é da natureza das gentes da Sé. Isso é muito simpático, muito obrigado, disse ele, com um sorriso já não de circunstância, mas franco, e que se estendia até aos olhos muito escuros, como o cabelo. Não sei onde, nem por que razão, fui buscar tamanho atrevimento, mas acrescentei que, se precisasse de ajuda para cozinhar, ou lavar a loiça, ou outro tipo de coisas que exigissem duas mãos, se sentisse à vontade para me pedir. Muito obrigado, disse ele. E eu prossegui, com a mesma ou maior desfaçatez: isto, caso não tenha quem o ajude, claro. E fiz-me

então falsamente envergonhada e cheia de cerimónias, creio até que cerrei os dentes para tentar ruborizar, antes de concluir: se calhar tem empregada, ou até mesmo namorada... Isto agora envergonha-me, mas, por vezes, um lugar obscuro de nós, aquele que cede a todas as tentações e busca somente os prazeres, comanda-nos as palavras, as ações e até o corpo. Foi o que aconteceu naquele momento, e ainda bem. O-da-Pastinha, com a sua mão ao peito, respondeu que, de facto, não desgostava da ideia de ter empregada, mas que o vencimento de funcionário público – trabalho no ensino, acrescentou – não lhe permitia grandes luxos, até porque dois terços do salário iam para a renda, e que – quando ouvi o que se segue, senti um arrepio lá no fundo – em matéria de amores era como se estivesse meio aposentado. Nessa altura, instalou-se entre nós um breve silêncio, um momento curto, mas de cariz eterno, pelo menos assim me pareceu, até que um certo brio se interpôs entre mim e as minhas vontades e me fez dizer: bom, então, se precisar, é só chamar-me, que eu ajudo com gosto, basta pedir o meu número à D. Lisete, que sei que conhece. É muito simpática, a D. Lisete, disse ele. Ainda há dias me pediu para lhe trazer umas raspadinhas de São Bento e, em troca, fez questão de me oferecer uns bolinhos de bacalhau. Eu, já desapossada de ímpetos irreprimíveis, concordei, acrescentei que tinha de ir, que tinha muito que fazer. Ele abriu a porta, despedimo-nos com sorrisos e desci as escadas depressa.

Embeijada, eu?

Estava deitada sobre a cama, imóvel, há uns quinze minutos, quando ouvi passos nas escadas. Instantes depois, bateram três vezes. Eu sabia quem era. Levantei-me e abri a porta à D. Lisete. Nestes casos, ainda mais do que em todos os outros, tinha respiração curta, que lhe elevava o peito a compasso, como se estivesse aos saltinhos. Quando cá vem, puxa sempre de um banquinho que tenho na cozinha e de imediato se senta, acomodando as carnes à madeira e os pulmões ao ar da casa. Só depois começa a falar. Mas não foi isso que fez naquela ocasião. Quase se engasgando com o pouco ar que aspirava, começou a falar muito depressa e aos soluços. Traduzidos os engasgos, a D. Lisete vinha saber como tinha corrido a conversa. Toda aquela exaltação não só me preocupava, não fosse ela sentir-se mal, como também me inquietava, por isso pedi-lhe que se sentasse e recompusesse. Mas, como não ouvisse, a D. Lisete insistia: mas falta-lhe a mão, ou o braço? E está maluco? Era para se suicidar? Foi então que, de modo constrangedor, me dei conta de que não reparara em nada disso e de que nada a esse propósito lhe perguntara. Não procurara saber, como seria da mais elementar e humana correção, se tinha dores, se no hospital o tratamento havia sido doloroso, nem sequer, como pedia a não menos humana curiosidade, que desgraça se tinha abatido sobre aquela mão. Envergonhadíssima, procurei disfarçar. Comecei por dizer: bom, aquilo está difícil de perceber, são muitas ligaduras... Ela de imediato me interrompeu: mas como é que ele explicou o sucedido? Aí, não resisti a mentir: bem, ele não quis falar muito disso, pôs-se a falar de outras coisas, do difícil que são para ele as tarefas domésticas... A D. Lisete voltou a interromper-me: mas o que é que ele contou do acidente, ou do crime, ou lá o que foi, rapariga? Tu conta-me, mulher de Deus, que eu há duas noites que não consigo dormir em condições, sempre a pensar nesta tragédia!

Face a isto, senti-me obrigada a contar a verdade, ainda que sem contrariar o que antes dissera. Expliquei que não se estabeleceu entre nós à-vontade suficiente para abordar essa parte da questão e que nos cingíramos a trivialidades, como o aborrecido de não poder utilizar uma mão. Ai, filha, exclamou a D. Lisete, mas onde é que tu estavas com a cabeça?! Então tens uma oportunidade dessas de desvendar um mistério tão grande e pões-te a falar do que não interessa? Balbuciei uma ou outra justificação, mas não penses, como eu pensei, que a conseguiria enrolar. Viver toda a vida numa rua com dois metros de largo não limitara a visão, ou a sageza, da D. Lisete. Ao cabo de poucos segundos, já punha as mãos na cintura e dizia: criatura de Deus, tu não me digas que o homem te fez cativa! Nesse instante, a tua amiga deve mesmo ter ficado vermelha, porque ela nem aguardou pela resposta: Maria Elisabete de Todos os Santos, tu não me enganas, tu estás embeijada pelo vizinho!

Que disparate, nem pensar, de onde é que lhe veio tal ideia, não estou nada, ora essa, não pense nisso – muita coisa disse eu, sem convicção, por certo, para tentar tirar da cabeça da D. Lisete aquela ideia, mas em vão. Por fim, inventei que tinha de ir trabalhar e convenci a D. Lisete a ir-se embora, mesmo sabendo que ela perceberia que eu iria ficar em casa. Deitei-me na cama, sem encarar de frente a descoberta que ela fizera, e pus a tocar, baixinho, no telemóvel, uma música que de pequenina me habituara a ouvir num disco da minha avó.

Ninguém precisava de saber

No correr da minha infância, vários eram os domínios em que me regia mais por regras próprias do que pelas determinadas no mundo dos adultos. Eu havia estabelecido uma espécie de legislação particular, que me permitia compensar pecadilhos e indultar-me de pecados, mediante a prática de boas ações. O que, é claro, me obrigava a calar, a aceitar e a dissimular. Seja como for, a minha terapeuta tem-me dito sempre: aos adultos o que é dos adultos e às crianças o que é das crianças. O que, neste contexto, e trocado por miúdos, quer dizer que é natural – e salutar, arrisco – eu ter criado estratégias fantasiosas para poder continuar a ser criança, quando os adultos queriam impedir-me de o ser. E eu sei, ou julgo saber, que não fecho mal a mala. Não era de mim que, nas ruelas da Sé, ou até mesmo cá no prédio, se dizia que batia mal do capacete; havia gente muito pior. Eu simplesmente procurava adaptar-me às circunstâncias, que, convenhamos, a nível familiar, desde logo, não eram as mais propícias. Aliás, há qualquer coisa em nós, os que nascemos e fomos criados cá no alto, que nos ensina a sobreviver. Lembro-me de imediato do altar de prata da catedral, que se diz ter sido caído por um velho sacristão, para não chamar a atenção das invasoras tropas napoleónicas, dando-lhes a entender ser um vulgar retábulo de gesso. Mais de meia tonelada de prata cinzelada terá, diz-se, escapado às pilhagens graças a esse truque engenhoso. Pois também eu escapei às invasões napoleónicas que tentaram tomar conta do meu juízo em criança.

Vendo as coisas à distância, o problema residia no facto de, naquele tempo, ainda haver muito quem por aqui acreditasse que ser diferente era ser torto e que a forma de endireitar alguém era dando-lhe pancada. A minha avó dizia-me sempre o contrário, mas assustava-se ao ver-me falar sozinha e eu não a censuro. Não sabia que era

contigo que eu falava, ou talvez soubesse, mas considerava tal diferença demasiado desconforme. E depois as vizinhas lembravam-lhe sempre o exemplo do limoeiro, aquele para junto do qual tu e eu íamos brincar. Elas e a minha avó garantiam que, durante anos e anos, aquela árvore não dera limões. Até que alguém, conhecedor das artes do campo e dos mistérios da Natureza, empunhou um pau grosso e com ele lhe deu pancada no tronco. Bem sei que parece estranho, mas os mais antigos garantem que é mesmo assim que se faz. Que é preciso massacrar. Que a árvore preguiçosa precisa de pancada. Antes, já lhe tinham enfiado pregos, como também é prática, mas sem sucesso. Acontece que, depois da tarefa, a árvore castigada desatou a dar limões. Recordo-me de os roubarmos, de os cortarmos e de lhes sorvermos o sumo, que, mesmo sendo ácido, nos satisfazia como uma guloseima, só pelo facto de advir de algo que estava pendurado numa árvore, ao nosso alcance. E lembro-me de ver mulheres, incluindo a minha avó, encherem com eles cestas de junça e bacias de plástico. Por conta destes exemplos, de tempos a tempos, ela levava-me a passar períodos no Bairro do Cruzinho, onde me renovavam as torturas rituais de forma profilática, não fosse o Diabo capturar-me e instalar-se em mim. Ela não sabia que, graças ao teu exemplo de força e ao teu incentivo, eu estava decidida a que continuasses comigo. Mesmo que tivesse de passar a fazer disso absoluto segredo. E, na verdade, ninguém precisava de saber.

Não contei tudo

No começo deste texto, não contei tudo. Quando me referi à compra do caixão em que agora escrevo, em posição – como tu dirias – de enorme conforto, só referi um dos motivos. Não tinha vontade de começar somente com desgraças, isso inquietava-me, por isso guardei a outra razão para mais tarde. Não a esconderia de ti, claro. Nunca. Aguardava somente o momento certo – e senti há pouco que ele havia chegado.

A campainha tocou

Certo dia, a campainha tocou. Quando isso acontece, a casa estremece toda, as loiças e os copos sobressaltam-se dentro dos armários e eu também. É uma daquelas campainhas que tocam como um telefone antigo. Até a minha avó a conseguia ouvir. Lá em baixo, certamente com o dedo indicador, alguém premira o botão, pelo que havia que ir à janela, para ver quem era. Eu tinha acabado de chegar a casa, era quase hora de jantar e a penumbra pousava sobre a Sé. Não se ouvia barulho. Um sujeito de fatinho esperava junto à porta, mas virado de lado, fitando o resto da rua. O que faria ele no morro da Pena Ventosa, o nosso monte dos vendavais? Atirei janela abaixo um boa noite, para ele perceber que aquilo não eram horas de vender ligações à internet, colchões, ou a palavra do Senhor. O fulano, todo engravatado e muito penteadinho, apontou o rosto para cima e, sem dizer água vai, disse: é para ver o imóvel. Devo ter arregalado os olhos. Começávamos mal. Nem boa tarde, nem boa noite? Perante tamanha falta de educação, não havia dúvidas de que a ditosa criatura se sentia superior à grei da Sé. Grande erro. Desculpe, mas está a falar de quê? O homem respondeu de imediato: sou representante do novo proprietário deste imóvel, que me solicitou que o visitasse. E depois acrescentou: sou advogado. Naquele instante, vestindo uma farda com tiras amarelo-fluorescentes, passou um homem com uma pequena carripana de duas rodas, que quando a parava não dava descanso à vassoura, e apeteceu-me pedir-lhe que varresse dali para fora aquele charlatão. Aquele parolo, azeiteiro, morcão! E imaginava já o email que aquele betinho enviaria aos seus clientes investidores: imóvel inserido em aglomerado habitacional de geometria rigorosa, ainda que variável em altura, constituído por vários exemplares das populares casas altas e esguias do Porto, de cores diversas, oferecendo-se aos postais e às fotografias dos viajantes do futuro, sobretudo vistas a

partir de Gaia, ou das pontes, patenteia condições para oferecer elevada rentabilidade. Talvez acrescentasse ainda, na eventualidade de os investidores serem estrangeiros, tratar-se de uma cidade em socacos, na ponta dos quais se debruçam e acotovelam estes edifícios típicos, como se tivessem vontade de mergulhar no rio e de nadar até à foz. Como eu não respondesse de imediato, o tipo insistiu, facto que me irritou ainda mais: sou advogado dos futuros proprietários... dos novos proprietários. Eu não me atemorizei e, fazendo uso do que aprendi com a minha avó, que felizmente estava já bastante surda, disse-lhe: eu ouvi, não precisa de repetir. Aqui na Sé, tomamos o tempo que for necessário para responder, mas nunca deixamos ninguém sem resposta. E por isso saiba que à minha avó, enquanto inquilina de várias décadas, ninguém a informou da mudança de proprietário da casa dela, também ninguém lhe perguntou se poderia vir cá alguém visitá-la e, por isso, vamos agorinha mesmo começar a jantar. Se o senhor doutor não se importar de aguardar que terminemos, e uma vez que aqui na Sé, como já disse, somos todos gente bem-educada, podemos recebê-lo a seguir, apesar de já ser noite. Para não ficar demasiado tempo sentado à soleira, até porque a minha avó é idosa e come devagar, e o senhor doutor não há de querer engelhar o seu fato, há aí vários sítios onde pode esperar e beber um gin tónico, ou talvez prefira um Aperol. O homem não disse nada e, portanto, agradei, despedi-me com um até já, pedi licença e fechei a janela. Toda eu tremia. Nunca tinha feito uma coisa daquelas. Estava, simultaneamente, orgulhosa por o ter posto no lugar e nervosa, com medo de ter exagerado. Pouco depois, com a minha avó perguntando quem era, a partir do quarto, a campainha tocou de novo e eu irritei-me outra vez, preparando-me para atacar com ferocidade. Quem é que o tipo pensava que era? A campainha tocou novamente, agora de forma mais prolongada. E, antes que eu pudesse chegar à janela, tocou mais uma vez, mas de modo breve.

Na rua, impaciente, esperando a abertura da porta, não estava o Dr. Penteadinho, mas a D. Lisete, que logo se pôs a subir a escadaria até ao piso mais alto do imóvel. Ofegando como um cão, mas sem a língua de fora, também não disse boa tarde, nem boa noite, mas no caso dela isso tinha perdão. Respirando com dificuldade, disse: eu

ouvi tudo, eu ouvi tudo, toda a gente ouviu, respondeste-lhe como deve ser, Beta! E, depois de inspirar profundamente, enquanto puxava o banquito do costume, acrescentou, pegando-me nas mãos frias e trémulas: estou muito orgulhosa de ti, meu amorzinho. Depois, ergueu-se e deu-me um abraço: anda comer lá a casa, acabei de fritar uns rissoizinhos. Expliquei-lhe que ainda não tinha dado de jantar à minha avó e lembrei-lhe que tinha dito ao morcão que ia jantar, pelo que não poderia agora sair e correr o risco de me cruzar com ele. É verdade, respondeu a D. Lisete, acrescentando a seguir: então espera aí. Desceu à rua e, minutos depois, assomou novamente ao cimo das escadas, com a dificuldade costumeira, carregando nas mãos um prato tão antigo como eu, com um guardanapo aberto por cima, para manter a temperatura dos rissóis. Enquanto eu dava de comer à minha avó, a D. Lisete esteve em silêncio, recuperando o fôlego. De seguida, ficámos à conversa, temendo ambas o futuro, enquanto eu comia os rissóis de carne e os elogiava, porque eram de facto deliciosos. Logo de seguida, ela voltou para casa, despedindo-se em voz muito alta da minha avó, que não percebia nada, e prometendo aparecer mais tarde: sabes que estas subidas todas são más para as minhas pernas e para o meu coração, mas enrijecem-me as carnes.

Meia hora depois, pus-me de atalaia à janela, em busca do Dr. Penteadinho, e não vi ninguém. Fiz o mesmo quarenta e cinco minutos mais tarde, já depois de ter tratado da higiene da minha avó, que começou nesse dia a ter uma febre preocupante, cuja origem o médico não descortinava, e assumi que o homem tinha entendido o recado.

Uma carta chegou

Pouco mais de uma semana depois, assinada pelo excelso Dr. João da Costa e Silva, chegou uma carta. O advogado solicitava à minha excelência que me dignasse a abrir a porta ao abaixo-assinado, representante legal do novo proprietário do prédio, indigitado para aferir o estado de conservação do mesmo, e que se despedia com os mais respeitosos cumprimentos. Pelo meio, propunha quatro datas, em duas semanas distintas, pedindo-me que o contactasse através de determinado número de telefone, a fim de indicar qual a mais conveniente para mim, coisa que fiz seis ou sete dias depois, através de mensagem escrita, mostrando-me disponível para o receber na última das datas propostas.

Entretanto, pus-me à procura na internet e, nas redes sociais, num espaço a que chamaram Direito à Cidade, encontrei um longo texto que atraiu a minha atenção. Era da autoria de uma pessoa convidada a deixar a casa em que morava. Dizia, a dado momento: falecida a anterior senhoria e disputados os despojos, os novos proprietários já mandaram advogados, que por duas vezes apareceram, sem avisar, para ver o imóvel. Adiante, acrescentava: ainda hoje, a campanha tocou, vinha alguém medir a área do imóvel, qual cangalheiro a tirar-nos as medidas em vida. E terminava assim: já não contamos só o salário que sobra ao fim do mês, para pagarmos a renda, a água e a luz, também já contamos os dias até que chegue o agente imobiliário, para mostrar o imóvel, alguém para pensar a obra a realizar no imóvel, um possível comprador do imóvel, novamente os advogados a explicarem-nos que direitos não temos em relação ao imóvel e, claro, uma carta a varrer-nos daqui para fora. O começo da história era idêntico ao episódio que eu acabara de viver e não precisava de ser dotada de grande esperteza, ou de apurada intuição, para perceber que também os episódios seguintes não seriam muito distintos.

Continuei a pesquisar e fiquei a saber que, em média, cinco famílias são despejadas por dia, no centro da cidade do Porto. A renda média na cidade era, há dois anos, de seiscentos e cinquenta euros e o salário médio de seiscentos e trinta. Nos novos contratos, o valor andar­á acima dos mil e duzentos euros por mês. E eu, que me fartava de dizer, a quem se queixava dos turistas, que aquela atividade económica era importantíssima para a cidade e que o turismo não pode ser uma coisa boa apenas quando somos nós a viajar, aderi facilmente a várias coisas que li. Gente com vontade de proteger a vida que tinha, e a de outros mais, alega que uma cidade não pode ser saudável se girar apenas em torno de lucro fácil, trazido por quem vem por uns dias, enquanto despreza quem toda a vida nela esteve. Usam máximas como: a nossa cidade não pode ser só para alguns, tem de ser para todos.

Ao ler tudo aquilo, fui-me sentindo cada vez mais inquieta. Que raio, mas agora iam tirar-nos dali? Eu sabia que isso tinha acontecido com vários vizinhos, mas, até nos baterem à porta, achamos sempre que as más notícias só chegam às casas dos outros. Senti-me revoltada. A minha avó era idosa, a lei deveria protegê-la. Pus-me a imaginar os turistas que normalmente conduzo pela cidade, vendo-me com eles ao meu redor, como de costume, mas proferindo um discurso em tudo diferente do habitual. Perguntava-lhes: mas porque é que vocês hão de querer ficar alojados aqui? Ou de comprar cá segundas habitações? Todos em cima uns dos outros, com confusão, com poluição, talvez até com assaltos. Não será melhor encararem o centro como uma zona de fruição, onde devem morar os locais, que gerem os restaurantes e cafés a que vocês gostam de ir provar as nossas iguarias, e depois ficarem alojados em hotéis criados de raiz, com todo o espaço e comodidades, um bocadinho fora desse mesmo centro, ou investirem em casas melhores, como aquelas a que vocês estão habituados nos vossos países, com espaços exteriores e até piscinas, mas em zonas tranquilas da periferia? Passei o dia a remoer. O que seria de mim e da minha avó? Eu não poderia permitir que a pusessem fora de casa, mas era-me impossível não encarar o surgimento daquele Dr. Penteadinho como o atirar dela para a cova.

O chão tremeu

No dia e à hora marcados, o Dr. Penteadinho não se demorou muito. Depois de chegar ao patamar do nosso andar, estacou e fez um ligeiro meneio com a cabeça, colocando naquele cumprimento toda a solenidade que a mais extrema das presunções pode encenar. Não se olhou de soslaio ao espelho, apenas por não haver ali nenhum, mas tê-lo-ia feito, por certo, se este encontro se tivesse dado na rua e os seus olhos de narciso pudessem recorrer a uma montra de uma loja, ao vidro de um automóvel, ou a uma pocita de água, em que uma pomba ou um pardal bebericasse. Com o olhar, indicou que iria entrar, pedindo licença sem pedir, e eu fiquei com a clara impressão de que ele evitava falar, para não correr o risco de encetar diálogo com a bruta que o recebera à janela e que, claro está, era eu. Se tinha medo, tanto melhor, pensei. De seguida, ergueu o telemóvel e voltou a olhar-me, dando a entender que iria fotografar, mas dessa feita perguntou: não se importa? Eu respondi que não, mas de imediato me arrependi. As regras mais elementares da boa educação têm o condão de permitir que os outros façam coisas que, se não as usássemos, não fariam. E eu, admito, sou muito sensível à cortesia, posto que, apesar de não gostar nada da ideia de ver a minha casa fotografada por aquele fulano, o autorizei a fazê-lo, e, mesmo tendo-me arrependido no segundo seguinte, não fui capaz de voltar atrás e de lhe indicar que tinha mudado de ideias.

Em todo o caso, recuperei algum discernimento e confiança logo a seguir e fiz questão de lhe mostrar a minha avó, acamada e velha, a quase nonagenária que ele e os seus comparsas queriam pôr dali para fora. Quando viu dois vultos – ela já não via bem, por causa das cataratas – entrarem-lhe no quarto, ela perguntou: quem está aí? Naquele momento, olhei para o Dr. Penteadinho e, piscando-lhe o olho, compeli-o a aceitar a pequena humilhação que se seguiria,

justificada pela tácita necessidade de não permitir que aquela senhora percebesse o que se estava a passar. Respondi: é o eletricista, avó, vem compor a luz da cozinha e está só a ver se é preciso mais alguma coisa. O senhor Alfredo? Não, avó, o senhor Alfredo já morreu há três anos. Boa tarde, senhor Alfredo, como vai essa saúde? Perdoe-me por estar a ver-me nestes preparos, mas ainda não me levantei para ir à missa. Avó, este não é o senhor Alfredo, o senhor Alfredo já morreu! Morreu? Morreu agora, filha, ainda há dias o vi quando fui ao pão. Avó, o senhor tem de ir embora, conversam melhor noutra ocasião. Está bem, filha, está bem, mas, olhe, senhor Alfredo, mande cumprimentos à sua esposa e diga-lhe que lhe desejo um santo Natal. Aumentei ainda mais o volume do televisor da minha avó, para me certificar de que, mesmo quase surda, ela não ouviria nada que o sujeito pudesse dizer, e saí do quarto.

O Dr. Penteadinho virava o telemóvel para um lado, a seguir para outro, um passo à frente, dois atrás, apontava às janelas, depois à cozinha, quase sem pousar os olhos no visor. Fotografava tudo de forma tão displicente, com tanto desprezo pelo que ali encontrara (e que, velho ou não, era a nossa casa), que comecei a ficar enervada. A casa é velha, mas não é mais velho o mundo e ainda cá está?, perguntava-me retoricamente a minha avó quando, em criança, eu me queixava da casa em que vivíamos. Apeteceu-me dizer-lhe isso, mas não fazia sentido, porque ele não tinha feito qualquer comentário. No entanto, o desprezo estava bem evidente no olhar que atirava aos móveis e objetos neles pousados, às paredes e aos tetos, bem como no brilho dos sapatos com que pisava o nosso chão, no aprumo do fato que vestia, no barbeado impecável e no excesso de perfume que estava a deixar no ar que era o nosso. Senti-me verdadeiramente irritada e revoltada, mas fiz os possíveis por acalmar-me, porque ele dava mostras de querer ir embora, até que perguntou se não havia um sótão. Eu disse que sim e indiquei-lhe o acesso, antecipando o gozo que sentiria ao vê-lo encher-se de pó e de teias de aranha. Mas, de súbito, ao vê-lo entrar no refúgio secreto da minha infância, ao sentir o mais impoluto dos espaços daquela casa ser invadido por tudo o que de mau aquele homem legal, convicta, desdenhosa e moralmente representava, começou a emergir em mim uma raiva aguda. E, quando

ele se ergueu entre toda a tralha que o sótão escondia – memórias da nossa vida, uma boneca minha, um chapéu da minha mãe, o velho transistor do meu pai, carpetes descoloridas, um jogo de copos que serviu as nossas bocas nos anos oitenta e noventa – e abriu a estreita claraboia através da qual acedíamos ao telhado e à melhor vista de todo o sempre, um calor tão veemente, um fervor sanguíneo tal tomou conta de mim, que não fui capaz de me segurar. E, sem que alguns minutos antes nada o fizesse prever, mas detonando tudo o que aconteceu nas semanas anteriores, saquei de uma pistola adormecida no coldre e desatei a disparar. Disse-lhe, aos berros: agora já chega, já chega, já chega! Andor, violeta! O homem encolheu-se e eu prossegui: ponha-se imediatamente daqui para fora, desapareça-me daqui, antes que – e juro que não me reconheço no que disse de seguida – eu lhe mostre o que é ter pelo na venta e lhe enfie com este candeeiro nas fuças, seu betinho, seu totó, seu lambido, seu cabrão, seu paneleiro do caralho, seu monte de merda, seu grandessíssimo filho da puta!

Quando acabei este bonito discurso, o homem já corria escada abaixo e quero crer que não terá escutado bem os últimos insultos. Não me orgulho de nada do que disse, como é evidente. Envergonho-me até bastante e não nego que receei muito que ele me processasse, coisa que não veio a suceder, felizmente, e que nos dificultasse muito a vida, como forma de retaliação por tudo o que lhe disse, coisa que também não veio a acontecer, por motivos óbvios e que adiante apresentarei. Certo é que tudo aquilo tinha feito estremecer com tal violência o meu chão, que hoje tendo a perdoar-me. A ideia de deixar de morar ali era quase tão dolorosa como antever a morte da minha avó. Restava saber se ela ainda iria partir ali, ou noutro lado qualquer. Ou, pior ainda, durante a mudança para outra casa, de tristeza, por se ver obrigada a despedir-se do mundo dela, quando nele contava adormecer pela última vez.

São Belarmino

Na parede do prédio, uma placa informava: Dr. Belarmino Melo. E logo abaixo: advogado. O Dr. Belarmino era advogado, toda a gente sabia, e a placa não enganava. Mas também era santo. Pelo menos, era o que se dizia: o homem é um santo. Não um desses de pôr num altar, como é evidente. O Dr. Belarmino, cuja filha mergulhou no Douro em 1968 e nunca mais apareceu, era um santo de carne e osso, um santo que fumava cachimbo. Ser santo, sei-o hoje, não é ser infalível, é ser muito bom e viver para fazer o bem, para fazer bem aos outros.

Comecei a perceber que o Dr. Belarmino era santo, ainda miúda, num dia em que estava no escritório dele, para onde ia por vezes fazer desenhos e abusar da paciência infinita que ele tinha para comigo. Nesse dia, o telefone tocou e ele tinha ido ao quarto de banho, mas, quando ouviu a campainha tremente do telefone, gritou lá de dentro: atende, minha filha. Sem saber ao certo o que fazer, achei por bem forçar uma voz grave que pudesse parecer a do Dr. Belarmino e dizer: estou sim. Tu, por certo, dirias que eu parecia estar a tentar imitar o Paulo Gonzo, mas, do lado de lá, uma voz de mulher apressou-se a dizer: Sr. Dr. Belarmino, o senhor não me conhece e eu também não o conheço, mas quero dizer-lhe que gosto de si quase tanto quanto gosto do meu filho. E, como não ouvisse nada em resposta, dado que eu não queria arriscar ser apanhada a fazer-me passar por ele, prossegui: Sr. Dr. Belarmino, estou a telefonar-lhe para lhe agradecer. Muito obrigada pelo que fez pelo meu filho. E desligou. Quando o Dr. Belarmino regressou e lhe relatei o sucedido, ele disse: sabes, é uma escolha nossa irmos por um caminho ou por outro; ambos têm consequências, mas umas são melhores do que as outras; esse telefonema que atendeste é um exemplo de uma das melhores coisas que o trabalho de advogado pode oferecer, a noção de que se ajudou alguém em apuros, a consciência de que é possível e muito

gratificante fazer algo pelo outro.

Uma coisa, já se sabe, é ouvir dizer que alguém é assim ou assado. Sendo-se criança, é-se dono – ou vítima – de uma grande permeabilidade ao que se ouve, mas nem isso destitui quem está no começo da vida de experienciar outra coisa, em absoluto diversa, e muito mais esclarecedora, que é constatar que esse alguém é assim ou assado com os próprios sentidos. Ao somar a evidência oferecida por aquela experiência telefônica àquilo em que, com pueril credulidade, eu já cria, o meu espírito fez levitar o corpo magro do Dr. Belarmino, sempre a dançar dentro do fato preto de viúvo, e – pairando sobre o casario – foi pousá-lo no topo do já referido altar de prata da catedral, que, para o homenagear, deveria ser de ouro. Desenvolvi por ele uma afeição tal, que o tomei, como de resto muita gente da Sé fazia, por conselheiro para o resto da vida. Se ele não ganhar o Céu, a vida não o merece. E quando, lá no fundo, a terra e os bichos lhe tentarem comer a pele, a carne pouca e a ossatura frágil, verão que tem sabor doce.

Eram heurísticas, as aulas oferecidas pelo Dr. Belarmino. Ele sabia suscitar a minha curiosidade. Referia-se, de modo aparentemente desinteressado, a determinadas personagens, ou acontecimentos históricos, e depois nada mais dizia sobre eles, mudava de assunto. Quando eu lhe pedia que me contasse mais, ou o que acontecera a seguir, ele indicava-me as estantes e os livros nos quais eu poderia encontrar todas as informações que nos eram disponibilizadas pela História, que considerava a verdadeira ciência da memória. Foi assim que me levou a descobrir que, na Cadeia da Relação, fizeram amizade o grande Camilo Castelo Branco, detido durante um ano por crime de adultério, e alguém à época não menos famoso, mas noutra arte, o salteador Zé do Telhado. E estou em crer que esta informação, que muita serventia haveria de ter para mim, pelos pormenores com que me foi oferecida, no exercer da profissão que veio a ser a minha, permitia descortinar muito do feitio do fleumático Dr. Belarmino, um homem que, logo desde a aurora, se dedicava aos casos que lhe davam sustento e, à tarde, recebia pobres e menos pobres, conhecidos e desconhecidos, gente que o procurava para pedir aconselhamento jurídico, e por vezes de outros foros, quase sempre sem pagar, senão

com garrafas de vinho, ou de whisky, bacalhaus e bolas de carne, rissóis, croquetes e cestas de fruta. Por isto e por tudo o que me ligava a ele, decidi ir expor-lhe o caso e pedir-lhe auxílio. Ia ainda chorosa, mas menos do que nas noites anteriores. Ia ainda abalada da gritaria, mas menos do que nos dias precedentes. A minha avó, felizmente, nada ouvira. Nem do desaforo que protagonizei no sótão, nem do meu choro convulso durante toda aquela noite.

O Dr. Belarmino já pouco saía. Mantinha contacto com os vivos por telefone e com os mortos através da memória, que ainda não lhe falhava, e da imaginação, tão fértil agora como na juventude. Tanto revivia momentos antigos, como, explicou-me, criava outros nunca ocorridos e até diálogos com quem partiu, como se ali estivesse.

Era um homem de estilo antigo, que quando falava parecia estar a ler. Eu ouvia-o assim, quase a soletrar as palavras, e imaginava-lhe a caligrafia muito desenhadinha, incapaz de partir um prato, e – perante ti admito-o – as cuecas brancas, encimando umas pernas que de certeza nunca apanharam sol. Queixava-se de ter perdido os amigos para a morte. E dizia coisas que me punham a pensar, como: alguns morreram sem saber, o que me parece indecente. Depois da minha saída da Sé, passei a visitá-lo a espaços. Encontrava-o diferente, empurrando arduamente os lábios com as palavras para me contar que começava a raciocinar, mas as ideias não prosperavam, morriam como que de asfixia. Instantes depois, dava por ele a pensar em nada, já sequer sem noção da ideia que segundos antes tivera. Era de desesperar e só não desesperava, porque não tinha energias para isso, lamentava. Caía-lhe então em cima um desânimo pesado, o mesmo com que o fui encontrando, na casa onde morava, no começo da Rua de São Sebastião, com a Torre Medieval e a catedral mirando-o de cima, em jeito que me parecia de despedida.

Aguardar, pacientemente

Quando o procurei, para minha grande fortuna, o Dr. Belarmino ainda não estava abatido como acabei de o mostrar. Contei-lhe os dois episódios com o colega dele e fi-lo, enquanto ele cachimbava, sem omitir nem diminuir a intensidade dos impropérios com que o distinguira. No final, ele ofereceu-me aquele olhar de ternura, que eu conhecia desde a infância, e manteve-se em silêncio por alguns instantes, que me pareceram ter a duração de uma missa de domingo. Temendo o sermão, antecipei-me: eu sei, eu sei que não deveria ter feito aquilo, mas saiu-me, não fui capaz de me controlar, estava fora de mim. Ele semicerrou as pálpebras e, mesmo sem revelar os dentes, sorriu com franqueza, para depois dizer, com a voz grave de fumador, sempre bem colocada: minha querida, não vieste aqui para seres julgada, nem um advogado é um juiz; de mais a mais, sou teu amigo, sou amigo da tua avó, e quero o melhor para vocês; não precisas que te diga, como amigo, o que penso da tua exaltação, porque tu própria por certo já fizeste uma análise mais completa e profunda do que aquela que eu seria capaz de fazer, mas talvez possa acrescentar, com algum préstimo para o assunto que agora aqui inauguramos, que o sangue só ferve quando o coração sente e que tê-lo funcional nunca fez mal a ninguém, muito pelo contrário. Quero com isto sublinhar que fico feliz por saber-te disposta a defenderes, com a tenacidade que a juventude te dá e com o afinco que o amor merece e exige, os vossos direitos e a dignidade da tua avó. Posto este introito, asseguro-te que já tenho tratado de muitos casos como o que temes que seja o vosso.

Confesso que me comovi ao ouvir estas palavras – esta alocução de cariz humano, como ele talvez se lhes referisse – do Dr. Belarmino, o advogado dos pobres. Por isso as quis partilhar, mas poupo-te a algumas delongas sem as quais podes passar muito bem, sobretudo as de domínio aborrecidamente jurídico, e sintetizo algumas das coisas

que ele me disse, de acordo com o que minha memória reteve (para a próxima, levo um bloco de notas): desde logo, dado que a casa está arrendada há bem mais de dois anos, a tua avó tem direito de preferência. É evidente que não será fácil para vocês exercerem-no e é evidente também que pode dar-se o caso, altamente improvável, de os senhores pretenderem a casa para habitação própria, ou de descendentes em primeiro grau. Em circunstâncias como essa, a lei dá-lhes a possibilidade de denúncia do contrato, o que – convenhamos – faz algum sentido. Eu assenti, baixando um pouco a cabeça e semicerrando os olhos. De todo o modo, uma vez que a tua avó tem mais de sessenta e cinco anos, só vos poderiam despejar caso tencionassem fazer uma obra profunda na casa e teriam não só de vos indemnizar, mas também de vos realojar em habitação com grau de conservação médio ou superior por um período não inferior a dois anos. Mas só se o contrato estiver abrangido pelo Novo Regime de Arrendamento Urbano. Teremos de o estudar, mas eu arriscaria que, provavelmente, nem no antigo Regime de Arrendamento Urbano se encontra enquadrado. Portanto, não há apenas um cenário possível, pelo que devemos estudar o contrato e, em paralelo, aguardar pacientemente – e sublinhou com a voz a palavra pacientemente – por novidades. De seguida, expeliu uma grande nuvem de fumaça e explicou-me que o mais certo era recebermos uma nova carta e que deveríamos aguardar para ficarmos a conhecer o respetivo teor, sem conjecturarmos em demasia, isto é, mantendo a calma que ele a toda a hora defendia e praticava.

Uma ilha no Porto

Talvez te perguntes também pel'O-da-Pastinha. A esse propósito, encontrei, no telemóvel, umas notas que não transcrevi para este caderno. Faça-o agora, organizando-as e desenvolvendo-as. Servirão para um ponto de situação.

Depois da minha ida a casa dele, O-da-Pastinha nunca me procurou. Nem sequer o tenho visto. A D. Lisete diz que já viu compras serem-lhe entregues em casa. Hoje, enquanto me perguntava se o supermercado também entregava raspadinhas, pôs-se a procurar no telemóvel e nos papeizinhos que guardava no porta-moedas e, ao contrário do que eu pensava, não tem o número de telefone dele. Desculpa, filha, sei que te fazia jeito, mas eu vou ali bater-lhe à porta. Não, não, não! Não faça isso, D. Lisete. Expliquei que não queria incomodá-lo de novo. Seria uma intromissão desagradável. Estará por certo de baixa, mas, seja como for, a clausura a que se tem votado preocupa-me. Por isso, antes de jantar, com negrume já a ameaçar a rua, e estranhando o sentir de algum entusiasmo, como se algo de meu regressasse a mim própria, uma espécie de romantismo desaparecido, decidi deixar-lhe um bilhete na caixa de correio. Também parece ter-me corrido nas veias uma certa coragem (não gozes). Escrevi assim: como disse há dias, se precisar de ajuda para alguma coisa, a tradição da Sé diz que se pode contar com os vizinhos e eu estou no 4.º andar do número 42. Acrescentei-lhe um smile no final e assinei B.

Agora, ao escrever isto, constato que não sei por que raio não pus o meu número de telefone. Enfim, vamos ver o que acontece. Hoje, cheguei a casa muito cansada. Nem sei bem por que motivo decidi fazer tal coisa, talvez tenha sido o cansaço a tombar os filtros que normalmente se interpõem entre o meu querer e o que de verdade faço. Passei a manhã com um grupo, na Batalha, a falar de um edifício erguido – no local onde antes havia um chafariz e uma imponente

muralha, aquela a que chamamos Fernandina – com pedras da própria muralha. É verdade. Falo do Teatro Nacional São João, outrora Real Teatro de São João, e nascido em 1798, de acordo com o projetado pelo italiano Vicente Mazzoneschi, mas reconfigurado, depois do incêndio que o destruiu em 1908, por Marques da Silva, no alto daquele morro pelo qual noutro tempo corria o riacho de Nossa Senhora da Batalha, vindo do Campo de Mijavelhas, atual Campo 24 de Agosto, onde há – no subsolo, longe dos nossos olhares – uma nascente vigorosa. De rios subterrâneos, pela manhã, passei, de tarde, para o mar à vista. Levei outro grupo até à Foz, para, com o Atlântico defronte, cumprir o prometido dois dias antes: mostrar-lhes uma ilha de verdade, não um desses conjuntos de casas modestas, apertadas em terrenos estreitos, entre prédios e quintais, que já antes lhes dera a conhecer. Neste caso, prometi – e cumpri – mostrar-lhes uma ilha a sério, uma verdade tão sólida e evidente que não vem nos guias turísticos. Trata-se do Gilreu, um rochedo ao qual alguns chamam ilha da Foz e que é, de facto, a única ilha marítima da cidade. E, se é do Porto, como poderia não ser de granito? Há quem conte que, em décadas passadas, estrangeiras loiras iam até lá a nado (são duzentos ou trezentos metros, que estas turistas nórdicas venciam sem dificuldade, com os seus braços e pernas longos, ou por vezes a pé, na maré-baixa), para fazerem topless sem serem incomodadas quer pelos olhares de censura moralista, quer pelos de incómoda e babosa cobiça. Lembro-me do dia em que, com a água a dar-nos pela cintura, fomos até lá pela primeira vez. Triunfantes, duas crianças tímidas ascendiam a um universo ao qual não pertenciam. Ousámos e vencemos. Hoje, não me perguntes porquê, também ousei escrever um bilhetinho a’O-da-Pastinha.

Em segredo

Até àquele dia, eu não me tinha ainda apercebido em absoluto, ou com total honestidade, de que O-da-Pastinha já valia para mim algo mais do que valem as coisas que de modo vulgar me interessavam. Sucede que, mantendo a franqueza que, mesmo com algumas falhas, até aqui tenho procurado empregar, sinto-me obrigada a dizer que, mesmo involuntariamente, o meu espírito magicava até mais em torno dele do que dos dolorosos assuntos da provável perda da casa e do estado de saúde da minha avó. Vinda sabe-se lá de que céu, aquela ave ferida aparecia-me ao pequeno-almoço e eu punha-me a imaginar que coisas comeria, quais os hábitos que teria e até pequenas e eventuais manias, como tamborilar com os dedos na madeira da mesa, enquanto mastigava uma torrada e bebericava café quente, folheando o jornal com a mão que lhe sobrava. Noutros momentos, ocorria perguntar a mim mesma se ele apreciaria determinada música, que dava por mim a cantarolar, interrogava-me sobre que bandas e artistas lhe agradariam, e logo os pensamentos me fugiam para os demais – e hipotéticos – gostos dele, tanto a nível de cinema, como de livros, ou de destinos de férias. É claro que poderia ficar-me por aqui, no que toca ao resgatar d'O-da-Pastinha para os meus pensamentos, e tal paragem não feriria a verdade do texto, mas para quê omitir o mais bonito?

Já te falei da satisfação que sinto de cada vez que tomo duche. Não te disse ainda, porém, o quanto gosto de sentir o peso do cabelo sobre os ombros e as costas, quando, uma vez por semana, desligo a água por uns minutos, a fim de colocar a máscara capilar. Quando a água quente deixa de deslizar sobre as variações do meu corpo, enxaguo o cabelo para poder aplicar sobre ele o creme da máscara. Nessa altura, já a epiderme começou a manifestar-se contra a interrupção do duche cálido. A pouco e pouco, toda a pele se enrijece – é nos mamilos, nas

auréolas, que isso se nota mais – e todos os ínfimos pelinhos, quase brancos, se eriçam, pedindo o regresso do prazer que o calor líquido do duche oferece. Pois não seria fiel ao que efetivamente se vinha passando comigo se não contasse que fantasiava com ele no duche. Imaginava-o a entrar naquele espaço, apanhando-me desprevenida, tocando-me ao de leve na cintura, ou encostando os lábios ao meu ombro. Nesta fase, não devaneava para lá disto, mas associar os arrepios provocados pelo frio ao sobressalto que por certo me daria a mão de um homem – daquele homem – a acercar-se do meu corpo despido e húmido já era motivo bastante para toda eu me contrair, apertando as pernas uma contra a outra, e viver um brevíssimo episódio de delicado prazer.

Mas é claro que foi em confortos maiores, já caída sobre os lençóis, que redundaram aqueles meus pensamentos. As primeiras imagens que criava eram quase pueris e pouco diferentes das idealizações que vivia no começo da adolescência, em que sonhava com duas bocas entregues uma à outra, como as que se veem nos filmes. Uma vez, quando andava no sexto ano, mais ou menos na mesma altura em que apanhei piolhos e a minha avó Laurinha os matou com tanto vinagre que fiquei com aquele cheiro na cabeça durante duas semanas, copiei para um caderno a seguinte passagem, encontrada num livro antigo que me chamou a atenção na biblioteca: duas bocas húmidas, cheias e quentes. E, desde então, foi com duas bocas húmidas, cheias e quentes que passei a sonhar sempre que o romantismo dos meus pensamentos desagua nas pulsões da carne. Não falo, como já se viu, das tentações que constituíam os cozinhados da minha avó, ou as idas a restaurantes, ainda que, em criança, achasse que Deus estava à mesa, que estava nos pratos que me punham diante dos olhos, do nariz e da boca. Não sei de que modo vês tudo isto, nos dias de hoje, mas sei que a tua experiência te fará entender a minha perspetiva atual, que bendiz a mesa, mas sagra o leito. Muita coisa mudou dentro e fora de mim e, hoje, tenho a certeza de que, se Deus existe, mostrou-se-me em privado, esteve na minha cama, entre as minhas pernas. Por isso, sim, o banho é bom, é muito bom, assim como é bom deitar-me, no final, sobre a cama, de toalha na cabeça, e espalhar creme pelo corpo, sobre o qual ainda insistem em manter-se duas ou três gotas de água morna.

Ponho novamente a tocar no telemóvel a canção que me embalou no começo deste sonho vivido fora do sono, que é até mais antiga do que eu, e trauteio a letra de Tozé Brito, originalmente interpretada por Dina, mas que tenho ouvido na versão cantada por Joana Espadinha: se tu soubesses como adormeci / tantas vezes a pensar em ti / se tu soubesses como eu te sonhei / como em sonhos sonhados te amei / se tu soubesses aquilo que eu sei / que não sabes eu sei / que perdia o meu medo / de te dizer o que dizem / que digo de ti em segredo / se tu soubesses as vezes sem fim / que esperei só que olhasses para mim / se tu soubesses como eu procurava / em silêncio dizer que te amava / se tu soubesses aquilo que eu sei / que não sabes eu sei / que perdia o meu medo / de te dizer o que dizem / que digo de ti em segredo.

A carta chegou

Indiferente a devaneios passionais, a carta finalmente chegou. É impossível esquecer o sobressalto que senti quando a vi, deitada no fundo da nossa caixa de correio. Achei-a de imediato arrogante, insolente até, porque uma outra estava de pé, sem grande conforto, dentro da caixa, assim como um folheto de supermercado, acomodado na diagonal, em equilíbrio precário. Mas a tão esperada quanto temida carta do Dr. Penteadinho não se dava a desconfortos, ora essa, a insigne carta redigida pela pena dourada daquele fidalgo de cabelo esculpido deitara-se ao comprido, reclamando desde o primeiro momento um espaço que era nosso.

Havia já alguns dias que eu esperava aquela carta. Ao mesmo tempo que pensava n'O-da-Pastinha, abria a caixa de correio várias vezes, de manhã e ao fim da tarde, e procurava apanhar o carteiro, para lhe pedir que verificasse bem na bolsa se, por acaso, não havia um envelope endereçado à minha avó, ou se tinha entregado outros do mesmo remetente nas demais habitações do prédio. Vivia naquela inquietação por causa do Sr. Fonseca, um velho aspirante a janota, que nunca se limitava a cumprimentar-me. Depois dos bons-dias, revelava-me a lista de afazeres, sempre do foro da homenagem à flor mais linda de todos os jardins, da qual ficara viúvo faz agora sete anos, oito meses e vinte e dois dias, menina Beta. Vou, neste instante preciso, adquirir, fresquinhas, duas hortênsias azuis, para as colocar à entrada de casa, como a minha querida fazia todas as segundas-feiras. Ou então: não consigo deixar de comprar o pãozinho fresco à mesma hora a que a minha saudosa Rosinha todos os dias comprava. Ou ainda: se a menina soubesse a falta que me faz sentar no sofá a ouvir a minha Rosa partilhar comigo as mais profundas e as mais corriqueiras inquietações que lhe atormentavam aquele espírito tão puro... E suspirava demoradamente, olhando para o céu e juntando as mãos

sobre o peito.

O Sr. Fonseca nascera em Coimbra, mas cedo rumara a norte, e fora toda a vida empregado de escritório numa empresa produtora de Vinho do Porto. Morara primeiro em São Roque da Lameira e, mais tarde, na Sé. Era um dos poucos que ali tinham garagem, ainda que alugada, num prédio mais acima, onde enferrujava um carro coberto por um grande carapuço de plástico cinzento, e era também um mestre na arte da tautologia mais básica; empregava expressões como uma dor dolorosíssima, um sofrimento tão sofrido como os maiores sofrimentos de que há memória, ou uma de que gostei em particular: as memoriais recordações e lembranças da minha Rosinha são reminiscências de saudosa felicidade – se não era assim, era algo semelhante. Ao cruzar-se com alguém na rua, era capaz de abrandar e dizer: perdoar-me-ão vossas excelências a desagradabilíssima maçada, mas teriam, porventura, a possibilidade de gentilmente me indicar que horas são? É que ao meu relógio falta a pilha, vou agora mesmo à Rua do Almada para resolver o problema. Duas e meia? Muitíssimo agradecido pela amabilidade de vossas excelências, dama e cavalheiro sem iguais. Passem muito bem. E seguia, arrastando o pé esquerdo, até, duas ruas abaixo, fazer a mesma abordagem, ou outra semelhante, a quem passava e se mostrava na disposição de lhe dedicar uns segundos – por vezes minutos – de atenção. O que esta história tem de perverso pode contá-lo a D. Lisete: esse grande boi, que não tem outro nome, tratava a mulher abaixo de cão, abaixo de rato, como as centopeias que saem dos esgotos, e agora anda com estas cantigas? Sabe muitas modas, mas vergonha na cara é que não tem! Passava o tempo a desprezar a rapariga, a chamar-lhe néscia, imprestável e sei lá o que mais, nomes que não lembra ao diabo, e agora é só falinhas mansas, choraminguices e florzinhas. A mim, não me engana ele! Cabrão, porcalhão! Cá para mim, é pedófilo!

Aquele ser menor, incapaz de o acompanhar intelectualmente, tinha tido o desprazo de morrer, a ingrata, demitindo-se assim de um papel pelo qual deveria dar-se por muito privilegiada e feliz, isto é, escutar as mui sábias elucubrações que ele tinha a generosidade de partilhar com ela. Desta lavra, ou de outra equivalente, terão sido, imagino, os primeiros pensamentos do Sr. Fonseca depois da morte da

mulher. Se for humano, coisa de que duvido intensamente, talvez tenha tido outros, mais lamentadiços, talvez um pouquinho chorosos, ou pelo menos polvilhados com uma certa tristeza, já nem digo arrependimento, pelo qual suponho ter ele pensado, e que atrás já partilhei, por ter perdido a grande parceira de uma vida.

Eu acreditava no potencial transformador dos traumas e, portanto, durante muito tempo, pus a hipótese de a solidão provocada pelo desaparecimento da mulher lhe ter leproso o espírito perverso e de o ter posto a funcionar em sentido inverso. A D. Lisete, que dizia antes a casa cair-lhe em cima do que sair dali, achava-me demasiado ingênua e, entre outras coisas do género, dizia-me que a malícia da madeira velha não se esfumava só por se lhe pegar fogo. À conta daquilo, penso que acabei a desconfiar sempre das pessoas que aparentam ser cordatas e gentis. O meu objetivo passou a ser identificar as criaturas que imitam as pessoas cordatas e gentis, como fazia aquele homem. Mas disso poderei falar noutra altura.

O enviuvado e indecente Sr. Fonseca morava na casa ao lado, por sinal do mesmo senhorio, e foi o primeiro a receber uma daquelas cartas. Não gostava do Dr. Belarmino, que dizia ser, a nível de advocacia, e com todo o respeito, um carapau resseco, pelo que optara por ir a Gaia consultar um doutor da firma, que gostava muito dele, mas que dia após dia, ao longo daquelas semanas, quando eu lhe perguntava por notícias do advogado, não o recebia: o doutor está com muitíssimo trabalho, o que é natural, porque é um excelso jurista, mas pediu-me para lá passar amanhã, a fim de poder dar toda a atenção ao meu caso. E, no dia seguinte, lá descia ele o morro até ao rio, passava a ponte, anunciava-se com toda a galhardia na portaria da distinta firma, para duas horas depois voltar sem ter tirado a carta do bolso, a fim de o doutor a analisar. Não valia a pena eu tentar aconselhá-lo, dado que duvidava de tudo. Penso que não corria o risco de ele me chamar as coisas que chamava às outras pessoas – bécero emporcalhado, peru desdentado, flausina sem-chinelo, foguete estoireiro, filete de pescada, etc. –, mas respondia sempre com interjeições reflexivas do género: ai sim? Ou então: Sim... sim... hum... hum... E eu não estava para isso. Se eu sugeria algo que pudesse, eventualmente, ter que ver com o Dr. Belarmino, porque

aquilo era um assunto que cabia a todos e em conjunto seríamos mais fortes, ele era perentório: por caridade, menina Beta, eu também terei por certo as minhas fragilidades, embora até ao momento nenhuma se tenha evidenciado, mas o que sabe de leis esse carapau resseco?

Debaixo da amoreira

Por aquela altura, a minha avó começou, aqui e ali, a dizer coisas estranhas, autênticos galimatias: frases sem nexos, palavras bizarras, que pareciam inventadas, onomatopeias e outros tropeços involuntários. Custava até a crer em tanta e tamanha imaginação, e a situação só não se tornava engraçada, porque representava e expunha uma acelerada degenerescência. Olhava-me com surpresa, por perceber que eu não a compreendia, e isso partia-me o coração. Esvaíam-se-lhe as faculdades intelectuais; ralo abaixo já tinham ido as físicas; quanto tempo – e em que condições – lhe restava? Quanto tempo nos restava? Mentiria se não dissesse que o quadro era aflitivo. Ia a casa várias vezes ao dia e oferecia aos turistas percursos sobretudo naquela zona da cidade, para o conseguir.

Certo dia, pediu-me papel e caneta. Para anotar uns versos, disse. Nada mais surpreendente, dado que ela nunca aprendera a escrever. Depois, continuou a falar, mas de modo estranho. Disse: Suriname, pictilic (ou algo semelhante), piquenique com botas. E, por fim, começou a escrever, ou a fazer de conta que escrevia. Pelo canto do olho, vi-a escrevinhar, escrevinhar, escrevinhar e constatei o evidente: que, ao invés de poemas, anotara apenas garatujas. Mas o mais inesperado – e digno tanto do meu espanto, quanto do teu, certamente – foi ouvi-la pedir-me para entregar o poema ao amor dela. Isso mesmo. Feita a tradução, de modo um pouco livre, o que me disse terá sido qualquer coisa como: entrega isto ao meu amor e diz-lhe que aguardarei por ele debaixo da amoreira, à hora do costume. O que na verdade disse foi: entrega leite creme cintos e cheiro a brincos ao meu amor ao meu amor tititi tititi tititi e diz que a amoreira que a amoreira hora costume. Repetiu várias partes, com outras palavras e construções não muito mais esclarecedoras, mas, à força da repetição, acabei por entender o que me pedia. E pasmei, pois claro. Como não?

A minha avó não só estava convencida de que sabia escrever, como também tinha arranjado um namorado?

Como as ondas, parecia que ia e voltava

Desconheço o que, em rigor, se passava com o cérebro da minha avó naquele tempo, mas, uns dias depois daquele episódio, estranhamente, ela voltou a um discurso articulado. É facto que, aqui e ali, ele surgia afetado por falhas de memória e algumas confusões, mas, em geral, mostrava-se lógico. Para minha grande tristeza, que já alimentava a possibilidade de tudo aquilo não ter passado de um episódio único, foi sol de pouca dura. Dias depois, voltava a comunicar baralhadamente. A seguir, melhorava. Para logo depois piorar. Era uma aflição. Como as ondas, parecia que ia e voltava. Até que, aos poucos, começou a levar também os dias em silêncio.

Foi assim que, como outros idosos, a minha avó passou a viver a vida pequena que era a dela. Restava-lhe uma cama, depois da vida grande que vivera, mas que sei que não foi – nunca é – grande o bastante, para não chegar à parte final com pena de ser já pouco o que resta. É nisto que acredito e quero acreditar.

Um fio de vida em extinção

Nos dias de mau tempo, ouvia-se um uivo agudo pela janela. A minha avó dizia que era o canto das bruxas. Quando percebi que era o vento, ela explicou-me que era o canto das bruxas a ser trazido pelo vento. Perguntei-lhe se as bruxas estavam perto ou longe e ela disse-me que estavam para lá de Matosinhos. Eu não tinha noção da distância, mas pareceu-me que seria longe, por isso, de certa forma, perdi parte do medo, achando que não estávamos no encalço delas, mas isso foi antes de descobrir que as bruxas sabiam voar, porque, mais tarde, a minha avó explicou-me que as bruxas voavam, à noite, montadas em vassouras. E eu tive a certeza de que o que ela dizia era verdade ao ver uma, de roupas velhas, verrugas na cara e cabelos despenteados, subir até à Lua cheia, num livro de banda desenhada.

Mais tarde, sabia que a noite ia funda, quando ouvia o que sempre se ouve naqueles momentos em que escureceu há tantas horas quantas faltam para amanhecer. Ela impunha-se a tudo e fazia-o ao arrepio da serenidade que se acredita trazer. O que de verdade transportava eram assustadores sons inaudíveis quando se fingia em silêncio, e muitos outros, arrepiantes de tão reais, como quando pelas janelas entrava um ar que se ouvia zunir e crocitar. Nas intermináveis, húmidas e geladas noites de inverno da cidade do Porto, punha-se sempre o vento a assobiar por entre as telhas e não era raro eu acordar com o terrível chamamento dos alcaravões, que por alguma razão gostavam de subir o rio e vir aterrar nos telhados da Sé. Respondia-lhe um ou outro cão mais destemido, já que os demais por certo se escondiam nas casotas, em certa medida como eu, que cobria a cabeça com a roupa da cama, encolhia-me ainda mais, apertava as pernas uma contra a outra e abraçava a almofada, desejando que o sono voltasse depressa e que o inverno se enganasse e partisse mais cedo. Ao ver-me lamurienta, muito farta de chuva e frio, a minha avó dizia: parece-me

que vi o inverno ali para os lados de São Bento, deve ir comprar o bilhete, para se ir embora. Eu estava no fim da infância e aquilo dava-me alento. E, mesmo já adolescente, gostava de sentir a esperança que nascia em mim quando ela o referia. Se acaso nesse dia, ou nos seguintes, algum raiozito de sol rompesse por entre as nuvens, ela não perdia a oportunidade de voltar a animar-me: vês como parece que já se foi embora?

Mas, naquela altura, nem o inverno, nem a noite, tinham partido. Estavam ambos ali, a gelar-me o corpo e o coração, que estremecia de cada vez que ouvia aqueles passarocos e, logo de seguida, o respirar assobiado – muito fininho – da minha avó. Lembro-me de que me levantei, gelada, enrolei no robe e fui espreitá-la. Como se fosse um desígnio, deixei-me estar ali, por uns minutos, para me certificar de que estava bem. Dei então por mim a sentir o indizível, porque o silêncio e a noite desocultam muita coisa, mas não dão sentido nem forma a tudo. E o que eu sentia, no meio de tantas outras coisas que vão ficar sem expressão escrita, era uma antecipação do fim. Aquele respirar, prova de vida, era também fonte de saudade, porque já não era forte, como dantes, mas sim fraquinho, ciciado, um fio de vida em extinção.

Ansiosa pelo amanhecer, aconcheguei a roupa em torno do corpo da minha avó e regressei para a cama, lembrando-me de uma frase que ela costumava dizer: Beta, tu crês sempre no que te dizem, mas olha que a verdade mora sempre no não dito. Pois se a verdade estava no que não se dizia, talvez estivesse também naquilo em que não se consegue pensar, embora se anteveja e sinta. E isso aterrorizava-me ainda mais do que o vento e a chuva a baterem nas vidraças e do que o cantar dos alcaravões.

Cristiano

Certo dia, a minha avó chamou-me ao quarto. Ai, filha, ajuda-me a deitar-me de lado, que já não tenho posição. Quando acabava de a acomodar, puxei o edredão para cima e encostei-lho à barriga. Ela, que enfrentava uma crise severa de obstipação, queixou-se de imediato: cuidado! Eu pedi-lhe desculpa, mas não esperava o que veio a seguir: cuidado, que aleijas o bebé! A princípio, pensei que estivesse a brincar e brinquei também, enquanto lhe ajeitava o lençol: pois é, desculpa, nem me lembrei de que estás grávida. Quando me preparava para sair, a minha avó deu mostras de querer continuar a encenação e, pondo a mão sobre o ventre inchado, disse que o malvado não parava de dar pontapés. Está com vontade de vir ver o mundo, respondi. É um menino e quer ser futebolista, filha, até já lhe escolhi o nome: vai chamar-se Cristiano. Confusa com tudo aquilo, decidi deixar a conversa por ali e voltar ao que estava a fazer.

À noite, quando fui ver-lhe a fralda, perguntei, a brincar, se já tinha feito o Cristiano. A minha avó enfureceu-se subitamente: foram esses os modos que te ensinei? Isto é um bebé, não é nenhuma porcaria! Isso é maneira de falar de uma criança? Fica sabendo que já falei com o médico e ele disse para, de agora em diante, não fazer mais esforços, nem sair de casa. Foi naquela altura que comecei a ficar preocupada de verdade, temendo que a minha avó acreditasse mesmo estar grávida, ou seja, que tivesse perdido o juízo. Ela sempre gostara de bebés e crianças, mas engravidar depois dos oitenta só por obra e graça do Espírito Santo. Fosse como fosse, nem pensar em fazer pouco da situação, ou em fazer mal à sua barriga. Quando, uns dias depois, já meio esquecida daquela história, lhe falei em comprimidos para reduzir o inchaço, ela quase me batia. O sofrimento que a todo o instante sentia, fruto da obstipação, era também fonte de alegria e felicidade. Tanto se queixava de desconforto e de dores – ai, que já

estou a ver que este vai ser um parto daqueles –, como bendizia a circunstância em que acreditava encontrar-se e se punha a rezar ave-marias, segurando o rosário entre as mãos, para pedir que o menino nascesse perfeitoinho e com bom coração.

As crianças eram as pessoas favoritas da minha avó. Lembro-me bem de que se lhe quebrava a alma ao meio por eu me queixar do facto de não termos banheira, ou de dar ao dente em casa. Foi por minha causa que, apesar de dizer que aquelas casas eram umas estraga-dinheiro, investiu em janelas de alumínio, que pagou em prestações. Até então, aquecia-me leite ao lume, coava-o para retirar a nata, o coalho, misturava-lhe cacau e açúcar e servia-mo assim, bem quente, para espantar o frio. Muitos anos se passaram e parecia querer fazer o mesmo a um menino de nome Cristiano.

Águas encanadas

Com o denodo que a preocupação oferece aos espíritos encurralados, comecei então a trabalhar mais, a fazer mais um passeio diário, desafiando a minha resistência física e, em certa medida, a minha relação com o escuro, porque chegava a casa já ao anoitecer, coisa que, como sabes, nunca me agradou. Mas eu precisava de amearhar todo o dinheiro que conseguisse, porque não sabia onde iríamos morar no futuro, nem quanto é que isso nos custaria, ou se não teria de aceitar a realidade e internar a minha avó num lar. Eu não ganhava muito, a reforma dela, mesmo somada à do meu avô, que ela também recebia, era muito baixa e eu não só me informara quanto aos custos dos lares, como conhecia bem os preços das casas que sobravam para arrendamento, e mesmo para venda, na nossa zona. A maioria das casas em que, outrora, moraram famílias estava agora dividida em pequenos apartamentos funcionando em regime de alojamento local ou de arrendamento de curta e média duração. Os mesmos turistas que me davam o pão tiravam-me o teto. Estava ciente disso, embora me sobrasse pouco tempo para pensar a fundo na equação, porque, com uma bravura da qual até então não me sabia capaz, multiplicava-me pelas ruas do Porto antigo, procurando oferecer não só História, mas também histórias e mistérios, bem como o entusiasmo e a vivacidade próprios das gentes da cidade. E os clientes, abençoadamente, não paravam de chegar. Para que tudo corresse melhor, numa altura em que tudo parecia correr mal, São Pedro foi meu amigo e pôs a primavera a imitar o verão. Metro, carros e autocarros descarregavam na cidade turistas encasacados, que rápida e alegremente se desfaziam da roupa quente e enfiavam calções, T-shirts e vestidos leves, óculos de sol e bonés, prontíssimos para andarilharem pelo Porto devorando gelados e fazendo pausas estratégicas para alegremente matarem a sede com finos borbulhantes.

E se, por conta dessa circunstância, eu imaginava que o verão chegaria sem se fazer notar, o facto é que, quando chegou, ele veio ainda mais quente do que aquele que inesperada e informalmente o precedera, e vieram então também mais e mais turistas, como romeiros, encher a cidade, alguns deles encontrando-se com esta que te escreve, no morro da Pena Ventosa, claro está, colina a partir da qual o Porto se derrama, para depois comigo se atirarem à encosta que cai para o rio e calcorrearem com tenacidade e assombro as ruelas onde só a custo rompe o sol entre as casas. Pombos e gaivotas tinham aprendido a distinguir os autóctones dos viajantes e aproximavam-se destes últimos com os seus bicos mudos e olhares laterais, esperando alimento fácil. À volta das esplanadas de cafés e pastelarias, montavam cercos persistentes. Como resultado, e além de pedaços de sandes de queijo e fiambre, ou de torradas e tostas mistas, comiam mais croissants numa semana do que eu em todo o ano. Nos passeios que faço, procuro dar informações reais sobre a cidade real. Sempre que, por exemplo, passo à porta do Balcão da Bordadeira, uma casa recente, onde se servem petiscos, lembro-me da D. Piedade, que, por certo, ainda hoje, no cemitério, namora com a foto do jovem Ernesto, o marido desaparecido em combate na Guiné, logo em 1964, no princípio da guerra da independência daquele país. Estas histórias permitem contar outras, como a do colonialismo português e respetivo final, apresentar também a evolução da cidade e até tocar com cuidado o tema da gentrificação, a propósito do qual nos momentos vagos procuro, como disse, produzir alguma reflexão, vogando entre as vantagens e as desvantagens do contexto que a motiva. Uma das coisas que mais aprecio é explicar-lhes a nossa pronúncia. Chego até a contar que deu origem a uma música que é hino de toda uma região. A pronúncia do Norte é mais do que um modo de falar, é um modo de ser e incorpora várias dimensões constituintes do nosso carácter. Então, ponho-me a trocar os vês pelos bês, o ditongo ão por om e a pôr acentos nos ás, entre outras particularidades. Abrimos as vogais como abrimos o espírito, costume dizer.

É inevitável que tome muitos cafés. Anoto mentalmente coisas que oiço e às quais dou uso em inglês, francês ou espanhol. Paro entre passeios, para pedir cimbalinos – faço questão de os pedir assim, à

Porto – e readquirir forças. Quando estou com turistas, e isso se proporciona, paro no Café Porta do Olival, o mais antigo em funcionamento na cidade, desde 1853, e eles mal acreditam que lá dentro vão encontrar um pedaço da muralha medieval da cidade, entretanto demolida. Num desses dias, parei no último café antigo que sobra na Rua das Flores. Pelo caminho, mocinhas maquilhadas como as mães, e vestidas com as suas melhores roupas, ou então compradas na Zara de manhã, para serem devolvidas à tarde, fazem-se fotografar, para as redes sociais das quais aspiram viver, em frente dos mais imponentes portões de ferro, ou de madeira, no topo das escadarias mais antigas e defronte dos prédios mais charmosos, que hoje têm neles a funcionar hotéis boutique. Dois cães vadios, talvez dos últimos cães vadios da cidade, olham para elas, agitam-se, serpenteiam e ladram a toda aquela caravana. Peço um cimbolino e vejo-os agitarem-se ainda mais. São cães que, de dormirem ao sol, cheiram – suponho, enquanto beberico o café quente – a tapete e a pátio. São cães felizes, livres. Na mesa ao lado, o cliente pergunta se a musse é caseira. Há gente a acabar de almoçar e eu nem comi durante a manhã. O senhor apercebe-se de que olho para ele e diz: como sempre bacalhau, porque não tem sal nem tem doçura, por causa do colesterol e da diabetes. Eu brinco com ele e digo que, se quiser ajuda para comer a musse, pode contar comigo, mas só para lhe poupar a saúde. Ao mesmo tempo, oiço, vindo de outra mesa: ele ainda se virou ao meu sobrinho... meu sobrinho, ou irmão dele, que eu a bem dizer não sei se é meu filho ou não é. Olho de novo para fora e vejo passar dois homens abraçados. Param em frente da montra da loja que fica do outro lado da rua e beijam-se, as barbas sempre a lembrarem-lhes que são homens e que gostam de ser homens. Turistas chineses carregam sacos de compras, quase tropeçando neles.

Esta parte do Porto, que antes cheirava a esgoto e a virilha, é agora outra cidade. Por falar em esgoto, explico aos estrangeiros acalorados com os quais acabo de me encontrar à porta de um hotel desta mesma Rua das Flores, estamos no vale do rio da Vila, que surge nas primeiras referências escritas como *canallem maiorum*, ou seja, canal maior, em oposição ao canal menor, que seria o rio Frio, e que desagua no Douro mais a jusante. Sim, o Porto não tem somente o rio

Douro, adiante para espanto de todos. Para os braços do Douro, correm vários outros rios e ribeiros, desde logo estes dois. Infelizmente, e nunca consigo esconder a minha tristeza quando o digo, ambos estão aprisionados, contidos debaixo de terra, encanados, sem peixes nem rãs, longe dos olhos das gentes e das sedes de cães, gatos e pássaros. O último troço do rio da Vila que estava a descoberto foi encanado em 1875, altura em que se abriu a Rua Mouzinho da Silveira, esta em que agora estamos. Sempre que o digo, algumas pessoas olham para o chão, como se procurassem descortinar vestígios do dito rio, que nasce da fusão de dois mananciais: um, com origem na Praça do Marquês, e que alimentava hortas e tanques pelo caminho até à Praça da Ribeira, que era feito por onde hoje se encontra a Avenida dos Aliados, antiga Quinta do Laranjal, e a Praça da Liberdade, a que se chamava Campo das Hortas, e outro, vindo do alto da zona da Fontinha até ao atual Mercado do Bolhão, onde recebia as águas de mais um pequeno ribeiro, e descia até à zona da atual Estação de São Bento, pela leve rampa que é hoje a Rua de Sá da Bandeira, para aí se fundirem numa torrente que, durante muitos anos, acolhia todo o tipo de imundícies. Daí eu ter-vos falado em esgoto, remato. À medida que transmito estas informações, desenho o leito do rio no mapa do cliente que se mostrar mais interessado, com um grosso marcador azul que transporto sempre na mochila. Os turistas apreciam.

Desde sempre, os rios viabilizaram o aparecimento de povoados e, por conseguinte, de cidades. Mas um rio, quando encanado, deixa de ser esse elemento agregador das pessoas e da paisagem. Foi o que aconteceu neste caso, concretizo. Ao deixar de servir para regar hortas e encher tanques, passou a ser relegado para onde não se vê, foi retirado da paisagem. Hoje, o rio da Vila está nos bastidores da Avenida dos Aliados, da Praça da Liberdade e da Rua Mouzinho da Silveira. Mas não pensem que corre encanado num regueiro, ou numa levadazita! O rio da Vila – e, nesta altura, interrompo o que digo, para olhar todos nos olhos e só depois prosseguir – existe sem as pessoas saberem, nas profundezas de um enorme túnel, que, na sua nova configuração, chega a funcionar a 30 e a 40 metros de profundidade, ali por baixo do Largo dos Lóios. Falei em nova configuração, uma vez

que o rio tem estado a mudar de casa. Lá por baixo, está a ser desviado de um túnel constituído por paredes verticais e tetos em abóbada, de granito, e com cerca de 350 metros de comprimento, por 2,5 metros de largura e 3 de altura, para um novo túnel, de 536 metros de comprimento, por conta da construção de uma nova linha de metro, que ligará a Casa da Música a São Bento. Chamam-lhe túnel hidráulico, o que me parece algo triste e me faz ter bastante pena do rio da Vila, até porque, como disse, ele passará a correr muito mais longe das pessoas, a uma profundidade poucas vezes inferior a dezasseis ou dezassete metros (a média é de vinte e oito) e numa grande gruta com cinco ou seis metros de largura. Estes dados impressionam os turistas, mas eu também lhes explico que o assunto entristece-me verdadeiramente, uma vez que o rio da Vila, na verdade, nasceu da luta dos portuenses, no fim da Idade Média, que queriam água naquela zona da cidade. Mas só no começo do século XVII ele passou a alimentar fontes, chafarizes e lavadouros. Foi também mais ou menos nessa altura que o Manancial de Paranhos, acumulado na chamada Arca D'Água, passou a abastecer – por via de um sistema de canalização que ainda existe – fontes e chafarizes. Até então, as pessoas recorriam a minas e a fontes que não integravam sistemas de água canalizada. Poder-me-ás dizer, como por vezes alegam também alguns turistas, que, se o rio da Vila é em parte uma criação humana, para proveito das gentes de cá, é de igual modo legítimo dar-se-lhe nos dias de hoje o destino que se quiser, uma vez que já não serve para o fim inicial, mesmo que isso passe por escondê-lo em subterrâneos. Eu tenho bastantes dúvidas. Informo os viajantes de que a autarquia pretende fazer de parte do túnel um museu, no troço de Mouzinho da Silveira, e que isso de algum modo atenua a questão, dado que os deixa sedentos de regressarem ao Porto, para conhecerem esse segredo das profundezas e partilharem nas redes sociais o que ainda poucos viram. Em geral, este tema dos rios entusiasma-os e pedem-me sempre mais informações: explico-lhes que o rio da Vila, que antes até era designado como rio da Cividade, começou a ser entubado em 1765, de baixo para cima, quando se fizeram as obras que levaram à abertura da Rua de S. João, paralela à Rua dos Mercadores. Vou mostrando tudo isto no mapa. Mais tarde, quando se

abriu a Rua Mouzinho da Silveira, em 1875, deixou em absoluto de haver rio a correr a céu aberto e as águas passaram a andar debaixo dos carros e dos pés das pessoas.

Quase sempre os turistas gostam destas histórias e eu gosto de lhas transmitir. O que aqui no Porto ninguém sabe, digo, para se sentirem privilegiados por estarem a aceder a informação exclusiva, é que, na cidade, há cinquenta quilómetros de rios entubados. A soma das bacias hidrográficas de todos os rios e ribeiras do Porto perfaz sessenta e seis quilómetros, mas a urbanização do concelho foi fazendo deles esgotos e há coisas que as pessoas não querem ver – os esgotos são disso bom exemplo. Felizmente, nos últimos anos, já se percebeu que esgoto é esgoto e rio é rio, e os cursos de água do Porto têm vindo a ser despoluídos, correndo agora com tom sadio. Até se recuperou a profissão de guarda-rios e, com tudo isso, já se veem peixes, enguias, rãs e patos em alguns deles. Seja como for, digo-lhes, com eles muito atentos, à minha volta, debaixo de terra não se guarda só o que não se quer ver, mas também o que não se quer que seja visto.

Dos Ossos a Mijavelhas, da ilha do Frade à água da morte

Chegámos à Igreja de São Francisco, o único templo gótico da cidade, edifício medieval do século XIV, cuja fachada foi amputada pela construção do Palácio da Bolsa, mas que por dentro guarda um tesouro semelhante ao da Igreja de Santa Clara, ainda que com revestimentos maiores, num trabalho de talha-dourada que esbugalha os olhos de qualquer visitante. Foi remodelada no século XVIII e passou a ser, diz-se, o exemplo maior do barroco na Europa, singularidade que, passado o guarda-vento, se vê sobretudo no Retábulo da Árvore de Jessé, cheia de folhas de videira, pássaros, anjos e outras figuras. A extravagância é tal, a informação é tanta, que é quase impossível de assimilar, parece que pica os olhos. Mas aquilo que verdadeiramente surpreende toda a gente – e digo-o assim aos turistas – está debaixo dos nossos pés. Estamos já na Casa do Despacho, edifício projetado por Nicolau Nasoni, mesmo ali ao lado, parte da Ordem Terceira de São Francisco, e viemos para ver um cemitério. Confusos, os viajantes aguardam mais explicações. Antes, ainda lhes falo de Nasoni e não deixo de referir Marques da Silva, por serem, a meu ver, as duas figuras que mais transformaram a fisionomia da cidade. Mas logo volto ao assunto, para lhes acudir a curiosidade, e peço-lhes que me sigam primeiro até à Sala de Espera, à Sala de Despacho e à Sala de Sessões, ornamentada também a talha-dourada, e só depois lhes revelo que estão prestes a conhecer um cemitério catacumbal, o único cemitério subterrâneo da cidade. Descemos os degraus largos e fundos de granito, que, por estarem gastos na frente, nos inclinam os corpos para diante, parecendo querer que mergulhemos no fossário. Ali foram sepultados os irmãos membros da ordem, bem como familiares, em arcos tumulares, algumas feitas em mármore, entre 1749 e 1866, altura em que cessaram os enterros nas igrejas por proibição estatal.

Os irmãos passaram a ser enterrados no Cemitério Municipal de Agramonte, aberto anos antes, coisa que agradava pouco à Igreja, que não queria os seus mortos em cemitérios de cariz laicizante. Por esse motivo, a ordem conseguiu criar dentro dele um espaço privado, coisa já proibida à época.

O cemitério catacumbal – onde também há talha-dourada – é um conjunto de salas subterrâneas, um tanto labiríntico, de tetos abobadados, cheio de jazigos perpétuos, numerados e encimados por caveiras. Muitos turistas assustam-se, encolhem-se, caminham somente por cima das pedras, evitando as sepulturas térreas, que pavimentam o espaço. Estão numeradas e cobertas por tampas de madeira, que com frequência balouçam quando pisadas. Têm orifícios, para receberem as mãos autorizadas a abri-las. Pergunto aos turistas mais medrosos se querem experimentar, sabendo que mais depressa subiriam à Igreja para rezarem cinco mil pais-nossos e outras tantas ave-marias. Se a madeira range sob os pés deles, digo-lhes para terem cuidado, caso contrário caem num fosso cheio de esqueletos. Mentira? Não. Exagero? Bom, talvez alguma coisa, pensarás tu e os próprios viajantes. Mas só até ao momento em que chegamos ao que os Franciscanos não queriam que fosse visto. Conduzo-os até junto de uma das últimas criptas, que em vez de forrada a madeira, como as demais por cima das quais caminhámos até ali, tem um grosso vidro a permitir ver o interior. E o que se vê são pilhas de ossos, milhares de ossos humanos, muitos deles partidos. É a surpresa do ossário, uma espécie de cisterna cheia de ossos. Distinguem-se, sem dificuldade, fémures, rádios, cúbitos, costelas, dedos, crânios partidos, mandíbulas e crânios inteiros de olhos vazios apontados a nós. É o que resta dos irmãos da Ordem Terceira de São Francisco, que ali repousam, sentindo-se certamente mais protegidos e descansados do que no exposto Cemitério de Agramonte.

Deixamos aquele lugar e, à medida que vamos subindo a Rua das Taipas, falo-lhes do rio Frio, ou rio do Carregal, como era conhecido, que também não está à vista. Foi encanado quando João de Almada, também o responsável pela Rua de São João e pelo entubamento do rio da Vila, mandou construir o Hospital de Santo António. Daí em diante, passou a descer até Miragaia, sempre escondido, onde desagua

por baixo da Alfândega, transportando imundície. É, portanto, natural que tenha deixado de abastecer a Fonte das Virtudes, construída em 1619, e de longe a mais impressionante e bela da cidade. É diante dela que nos encontramos nesse momento e, propositadamente, faço uma pausa para que o grande chafariz seja fotografado e filmado. Depois, seguimos novamente a pé, cruzamos a Cordoaria e os Clérigos, beirando o Porto espremido para cima, que foi aquilo que brilhantemente Teixeira de Pascoaes chamou à torre, e, de novo em São Bento, apanhamos o Metro até à Estação da Trindade. Na curta viagem, os turistas pedem-me que lhes fale mais sobre os rios encanados e eu decido referir um bom exemplo, dado que tem havido vontade política de desentubar os rios e ribeiros da cidade e reintegrá-los na paisagem. A ribeira da Granja é o maior curso de água do Porto, atravessando-o de norte a sul, e constitui o último grande afluente da margem direita do Douro. Parece mentira, porque hoje não se vê, mas a sua bacia hidrográfica ocupa a quarta parte da superfície da cidade. No passado, fez mover dezenas de moinhos e azenhas, e alimentou energeticamente várias fábricas. Nasce no Padrão da Légua, em Matosinhos, depois junta-se, em Ramalde, a um outro ribeiro que nasce em Arca D'Água, onde Ramalho Ortigão e Antero de Quental se digladiaram em duelo de espada, a propósito da famosa Questão Coimbrã, atravessa a VCI e chega a Lordelo do Ouro. Este curso de água teve, ao longo dos tempos e dos lugares por onde passa, nomes diversos: ribeira da Agra, ribeira de Ramalde, ribeira de Lordelo, ribeira de Grijó, ribeira de Penoucos, ribeira do Ouro, ribeira de Nossa Senhora da Ajuda e ribeira das Naus. Receia-se que, tal como a ribeira do Poço das Patas, nos próximos anos, com o aumento da pluviosidade abrupta, provoque inundações. Até porque, lamentavelmente, está quase todo entubado no decurso dos seus quase quinze quilómetros de extensão. São poucas as exceções, como um pedaço – bem bonito, por sinal – na zona da Pasteleira. Depois disso, mergulha novamente para debaixo da terra e reaparece no Jardim do Cálem, entre choupos negros, para se oferecer ao Douro, defronte da ilha do Frade, um bonito sapal onde brinquei muito em criança, no estuário da ribeira da qual temos falado. Naquele sapal convertido em ilha, diz-se que uma jovem e formosa leiteira terá deixado nu um homem que a perseguia.

Mas não se tratava de um homem qualquer: era um frade libidinoso do já desaparecido convento franciscano de Santo António do Vale da Piedade, ou do Vale de Amores, que a leiteira para lá atraiu, com promessas amorosas. O homem despiu-se, para consumir o acordado, e a leiteira fugiu de barco e levou-lhe o hábito, deixando-o sozinho na ilha com as suas vergonhas. De então para cá, a ilha passou a dar abrigo a gaivotas, maçaricos, pombos-bravos, corvos-marinhos e galos-do-mar.

Na Trindade, mudaremos de linha, para nos dirigirmos para o Campo do Poço das Patas. Para onde?, perguntarás. Para o Campo de Mijavelhas. Tu continuarás sem entender e os viajantes muito menos. Ou então talvez te lembres do que te contei atrás, mas lá regressaremos. Eu tenho os bilhetes previamente comprados e validos sem adiantar o destino aos meus clientes. Dois deles são portugueses e os restantes, daquela vez, brasileiros. Quando estamos a chegar ao subsolo do Campo 24 de Agosto, explico-lhes que, por onde outrora corria somente água, hoje circulam também pessoas. Convido-os a saírem e dou-lhes as boas-vindas ao Porto Antigo, mostrando-lhes a Arca d'Água de Mijavelhas, com mais de seis metros de profundidade, encontrada e reconstruída, pedra a pedra, aquando da criação da estação de Metro, e hoje integrada na própria estação, exposta ao olhar de todos. O reservatório, cujas ruínas os turistas fotografam, deu nome também ao campo, um lugar que os escritos que chegaram aos nossos dias apresentam como cheio de agradáveis sombras de álamos e choupos de grossos troncos e ramarias luxuriantes. Mas a designação – Mijavelhas – surgiu, contam os historiadores, por ali se aliviarem da viagem as vendedeiras de biscoitos vindas de Valongo e as hortaliçadeiras vindas de Gondomar, para vender na Feira de São Lázaro. A Arca d'Água Mijavelhas abastecia fontes e chafarizes vários, a que o povo e os aguadeiros recorriam, bem como os moinhos da Quinta do Prado, descrita na documentação histórica como faustosa residência para descanso e recreio dos bispos, e que deu origem ao Cemitério do Prado do Repouso. Mas a quinta era tão grande, que se usou apenas uma parcela para campo-santo. O restante, que ia até à margem do rio, foi adquirido por um comerciante de nome José Joaquim Leite

Guimarães, o famoso barão de Nova Cintra. Nessa mesma altura, construiu-se, para apoio ao cemitério, a Fonte da Alameda. A minha avó contava-me que, durante muitos anos, ninguém dela queria beber. O povo achava que a água estava contaminada com todas as doenças que haviam matado aqueles defuntos. Quem a bebesse, sentiria dores várias durante semanas, até enfim morrer. Era – dizia-se – a água da morte.

Por conta própria

A questão que me preocupava verdadeiramente, porém, tinha que ver com o pão na mesa e com o lugar onde colocar a mesa. Há muito que me ia perguntando se não deveria começar a trabalhar por conta própria. As coisas corriam-me tão bem, era de toda a empresa a guia mais procurada, a que recebia melhores pontuações e melhores comentários, que todos os dias me punha a pensar se não estaria a fazer muito mais pela minha avó e por mim se enfrentasse o medo e me tornasse chefe de mim própria. Caso, na altura, pudesse ter beneficiado dos teus conselhos, saberia que, perante um dilema destes, me dirias que, já que era para me afadigar sem parança pela cidade, que o benefício não fosse apenas o de ganhar pernas rijas, como as raparigas dos ginásios, mas também o de ganhar dinheiro. E talvez tivesse começado logo. Não sendo essa a situação, demorei a ceder à vontade de avançar, imagino que por ter a cabeça atestada de preocupações, deitava-me e sentia-me incapaz de fazer fosse o que fosse.

Felizmente, quando por fim avancei, correu tudo bem. Na visita de hoje, por exemplo, levei um grupo à mais estreita das casas, bem como à torre do Palácio dos Terenas, ou Torre de Pedro Sem, para lhes dar conta de como a cidade tem memória e não esquece aqueles que lhe fazem mal, caso do ganancioso Pedro Cem, dono de cem ricas naus e muito mais, que quando tudo perdeu passou a Pedro Sem e não teve direito à generosidade do povo.

Sou paga em dinheiro, para falar e deambular pela cidade, como era paga em felicidade quando juntas o fazíamos na infância. Não é muito diferente, repara. Ziguezagueio pelo meio das lojas da Praça de Lisboa, vinda de junto à Torre dos Clérigos – cujo risco, explico, é do grande Nicolau Nasoni – e paro diante da formidável Livraria Lello, com as suas duas meninas desenhadas na fachada neogótica,

representando as artes e as ciências. Minutos antes, defronte da antiga Cadeia da Relação, conto aos meus clientes que o grande escritor português Camilo Castelo Branco ali esteve preso por adultério, bem como a sua amada Ana Plácido, e que ali escreveu a obra que mais o celebrou, Amor de Perdição. Partilho mais alguns pormenores, como o facto de D. Pedro ter visitado a cadeia e ficado a tal ponto horrorizado com as condições, que teve vontade de a mandar demolir – coisa que não só não aconteceu, como o edifício continuou a ser prisão até ao 25 de Abril de 74. As condições eram péssimas para Camilo, mas piores ainda para a amada, que, ao contrário do escritor, beneficiário de regalias por ser célebre, estava na ala comum das mulheres. Seja como for, sempre ouvi dizer que, mal por mal, antes cadeia que hospital e antes justiça que misericórdia, e, um ano após terem sido detidos, foram declarados inocentes e libertados. Minutos depois, retomo o assunto diante da livraria para lhes contar que, apesar de já preso, Camilo era por vezes visto em livrarias, enfiando o bigode em livros, buscando as leituras seguintes. Não era nenhum sósia, aquele que avistavam, nem o que se contava era fantasia do povo com o nobre detido, era mesmo ele, em carne e osso, usufruindo de um privilégio que lhe fora concedido. Havia sido condenado ao cárcere, mas não à morte – e, sem ler, Camilo não poderia viver, como veio a provar-se depois de cegar, visto que empunhou um revólver e se matou. Os meus clientes ficam impressionados com a história e enfiam-se na fila da Lello, enquanto eu vou buscar biscoitos à Padaria Ribeiro e éclairs miniatura à Leitaria Quinta do Paço, para lhes adoçar a espera. Os meus favoritos costumam ser os ingleses, mas somente porque pronunciam o meu nome à inglesa: Elizabeth. Parece outro nome, sinto-me outra pessoa. Enquanto atravesso com eles os Aliados, em direção ao Bolhão, ou ao túnel, para verem nascer, no final, a Ribeira Negra, de Júlio Resende, conto-lhes a cidade. Para felicidade deles, e afronta à minha linha, faço muitas paragens-surpresa. Não devo, nem quero, menorizar o entusiasmo que sentem pela história do Porto, nem menosprezar o que ela de facto tem para contar, mas é correto dizer que esses tendem a ser os momentos altos dos meus passeios. Não imponho nada, nem tenho comissão em lugar nenhum, embora os proprietários já me conheçam e gostem de me mimar com

ofertas várias, que rejeito até ao limite, que é quando eles se dizem ofendidos. Prefiro sempre – eles já sabem – que dirijam delicadezas aos turistas que lhes levo. Quando sugiro que nos aviemos de sandes de presunto no Chico dos Presuntos, ou de sandes de rojão no Expresso, em ambos os casos lhes caem os queixos com o facto de umas e outras conterem muito mais conduto do que molete. Enquanto mastigam, e é sempre assim, não conseguem evitar abrir a boca e sorrir, como crianças que se empanturram com doces. No final, lambem os dedos e quase sempre pedem mais, para devorar logo ou depois, altura em que aproveito para lhes explicar o que se julga saber da origem do nome que damos ao pão. Diz-se que, no século XIX, no célebre restaurante Reimão, ali na avenida hoje conhecida como Rodrigues de Freitas, aonde Camilo gostava de ir comer, e cito, pescada cozida acompanhada das competentes azeitonas e salada de alface, tudo regado com espumante verdasco de Amarante, o proprietário, um antigo soldado francês que por cá ficara depois das invasões, de nome Reymont, chamava ao pão que ele mesmo fabricava e servia, um pão, rezam as crónicas, muito fresco e mole, pão mollet. Se paramos para petiscar na Tasca da Piedade, mostro-lhes, pedindo-lhes que se voltem para o rio, que aquela casa não poderia ter como nome oficial outro que não fosse Adega Rio Douro – e é a olhar para ele que brindamos com um fino fresquinho. Se vamos aos cachorrinhos à Cervejaria Gazela, deliciam-se tanto com o que veem como com o que comem, e fotografam, rejubilam, ficam felizes. Muitos chegam já ansiando a espera nas longas filas da Casa Guedes, enquanto veem outros fregueses saírem abocanhando sandes de pernil. Se lhes sugiro uma visita à Badalhocá, ou que jantem na imbatível Casa Nanda, de preferência em época de salada de pêssegos, ou então que peçam vitela assada na Antiga Casa Castanheira, ou o pernil, as tripas ou as rabanadas do Antunes, ou se lhes falo do lagartinho da Tasquinha do Tuela, ou até mesmo da posta com queijo da serra no Sabores do Tino, se lhes apresento a simples, mas deliciosa, combinação entre uma cerveja e um ovo cozido com sal, se peço que lhes sirvam as pataniscas, as punhetas, as iscas ou as bifanas certas, se lhes apresento o espadal, os vinhos verdes, o Porto tónico e todas as outras possibilidades oferecidas pelo nosso vinho fino, o passeio está

ganho e os clientes também. Nesse mesmo dia, chovem notas máximas nas avaliações e recomendações.

Pensei em tudo isto e avancei. Senti um friozinho na barriga e nos braços, senti medo e entusiasmo, mas tomei a decisão. Só não imaginava que a desgraça e a morte estivessem já tão perto, a farejar-nos pelas frinchas das janelas.

Das tripas coração

O meu Porto é feito de duas cidades: aquela em que cresci e a de hoje. Uma deu-me o que tenho, fez de mim o que sou, a outra dá-me o pão. Desde sempre, o Porto foi uma cidade-mãe; desde sempre, alimentou os que lhe pertenciam e os de fora, nunca virou a cara fosse a quem fosse. Esta nobreza ninguém lha tira. Explico sempre aos turistas que somos tripeiros com muito orgulho e que a denominação terá nascido por termos – e isto quem desconhece são tanto os lisboetas, como muitos portuenses – oferecido toda a carne que por cá havia para salvar ou ajudar Lisboa. Na capital, o infante D. Henrique engendrava há muito um plano secreto, cuja preparação entregou à cidade que o vira nascer, o Porto. Nos estaleiros, na zona de Massarelos, as águas do Douro viam erguer-se dezenas de naus e de outras embarcações. O povo intrigava-se com tamanho empreendimento naval e nem mesmo os trabalhadores conheciam o emprego a dar aos barcos. A boataria crescia: havia quem dissesse que serviriam para levar – com escolta nunca vista – el-rei D. João I a Jerusalém, a fim de visitar o Santo Sepulcro; também se garantia que tinham como missão transportar a infanta D. Helena até Inglaterra, para casar; aventava-se de igual modo a hipótese de estarem a ser preparados para levarem os infantes D. Pedro e D. Henrique a Nápoles, também para fins matrimoniais. As estradas vindas de outras paragens e os caminhos que levavam até ao rio encontravam-se congestionados com carros transportando panos para velas, armas e mantimentos, numa azáfama nunca vista, mas só Mestre Vaz, o encarregado da construção, sabia do plano do infante D. Henrique. Esvaziaram-se celeiros, matou-se toda a espécie de animais, para depois se salgarem as carnes. O Porto e a região preparavam-se para, em 1415, tal como trinta anos antes, durante a guerra com Castela, que levou ao cerco de Lisboa, se sacrificar pela nação. Em 1384, em

plena crise de 1383-1385, uma armada alimentar, carregada das melhores carnes, foi enviada do Porto para Lisboa, para ajudar a resistir aos avanços castelhanos. As gentes do Norte, mas sobretudo os portuenses, ficaram somente com as vísceras. O mesmo terá acontecido em 1415, quando o infante D. Henrique, aparecendo de surpresa no Porto, a fim de visitar os estaleiros de Massarelos, e de ver o andamento dos trabalhos de construção naval, pediu ao Mestre Vaz empenho redobrado, para terminar a empreitada. Diz-se que o Mestre Vaz não defraudou a confiança do infante: prometeu todo o empenho da cidade e, inclusivamente, que o Porto ofereceria toda a carne que possuísse, para a jornada, ficando somente com os miúdos. Em rigor, não se sabe se foi por promessa do Mestre Vaz, se porque as vísceras se estragariam facilmente a bordo, mas o Porto ficou, mais uma vez, apenas com as tripas – com as quais, com muito engenho, criou o seu prato mais típico – e demais miudezas. Em resultado deste novo sacrifício, os portuenses passaram a ser conhecidos como tripeiros. Conta-se que o infante terá ficado sensibilizado e dito ao Mestre que ser tripeiro só poderia ser visto como uma honra para o povo do Porto. Tempos depois, carregada das carnes de bois, porcos e carneiros criados para alimentar os portuenses, a grande frota de D. Henrique, composta por vinte naus e sete galés, partia em direção a Ceuta. Mais uma vez, os portuenses tiveram de aguçar o engenho e de improvisar com o que restara. O prato que se celebrou, embora encontre equivalentes noutras paragens da Europa, não pode ser dissociado dos esforços da cidade. Tanto assim é que houve outros, alguns deles muitíssimo importantes para a consolidação da identidade da cidade invicta: quatro séculos mais tarde, por exemplo, durante o cerco Miguelista, em 1832-1833, os portuenses voltaram a ter de comer as tripas dos animais, para sobreviverem. Não é, pois, por acaso que, quando levo viajantes ao Farol de São-Miguel-o-Anjo, na Cantareira, um dos mais antigos da Europa, mandado construir pelo então bispo de Viseu, em 1527, faço questão de passar pelo Jardim do Calém e de lhes mostrar o monumento aos tripeiros, uma escultura de bronze, de 1960, da autoria de Lagoa Henriques, inaugurada aquando do assinalar dos 500 anos sobre a morte do infante D. Henrique, e que simboliza os trabalhadores dos estaleiros e os portuenses que

construíram e alimentaram a sua armada.

Um coração que bate

No Porto da minha infância, sentia-se vida em cada pessoa. Não eram cidadãos anónimos, os que via passar na rua; eram pessoas com vidas, histórias e sentires próprios – eram o pulsar da cidade. O Porto é um coração que bate. O linguajar vem-lhe das entranhas, a alma vem-lhe da História, que é antiga, mui nobre, sempre leal e invicta. O Porto de hoje parece ter adquirido um ar carnavalesco, que, por contrastar com o tom cinzento dos anos anteriores, talvez lhe fizesse falta, tantas vezes a cidade parecia habitada apenas por pessoas tristemente caídas em desgraça, feitas indigentes ou até mesmo fantasmas. O centro vivia resignado, conformado com o pouco que conseguia ser. A Avenida dos Aliados era uma piscina vazia, memória de braçadas há muito dadas, ou de mergulhos por dar. Há poucas coisas mais tristes do que construções não utilizadas. Um prédio pronto, mas embargado. Um estádio novo, mas sem gente nem emoções. Um edifício público desenhado por um arquiteto eminente, mas sem uso definido, cheio do mesmo ar que nele entrou no dia da inauguração. Tudo promessas e esperanças por cumprir. Como uma piscina para sempre vazia. Era assim que eu via a Avenida dos Aliados, com os seus edifícios imponentes, cheios de retórica. Alguns viajantes cruzam-na e mal lhes ligam, por se diferenciarem escassamente do que podem ver noutras paragens, tão diversos das modestas habitações da Sé, que esgotam com os olhos.

Quando entram naquele emaranhado de ruas, cheio de História à vista, tão à vista que quase fere o olhar, sentem-se noutra geografia – e, muitas vezes, dizem-me, noutro tempo. Nos dias de verão, param mais, perguntam mais, observam melhor, enfiados debaixo das sombras, chuveiros de frescura. Nos dias frios, caminham sempre, olhando pouco para o que os ladeia, querem chegar aos locais a visitar, anseiam por pontos de paragem sem chuva nem arrepios. Por

isso, gosto mais de os conduzir na primavera e no verão. A frescura das muitas sombras da Sé nas tardes quentes forma um poema que, de braço dado, a cidade e a vida oferecem. De moradas instaladas nas cornijas, e sob as telhas que por cima delas se debruçam sobre as calçadas, as andorinhas também parecem gostar deste Porto antigo. Por vezes, bailam no Terreiro da Sé, ao fim da tarde. Para que assistam a esse e a outros espetáculos, é também a essa hora que ali termino alguns dos meus percursos com turistas. Lá chegados, vindos de ruas da largura de um corredor, que como nenhuma outras ilustram a beleza funda, grave, rude e rouca a que aludiu Sophia, faço-os sempre parar e virar costas por uns minutos à Catedral, num ponto específico, em que daqui a uns anos espero ver o lajedo gasto, e olhar a embriagante vastidão, que alcança um vale, um estuário fechado por um cabedelo, o Sol a pousar ao longe e prédios de tamanhos e cores várias, como erupções que se aquietaram ao depararem com a beleza do mundo em que nasceram.

Direito de preferência

Agitadíssima, esbaforida, a botar os bofes e sei lá o que mais pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos, com o sangue injetado em todos os vasos dos olhos, entrei pelo escritório do Dr. Belarmino adentro, sem bater à porta, sem dizer bom-dia, nem boa-tarde. Era um caso de vida ou morte. Dr. Belarmino, Dr. Belarmino, a carta! A carta chegou, Dr. Belarmino! Está aqui! Está aqui! Estendi-lha, ainda por abrir, e ele, baixando o volume sinfónico da música clássica que sempre ouvia, pediu-me que me sentasse, para me recompor, mas não me torturou demorando-se a abri-la. Fê-lo de imediato e, depois de encaixar os óculos no rosto, começou a ler. Por vezes, ia assentindo com a cabeça, noutros momentos erguia o sobrolho, chegou também a franzir a testa. E então, e então, é muito má?, perguntei. O Dr. Belarmino tirou os óculos da cara e, sem lhes fechar as hastes pretas e grossas, pousou-os na madeira da secretária, na posição em que normalmente se pousam os óculos. De seguida, respondeu: muito má não é, está em linha com o esperado; não é boa, mas tem pontos aparentemente positivos para os nossos interesses.

Cumprindo a legislação em vigor, quem me contactava não eram os novos proprietários, mas sim a representante dos antigos, a fim de me perguntar quão rica a minha avó era. Eu explico, atalhou o Dr. Belarmino: antes de venderem o prédio a quem o pretende comprar, os senhorios são obrigados a dar direito de preferência a quem nele mora. É sobre isso que fala a carta – e estendeu-ma. Dizia assim:

Exma. Senhora,

Na qualidade de mandatária legal e representante dos herdeiros de Gertrudes Maria Ferreira Ventura dos Santos, anterior senhoria de V. Exa., falecida a 1 de janeiro do presente ano, e atuais proprietários do imóvel supra identificado, sou a

notificar V. Exa. de que a herança irá proceder à venda dos supra descritos imóveis à sociedade Morteiro Sorridente Unipessoal Lda., cujos dados fiscais e de contacto se indicam infra, e cuja fração arrendada a V. Exa. o representante legal, o meu colega Dr. João da Costa e Silva, já teve oportunidade de visitar. A compra e venda será efetuada no Porto, até 30 dias após o despacho do Ministério Público que autorize a venda dos imóveis por três dos herdeiros menores que integram a herança, ou até dia 31 do próximo mês, conforme o facto que ocorrer primeiro. A venda do imóvel será feita pelo valor de 1 050 000 00€ (um milhão e cinquenta mil euros), pago por cheque bancário, ou transferência bancária irrevogável, que terá de estar creditada na conta bancária titulada pela herança até ao dia de compra e venda supra indicado. O imóvel será vendido no seu estado e condição atuais, livre de ónus e encargos, salvo os arrendamentos em vigor com V. Exa. e demais inquilinos, cujos contratos se detalham em lista anexa. A compra e venda está condicionada ao eventual exercício de direito de preferência por entidades públicas, ainda não realizado. Caso V. Exa., bem como os restantes inquilinos, não pretenda exercer o direito de preferência, o arrendamento manter-se-á nos termos atuais, passando a vincular a empresa compradora e futura senhoria, a partir da data de compra e venda. Comunicados que estão os termos acordados para a transação, para a eventualidade de V. Exa. pretender exercer o direito de preferência, e solicitamos que, nesse caso, no-lo comuniquem, no prazo consignado no artigo 416.º do Código Civil, através dos contactos que seguem abaixo.

Com os melhores cumprimentos,

Vanessa Oriana Pinto

Quando acabei de ler, o Dr. Belarmino explicou-me: não é mau que não vos tenham tentado pôr já na rua. Mas aposto que, não daqui a muito tempo, receberás uma carta a propor à tua avó uma indemnização para rescindir o contrato. Não só conheço esta colega advogada, como já tratei de outro caso semelhante envolvendo esta

empresa. Eles compram, fazem obras e vendem. É o que por certo
quererão fazer com o vosso prédio. A surpresa poderá vir do valor que
vão propor, porque, Beta, nunca subestimes o poder da cobardia e da
ganância, nem o tamanho da maldade que delas pode resultar.

As tábuas do nosso chão

A negritude das noites estendia-se agora à dos dias. Não quero dizer que a alvorada não chegasse e não houvesse luz a dourar o Porto naquelas manhãs, como em todas as outras, mas, ao quarto andar do número 42 da Rua da Pena Ventosa, na extinta freguesia da Sé, agora parte de um conglomerado de freguesias que, em alguns casos, nada têm que ver umas com as outras, e estou a acrescentar ao texto informações irrelevantes para não ter de escrever coisas que me custará relembrar, é o cérebro a querer fugir com o rabo à seringa, ao quarto andar do número 42 da Rua da Pena Ventosa, dizia, chegaram somente pensamentos negros para se instalarem em mim.

Deambulava pela casa, conversando com o soalho. Três passos audíveis na madeira de pinho e uma resposta dada sob a forma de uma ou duas rangidelas. Mais dois passos e as tábuas voltavam a ranger. Naqueles dias, pareciam queixar-se mais do que era hábito. Penso que me pediam para fazer alguma coisa, para não as abandonar, para não deixar que fossem arrancadas das traves antigas sobre as quais viviam pregadas há tantas décadas, ou para não permitir que fossem soterradas, caso o destino de uma eventual reabilitação do edifício passasse por demolir todo o interior, como muitas vezes acontece. Quero crer também que pediam que não partisse, que não as deixasse entregues a um destino tão obscuro. E, por momentos, senti vontade de não permitir que desaparecessem assim, de ficar ali, para, caso tivesse de ser, morrer de pé ao lado delas. Ou que as arrancasse, pelo menos a algumas, e levasse comigo. Era outro modo de as salvar, de ficar com uma recordação da madeira amaciada pelos pés da minha avó, e ainda se cumpria de modo igual o propósito. E, talvez por o assunto não ser de lana-caprina, a ideia agarrou-se-me ao pescoço como um chocalho e não parou de chamar a minha atenção. Tanto assim foi que acabei por ir à procura de ferramentas. Ajoelhada, pus-

me a tentar enfiar chaves de fendas entre duas tábuas do soalho, com o intuito de levantar uma delas. Tentei muito, até me ter lembrado de experimentar com a parte de trás de um martelo, aquela espécie de cauda, que talvez tenha um nome. E posso dizer-te, com sentimento gloriabundo, que acabei por conseguir. Não interessa quantas horas demorei, pouco importa em que estado ficaram as minhas mãos, mas consegui e, hoje, guardo um pedaço de uma tábua do soalho da nossa casa. São cinquenta centímetros de madeira de pinho afagados com amizade pelos pés da minha avó.

Fulminantes e Navalhadas

Hoje, pela hora de almoço, uma tragédia tomou conta da Sé e das suas gentes. Dois homens dos quais já aqui falei desentenderam-se. Dois homens velhos, de estatura média. E magros, porque a ladroagem já teve melhores dias. Agora anda por aí muita polícia, para proteger os turistas. No tempo deles, começava-se como gatuno logo de pequenino, a fanar carteiras no elétrico. Isso e enchidos, fanecas, peras e laranjas, no Mercado do Bolhão. De vez em quando, era-se apanhado e levava-se com cada lambada, que até se andava de lado. Fazia parte de aprender o ofício, explicava um. O outro chamava-lhe arte. Dizia que era preciso nascer com talento para o fananço. A mão leve treina-se, com certeza, mas tem sobretudo a ver com jeito natural. É como ser pianista, acrescentou, enquanto esticava a T-shirt verde-alface, muito justa. Quem os via e ouvia assim, em sintonia, como tantas vezes me lembro de ter visto e ouvido, não poderia imaginar que acabariam como acabaram.

Segundo conta quem assistiu, e parece ter sido uma multidão, apesar de na Associação nunca estarem mais de meia dúzia de pessoas, a coisa deu-se assim: ao balcão, Navalhadas descascava um ovo cozido, que lhe serviria de almoço, enquanto Toni Fulminantes, depois de comer meia omelete mista, pedia um cimbolino e um chiripiti, para desinfetar a placa, que lhe tinha saído cara como os cornos; conversa vai, conversa vem, um comentário mais afiado por conta de uma noite mal dormida, ou por qualquer outro motivo gerador de má-disposição, um desafio que surge, um olha que eu dou, um encosto, um encontrão, um murro fraco que se atira, copos a cair, um garfo com restos de omelete espetado na traqueia de Navalhadas, a mão a sair do bolso, com a rapidez sempre anunciada, enquanto grita cabrão, o enterro da lâmina no bucho de Toni Fulminantes, a quem de nada vale a pistola que lhe deu a graça, logo de seguida

desorbitam-se-lhe os olhos e só depois saem as palavras, uma espécie de palavras através das quais grita toda a dor que lhe entra corpo adentro e talvez outras mais, das que se carregam no interior, depois mais duas navalhadas bem enterradas, ou três, o concretizar de tantas promessas, a prova da raiva dita, a que liberta, depois, a boca de Toni, que arrepio, a agarrar-se com a dentadura brilhante à orelha do oponente, a orelha a rasgar, filho da puta, filho da puta, filho da puta, uma facada mais acima, tudo isto acontece depressa, estão enrolados no chão, ninguém os consegue separar, têm medo de levar com uma naifada também, o Fulminantes enterra os dentes no nariz do outro, até me sinto zozza ao escrever isto, arranca-lhe parte do nariz, e um pedaço da bochecha, que coisa macabra, e condena-se ali mesmo, porque até então talvez lhe fosse permitido o acesso ao céu, mas depois de tais investidas iria por certo fazer companhia ao amigo no magma borbulhante do inferno, enquanto este lhe espeta uma última vez a navalha, é o fim da raiva surda, a que corrói, pareciam um só, pareciam dois trapos velhos ensanguentados, disse uma senhora, pareciam carne picada, disse outra, e a coisa só acabou, e ainda bem que terminou, porque não sei se os meus nervos aguentam continuar o relato, quando o Navalhadas de repente gelou, ouviu-se a cabeça bater na tijoleira, como um paralelo a cair em cima de outro, disse o Sr. Armindo da Associação, dizem que foi ataque cardíaco, que ele sofria do coração, o Fulminantes também já não se mexia, estava de olhos e boca muito abertos, os lábios e a língua com a cor do sangue, os dentes tinham ficado na cara do Navalhadas, que arrepio, da barriga saía-lhe um mar vermelho, na cara do outro nada se via, estava tudo em frangalhos, se frangalhos não for pouco para dizer rojões crus, outro arrepio, ou posta laminada, que coisa terrível, que momento tenebroso, dá-me vontade de vomitar, mas foi isto que o povo disse, foi assim que aconteceu, ao que parece. Estava tudo aos gritos. Vieram os vizinhos todos, velhos e novos, tripeiros e turistas, putas e doutores, um mar de gente para ver o mar de sangue. A ambulância não passava lá em cima, já se sabia, vieram os bombeiros a correr com as macas, com licença, com licença, saíam da frente. Escrevo isto e sinto o coração aos pulos. Depois, chegaram as famílias e desataram à pancada, enquanto os dois se dessejavam, veio a polícia, parecia um

motim, eu só vi ao longe, fiquei muito zozza, voltei para casa. E agora estou de novo ourada, já não consigo mais, vou parar.

A Sagrada Batalha

Toni Fulminantes, que fiquei a saber chamar-se Luís António Ferreira Pereira, e Navalhadas, que nasceu Alfredo José Martins da Silva, foram a enterrar. Desde que a tragédia aconteceu, passaram a ver-se agentes da polícia nas ruas, noite e dia, de modo a evitar novos confrontos entre as famílias e os amigos de cada um. A Associação – uma espécie de sede do sindicato dos bandidos amadores – esteve fechada e, à boca pequena, lá se foi falando do enterro de um e do funeral do outro, mas com um certo incómodo, com uma óbvia falta de vontade de relembrar o ocorrido e com evidente condicionamento por a maioria conhecer os dois e não querer tomar partido. Através de uma mensagem de telemóvel, lá soube que o Toni iria a enterrar às onze horas, no Cemitério da Lapa. Do lado do Navalhadas, não consegui obter confirmação.

Às dez e meia, saí de casa e caminhei até São Bento, onde virei para a Praça da Liberdade, sem olhar para o semáforo. Dei dois passos na calçada e ia sendo atropelada por um carrinho otimista, um daqueles mesmo minúsculos, que se conduzem sem carta, e logo a seguir por uma trotinete, e só estou a referir isto para me castigar, dado que o motivo da distração foi o facto de me ter posto a olhar para uma fulana que passava com uma carteira Chanel (ou imitação). Decidi, depois, subir a Rua do Almada, na esperança de que, por ser mais estreita, fosse menos convidativa a distrações, e porque por ali é sempre a direito até à Igreja e ao Cemitério da Lapa. Aquela rua sempre foi o melhor caminho para norte e, durante muitos anos, o único. Foi aberta, em meados do século XVIII, por João de Almada e Melo, o militar minhoto que hoje lhe dá nome, feito governador pelo seu parente Marquês de Pombal e que soube relacionar-se com as mais importantes famílias inglesas do Porto, hoje tido como responsável pela modernização e pelo crescimento da cidade para lá da Muralha

Fernandina. Outros exemplos são a Rua de Cedofeita e a Rua de Santa Catarina, ambas apontadas também a norte. Almada está ainda ligado à modernização da Praça da Ribeira, tal como o seu amigo John Whitehead, cônsul britânico que, diz-se, tê-lo-á convencido a contratar o seu amigo de infância John Carr, para desenhar o neopalladiano Hospital de Santo António, uma espécie de retorno ao neoclássico, decidido entre amigalhaços, numa altura em que na cidade imperava o barroco de Nicolau Nasoni. Não pensei em nada disto enquanto subia a rua, muito menos quando cheguei ao cemitério, como perceberás, só o deixo aqui porque sabes que não resisto a partilhar o que sei da história da nossa cidade.

Mal transpus o férreo portão do cemitério, que hoje é público, mas em tempos foi privativo, e cujo bonito portal talvez passe despercebido perante a dimensão da igreja, avistei gente conhecida, gente ligada ao Toni Fulminantes. É curioso como a vida faz cruzar, em poucas linhas, nomes como João de Almada, Nicolau Nasoni, Toni Fulminantes e Navalhadas, e como esta tua amiga dá muito mais atenção nestes textos aos dois últimos do que aos dois primeiros. Talvez seja por passar os dias a debitar informação sobre os que são já conhecidos, ou por me penderem muito as atenções para o que é acessório, como de resto já percebeste com o episódio da carteira. Seja como for, aproximei-me do cortejo, que era pequeno, nele identifiquei alguns dos envolvidos na briga, devidamente assinalados com olhos negros, pensos e suturas, e deixei-me ir, até que ouvi pssst, Beta, pssst, aqui. Olhei para trás e vi o Ideias agarrado à grade do cemitério, mas do lado de fora. Aproximei-me dele, que começou logo a dizer que não entrava em cemitérios; são lugares que dão azar, explicou. De seguida, sorrindo como quem acaba de fazer uma grande descoberta, atirou: já que tantas vezes a vida nos manda à merda, e se fizéssemos o mesmo à morte? Um grupo grande de gente enlutada aproximou-se e ele recuou alguns passos, antes de reforçar: e se mandássemos a morte à merda? Não é uma boa ideia? E desatou a correr.

O enterro estava atrasado, por o coveiro ter demorado talvez mais do que o habitual a fazer o que lhe competia. Já estava há muito benzido o caixão – que por acaso lembrava o meu, este que pouco jeito dá para escrever, que raio de ideia –, quando finalmente parecia

estar tudo a postos para, sob a terra funérea, dar sepultura ao corpo macilento e cruelmente perfurado do Toni Fulminantes. E não deixo de me arrepiar toda ao escrever isto. Também se devem ter arrepiado os circunstantes quando viram entrar naquele espaço, rumando não exatamente naquela direção, mas mais para o lado oposto do cemitério, outro cortejo fúnebre. Facto que ninguém estranharia, por haver gente a morrer a toda a hora e a precisar de enterro a todo o momento. Sucede que talvez aquele cruzamento de funerais requeresse policiamento, por não ser um simples encontro entre diferentes gentes que vão enterrar os seus mortos. O caso ali era outro, e agora parece até bem natural, dado que os dois morreram no mesmo local e à mesma hora, mas o que espanta é que ninguém se tenha lembrado da possibilidade de se cruzarem os cortejos fúnebres de Toni Fulminantes e de Navalhadas, os assassinos um do outro, e que foi o que, de facto, aconteceu. A propósito, talvez não seja correto dizer que o Toni matou o Navalhadas, porque este morreu por lhe ter parado o coração, ainda que tenha matado o outro em legítima defesa – aqui na Sé, este assunto tem sido amplamente debatido, como se diz na televisão a propósito dos grandes temas. Voltando ao infeliz encontro, foi vê-los a ficarem nervosos, os que carregavam marcas no rosto, a arregaçarem mangas, abrirem os blazers e afrouxarem nós de gravatas, enquanto diziam entre dentes que lá fora se iriam a eles, que lhes davam nas ventas, que lhes partiam as trombas, os focinhos e as cremalheiras, os filhos da puta, que Deus nos perdoe, se não estivéssemos onde estamos, eles viam, paneleiros de merda, filhos da puta, cabrões do caralho, o diabo a sete.

Como é evidente, e penso que isto não te surpreenderá, o inaudito logo deixou de o ser, isto é, o nunca visto aconteceu, a pancadaria iniciou-se ainda dentro do sagrado cemitério. Distanciados por uns setenta metros, os valentões de um lado e de outro começaram a não conseguir conter as palavras, a elevar o tom de voz, a gesticular, a dar um passo, dois passos, a avançar um pouco mais, e com isso a diminuir o espaço que os separava, evitando tropeçar nas campas, mas nem sempre conseguindo, porque focados somente nos adversários, depois foram estugando o passo, até que um, mais destemido, ou inconsciente, se pôs a correr, foi de resto o primeiro a apanhar, e

depois o que ali se via era mais um enormíssimo rebuliço, velas atiradas, placas de mármore arremessadas em peso, socos e pontapés, um confronto de claques, de hooligans, cabeças jogadas contra as pedras tumulares, sangue por cima de inscrições de amor e saudade, um desassossego para os mortos, coitados, algum do mulherio a fugir, como eu, que fiquei a espreitar do lado de fora, enquanto via chegar a polícia, de imediato chamada por quem trabalha no cemitério e se queixava, muito apropriadamente, de que ali se dava uma batalha campal.

É claro que já está tudo à vista na internet, com fotografias e vídeos feitos com telemóveis, e que as televisões logo passaram a mostrar, mas eu nem consegui ver tudo, fiquei meio indisposta, e é claro que também foi notícia de primeira página no *JN*. Pergunto-me se não te poderia ter poupado a esta última parte, e terminado a história com um cruzamento caricato e pacífico dos dois cortejos no interior do cemitério, ou até mesmo à história toda, mas a minha intuição diz-me que devo dar-te nota destes tristíssimos episódios e que talvez conhecê-los te seja útil, ou permita até entender outros que, eventualmente, venham a ter de ser relatados, ou a acontecer.

Acalmia e afinação

Inquietação, sossega, por favor. Ansiedade, por que raio não paras por um minuto? Porque não paras de vir, ao contrário das ondas, que embora também vindo sempre são capazes de voltar atrás antes de virem de novo? Por que motivo não me dás um segundo de descanso? A acalmia, onde diabo está a acalmia? Eu sei, eu sei, está ao dobrar da esquina, mas de qual esquina?

Nestas noites, em que preciso de um deus e chamo por Ele, nada acontece. Onde buscar o que não nos é dado nem ensinado? Procuro-o nas esplanadas, pondo-me a ler poesia, o que por norma me acalma. Procuro-o, já em casa, nesta caneta e neste papel. Encontro-o, em grande medida, em ti. Vou mudar de página e contar-te como me sinto. Tu sempre me ouviste e acreditaste em mim, mesmo quando eu sonhava ser como a Ana Deus, dos BAN e dos Três Tristes Tigres, a Xana, dos Rádio Macau, ou a Viviane, dos Entre Aspas, e daqui de dentro só saía desafinação e nos movimentos deste corpo se via apenas acanhamento.

Haja quem nos deite a mão

Eu deito-te a mão, filha, eu deito-te a mão. E deitou mesmo. Quando a minha avó piorou mesmo e precisou de cuidados permanentes, não tive para onde a levar; passei a trabalhar menos e a beneficiar do apoio solidário da D. Lisete, bendita seja, que sofria para subir as escadas, habituada que estava a poucos degraus e caminhando para a idade da minha avó com as pernas carregadas de varizes, mas que não se negava a dar-me a ajuda prometida. Que Deus lhe pague o muito que merece.

Ai, que feio que isto está, Beta, valha-nos Nossa Senhora! Era assim que reagia quando se deparava com escaras e pústulas em pior estado. Chamava a sobrinha, enfermeira a quem eu pagava preços de amiga, e que várias vezes nos recomendou que a levássemos para o hospital. Em resposta a problemas desses, ou a infeções urinárias que causavam febres que não baixavam, vinha então a ambulância e montava-se todo o circo necessário e triste para a levar até dentro dela, lá no alto da rua. Mas de nada valia. A perda de faculdades básicas, que a minha avó enfrentava de forma clara, não é problema agudo, e os hospitais estão feitos para doenças agudas. Exigir cuidados continuados significa ter a grande sorte de ter dedicados e muito sacrificados cuidadores informais, ou conseguir um lugar num lar – e estes são sempre caros e estão sempre cheios. Somos um país a outonecer e não investimos no que seria apropriado para tal fase.

É nisto que penso hoje, mais um dia em que só tu me vales. Hoje, é o meu aniversário. A minha avó já mal se lembrava de mim, naquela altura. Estou afogada nestas recordações. Apeteceu-me ficar a ver a noite com a companhia de uma garrafa de vinho, mas não fui capaz. Tu serias. Eu não. Não sou de excessos, bem sabes, e talvez não seja também de prazeres. Por outro lado, e ao contrário de ti, eu nunca gostei de fazer anos. Não tinha uma casa cheia, como a tua. Não havia

em minha casa irmãos a pregarem-me partidas, nem tios e primos a chegarem com presentes. Não recebia muitos vizinhos. Não sentia o cheiro de um bolo acabado de fazer pela minha mãe, nem o meu pai pegava em mim às cavalitas, como uma vez me contaste que o teu fazia. Para mim, um aniversário nunca foi uma festa. Talvez por isso hoje caia nisto. Vales-me tu, novamente. E antes a caneta do que o copo. Continuarei. Talvez em breve a primavera regresse à varanda da D. Aldina e apareça também por detrás da Sé, acompanhando o voo matinal dos melros e iluminando-me a janela.

O carro do meu avô

Ontem, aluguei um carro. Vou contextualizar. Quando me perguntam pelo que gosto de fazer, lembro-me quase sempre de coisas que nunca vivi. São memórias de um período da minha vida em que tudo aparenta ter sido menos complexo: eu era pequena, os crescidos tomavam conta de mim e chegavam até a levar-me a passear. São episódios breves de grande bem-estar, que não seriam possíveis sem ter ouvido as histórias narradas pela minha avó. Ela costumava contar que um dos momentos de maior felicidade da vida do meu avô foi a compra de um Fiat 127, em segunda mão, por 36 contos, ao dono de uma farmácia das Antas, que adquirira um carro novo para a mulher, um Volkswagen Golf. Segundo ela, aos domingos, depois de almoço, o meu avô enfiava a família toda no carro (ou seja, ele, a minha avó, a minha mãe e o meu pai, que muitas vezes arranjava desculpas para não ir) e conduzia, lentamente, junto ao rio, em direção à Foz, percorrendo toda a marginal, até Matosinhos e, por vezes, até Leça, digerindo o rancho à moda de Viseu, as tripas, ou – nos dias de festa – o cabrito. Em pontos que considerava estratégicos, parava o automóvel defronte do mar, deixava os meus pais saírem para passearem a pé, abria um bocadinho os vidros, ligava o rádio na Renascença, recostava o banco e dormitava, enquanto a minha avó tricotava camisolas para os netos que sonhava vir a ter. Eu vejo-me a passear com a minha mãe, de mão dada, pela marginal – nunca pela areia, porque o meu avô não aceitava um grão que fosse nos tapetes do carro dele. Ouço-o dizer, de dentro do seu fato de ir à missa: quando fores crescida, compras o teu carro e, se te apetecer, fazes dele uma praia, mas este é para andar sempre asseado. Enfim, nem tudo seria perfeito, mas sabes que mais? Tudo me faz falta – até essas reprimendas que nunca aconteceram e uma certa ausência de ternura que, apesar de tudo, perspetivei. Aliás, sinto uma nostalgia tal quando

recordo estes momentos, que chega a custar-me crer não os ter vivido mesmo, não ter estado dentro daquele carro.

Por isso, às vezes, em dias de mau tempo, alugo um carro. Eu, que com orgulho só ando a pé e de transportes públicos, gasto dinheiro a alugar um carrinho utilitário, pouco melhor do que a carripa comprada pelo meu avô, e faço-me às ruas da cidade. Nesses dias, também gosto de estar em casa, a observar, pela janela, duas árvores robustas que se veem ao longe, também me conforta ouvir e saber os ventos voando de encontro aos prédios, enquanto a chuva esbarra nas vidraças, mas o que de verdade me apazigua é alugar um carro e enfiá-lo sob as tardes brutas e feias do outono e do inverno. Ao cabo de uma ou duas horas conduzindo sem destino, debaixo de chuvas e ventos, estaciono-o de frente para o mar, como fazia o meu avô, e fico simplesmente a assistir ao compassado soçobro das ondas contra as rochas.

Desta vez, desci a Avenida da Boavista, havia pouca gente na rua, a chuva era intensa, e depois virei para a Marechal Gomes da Costa, em direção à Praça do Império, que é talvez a praça mais triste e pobre da cidade, embora fique na zona mais rica. E não digo isto por conta do nome controverso, nem do hoje muito criticado monumento que exhibe; digo-o porque é uma praça sem gente, aliás como toda a avenida que a precede. A Marechal é uma artéria deserta de humanidade – as pessoas estão todas aquarteladas nas suas fortalezas de altíssimos muros, cheias de circuitos de videovigilância, e só saem nos seus automóveis robustos, tão diferentes deste que me levou depois a marginalar a Praia dos Ingleses, a Praia da Luz, a Praia de Gondarém, à qual ainda há quem chame Praia da Conceição, depois a Praia do Molhe, que em miúdas íamos apenas espreitar, sem coragem para a frequentarmos, no meio de tanta gente fina, a seguir a Praia do Aquário e a Praia do Homem do Leme, em direção a Matosinhos, cruzando locais que visitei há tempos, antes de um dia muito triste, com um grupo de franceses, como o Forte de São Francisco Xavier, conhecido como Castelo do Queijo, por ter sido erguido sobre um penedo com a forma de um queijo, o polémico Edifício Transparente, construído sem uso definido, e a Rotunda da Anémoma, hoje uma atração turística. Infelizmente, de sul para norte, não posso prosseguir

de carro pela marginal (o trânsito faz-se em sentido inverso) e mergulho no interior da cidade de Matosinhos, longe do mar que buscava, rumo à Ponte Móvel sobre o rio Leça, uma das maiores pontes basculantes do mundo, como costume explicar aos clientes que me pedem dicas sobre aquela zona.

Minutos depois, estacionei o carro junto a uma das praias de Leça da Palmeira. A chuva caía já sem grande ritmo, mas uma cortina de gotas escorria ainda pelo exterior dos vidros. Desfiguradas, ao fundo, tentavam compor o cenário as rochas graníticas, de tom quase alaranjado, em erupção por entre a areia das dunas, como magma ardente, e o passado desenhando um horizonte paralelo ao traçado pelo ilusório fim do mar. Os elementos mostravam-se, mas eu sentia-me segura. Tal como, noutros momentos, dares-me a mão nas horas negras, o ritual de passear no carro do meu avô é coisa que me apazigua e me conforta durante alguns dias.

Só que, desta vez, o efeito não foi duradouro. Acordei, três horas mais tarde, assarapantada, assustadíssima com o cenário inóspito e com a escuridão, e sem réstia do afago familiar que sentira, perguntando-me sem cessar que raio de loucura me passara pela cabeça, para me deixar ali ficar até tão tarde. Talvez tu saibas dizer-me. Assim como a noite, a nossa mente está cheia de mistérios e tu vives dentro da minha.

Escreverei o que se segue em busca de uma aragem lógica que dissipe a bruma da incompreensão que se abateu sobre mim desde que cheguei a casa, por volta da hora de jantar. É quase meia-noite e continuo sem compreender por que motivo, no final do trabalho, decidi regressar a casa de trotinete. Nunca tinha andado numa, achas até algo ridículas, coisa de miúdos, mas algo dentro de mim vibrou, uma espécie de alarme. Porque não? O passeio da tarde terminara no Castelo do Queijo e os turistas normalmente aproveitavam para ficar a lanchar, ou a jantar, junto ao mar, em Matosinhos. Alguns iriam regressar ao centro, de metro, porque do Castelo do Queijo à estação de Matosinhos Sul distam apenas meia dúzia de minutos a pé, mas eu, que também costumava usar esse meio, desculpei-me com outros afazeres, coisa que nem é meu hábito, e – ao ver passar um rapaz de trotinete – decidi que iria de meio de transporte alternativo. Não fazia ideia de como funcionava, de quanto custava, nem de quanto tempo demoraria a viagem, mas não tinha obrigação nenhuma, nem gente em casa à minha espera.

Ao cabo de uns minutos de volta das quatro geringonças disponíveis, mergulhada no habitual e mútuo desentendimento que se cria entre mim e qualquer engenhoca, um mocinho alto, magro e despenteado chegou a alta velocidade e estacionou a trotinete em que se fazia transportar. Pedi-lhe ajuda e pouco depois estava a montar o meu corcel de duas rodas. Agarrei-me ao guiador. Estava quente. Fiquei a senti-lo quente. Não era o que o rapaz utilizara. Devia ter aquecido com a luz do sol, tal era o calor, ou teria sido usado por outra pessoa há pouco tempo? Não sei por que motivo essa possibilidade não me incomodou. Era bom o guiador estar quente e tocado – segurado com firmeza – por outras mãos. Dava-me uma sensação aprazível, um certo amparo, uma impressão de segurança,

como se tivesse outras mãos nas minhas – as mãos de um pai que nos ensina a andar de bicicleta.

Quando, com o pulso direito, dei ordem de arranque à trotinete, senti um arrepio nos braços e nas pernas, o coração a acelerar, o rosto a retesar-se e os olhos muito abertos – em suma, senti um medo súbito, que fez de mim sentinela móvel, deslizando sobre o passeio. Não sabia se haveria de circular por ali, ou pela rua, como – em rigor – parece que ninguém que usa trotinetes sabe, e deixei-me ir, hipervigilante, apertando bem as pernas, como se estivesse aflita para fazer xixi (e talvez estivesse), até chegar à ciclovia central da Avenida da Boavista. Aí, acompanhada por dezenas de árvores viçosas – eram grandes metrosideros –, todas enfileiradas, senti-me mais tranquila e permiti-me aumentar a velocidade da maquina. A dado momento, as árvores que tinha à minha direita passaram a proteger-me do lado esquerdo, mas não penses que a minha inépcia me levou a voltar para trás de modo inadvertido. A ciclovia e o corredor ajardinado é que, ali, trocam de posições. Descobri então que aquele ritmo, não sendo rápido o suficiente para se chegar depressa a lado algum, permite ver muito mais do que numa viagem de autocarro ou de metro. Avistei cedros, plátanos e dois carvalhos, até me ter deixado encantar por um maravilhoso pinheiro-manso, que ocupa um dos maiores lotes da avenida. É mais alto do que qualquer casa que ali há e, debaixo dele, devem caber umas centenas de pessoas à sombra. Abrandei e, por entre o ruído dos carros, ouvi uma bola de ténis a ser batida por raquetes. Ao fundo, à esquerda, já se via o Parque da Cidade, que ali se protege do fumo dos automóveis com um enorme muro verde, dezenas e dezenas de árvores muito juntas, com pinheiros-mansos na linha da frente, dividindo o bulício urbano da serenidade natural.

Prossegui, deslizando avenida fora, ouvindo o ruído dos carros, mas focando-me somente no murmúrio das árvores, cujas folhas se agitavam à minha passagem – ou à passagem do vento, tanto dava. Vi flores bonitas. Elisabete quer dizer flor bonita, noutra língua. Nem sei bem em qual, não é importante. A vida tem o significado que lhe damos, ouvi um dia o Dr. Belarmino dizer, e fiquei a achar que, em certa medida, com as palavras podia ser da mesma maneira. De então em diante, passei a atribuir às coisas significados adequados aos

sonhos que tinha. Ainda hoje, e por favor não censures em demasia a minha infantilidade, chamo às melhores coisas Tulicreme. É uma forma superlativa de adjetivar o que de mais extraordinário há ou acontece, e é assim porque, em criança, as noites e os dias davam abrigo ao meu sonho mais recorrente: o de estar a comer pão com Tulicreme – algo que nunca acontecia, porque era caro, coisa de gente rica, e nós não nadávamos em dinheiro, explicava a minha avó, pacientemente, enquanto se punha a descascar fruta muito madura, quase passada, que comprava barata no Bolhão, para me fazer compota.

Nestas e noutras insignificâncias ia pensando, nunca deixando de observar, enquanto deslizava devagar pelo asfalto. À porta de um prédio, uma oliveira de tronco dramático, sofrido, aprisionada num vaso enorme, casa indigna de uma vida tão antiga. Parada à entrada da rotunda, com a solidez angular da Casa da Música ao meu lado, vi um rapaz alto, de espáduas salientes e rosto apolíneo. Há muitas maneiras de dizer que um homem nos atrai; esta é uma delas. Era um belo homem. Ainda pensei segui-lo, mas deixei-me de delírios e decidi dirigir-me ao Cemitério da Lapa.

Comecei por subir a Rua da Boavista, perguntando-me se as trotinetes podiam andar em contramão, até que quase tropecei ao pôr-me a olhar uma dessas casas que vivem agasalhadas por trepadeiras. Depois, decidi virar na direção do Largo do Priorado, onde perdura a Igreja de São Martinho de Cedofeita, a que chamam românica, porque é de facto esse o traço dominante da sua arquitetura, mas que os historiadores acreditam ter sido originalmente erguida pelos suevos, algures no século v, ou no século vi. Sigo pela Rua de Sacadura Cabral, que logo se transforma – a rua, não o aviador, bem entendido – em Álvares Cabral e subo até à Praça da República. Faço o caminho, devagar, prestando atenção ao bisel dos azulejos das fachadas, em azul-petróleo, ou cor de vinho tinto, ao trabalho de arte em ferro nos varandins esculpidos por mestres canteiros, às mãozinhas de ferro pendendo nas portas, à espera de que alguém lhes pegue anunciado uma chegada, ou às argolas ligadas a sinetas, que tocam nas traseiras das casas.

Arrumo a trotinete, num lugar onde outras estão estacionadas,

tendo já diante de mim a imponente Igreja da Lapa e, mesmo ao lado, o cemitério com o mesmo nome. É aqui que descansa Camilo Castelo Branco, no jazigo da família Freitas Fortuna, que aceitou dar abrigo aos restos mortais do escritor, como indica a frente do gavetão: CAMILLO CASTELLO-BRANCO. Estou defronte do granítico jazigo, que tem uma porta de ferro pintada de verde, atentando nas iniciais gravadas na tampa de lousa de uma das seis gavetas: C.S. As outras exibem, para além do nome do grande escritor, encimado por uma coroa, nomes completos, como Esabel Maria da Conceição Ribeiro da Silva Santos, ou Maria Helena Freitas Soláno, de quem se anuncia também ter nascido a 9-10-1910 e estar ali sepultada, e vou citar, com seu querido filho Vasco, esse já não merecedor de mais atenções onomásticas ou nominativas. Idêntica desconsideração sofre uma mulher de nome Maria, caridosamente recebida na tumba que fica em baixo, do lado direito, a fazer fé no que diz o mármore branco e trabalhado: SEPULTURA PERPETUA U. EMILIO DE FREITAS E SUA IRMÃSINHA QUERIDA MARIA. Mas o que vale a pena saber é que esse U. EMILIO DE FREITAS, que ali está por se ter suicidado com um tiro na cabeça num hotel de Lisboa, era Urbino Emílio de Freitas, um dos cinco filhos do médico Urbino de Freitas, catedrático da hoje Faculdade de Medicina do Porto, então Escola Médico-Cirúrgica do Porto condenado a oito anos de prisão por, para que a mulher ficasse única herdeira de uma grande fortuna, envenenar um sobrinho, aos quais se seguiram vinte anos de exílio. Imediatamente acima, está o túmulo cuja tampa indica C.S. e que ali me levou. Trata-se de uma das mais famosas histórias de amor da cidade e que agora te vou contar.

O filho do degredado médico Urbino de Freitas, o tal Urbino Emílio, estudou Engenharia na Bélgica e, quando voltou, em 1902, apaixonou-se pela preceptora das irmãs, uma formosa jovem descendente de fidalgos alentejanos caídos na miséria. Fizeram juras de amor eterno e pretendiam casar, mas a mãe de Urbino Emílio não estava pelos ajustes, tinha outros planos para o filho, e por isso não só despediu a jovem preceptora, como também proibiu a relação. Queria casá-lo com uma jovem de boas e abastadas famílias, pelo que só por cima do seu cadáver um filho por ela dado à luz haveria de unir-se pelo matrimónio a uma espécie de criada, uma professorazeca sem

recursos nem prestígio na cidade. Desesperado, o jovem engenheiro pôs-se a caminho da capital e, à chegada, hospedou-se num hotel, para logo de seguida se matar. Depois de o corpo chegar ao Porto, a fim de ser sepultado no jazigo de que te falo, a destroçada amada instalou-se num quarto do melhor hotel da cidade, o Hotel de Francfort, demolido em 1916 para se criar a então Avenida das Nações Aliadas, hoje Avenida dos Aliados, e com um revólver disparou contra a própria cabeça. Quando o corpo foi encontrado, num hotel que ficou famoso não só pela qualidade, mas também pelos suicídios nele ocorridos, as autoridades deram também com um papel contendo um último pedido da preceptora às antigas pupilas: tenho no vosso jazigo um lugar ao lado do nosso mártir. Não se opõem, não? Se acaso derem comigo a tempo, não me chamem à vida, ajudem-me a morrer. As nossas vidas pertenciam-se. Chamava-se Clementina Sarmiento e quero crer que, na sepultura que mostra apenas as iniciais C.S., dorme ainda hoje aquecida pelo amor de Urbino Emílio, que descansa no túmulo imediatamente abaixo.

O inevitável anunciou-se

A cada dia, a minha avó parecia mais um retrato antigo. Não dela mesma, mas de um antepassado, talvez da própria mãe, ou até da avó ou da bisavó, por certo de alguém que já há muito não habitava o mundo. Olhando-a, eu reconhecia-lhe o rosto, que possuía ainda traços da mulher que ela fora, mas estava cada vez mais afetado pelo tempo, como as fotografias guardadas em latas antigas: amarelecido e triste. Era a morte a levá-la devagarinho. Nos dias maus, eu encarava aquele encolher como se a morte quisesse que eu a visse definhar com sofrida atenção. Nos momentos bons, pensava que era uma questão de clemência e que, afinal, estava a ser dado tempo à minha avó para se despedir da vida – e agradecia o facto de também eu poder despedir-me dela. Não sabia apenas que longas despedidas não paliam dores, antes afundam as feridas.

Quando, por fim, o inevitável se anunciou, veio também o breu, e uma enorme nuvem negra ensombrou toda a minha vida. Cobria a casa e a rua, mesmo durante os dias mais soalheiros, escurecia a minha voz quando eu falava com os turistas, entristecia o meu olhar quando me via ao espelho, enforcava-me as gargalhadas quando alguém dizia uma piada. Depois, aos poucos, senti que, de sombra, a dor da perda se fez vento. Lufadas de tristeza atingiam-me ao longo do dia e, antes de dormir, deixavam-me o interior todo despenteado. Quando acordava, sentia-me em pantanas, como se tivesse passado a noite à bulha com alguém que não apenas comigo mesma e com aquele vazio.

Nessa altura, de cada vez que me preparava para sair de casa, ligava o televisor no programa predileto da minha avó e só depois saía. Entristeciam-me as saudades próprias e as alheias, como as que os móveis e aquela casa certamente sentiriam dela e dos seus hábitos, pelo que procurava minimizar-lhes essa dor, dando-lhes as vozes dos

apresentadores de televisão e outros confortos sonoros a que já estavam habituados. Quando fazia sopa, tal qual a minha avó me ensinara, acredito que eles também se sentissem reconfortados com o aroma. As recordações conduzem sempre a mais saudades, mas são também a melhor forma de o universo nos devolver quem nos faz falta. Procuro estar ciente disso de cada vez que vou ao cemitério. Nem imaginas os trabalhos em que ela investiu, a fim de garantir lugar no mais bonito cemitério da cidade – o mais lindo do mundo, dizia, mesmo sem precisar de conhecer cemitérios de outras cidades –, aquele ao qual muito adequadamente chamaram Prado do Repouso e onde descansam figuras como Eugénio de Andrade, Manuel António Pina, Aurélia de Sousa, Ilse Losa, ou Abel Salazar.

Ao andar na rua, sentia um nervosismo em forma de formigueiro, que começava ao fundo das costas e se prolongava até à nuca. Olhava para os lados, a todo o instante, virava-me para trás, como se a morte me perseguisse. Não sei ao certo se temia a minha própria morte, ou se era a morte da minha avó ainda a assombrar-me a vida, como uma fantasmagoria. Evitava encontrar-me com pessoas conhecidas, por estarem dentro do ocorrido, mas quando acontecia era como se lá não estivesse. Elas perguntavam-me o que é que tens e eu respondia mentindo: nada. Uma inquietação indefinida impedia-me de desfrutar dos momentos. Mentia também, como de resto toda a gente mente nestes casos, se me perguntavam se estava tudo bem. Sim, sim, estou só um bocado cansada. A verdade é que aquele não era o meu estado normal e os meus interlocutores sabiam-no. Não conseguia relaxar, sentia uma tensão constante na zona do pescoço, nas pernas e, muitas vezes, na barriga. Pior do que isso, respirava uma espécie de agonia, que se materializava num nó na garganta, que me tirava a sede, a fome e a vontade de falar.

Mas o meu trabalho dependia da minha voz e das palavras e não me restava senão deixar de lado as aflições. Até a roupa se queixava, porque eu dançava dentro dela. Apenas ao mostrar a cidade às pessoas eu conseguia, senão totalmente, pelo menos em parte, abstrair-me de todas as sensações que tomavam conta do meu corpo e do meu espírito. Eram pessoas que não iriam perguntar-me, a menos que por razões de cortesia, se estava tudo bem comigo. Isso permitia-me

sacudir algum do pó da tristeza de cima de mim, mas não era solução. A vida parecia uma força em marcha para o abismo e era tão impossível fazer-lhe frente quanto certa a minha incapacidade de não ser arrastada por ela. Que caminhos restariam para quem já se deitava num caixão?

Desembrulhar o passado

Quando subi ao sótão para começar o esvaziamento daquela parte da casa, sabia bem o que iria encontrar. Depois do negror inicial, instalou-se um ambiente de meia treva. Da lâmpada que acendi, irradiava um sol tímido a cobrir de amarelo fosco o soalho que há décadas o bicho-da-madeira devorava. As prateleiras continuaram anoitecidas, por isso recorri à lanterna do telemóvel para começar a tirar delas, uma a uma, as recordações dos meus pais, da minha avó e da minha infância. Comecei por puxar um saco de um plástico amarelo e grosso, que lembrava aqueles barcos de borracha que se usavam nas praias e que demoravam um dia inteiro a encher; tinha uma cordita amarelecida, enfiada em ilhoses enferrujados, a fechá-lo com um nó; lá dentro, encontrei uma carteira antiga da minha mãe, dois cintos largos e com fivelas enormes, a fazer lembrar aqueles dos pugilistas, uma peruca, uma escova e umas sandálias brancas. Ao lado, jaziam sacos de lixo, daqueles pretos, com roupa que também fora dela: uma T-shirt às riscas brancas e azul-marinho, com a inscrição Sail Fashion, na zona do peito, e 1993 logo abaixo, da qual me recordo bem; umas calças de ganga de cintura subida, muito gastas no rabo e na parte de cima das coxas; uma saia plissada verde-esmeralda, da qual me lembro ainda melhor do que da T-shirt e que eu, na verdade, adorava, embora hoje me pareça horrível; um cachecol de lã de cor violeta, rasgado numa das pontas; umas sapatilhitas de pano, brancas, sem atacadores, com uma sola fininha de borracha outrora branca, que ficam a meio caminho entre umas sabrinhas e umas alpercatas; um kispo azul-índigo, muito feio, e com o fecho éclair estragado. Voltei a enfiar aquela roupa mofenta dentro dos sacos, sem grandes cuidados, achando que não teria dificuldades em desfazer-me dela. Do meu pai, numa caixa branca e azul, que dizia Rolamentos ESB, encontrei apenas um canivete, duas chaves de fendas, um

martelo, um alicate, um relógio-despertador desmontado, um rádio a pilhas partido, uns saquinhos com pregos e parafusos, um frasco amarelo de cola de madeira, mais rijo do que o pão que o Diabo amassou e lhe serviu, um galhardete do Futebol Clube do Porto, um postal da Cicciolina e uma lata de salsichas Sicasal cheia de areia. Meus, encontrei vários manuais escolares, que decidi pôr logo de lado, para levar para a reciclagem, e os cadernos dos sucessivos anos letivos. Ainda comecei por folheá-los, mas acabei por, em todos, ir direta às últimas folhas, invariavelmente preenchidas com pensamentos, pequenos poemas e, sobretudo, com conversas a duas cores e diferentes caligrafias. A azul, uma pergunta em letra arredondada, a minha; a preto, a tua resposta escrita com as palavras a tombar para a frente, aerodinâmicas, afiadas, atrevidas. Não me pus a lê-las, mas também não fui capaz de colocar aqueles cadernos na pilha das coisas a deitar fora. De seguida, puxei até mim um pequeno caixote de cartão, todo pintado por mim e pela avó, com guache, quando eu andava no quinto ano, conforme aprendera nas aulas de Educação Visual e Tecnológica. Dentro, encontrei uma Barbie – a única que tive – perneta, com o cabelo pintado de preto e uma tatuagem desenhada por mim no braço, que pretendia representar um coração; dei também com a Jéssica, uma boneca estilo Nenuco comprada pela avó na Feira de Espinho; emocionei-me ao reencontrar o Patolas, um dos meus melhores amigos, um cãozinho de peluche, muito fofo, mas que naquele momento me pareceu já ter levado uma vida demasiado longa; dei com um Pinypon de uma prima do Luís Miguel, que ela me emprestou e nunca devolvi; dois fantoches de pano, lindos, feitos com a ajuda da minha avó recorrendo a meias velhas, trapos, fios de lã no lugar dos cabelos e botões a fazerem de olhos. Ainda espreeitei em volta, procurando outras velharias às quais pudesse dedicar alguns minutos, antes de tomar em mãos aquilo que, vários anos depois, saberia que iria reencontrar. Ao fundo, vi uma almofada velha (não lhe mexi, por medo de que tivesse um rato dentro, apesar de não acreditar mesmo que os houvesse por ali, caso contrário nem sequer teria subido ao sótão), ao lado da qual jazia um candeeiro de pechisbeque sem fio elétrico, nem abat-jour. Adiante, no sítio onde o telhado se encontra com o chão, descansavam sete

garrações de vinho, daqueles revestidos a plástico branco, e evidentemente vazios, uns sem rolha, outros com ela enfiada até meio. Duas delas, reparei, pareciam roídas, mas convenci-me de que deveria ser impressão minha. Estava lá também um balde sem pega, uma bacia vermelha, muito gasta, que a minha avó usava para demolhar o bacalhau (por instantes, veio-me à cabeça a imagem dela a usá-la também para lavar roupa, mas se calhar a minha memória e a minha imaginação andam a cruzar os mesmos caminhos), uma vassoura com o cabo partido, um saco com molas de madeira, empurradas para a reforma com o surgimento das lojas dos 300 e pelo primado do plástico vindo da China, uma carpete enrolada, um tapete de entrada manchado por líxivia depois de o meu pai lhe ter feito porcarias em cima, uma gaiola de base amarela outrora habitada por um periquito de nome Titi, depois por um canário chamado Sininho e, por fim, por um pintassilgo que não chegou a ter nome, porque morreu no mesmo dia em que chegou cá a casa, facto que fez a minha avó dar sumiço à gaiola. Entretanto, sentei-me no chão, desbloqueei o ecrã do telemóvel e pus-me a ver coisas que não precisava de ver. Assim se passaram uns bons minutos – talvez quinze, vinte –, até que me decidi a pegar na caixa – uma caixa de madeira, encontrada com grande espanto e maravilhamento no contentor do lixo – e pousá-la no chão, à minha frente. Tinha uma espécie de gancho metálico que, depois de aberto, permitia levantar a tampa, como se faz com as dos gira-discos. A madeira não era clara nem escura, mas de um castanho intermédio, ainda que estivesse mais escurecida – ensebada, digamos – na frente, junto ao gancho, bem como acima dele e nas laterais da tampa, por serem esses os lados mais usados para a abrir. Olhei de relance para o espelho grande e sarapintado de velhice que, há muitos anos, tinha pendurado na trave da cumeeira do telhado, voltei a olhar e expirei todo o ar que, entretanto, me preenchera os pulmões. Empurrei o gancho para o lado e levantei a tampa da caixa, ao mesmo tempo que fechei os olhos. Depois, cerrei-os com mais força, esperando que chegasse até mim um odor conhecido. Assim me mantive, sabedora de que estava a desembrulhar o passado. Aos poucos, fui aliviando a tensão exercida pelos músculos da testa e os que demais circundam os olhos, até que, por fim, os abri. Deu-se então o encontro com a minha

última infância e com o princípio da minha adolescência – e com o segredo que esse período guarda.

A pessoa que fui e a que não fui

Tinha, à minha frente, a caixa aberta. Dentro dela, estavam duas pessoas: a menina que fui e a que não fui. Uma chama-se Elisabete Fragata. A outra, Luísa Fragata. Retirei de dentro da caixa seis volumes, todos de capa dura. Eram seis diários, um deles interrompido, correspondentes ao período entre a minha segunda classe e o meu sétimo ano. Comecei a aventura diarística aos sete anos, na segunda classe, quando já escrevia sem grandes dificuldades. Prossegui até meio do primeiro período do sétimo ano. Escrevia todos os dias, religiosamente, à noite, deitada na cama.

De seguida, retirei da caixa uns calções de ganga, curtíssimos, rasgados e esfiapados em baixo, como na altura se usava, uma bandolete vermelha, grossa, acolchoada e forrada com uma espécie de veludo vermelho, e um top branco, que deixava ver a barriga, como então era moda. E, claro, as minhas argolas, grandonas, como todas as miúdas de então queriam usar. Dentro da caixa, estava também um isqueiro prateado e o piercing para o umbigo que comprei no primeiro dia do sétimo ano, mas nunca cheguei a ter coragem de fazer o furo. E alguns recortes de revistas, de raparigas com penteados e roupas que eu gostaria de ter também – mas não percamos demasiado tempo com elas, porque o que verdadeiramente interessa é o resto.

Como bem sabes, naquela altura, na escola, eu pouco falava com os meus colegas. Não tinha vontade. E, quando tinha, não o fazia. Não percebia bem por que motivo, mas as palavras não me saíam. Parecia que estava tudo enovelado cá dentro – as ideias, as palavras, as coisas que eu sentia e até a minha língua, que era como se estivesse virada para dentro e não para fora. Mas eu via-me naquelas circunstâncias, tinha noção – até pelas reações ao meu comportamento – de que não agia como os outros meninos e meninas. Sucede que não sabia o que fazer para me colocar em circunstâncias mais normais. A professora e

as funcionárias da escola perguntavam-me o que é que se passava comigo, uns colegas tentavam sacudir-me, outros esforçavam-se por me humilhar e fazer sentir pior. Chegada a casa, nada melhorava, pelo contrário. A Sé, que eu adorava, era em simultâneo um local perigoso, porque a probabilidade de sair magoada da casa e da rua em que vivia era muito grande. Por isso, fugia para brincar sozinha, junto ao mar, ou nas águas mansas do rio; por isso, subia ao telhado, em busca de sossego, de alheamento, de uma proximidade do céu, por oposição ao que era terreno, um mundo tão triste, tão sem coisas boas; por tudo isso, eu não conseguia ser quem queria ser. Então, inventei-te a ti. Uma amiga que fosse mais do que uma amiga. Uma irmã que eu nunca tivera e que fosse exatamente como eu gostaria de ser. Se, algum dia, alguém ler isto, perceberá agora por que motivo, no começo deste livro, empreguei o plural quando relatava as brincadeiras junto ao rio, ou as subidas ao telhado. Nada disso eu fiz sozinha, embora toda a gente achasse que sim. Tudo isso aconteceu acompanhada. Foi contigo que vivi todas aquelas aventuras e creio que, hoje, percebes ainda melhor porquê. Já aqui te falei do meu pai e da forma como morreu tão tragicamente como viveu, já te dei conta do desaparecimento da minha mãe, do abandono a que me votou. Apesar disso, e em grande medida graças à minha avó, acho que consegui viver uma infância feliz. Mas tu também fizeste muito por isso. Estou-te muito grata. Criei-te, só para mim, logo na segunda página daquele primeiro diário. Chamei-te de imediato Luísa, porque nunca gostei de Elisabete. O meu sonho era chamar-me Luísa. Luísa Fragata soava muito melhor do que Elisabete Fragata. Aos poucos, deite corpo. Eras mais alta e tinhas um cabelo ondulado e claro, muito mais giro do que o meu. Eras mais extrovertida e comunicativa, sorrias muito mais, até porque tinhas uns dentes mais bonitos, vestias roupas como esta que retirei de dentro da caixa e que eu só era capaz de vestir neste sótão, olhando-me ao espelho, porque tu me dizias para o fazer, para não ter medo nem vergonha das reações dos outros. Fizeste muito por mim. Acompanhaste-me durante toda a infância, abraçaste-me no escuro, nas piores noites. Ouviste-me quando eu queria falar. Aconselhaste-me com sensatez quando eu precisei de ouvir opiniões diferentes das minhas. Ocupaste o lugar dos amigos que

o estado em que a vida me deixou não me permitia encontrar, ou manter. Foste, repito, a irmã que eu não tive, por isso não tem sentido algum dizer que sou filha única. Não sou. Tu exististe, Luísa. Tu viveste nesta mesma casa durante vários anos, cresceste comigo e com tudo o que minha avó me ensinou – nos ensinou. Não foi só a mim que ela elogiou e repreendeu, sabes bem. Eu transmitia-te tudo o que ela dizia e, se isso não bastasse para também tu ires bebendo da bondade e do saber dela, é evidente que crescias comigo, porque nasceste de mim, sendo, porém, uma irmã. Não eras filha do mesmo pai e da mesma mãe, porque só isso explicava, à criança que eu era, que tivesses nascido tão mais estruturada do que eu, mas eras minha irmã e eras certamente neta da mesma avó, porque a minha avó era o que de melhor eu tinha e por isso partilhava-a contigo. Foste tudo isso, e talvez mais, até ao momento em que achei que deveria seguir caminho sozinha.

Vivi sem ti

No dia em que menstruei pela primeira vez, no começo do sétimo ano, senti-me forçada a tomar uma decisão. Já tinha secado as lágrimas todas, depois de a minha avó ter ido deitar-me e ter dito: agora, já és uma mulher. Pois, se era já uma mulher, não restavam dúvidas de que não fazia sentido continuar a brincar como as crianças e muito menos a conversar com uma pessoa que, por mais importante que fosse para mim, e por mais que eu gostasse dela, na verdade, não existia. Era o que eu sentia e por isso o digo. Estava transtornada. Havia sangue a sair de mim. Um fio escorrera-me, pernas abaixo, comigo de calções, na aula de Matemática, com toda a gente a ver. A minha avó chamava regras àquele momento traumático, o livro da escola chamava-lhe menstruação ou menarca, palavras tenebrosas. E, por mais que outras colegas já tivessem vivido o mesmo e falado do assunto, a vergonha foi tão grande quanto o horror. Talvez tenha sido o abalo que senti a manter-me longe das fantasias em que vivia e que, de modo incontornável, te incluíam. Talvez tenha sido isso, mas também algum orgulho por, na verdade, estar a ficar crescida – por já ser, como a minha avó dissera, uma mulher.

Nesse mesmo dia, levou-me a fazer algo imprescindível, para que eu – e as palavras são dela – entrasse pura na madureza do corpo. Descemos a rua, até à Igreja dos Grilos. Espera aqui, disse-me, deixando-me de frente para o retábulo. Minutos depois, conduziu-me ao confessionário, puxou a cortina e afastou-se. Outros passos anunciaram a chegada do padre, que se sentou e me deu as boas-tardes. Eu falei e, nessa noite, deixei de escrever os diários, arrumei-os numa caixa que guardei no sótão com mais alguns objetos, e daí em diante vivi sem ti.

Mas, quando reentrei naquele sótão, e me soube e senti na presença da caixa em que te tinha guardado, começaste a regressar à

minha vida. Faltava apenas reencaixar duas peças.

Igreja dos Grilos

A princípio, não soube explicar que necessidade ou chamamento me conduziu àquele lugar, porque não foi nada consciente. Não foi vontade, muito menos certeza. Talvez possamos chamar-lhe intuição. Ou, então, esperança e desespero, caso, unidas, possam gerar a palavra correta. Havia em mim a urgência de encontrar um apoio, um ombro capaz de me amparar, de travar a marcha em que me sabia. Tal como, por certo, a velhinha enlutada que vi quando entrei. Estava imóvel, ajoelhada, de mãos unidas e cabeça baixa, defronte para o altar. Percebi que era igual a ela, ao vê-la carpir as suas desesperanças, agonias e tristezas. E que muitas outras vezes as teria carpido, porque a vida que vivia ia já longa, mas que, não havia dúvida, ali encontrara conforto. Portanto, aquilo serviria para mim também, como a minha avó sempre me garantira. Por isso fui lá, como ela ia também, e pedi auxílio sabendo já que ajuda queria. Pedi a Deus que me desse o que eu sabia que dependia mais de mim do que d'Ele, o que equivalia a pedir-lhe um perdão antecipado por tal escolha. Mas pensei em ti e decidi não querer saber. Tu também não quererias saber. Sempre foste muito mais des preocupada.

Então, senti-me de súbito robustecida, amparada, forte o bastante para continuar. Pedi e chamei, como haveria de voltar a fazer no futuro. E senti-me mais capaz de lidar com tudo aquilo. Tu dizias-me já ao ouvido que eu seria capaz, que me ajudarias, que estarias sempre comigo, que ultrapassaríamos aquilo juntas. Foi ali – na igreja para a qual a minha avó corria às badaladas da primeira missa – que regressou a mim a certeza de te ter, a deliciosa sensação um pouco pagã de te ter sempre comigo. Só me faltava mais uma coisa.

Não um, não dois, mas três

Mal cruzei a grande porta, foi como se já ali estivesse. E a verdade é que já estavas, como se sempre tivesses estado – amiga, inteira e disponível. Era como se os anos de separação não tivessem existido, porque nos conhecíamos desde sempre. Com os melhores amigos, toda a gente o sabe, é assim – encontram-se vários anos depois e é como se tivessem estado juntos no dia anterior. O tempo pode passar, mas a intimidade nunca se quebra e a cumplicidade nunca desaparece. Por isso, ao sairmos da igreja, foste de imediato comigo comprar o que não poderia faltar. É claro que tinha decidido que já não iriam apanhar-me a falar contigo na rua. Nesta nova fase, encontramos apenas em casa. É claro que eu vou falando contigo, quando tomo notas no telemóvel, mas é em casa, quando de facto te escrevo, que te mostro tudo – é essa a diferença na nossa relação atual. De resto, é tudo igual. Aliás, eu estava tão certa de que tinhas vindo para ficar, que levei para casa não um, não dois, mas três bonitos cadernos de capa verde, com um toque de pele, de marca inglesa. Foram caros, mas o fim justificava-o. Comprei-os na Araújo & Sobrinho, na Rua das Flores, e corri para casa – tu estavas feliz com o meu entusiasmo –, para começar a escrever-te. No regresso, encontrei o Luís Miguel Ideias, junto à Fonte Monumental da Rua Mouzinho da Silveira, que me disse, coçando-se muito: Beta, o que é que achas desta ideia? E se eu propusesse à Câmara que deixasse de desperdiçar esta água e das bicas passasse a sair cerveja? Eu ficava com a concessão disto e montava aqui um bar. Gostas da ideia? Outra hipótese era aquecer a água através de serpentinas de cilindros e fazer disto uma espécie de termas ou jacuzzi para turistas. Dez euros por meia hora. Em pleno centro da cidade, seria de certeza um sucesso! Também me lembrei de outra coisa. Vê como é uma ótima ideia. Sabes, eu não gosto nada de cortar as unhas; e também detesto ir cortar o cabelo. Por isso, lembrei-

me do seguinte: e se, para pouparmos tempo e dinheiro, as unhas e o cabelo nos comesçassem a crescer para dentro? Já imaginaste a poupança?

De mão dada contigo, esperei que o futuro viesse vindo

Sabes agora onde e quando senti que iria ressuscitar-te, Luísa Fragata. Falta apenas saberes porquê, mas não será difícil imaginares. Senti que precisava novamente de ti. Por isso, fui convocando os teus bons conselhos em vários momentos dos meus difíceis dias, divididos entre muito trabalho, a doença e o agravamento do estado da minha avó e a iminência de termos de mudar de casa, perdendo todas as nossas referências – o que, pensando nela, mexia muito comigo. Aliás, só mexia comigo, porque ela continuava, graças a Deus, a ignorar o que se passava.

A necessidade de voltar a ter-te na minha vida foi sentida – e fez sentido – cá dentro, não foi algo pensado por palavras. Foste aparecendo, neste e naqueles momentos, até que, quando a minha avó me deixou e eu decidi começar este livro dedicado a tudo o que vivi e também ao que não vivi e gostaria de ter vivido, achei que faria sentido fazê-lo como nos meus antigos diários, guardados no sótão, ou seja, dirigindo-me a ti, falando à pessoa que não fui. E tinha de o fazer começando pelo princípio, como se não soubesses nada de quem sou ou terei sido, sobre o que vivi e o que não pude viver, como se não nos conhecêssemos, porque, enfim, depois de tantos anos guardada num sótão (não seria correto dizer esquecida), muita coisa em mim mudou, inclusivamente a forma como vejo o tempo que passámos juntas, por isso achei importante contextualizar-te em absoluto.

Regressaste à minha vida, porque eu voltei a ver-me como dantes: uma miúda insegura, sem saber como se agarrar ao mundo, quando este começava a desmoronar-se debaixo dos próprios pés. A cada inquietação, dúvida ou dilema, voltei a perguntar-me o que terias feito, ou a perguntar-te o que farias. Sempre foste muito mais corajosa do que eu. Por isso, do momento da compra dos cadernos em diante,

de mão dada contigo, acreditando que seria melhor do que o tempo presente, esperei que o futuro viesse vindo.

Direito à cidade

Venta, à meia-noite, fazendo as nuvens cuspirem água contra os telhados, até esta se despenhar pelos beirais em jorros gordos e crepitantes; venta, às duas da manhã, agitando as vidraças toscas, já mal vedadas junto ao alumínio, que permitem o inquietante dançar das cortinas por detrás das portadas sem tinta; venta, às cinco horas, por sobre a Sé e as igrejas, que não escapam à intempérie quando a impossibilidade de adormecer me leva a espreitar o exterior, insone; venta na minha cabeça mais do que lá fora; o correr de ar uivante só dá tréguas quando começa a raiar o sol, vindo do outro lado do mundo e trazendo enfim a manhã. Depois, orvalha sobre a cidade durante todo o dia. É um sábado triste, mais triste do que os demais dias, também eles tristes.

Se, amanhã, o tempo melhorar, vou querer ir a Gaia olhar o meu Porto e vê-lo erguido sobre uma pequena cordilheira, debruçado na ponta de falésias e abismos de granito a que tenazmente se agarra e no fundo dos quais reluz a água do rio a que tão bem chamaram Douro. Constatarei que, em todos os espaços, por mais estreitos que sejam, se edificaram prédios, ligados por escadas, se construíram pátios, terraços, varandas e marquises, para neles se estenderem roupas ao sol vindo de sul, que no topo das casas se ergueram mansardas, para aproveitamento dos sótãos, ou mesmo pisos completos, por vezes não apenas um, mas dois, ou até mesmo três. A dado momento, os portuenses não queriam, nem aceitavam, ir viver para fora da cidade e os de fora não queriam continuar a ser de fora, mas sim de cá. Por isso, qualquer porção de solo servia para albergar mais gente. No fundo de um quintal, nascia então uma casinha, depois outra, e outra, e ainda outra, ilhas completas, famílias encaixotadas em quinze metros quadrados, dando corpo a uma capacidade de multiplicação e rentabilização do espaço que transcende o entendimento mais simples,

mas que consolidou e construiu também o espírito, a vitalidade e o caráter das gentes. Era a cidade a crescer para dentro dela própria.

Tendo o Porto encontrado sempre solução para quem cá queria morar, custa-me que hoje não haja alternativa para mim e para tantas outras pessoas que, como eu, não querem partir, mas não têm alternativa. Não vou para outra cidade, do ponto de vista administrativo, mas mudo-me para outro Porto dentro do Porto, um lugar menos central, menos ribeirinho e, histórica e pessoalmente falando, menos inicial – e isso dói-me. Eu sou daqui. Desta cerca velha, à qual já se chamou castelo. Nasci aqui e cresci aqui. Foi regada pelas idiossincrasias dos meus e do respetivo contexto que aqui brotei; com as particularidades do meu temperamento, aqui espiguei corpo e caráter. Mas a qualidade de um e outro aspetos – refiro-me às tais especificidades – não devem ser avaliados para efeitos conferidores de direito à cidade, à minha cidade. Hoje, é o monumento mais visitado do Porto, por gente que cá vem espreitá-la, mas todos os mais de treze mil dias da minha vida eu vi a Sé românica, que por sua vez está sentada por cima de uma ermida visigótica, que já cá estava antes dela. Eu e os meus sabemo-la de cor. A minha Rua da Pena Ventosa tem dos nomes mais antigos de entre todas as ruas desta cidade. Já cá estava, por exemplo, no século XII, quando esta colina – que acolhia moradas de gente viva e de gente morta, cortes de animais, estrumeiras e nitreiras, fontes de chafurdo, açougues e até uma sinagoga – viu nascer a Sé. E, mesmo essa, tão antiga, mantém uma robustez que tanto se sustenta na rijeza da rocha escavada da pedreira em que tudo aqui assenta, como no orgulho de cá estar. Meu Porto, ainda estou dentro de ti e já sinto a tua falta.

Mais velha do que a Sé do Porto

À nossa beira, numa porta baixinha da Rua das Aldas, ao lado do Simão das Solas e Cabedais, morava uma velha tão velha, que o tempo dela não podia ser outro que não o das penedias que compunham o maciço rochoso no topo do qual assentavam todas aquelas construções. Só por isso, merecia que te falasse dela, mas há muito mais a dizer. Chamávamos-lhe Violeta. Ninguém sabia ao certo a idade que tinha, mas ela garantia ter memória do assassinato de Sidónio Pais, que era nortenho de Caminha, e ainda – o que fazia toda a gente desconfiar, mas que resultava na reunião de dezenas de pessoas à volta dela quando contava o que os jornais relataram – do regicídio do rei D. Carlos. Descrevia com pormenor o sucedido, que considerava uma enorme vilania, apesar de ser, salientava sempre, uma convicta republicana.

Era uma espécie de irmã mais velha da minha avó, mas, de tão vergada e mirrada que sempre a conheci, não era difícil depreender que poderia até ser mãe dela. Nas últimas visitas que lhe fizemos, tinha a pele tão apagada, que se assemelhava mais a um fantasma do que a uma pessoa. Nas ruas, ia-se mais longe: dizia-se que se tinha esquecido de morrer, ou que parecia saída de um cemitério. E, se calhar, tinham alguma razão, embora me custasse muito ouvir tais coisas e me apetecesse dizer-lhes de imediato: parece agora, quem te dera! De aparência frágil, sugada pelo tempo, talvez a D. Violeta se mantivesse de pé pelo hábito de estar viva. Naquela fase, os olhos grandes, imóveis, e um sorriso inconsciente punham-lhe no rosto uma alegria tola, que ironizava com a tristeza em que passava os dias. Não só já não via – talvez olhasse apenas para dentro, revendo a sua história e a do seu tempo –, como também não entendia a realidade atual, por isso, punha-se-nos a contar episódios antigos, as únicas alegrias que lhe sobravam. Garantia – e a minha avó corroborava –

que no Porto da infância dela se encontravam, com frequência, raposas a vasculhar no lixo. Vinham, movidas pela fome, das florestas de Azevedo, Campanhã, onde o meu avô ia, com mais alguns vizinhos, caçar javalis, nos pinhais que ficavam para lá do Lameiro de Cima.

Um dia, no meio de tantas outras coisas desconcertantes que proferia, disse-me, ao ver-me sair da catequese, que não acreditava numa igreja em que as mulheres tivessem um papel absolutamente secundário. Eu tinha onze anos e não percebi o que queria aquilo dizer. Quando, cinco anos mais tarde, a questioneei a propósito disso, ela, que já não tinha qualquer memória desse dito mas o reconheceu como sendo dela, espantou-se com a minha recordação e pediu-me que me sentasse, para conversarmos. Assim ficámos toda a tarde, a debater o papel da mulher na igreja e na sociedade. Falou-me também da fé, explicando-me: nunca nada veio ter comigo, nenhum pressentimento, intuição, chamado ou presença. Nada. E, nas vezes em que procurei, nada encontrei. Em mim, a dúvida convive com ela própria, nunca conviveu com a fé como sucede com os crentes. Para grande tristeza da minha avó, que não lho perdoava e lho dizia, também plantou em mim certas dúvidas e abalou um pouco a minha fé pouco sólida de adolescente. Possuía também uma visão despreocupada da morte. Se eu lhe falava na idade, ou lhe perguntava se temia o fim, respondia, com simplicidade: medo da morte? Não tenho tempo nem idade para isso, sou mais velha do que a Sé do Porto. Já morri tanto a cada dia, que cada vez mais sinto que isso da morte é mentira. E, se não for, que diferença faz?

O que me permitiu viver

Nem sempre se conta tudo e eu não contei que parte do tempo que passávamos no telhado tinha o aparentemente contraditório objetivo de fuga e de perseguição. Muitas vezes, subia para ali para fugir dos uivos que se ouviam dentro de casa, vindos de uma espécie de divisão secreta que havia no nosso prédio, mesmo ao lado – e ligeiramente por cima – da nossa casa. Era talvez o sítio mais mal pensado e menos prático de todo o mundo para a serventia que lhe era dada pela minha avó e por dezenas e dezenas de mulheres que todos os anos a procuravam. A princípio, eu não percebia o que ali se passava, mas, mais tarde, fugia de casa para não distinguir os uivos de dor atrás da parede e ia ouvi-los sem o mesmo terror, sentada sobre as telhas e a sala da tortura. Dali, podia fitar o horizonte, olhar ao redor e ver azul, um imenso azul, e isso fazia-me sentir a salvo de um futuro que temia vir a ser como o daquelas mulheres, que via escalarem quatro andares mais um, por vezes carregando barrigas que já anunciavam gente dentro, ou então – quase sempre – culpas e medos mais pesados do que elas. Subiam sempre a custo, de olhos no chão, como se a madeira dos degraus ameaçasse fender-se e pôr-lhes a vida mais em perigo do que as mãos experientes e os cuidados antigos daquela mulher, que, secretamente, iria fazer-lhes os desmanchos. No final, depois de gritos abafados pelas toalhas velhas que a minha avó lhes dava para morderem, descer aquela escadaria era dos exercícios mais difíceis que haveriam de fazer. Das primeiras vezes que, sem a minha avó saber, as vi, aterrorizaram-me os esgares que desenhavam nos rostos brancos de cada vez que pousavam um pé no degrau abaixo, e impressionavam-me as lágrimas que lhes corriam sem parar até aos buços suados. Apavorava-me aquela dor física, sem saber ainda que lhes doía bem mais a alma. Algumas, tiravam o dia e passavam-no, fechadas no quarto, a chorar. Diziam aos maridos que eram coisas de mulheres, o

período desta vez deixara-as assim, levantavam-se só para fazer o jantar, ou – a muito custo – dar banho aos filhos. Muitas outras, a maioria, iam dali para o trabalho, mordendo os lábios às escondidas dos patrões e, ao final do dia, dos maridos e dos filhos.

O que se passava na parte do sótão do prédio que ficava por cima da nossa cozinha, à qual se acedia através de uma escadota estreita e íngreme construída nas traseiras da casa de banho (e julgo que na mesma altura que a dita cuja), era não só secreto, como também aterrador – e todos sabemos o quanto pode o desconhecido assustar uma criança. Quando a minha avó me mandava para o quarto, eu já sabia o que dali vinha. Obedecia, mas, à primeira oportunidade, procurava as outras escadas para o sótão, também estreitas e igualmente íngremes, aquelas que levavam à parte que utilizávamos como arrecadação, e dali subia ao telhado. Dentro de casa, sentia-me aprisionada e temia ser capturada também para o que, a meu ver, constituía uma incompreensível tortura.

Só muito mais tarde, percebi que aquele tugúrio de meia dúzia de metros quadrados, assotado e em telha-vã, albergava o garante do nosso sustento: as mãos e o saber secreto da minha avó. Foi ali dentro que ganhou o pão que me serviu de alimento até à idade adulta, foi a fazer desmanchos, a impedir o começo de outras vidas, que me salvou da orfandade e me permitiu viver.

Espaço incógnito

Sei que és imaginativa, sensível e muitíssimo inteligente, por isso não tenho qualquer dúvida de que, neste momento, estarás a refletir acerca daquilo que acabei de te contar, porventura a partir de perspetivas que me são inacessíveis, tanto por falta de lucidez, como de distanciamento. Acredito que, entre muitas outras coisas que agora não me ocorrem, já tenhas pensado num aspeto muito preciso daquele contexto. Talvez por isso faça sentido contar-te que, nos dias seguintes aos desmanchos, a minha avó saía de casa com uma pequena cesta de verga debaixo do braço. Nunca soube – primeiro, porque ela não me deixava acompanhá-la e, mais tarde, porque eu própria não queria saber – aonde se dirigia. Um dia, sem que eu tivesse feito pergunta alguma, e a propósito de outro assunto que me foge agora, mas por certo trivial, alguém me disse que a vira na Ribeira, no fundo de uma das rampas em que atracavam os barcos (ou seja, abaixo do nível em que circulam as gentes que andam na praça), a deitar pão às tainhas e às gaivotas.

Anos mais tarde, descobri outra coisa. Depois de semanas de preparação e de vários dias aguardando pelo momento certo, surripiei as chaves dos dois aloquetes que trancavam a porta daquele espaço incógnito. A minha avó andava sempre com elas numa espécie de depósito secreto de tudo o que interessava (e que, além de chaves, guardava dinheiro e rebuçados): o bolso frontal da sua bata, farda não só de trabalho, mas também de vida. Só a tirava para ir dormir e pendurava-a num cabide pregado às costas da porta do quarto dela, que fechava sempre, antes de se deitar. Se alguém – fosse eu, ou um ladrão – tentasse abrir a porta, o conteúdo do marsúpio chocalhava contra a madeira e a minha avó despertava, o que impossibilitava qualquer manobra menos honesta. Era um som que eu conhecia bem, de entradas permitidas no quatinho dela, em busca de converseta, ou

para pedir um beijo de boa-noite, e que não queria ouvir novamente, de modo ilícito. Por isso, não iria arriscar-me em missão noturna. Fui paciente e esse facto foi recompensado. Por norma, quando saía do espaço ao qual só ela tinha acesso, a minha avó trocava de bata. Descia as escadinhas trazendo já na mão a que estivera a uso e enfiava-a de molho, numa bacia cheia de espuma, antes de sair, com uma bata engomada e a cheirar a sabão azul, com a cesta de verga pendurada no antebraço.

Certo dia, porém, encheu a bacia de água, mas esqueceu-se de enfiar nela a bata e de transferir de um bolso para o outro tudo o que nele havia, como fazia sempre antes de atirar à água o traje que fazia questão de lavar. Retirou o outro molho de chaves da fechadura da porta de casa, onde, por razões de segurança, nunca se esquecia de o deixar, enfiou-o na bolsa marsupial e saiu. O bater da madeira, seguido do engate do trinco, fizeram-me disparar os batimentos cardíacos. Ofegante, corri para a janela. Vi-a sair para a rua e ali me deixei ficar uns intermináveis cinco minutos, contados pelo relógio de parede da cozinha, para me certificar de que ela, por algum motivo, não voltava para trás. Só depois afundei a pequena mão no bolso da bata, resistindo para não trazer também pelo menos um dos três rebuçados Flocos de Neve e outras coisas que lá viviam, o que seria um erro crasso, dado que a minha avó sabia de cor tudo quanto comprava e não falhava em contabilidade alguma. Aqueles rebuçados estavam-me destinados, eu sabia-o, mas noutros momentos. A menos, claro, que aquele plano desse para o torto e eu deixasse de merecer lambarices. Respirei fundo e, com a mão, procurei. Havia ali vários papéis, por certo talões de supermercado, para eu a ajudar a conferir as compras (a avó verificava mesmo toda a contabilidade), um botão de algum casaco, uma cautela da lotaria, um rosário, um dedal, uma colher de pau partida, um lenço de pano, quatro grãos de milho, várias moedas pretas e duas pétalas de rosa, além de um fio, uma espécie de serpente azul, um resto daquelas cordas coloridas, feitas de algum derivado do plástico, que se usam nos estendais, a cuja ponta estavam amarradas com perícia duas pequenas chaves. Decorei a posição em que estavam – abaixo da cautela e por cima da colher de pau –, peguei nelas e dirigi-me para a porta, que abri com cuidado,

para tentar escutar qualquer movimentação nas escadas. Como nada se ouvisse, dirigi-me ao local do crime por cometer e dei início ao delito, abrindo um aloquete e depois outro. A porta estava no começo e não no fim da escada. Mal a entreabri, um odor ácido subiu-me ao nariz. Não a escancarei, com medo de que ela pudesse ranger, mas também de que isso facilitasse a saída de criaturas contidas por ela. Alguns segundos mais tarde, com todo o cuidado, paciência e medo, puxei-a para trás; tenho o gesto e aqueles momentos cinzelados na memória; acedia, por fim, ao espaço que ocultava o mistério maior de entre os vários que bailavam na minha jovem consciência. Depois do cheiro, veio a penumbra. Durante o incontável tempo que levei a habituar-me a ela, desejei ter-te comigo (mas já sabes que, para evitar problemas, só costumávamos estar juntas na rua) e, de seguida, abri muito os olhos e procurei aguçar os ouvidos – só eles me podiam valer –, na esperança de ver e ouvir melhor. A pouco e pouco, os degraus surgiram diante de mim, mas assim que levantei o pé para pisar o primeiro, ele moveu-se. Deslocou-se para trás, saiu do sítio. Pensei tratar-se de um problema a resolver por um carpinteiro, dado que o prédio era velho e se mostrava muito carecente de manutenção. Tentei deitar-lhe a mão, para o devolver ao lugar, mas não só ele pareceu fugir de mim, como o espelho do degrau de cima começou a baloiçar. Decidi, então, não sei com que destemor, avançar esse degrau e subir diretamente para o seguinte. Mas, quando lhe pousei o pé em cima, ele de algum modo se moveu (ou o meu pé escorregou no pó que o cobria, quis eu crer), levando-me a estatelar-me contra a parede lateral. Reergui-me, decidida a continuar, temendo já também a possibilidade de, com aquele barulho, chamar a atenção de alguém e de, com tais demoras, nunca chegar a ver o que era imperioso ver. Mas o degrau imediatamente acima parecia um barco à deriva no meio de uma tempestade. Baloiçava tanto, que eu não encontrava o momento certo para o pisar. E os que lhe sucediam, logo depois, abriam-se e fechavam-se, como bocarras de monstros de madeira, pareciam até ter dentes grandes e afiados. Tenho estes momentos na parte mais acessível da minha memória desde aquela tarde de 24 de março de 1994. Tudo aquilo acontecia e eu não compreendia o que se passava. Tive vontade, muita vontade, de voltar para trás, mas a

porta, quando a procurei com o olhar, estava cerrada. Eu não me lembrava de a ter fechado, mas parecia-me mais sólida do que nunca. Também não vislumbrava bem o topo da escada, só um negrume atravessado finamente por alguns fios de luz, pequenas lâminas que me feriam os olhos. Pus-me então, em desespero, a subir as escadas como faria um gato, usando os quatro membros. A falta de noção das consequências de tal escolha foi logo castigada: a mão direita pousou em madeira oscilante e, pena maior, em espinhos mil, que me feriram e levaram a recolhê-la de imediato, toda picada, ou pelo menos assim me parecia, e a avançar a perna esquerda, até sentir a sapatilha pousar sobre um degrau que logo gritou como um monstro, até se fender e me engolir o pé. As armadilhas estavam em todo o lado, as ameaças até no que não se via, e o medo crescia no meu peito. Não sabia o que fazer e já temia que todo o telhado desabasse sobre a minha cabeça, sobre o meu corpo tão confuso, até demolir, primeiro, as escadas agressoras e, depois, todo o prédio, que se desmoronaria como se vê na TV, com dinamite por baixo, soterrando sob escombros de madeira e pedra tudo o que era nosso, bem como, coitados, os nossos vizinhos. O pó que me entrava pelo nariz e no qual as minhas mãos deslizavam quando as pousava nos degraus, era a poeira da derrocada e, por estranho que pareça, a solução para a evitar era correr escada acima. Onde já se viu subir para evitar cair? O chão é a única forma de prevenir o tombo. Era assim que o meu pai fazia, quando o mundo lhe ondeava sob os pés: punha uma mão na parede e baixava ao solo, devagar, segurando com a outra o pacote de vinho. Eu fugia de tudo isso, fugia de cair e de falhar no momento da revelação tão ansiada e não sei que coragem me deu, mas o certo é que cheguei ao topo da escadaria. Mas a subida foi tão precipitada, se assim se pode dizer, que levou a muita dor. Enfiei com a nuca no escuro e ele gritou. Eu gritei também, acho até que mordi a língua ao conter o som, porque não esperava que a luz que disparava lá do alto em finos feixes viesse de uma espécie de porta horizontal, de um alçapão, que tinha ainda de abrir, para, por fim, aceder ao segredo da minha avó. Foi nesse momento, porém, que a sorte esteve comigo como nunca me lembro de ter estado. Fiquei até a perceber que ela por vezes surge apenas depois da dor. Eu não tinha a chave daquela segunda porta, não sabia

onde estava, não se encontrava no avental da minha avó, isso era certo, e dar com uma nova tranca instalou em mim um desespero momentâneo, que só se diluiu quando, parando de esfregar a cabeça em vão, um espasmo de lucidez me lembrou que, no momento do embate, a porta se havia soerguido ligeiramente. Hoje, uma arredondada protuberância óssea sob o cabelo não me deixa esquecer que há que usar a cabeça e a intuição para resolver os problemas mais difíceis. Naquele momento, o impacto do instinto de sobrevivência foi tal, que fez saltar o trinco da fechadura, por certo já fragilizada pelos anos de uso, demonstrando-me que a sorte também é ingrediente das grandes conquistas.

Abri a porta para a direita, pousando-a devagar. Mais uma vez, a visão não funcionava; era o contrário da escuridão a cegar-me. Chegara ao topo como ao fim de uma batalha, cansada e ferida. Contudo, aceder àquele espaço instalou em mim uma emoção desmedida – ao mesmo tempo, entusiasmante e medonha –, que logo obnubilou o episódio anterior. O meu coração batia como a polícia bate à porta da casa de um ladrão. E o facto é que nada me preparara, por mais suspeitas que eu conjecturasse, para o que ali encontrei. O espaço era idêntico ao do nosso lado do sótão, mas tinha uma cama de solteiro, com o colchão revestido por um plástico esbranquiçado, e que ocupava a quase totalidade da área em que quase se conseguia andar em pé. Junto à cabeceira, havia um biombo tosco, de tecido bege, meio encardido, e atrás dele percebia-se que o Jiboias instalara uma espécie de tubo largo, que se afundava soalho abaixo, com uma tampa plástica no topo. Ao lado – por certo, para fazer as vezes de autoclismo, havia dois cântaros de plástico (um azul e um branco) – e uma torneirinha, com uma bacia de estanho por baixo, já puída – preta – a toda a volta, mas ainda razoavelmente branca no interior. Havia ainda uma cadeira aos pés da cama e, ao lado dela, um banquinho de madeira, com o assento muito gasto de um lado, denunciando que quem o usava se sentava, por algum motivo, quase sempre na ponta. Mas o que mais se fixou na minha memória, nem sei bem por que motivo, foi um armário metálico, de cor cinzenta, que se encontrava fechado. Dei voltas ao espaço, em busca da chave, sempre temendo que a minha avó pudesse voltar, e por isso com a porta

apenas encostada, pronta para bater em retirada, caso ouvisse alguém na entrada do prédio. A dada altura, lembrando-me de que a minha avó gostava de guardar notas debaixo do colchão, resolvi erguer o topo daquele, que se apresentava abaulado sobre o velho estrado e, para minha surpresa, o tipo de raciocínio da minha avó naquele esconderijo era o mesmo que aplicava dentro de casa. Lá estava uma pequena chavinha, com a qual fiz rodar a fechadura do armário e abrir uma porta que chiou como ri uma bruxa. Sustive a respiração, mantive-me imóvel e, passados longos segundos, olhei lá para dentro. Dois frascos de álcool e um de água oxigenada, todos feitos daquele plástico fosco, sobre o qual se colam os rótulos; um frasco amarelo de um conhecido antisséptico e desinfetante de cujo nome sempre gostei, por começar com Beta; duas bisnagas, uma praticamente gasta, e outra intacta, com uma pomada que eu nunca vira, nem voltei a ver; três rolos de gaze; duas embalagens de algodão em rama; uma tesoura fininha e outra mais larga; algo que mais tarde fiquei a saber ser um bisturi; duas facas de cozinha, com cabos de madeira, uma com e outra sem serrilha; uma espécie de alicate estreito e de pontas torcidas; um rolo de algo que me pareceu um cordel escuro; uma pinça comprida; vários frascos de vidro, daqueles que a minha avó também usava para o doce de maçã e para outras compotas; umas cinco ou seis toalhas de bidé, todas de cores diferentes, mas bem dobradinhas; caixas de, pelo menos, três tipos de comprimidos; duas embalagens já encetadas de chicletes Super Gorila, que tive vontade de açambarcar; dois copos altos e largos, que talvez não fossem copos; dois copos – sem dúvida copos – menos altos e menos largos, mas ainda assim grandes; uma garrafa de uísque Passport Scotch, quase intacta, e outra com um rótulo tosco e pequenino, sobre o qual se liam as palavras aguardente e, por baixo, bagaceira; ao lado delas, com a mesma altura, e emanando proteção, uma estatueta toda branca e sem brilho de Nossa Senhora, de mãos unidas junto ao peito, e com o seu manto caído sobre o pequeno pedestal, no qual se via, gravada, a indicação LEMBRANÇA DE FÁTIMA. Ainda assustada, sempre temente de que a minha avó pudesse regressar, fechei o armário e devolvi a chavinha ao estrado da cama, sem conseguir estruturar ideias, ou, se preferires, sem explicação lógica para o que acabara de ver. A minha

avó era médica nas horas vagas? Enfermeira às escondidas? E por que razão escondia esse facto? Por não ter andado na escola? E por que motivo atendia somente mulheres? E que razões a levavam a esconder tal atividade de mim, que partilhava a vida com ela?

Tardei muito a aprender o que significava a palavra desmancho e acabei por me tornar cúmplice da minha avó, mesmo sem ela o saber. Se aquelas mulheres iam ali fazer aquilo às escondidas, se iam ali sofrer – e se sofriam, que eu bem as ouvia –, a ponto de saírem tão chorosas como quem está num funeral, era porque algo ou alguém as obrigava e era porque não o podiam fazer noutro contexto. E, se a minha avó as ajudava, ela que era tão boa, era porque essa proibição estava errada, tal como tantas outras. Através destes raciocínios rudimentares, fui-me solidarizando com a minha avó e com as mulheres que, às escondidas, via entrarem e saírem daquela pequena sala de tortura e salvação, para a qual, entretanto, abrira um pequeníssimo orifício no tabique que a dividia do nosso sótão, a fim de poder espreitar o que ali se passava. Não conseguia ver senão a cabeceira da cama, mas tal ângulo mostrou-se mais do que suficiente para gravar na minha fértil memória de pré-adolescente os rostos e as expressões sofridas de mulheres jovens, de mulheres menos jovens e de mulheres que, sendo eu criança, me pareciam quase da idade da minha avó, umas de condição humilde, outras até bem vestidas, umas com discurso simples, outras sem falar, outras aparentando ser professoras, ou possuidoras de iguais estudos, além de – e isso era o que impressionava mesmo – raparigas pouco mais velhas do que eu, de mãos dadas com as mães. Umas rezavam, outras benziam-se, quase todas choravam, algumas apareciam pela terceira e quarta vez, mostravam intimidade e cumplicidade com a minha avó, tratavam-na como uma salvadora, deitavam-se e abriam-se para ela, para que operasse nelas o contrário do nascimento, foi assim que se referiu ao que fazia, quando, ano e meio depois, já eu menstruara pela primeira vez, decidi explicar-me que atividade levava secretamente a cabo naquelas águas-furtadas, fazendo-me jurar de todas as formas que jamais falaria do assunto fosse com quem fosse, nem com o padre. Ninguém, ninguém, ninguém. Eu jurei e hoje quebro esta jura para to contar, porque tu és família ou, mais do que isso, tu és a outra parte

de mim.

As senhoras da Foz

Acaba de me ocorrer que talvez tenhas curiosidade em saber como se processava tudo aquilo, ou se a minha avó nunca foi apanhada a exercer a ilegalidade que salvava quem não queria ou podia ter filhos e que nos servia de sustento. Por norma, os horários combinados permitiam às mulheres abandonarem as suas casas sem serem vistas e entrarem no nosso prédio quando menos gente circulava na rua, e isso significava aproveitar o meio das manhãs e o meio das tardes, longe de idas para os trabalhos, para as escolas, sem almoços para preparar ou servir, sem filhos, maridos, nem pais por perto, e com menos olhares atentos. Tirando as chamadas mulheres da vida, que se disfarçavam menos, e a minha avó atendia muitas, a maioria surgia de óculos escuros, outras de lenço na cabeça, quase todas encasacadas, mesmo quando não estava frio, o que me parecia estranho, dado que o disfarce acabava por chamar mais a atenção do que a ausência dele.

As senhoras de boas famílias, capazes de pagarem cuidados alicerçados noutra ciência e com outra finura, iam aos desmanchos à minha avó, em busca das suas mãos afamadas. Contribuía também para a escolha o facto de tal serviço se prestar num contexto em que ninguém as conhecia. O sistema era sempre o mesmo: a pretexto de irem rezar à Sé, as senhoras da Foz acabavam deitadas no sótão de um prédio vetusto das imediações, rogando à minha avó, mais do que a Deus, que as salvasse da prenhez indesejada. Algumas, repetentes, como uma atriz famosa, já nem lhe pediam que fosse delicada, que as tratasse bem – a urgência e a ânsia direccionavam-nas somente para a eficácia do trabalho. Mas o plano não se concretizava sem o indispensável auxílio da D. Arminda, funcionária diocesana, ela própria uma das primeiras mulheres ajudadas por aquelas mãos libertadoras, a fim de evitar um filho fora do matrimónio, cujo tom de pele constituiria imediata denúncia, enorme escândalo e provável

tragédia, a avaliar pelo feitio do marido. Solidaríssima, mas também devidamente remunerada pela minha avó, com o intuito de robustecer a garantia do seu silêncio, a D. Arminda conduziu dezenas (terão sido centenas?) de senhoras através de uma rede de caminhos desconhecida da maioria, incluindo os próprios bispos e outras figuras que trabalhavam na catedral. Fazia-o com recurso a sinais perceptíveis somente para quem estava avisado. Depois de sentadas na extremidade de um dos bancos traseiros, as senhoras deslizavam para o lado de lá de um cortinado verde, atrás do qual se abria uma porta conducente a uma escada estreita de pedra e, no final dela, a um corredor lúgubre, apontado à Torre Medieval, onde alguém as esperaria. Sempre que possível, estes serviços faziam-se em dias de chuva e, atravessado o túnel, que arrepiava aquelas mulheres, ainda que não a ponto de desistirem, e lhes enchia os lenços ou os cabelos de teias de aranha, enfiavam-se debaixo de guarda-chuvas e em três tempos estavam a subir a escadaria do número 42 da Rua da Pena Ventosa, com o coração aos pulos, rogando para não terem sido vistas. No final, apertadas por dores, mas aliviadas de pesos maiores, regressavam pelo mesmo caminho, sentavam-se no banco de madeira da Sé e, minutos depois, em função da necessidade efetiva de rezar, por vezes de pedir perdão pelo pecado, saíam ao encontro do táxi que as levava. Ajoelhada, noutro ponto da nave, a D. Arminda juntava as mãos e explicava ao Senhor que não tivera alternativa.

Outros desmanchos

É curioso que, além de fazer desmanchos, a minha avó passou boa parte da vida a remendar outros desmanchos. Parece mentira, mas é verdade, a minha avó cosia meias. E hoje percebo que não era por acaso que me cantarolava amiúde: o teu riso cristalino / fonte de amor e beleza / é a letra do novo hino / onde não reina a tristeza. Sempre que me percebia entristecida, mas sem se levantar da poltrona, para não falhar nenhum ponto, e recebendo no colo a luz que se projetava pela vidraça, começava a entoar aquela litania. Acaso eu não reagisse, repetia uma, duas, três, as vezes que fossem necessárias, os quatro versos da ladainha, parte de um tema imortalizado pela grande cantora Maria Clara. Na altura, eu não tinha noção, mas hoje sei por que motivo ela era apaixonada por aquela canção. Se te disser que ela integrava a banda sonora do filme *A Costureirinha da Sé*, de 1958, adaptação de uma opereta com o mesmo nome, estreada em 1943, entendes logo. *A Canção da Costureirinha* era, como ela dizia, música do tempo dela, tal como as cantigas do Tony de Matos, o cantor que mais admirava.

Na época em que o filme alcançou um sucesso imenso, havia no Porto centenas de apanhadeiras de malhas, mulheres que passavam os dias a reabilitar as malhas fugidas ou caídas das chamadas meias de vidro, o pináculo do glamour e da sensualidade femininas, produto caro e muito delicado. Por esse motivo, e até à massificação absoluta deste tipo de collants pelos supermercados, muitas costureiras e outras mulheres com habilidade manual passaram a dedicar-se a salvar meias. A minha avó foi apanhadeira de malhas – tinha utensílios próprios para o efeito – durante vários anos, ainda que antes e depois tenha sido simplesmente costureira. Não trabalhava à varanda, como a protagonista do filme, até porque nela tinha os feijões e tomates que plantava em vasos e floreiras, mas também o fazia noite fora, para

entregar vestidos, saias, blusas, calças e casacos a quem confiava na mestria dela. Dada a gravidade com que, quando eu era miúda, via as mulheres entrarem lá em casa, eu sentia que o trabalho da minha avó era muito importante. Algumas apareciam de vestido e saltos altos, em lágrimas, pedindo à minha avó que as salvasse. E ela, de facto, salvava-as, recompunha o nylon que dava corpo às meias, devolvendo às pernas das donzelas o tão desejado brilho cristalino. Por isso, mesmo quando ela já não apanhava malhas em meias e se dedicava à costura, digamos, convencional, fazendo desmanchos de bainhas, de cós e ombreiras, nunca me pareceu estranho que continuassem a aparecer lá por casa mulheres em prantos. Eu não tinha dúvidas de que a costura era coisa séria e estava longe de saber que elas estavam ali em busca das suas mãos e dedos calosos para outros desmanchos.

Rubra e redonda

Rubra e redonda, uma gota despontou na minha língua, eclodiu do vermelho, avermelhando-se mais, engordando, até – primeiro – me ensanguentar a saliva e – depois – um pouco os lábios. E – por fim, lentamente – toda a boca. Eu assistia a tudo aquilo olhando para o espelho, observando o lugar da dor. Há já duas semanas que, dia sim, dia não, e mesmo vivendo uma fase de ausência de apetite, mordia a língua. O ponto preciso em que tal acidente acontecia ia inchando a cada mordidela, ia intumescendo como um calo contra um sapato, e não o morder tornava-se cada vez mais difícil. Era como se a face lateral da língua, que há de ter nome próprio, tivesse crescido para o lado, ocupando espaço que normalmente está livre entre os dentes de cima e os de baixo. E, como aí se plantou, fruto seco posto num quebra-nozes, repetidas vezes foi esmagada por molares e pré-molares, pela força da mandíbula esfaimada. De cada vez que acontecia, eu encolhia-me toda, encostando os ombros às orelhas, e assim ficava, durante alguns segundos, com olhos molhados.

Não sucedia apenas ao mastigar. Aconteceu várias vezes sem ter nada na boca. Talvez apenas ansiedade e medo. A pior de todas foi num fim de tarde em que, entrando em casa, dei com a minha avó adormecida, como se a morte lhe tivesse levado já a alma e lhe aguardasse o corpo sob a terra. Ao perto, percebi-a num choro muito sossegado, de quem não queria incomodar ninguém, nem mesmo as paredes, ou os móveis, que, por vezes, me parece que também vivem e sentem. Estava aparentemente inconsciente, caída no sono, mas um fio de lágrimas corria-lhe de cada um dos olhos. Ao vê-la assim, prenei a ferida da língua sem querer e só me apercebi longos segundos depois, quando senti a boca inundada de sangue.

Como um trovão

Três noites antes do fim, ouviu-se um tremor, um tamborilar numa mesa maior, como se dedos gigantes tivessem descido das nuvens e batido três vezes num tampo monumental. Isto aconteceu quando, sentada ao lado da cama da minha avó, na poltrona verde que tinha levado da sala e encaixado entre a cama e a parede, eu estava prestes a adormecer. Sobressaltada, despertei em absoluto e não voltei a pegar no sono até à noite seguinte, sentada na mesma poltrona, sensivelmente à mesma hora. De repente, voltou a ouvir-se o tambor, mas só duas vezes: pum, pum! Aquilo tornou a perturbar-me o sono e o pensamento. A minha avó nem sinal dava de ter ouvido tais sons, mas eles eram tão fortes, tão retumbantes, que era espantoso que não acordassem quem quer que fosse dos mais adormecidos dos sons. Levei-lhe logo os dedos ao pulso, e de seguida ao pescoço, em busca dos batimentos cardíacos. A minha avó ainda estava ali. E eu, apaziguando-me, perguntava-me se ela, mesmo quase surda, teria ou não ouvido tamanhos estrondos.

Na noite seguinte, já receando ser roubada a um sono que desejava tanto quanto temia – tinha medo de não estar acordada, caso a minha avó precisasse de mim –, enfiei os auriculares nos ouvidos. Olhando-me ao espelho, contava os cabelos brancos ganhos por aqueles dias e desejava que desaparecessem. Mas de nada adiantou – nem esse anseio, nem os auriculares. Isto aconteceu uma noite antes de a minha avó deixar de estar entre nós. Era meia-noite. Encolhida na poltrona, de olhos bem fechados e coberta por uma mantinha que ela usava para tapar as pernas quando via televisão, ouvi – como um trovão – um grande, único e fortíssimo estrondo.

Subitamente devorada pelo tempo

E depois veio cair-me no colo a morte, esse livro interminável. Não tinha a capa que lhe imaginava, era mais feia. E também o meu olhar ficou mais inestético, fazendo-me sentir que o mundo se afeava tanto quanto me sobrepesava a vida. Nesta história que ainda não parei de ler, a morte levou a minha avó, porque ela lhe pertencia, porque lhe pertencemos. Desenganemo-nos, se pensamos que a morte faz parte da vida; não é assim. A vida pertence à morte, que a leva sempre no final. Não é nossa, não é dela própria, é da morte somente. É assim, Luísa.

O usufruto tende a ser bom, mas o juro é alto. A morte cede-nos a vida e, quando já sabemos o suficiente dela, reclama-a impiedosamente. A minha avó estava ali, fazia parte daqueles dias que eu vivia e, se eles não eram mentira, pertencia à realidade. Por vezes, parecia ausentar-se por alguns instantes, como se estivesse a experimentar a morte, mas de seguida melhorava. E, já se sabe, quando nos é dada esperança, dão-nos tudo; quando no-la tiram, acabam connosco. Por mais que tudo seja progressivo, vi o final como se ela fosse devorada pelo tempo. A minha avó devorada pelo tempo. Subitamente, devorada pelo tempo.

E, claro, nem a hipótese de que poderia estar a visitar o paraíso, para o conhecer, nem a certeza de que estaria a caminho do paraíso me animavam. Eu queria viver tudo com ela outra vez. A história era tão boa. Aquele final é que não correspondia, estava longe de ser feliz.

Sarabando e a terra que dá o pão

A terra já não trabalha bem, já não é como há uns anos. Hoje em dia, morre demasiada gente para o espaço que temos, disse o coveiro, pousando a pá na vertical, enterrando-a um pouco com o pé e deixando-o lá, a descansar. Subiu ao de leve o boné azul que o suor fizera descair pela testa, somou uma mão à outra, sobre a pega da pá, olhou-me e disse: sabe, menina, somos um país de velhos, e graças a Deus que assim é, porque é da morte dos outros que tiro o sustento há trinta e dois anos. Mas agora morre tanta gente, que o espaço é pouco. As pessoas sabem lá o que é trabalhar nisto há trinta e dois anos! Sabe quantas pessoas já enterrei? Nem eu sei. Mas ando preocupado, mentiria se dissesse que não ando preocupado. O problema é que a nós, a mim e a este meu colega, disse o coveiro, apontando com o indicador amputado pela falange para o homem mais novo, que continuava a cavar, a nós ninguém nos ouve. Pensa que alguém quer letra com um coveiro? Eu já enterrei milhares de pessoas, para cima de oito mil. Sou um amigo da morte, por isso ninguém me dá trela, ninguém quer ouvir o que tenho para dizer. Mas o que eu sei é que a terra já não trabalha bem e não come os corpos como antigamente. Até os enterramos mais acima, em covas menos fundas, mas a bicharada não quer nada com os corpos e demora a fazer o que lhe compete. Nós bem tentamos ajudar, por vezes até deixamos os caixões meio abertos, sem ninguém ver. Nessa altura, o coveiro tirou os olhos do chão, baixou o tom de voz e disse, fitando-me: enfiámos uns tacos de madeira a impedir que fechem com o peso da terra, está a perceber? É menos trabalho que temos, mas mandam-nos fazer isso porque, quanto mais fundo enterramos, mais tempo leva a comer as carnes e os ossos. Dizem também que é porque as pessoas hoje tomam muitos remédios, é drogas para isto, é drogas para aquilo, qualquer dorzinha é logo disfarçada com medicamentos, antibióticos,

comprimidos de toda a cor e feitio, e a Natureza não quer isso, os bichinhos sabem que os corpos estão estragados com as drogas e não fazem o trabalho deles. E, com o que a malta come atualmente, vai ser bonito, daqui a uns anos. Eu já cá não vou estar para ver, graças a Deus. Eu quero ser cremado. Aquilo é um tirinho. Entra-se por um lado e sai-se pelo outro, feito em pó, numa caixinha para jogar ao mar, ou ao rio. Há quem guarde em casa, na mesinha de cabeceira, e até quem misture no cimento e dê paredes. É verdade! Ó Tó, não foi o filho do doutor ali da farmácia que, quando os pais morreram, fez obras na casa deles para ir para lá morar? Ofegante, sem parar de cavar, o coveiro mais novo atirou: acho que sim. Pois então, menina, oiça esta: quando os velhotes morreram, foram os dois cremados ali ao fundo e ele logo a seguir pôs-se a fazer obras na casa deles, que é uma das melhores casas aqui do Bonfim, aqui mesmo nos Duques, ali no fim da Duque de Palmela, uma casa de azulejo azul, um autêntico palacete. Durante a obra, pediu que não terminassem uma das paredes do quarto dele, que deixassem dois tijolos por assentar. Quando se mudou para lá, ele próprio fez uma gamela de massa, misturou no cimento as cinzas dos pais e assentou os tijolos em falta. Depois, mandou estucar a parede. Já mora lá há uns quatro ou cinco anos. Nisto de morrer, cada um sabe o que quer para si e para os seus mortos. Há gente que quer ser enterrada muito fundo, para não passar a pó muito depressa. A todos digo, quando tenho oportunidade: fiquem descansados, que o coração é a última coisa a desaparecer. As pessoas ficam contentes, sabe? Ficam... ficam... Apaziguadas, completei. Isso mesmo, menina, é verdade, as pessoas ficam apaziguadas quando lhes digo que o coração é o último a desaparecer. Os rins também demoram, os bichos não gostam deles. E, antes dos ossos, só ficam os rins e o coração. O resto vai logo. A tripa, o estômago e o baixo-ventre, não sobra nada. Por vezes, a barriga rebenta. Nos que foram operados e têm cicatrizes, acontece muito. E até cogumelos lá crescem, acredite que já o vi umas poucas de vezes. Sabe que, de quando em vez, temos de mudar os mortos de sítio... Mas dá ideia de que os insetos hoje não querem nada com alguns deles. É o que eu digo: só pode ser dos remédios e do que as pessoas comem. E também por haver muitos mortos, claro. Não há bicharada

para todos. A menina nem imagina os gases e os cheiros que para aqui há, debaixo desta terra. Dizem que estas árvores, se fossem de fruto, não dariam coisa boa. Eu disse não sei, mas não comeria laranja nem maçã que aqui fosse colhida. A fruta da morte não é para mim. E agora, se me permite, vou dar uma mãozinha ao meu colega, que é mais novo, mas precisa da minha ajuda. A menina quando quiser conversar, apareça por aqui. Manuel Sarabando, coveiro do Cemitério do Prado do Repouso há trinta e dois anos, ao seu dispor.

As terras que aconchegam a minha avó

Bastou que me afastasse sete ou oito passos, não mais, para que ele voltasse à tagarelice, em vez de se dar à cova de sete palmos, e dissesse: sabe, menina, todas as terras têm a sua história de amor. O nosso Porto também a tem. Deixou-se em silêncio por uns instantes e, desenhando no rosto moreno e largo um sorriso misterioso, prosseguiu: e algumas estão mesmo enterradas neste chão, que demora a consumir os corações, como lhe disse, e nem sempre conseguiu comer as cabeças. Eu conhecia bem a história que ali vinha, mas decidi deixar que ma contasse. Também ta vou contar a ti, com a ajuda do coveiro, mas não sem antes aqui deixar um pequeno e necessário preâmbulo.

Quando o meu avô anunciou que queria ser cremado, a minha avó passou a considerá-lo menos. Achava indecente que ele deixasse a esposa a dormir sozinha no cemitério. Na cabeça dela, não restavam dúvidas de que ele morreria primeiro, mas o assunto nem era esse. Segundo ela, o meu avô punha um ar solene e declarava, recorrendo ao melhor palavreado que conhecia, que a cremação era a maneira mais séria de se arrumar com um assunto sério. Furiosa, a minha avó chamava-lhe nomes, leitão assado e outras coisas piores, dizia que, a falar assim, ele se armava em pipi. E, como última estocada, atirava-lhe um poema de António Aleixo aprendido na telefonia: O pipi vê-se elegante / Não se julga ignorante / Dá um som esquisito à voz... / E depois olha p'rà gente / Com um certo ar inteligente / De quem é mais do que nós. Imagino a minha avó, triunfante, a emproar-se toda, assumindo o certo ar inteligente de que fala o poeta popular, e virar costas, rumo aos respetivos afazeres. Mas o triunfo da minha avó não significava a derrota do meu avô, que não fazia caso. Tanto assim era que, apesar de avarento, não deixou de gastar dinheiro a pôr em testamento que queria ser cremado. Foi depois disso que a minha avó

se decidiu – desse por onde desse – a arranjar forma de dormir o último sono no leito com o qual sempre sonhara, inspirada por uma história de amor extasiante e sem-par. Não se tratava do romance vivido por ela e pelo meu avô, como decerto já percebeste, mas da que o coveiro Manuel Sarabando me vai ajudar a contar-te, porque a conhece seguramente ainda melhor do que eu.

Aqui por baixo, disse, enquanto pousava a pá e se aproximava do local indicado, dorme um corpo diferente de todos os outros que estão enterrados neste cemitério. Se levantarmos estas terras, menina, se as levantarmos e procurarmos, com a ajuda desses doutores e engenheiros cientistas, o que vamos encontrar é, imagine a menina, um corpo sem cabeça. E olhou-me, em busca de reação. Eu arregalei os olhos e exclamei: não me diga! Satisfeito, o coveiro prosseguiu: um dos nomes que ali veem é o de uma das mulheres mais amadas de sempre. E apontou para a placa metálica, posta defronte de uma estátua de mármore branco, na qual se lia: Teresa Maria de Jesus. Não sou eu que o digo, menina, são os historiadores e toda a horda de doutores e jornalistas que para aí vem olhar a campa e conversar sobre o assunto, por vezes com fotógrafos e tudo. Perguntam-me sempre informações, porque sabem que eu conheço a história dos mortos deste cemitério como – e levantou a mão do dedo cortado – a palma da minha mão.

Dou uma ajuda ao coveiro Sarabando, para te contar que Teresa Maria de Jesus foi sepultada, originalmente, no talhão da Ordem do Terço, na Batalha. Quis a sorte – ou o amor – que fosse transladada para o novo cemitério, este do Prado do Repouso, e que, durante o enterro, sucedesse algo que só mais tarde viria a ser descoberto. Foi a 11 de março de 1869, um ano depois da morte de Teresa Maria de Jesus, que a Administração Municipal, isto é, os elementos do executivo da Câmara do Porto, teve conhecimento de que uma antiga meretriz, de seu nome Henriqueta Emília da Conceição, uma mulher que, com os bons proveitos da venda do corpo, passara a vestir-se elegantemente como homem, guardava em casa, numa redoma, nada mais, nada menos, do que a cabeça de uma mulher. Essa mulher era Teresa Maria de Jesus e o caso, tal como veio a saber-se em tribunal, quando presente a juiz por profanação de cadáver, não tinha que ver

com bruxaria, nem com outro tipo de ritual místico. Muito pobre e órfã de mãe, Henriqueta caíra na prostituição aos dezasseis anos. Formosa, a atividade corria-lhe bem, a ponto de possuir um luxuoso carro puxado por cavalos, mas os homens que lhe pagavam para dela retirarem prazer repugnavam-na e, dia após dia, a jovem Henriqueta passou a odiar cada vez mais o sexo oposto. Viveu amargurada, até que, aos vinte e sete anos, conheceu uma mulher mais jovem, de seu nome Teresa – Teresa Maria de Jesus. Uniu-as uma forte paixão, um amor proibido, a que só a morte prematura de Teresa, vítima de tuberculose, pareceu pôr cobro. Mas Henriqueta não conseguia deixar de pensar na malograda, nem aceitar, de modo nenhum, a distância de quem amava. E foi no terreno fértil desse apaixonado inconformismo que germinou uma ideia. Seria por certo muito arriscada e de difícil execução, mas o prémio parecia-lhe tão sedutor, tão apaziguador, que não teve dúvidas em apostar tudo na conceção de um rigoroso plano, que a levou a investir muito do que tinha na compra de um talhão no Cemitério do Prado do Repouso e, sobretudo, numa bonita pedra mármore, vinda de Itália. Com isso, deu corpo a um pequeno mausoléu, para o qual conseguiu – através do cumprimento das necessárias burocracias – que mudassem o corpo da amiga. E foi durante a cerimónia de transladação, da Ordem do Terço para o Prado do Repouso, que Henriqueta pediu para ficar a sós com Teresa, antes de esta descer à terra. Queria, explicou, despedir-se uma última vez. Os circunstantes respeitaram a vontade da enlutada e ela aproveitou o momento para, com uma faca, cortar a cabeça da amada e embrulhá-la num xaile. Finda a cerimónia, e sem que ninguém se apercebesse, levou-a para casa. Abriu a porta com a felicidade debaixo do braço e de novo inebriada pelo furor da paixão, um tapa-vistas que a impediu de ver que dentro de quatro paredes também poderia ser descoberta. Desprovida de sensatez, em desgoverno emocional, a até então astuta Henriqueta enfiou a cabeça de Teresa numa redoma, para sentir um amor mais completo e próximo, mas não a escondia quando era visitada. Chocadas, as pessoas que se deparavam com uma caveira em exposição, começaram a comentar o assunto à boca pequena. Assim que a história chegou ao conhecimento da autarquia – cheia de pontos macabros acrescentados de cada vez que era contada sem pejo nas

ruas e praças –, Henriqueta Emília da Conceição foi acusada publicamente e levada a tribunal. Os registos existentes não nos dizem se o juiz era indivíduo particularmente sensível a histórias de amor, essas que todas as terras têm, ainda que saibamos que os enquadramentos penais antigos mitigavam e dissolviam as penas de quem cometia crimes motivados por paixões, por serem considerados limitadores da clarividência, mas o que dão como garantido é que, ao conhecer a razão deste de que te falo, o juiz absolveu Henriqueta. E, em total rigor, a cidade também. Hoje, como explica o coveiro Sarabando a quem, como eu, o quiser ouvir, o túmulo de Teresa é motivo de homenagens diárias. Como pode ver, explica, há sempre aí ramos e coroas de flores e as lamparinas nunca se apagam.

Sei bem que o que Manuel Sarabando diz é verdade. A minha avó era uma das que regularmente ofereciam cuidados àquele túmulo vigiado pela marmórea estátua de São Francisco de Assis. Era devota de ambos: do santo italiano e da história de amor simbolizada pela mulher que ele vigiava. Por isso, zangada com o meu avô, não descansou enquanto não conseguiu garantir dois metros quadrados de terreno perto de Teresa Maria de Jesus. Resguardada pela sombra de um admirável tulipeiro-da-Virgínia, a minha avó descansa agora a exatos quatro metros daquele local de peregrinação de alguns tripeiros e de meia dúzia de turistas. Está num cemitério que, quando foi construído, ninguém queria, mas que ela desejou intensamente no final de vida. O Cemitério do Prado do Repouso foi o primeiro cemitério público a ser construído na cidade, depois da lei que proibia os enterros nas igrejas. Ao contrário do que acontece nos dias que correm, reza a História que o povo não se queria deixar enterrar ali, a céu aberto, situação não só de desprestígio, mas sobretudo de desproteção. Assim foi até para lá ter sido trasladado o filho do célebre reurbanizador da cidade João de Almada, política pública pensada para dar aos portuenses confiança nas boas terras do novo cemitério – estas que aconchegam Teresa Maria de Jesus e também a minha avó.

Um frio medonho que se transfere

Será consolo bastante viver na memória dos que nos amam? A minha avó viverá sempre na minha, como tantas vezes fez questão de me pedir. Talvez fosse esse o espírito da independência dela – a capacidade de, sem deixar dúvidas, afirmar o que queria. Sonhou com uma distinta catacumba perpétua, no outrora chamado Cemitério Oriental, e trabalhou para a pagar. Acabou deitada ao lado de figuras que lhe eram queridas, como Teresa Maria de Jesus, ou o alfaiate António Pereira Baquet, criador do tristemente célebre Teatro Baquet, entre muitos outros burgueses vitoriosos, louvados enquanto comerciantes e proprietários, em toda a sorte de epitáfios. Tenho estas e outras informações a ocuparem-me a cabeça e, por vezes, pergunto-me se não seria mais útil dar o espaço a outras coisas.

Além disso, a memória está repleta de fantasia. Hierarquiza dados de acordo com critérios que não têm ligação à nossa vontade, não nos são revelados e, sobretudo, contém, para além de verdades, acontecimentos não ocorridos. A terapeuta que frequento deu robustez científica a uma noção que a vida me tem vindo a oferecer de cada vez que duas ou três pessoas recordam o mesmo episódio. Nesses casos, pequenas histórias transformam-se em grandes aventuras e dessa forma se cristalizam nas memórias de todos, para bom proveito dos envolvidos. Essa passa então a ser a verdade e não me parece correto negá-lo. E se é certo que as pessoas podem suportar quantidades finitas de verdade, também é facto que só conseguem suportar determinadas doses de mentira. E, no reverso da medalha, estão gravados pequenos sofrimentos sob a forma de monstros aterradores – é coisa que também acontece com frequência. Por isso, nem sempre a memória me parece um lugar de confiança. Admito, porém, que este pessimismo tenha apenas que ver com as tristíssimas circunstâncias que dão forma a estes dias.

Na manhã em que tratava das burocracias inerentes a um funeral, sem conseguir atentar no que me diziam ou assinava, esvoaçavam-me nos pensamentos imagens de outros enterros, que conheço de livros de História. No Porto do século XIX, as pessoas eram enterradas quase às escuras – o que, convenhamos, já não dispõe bem uma pessoa como eu. Os funerais realizavam-se obrigatoriamente nas duas horas seguintes ao anoitecer. Assim acontecia quando a cidade já era alumiada a gás, mas também antes, quando apenas o chamado azeite de purgueira alimentava labaredas trémulas nos lampiões de ferro. Para compensar a fraca iluminação, os cortejos faziam-se com gente carregando tochas, em jeito primitivo, pelas velhas calçadas, ou por uma ou outra rua ou avenida já toscamente macadamizada. Nos dias subseqüentes, as pessoas voltavam a reunir-se, mas já nos cafés, para chorarem ou comentarem os mortos, dado que a iluminação pública contribuiu para o alargamento da vida social para o período da noite. Como se não bastasse a dor que eu sentia, todos esses momentos me atormentavam também: o cortejo fúnebre, que, mesmo de dia, eu antevia mergulhado num ambiente escuro, frio e nevoeiro, e o encontro, nesse dia e nos seguintes, com as pessoas que iriam querer analisar e carpir a morte da minha avó, que estava tão morta naqueles instantes em que eu, pela última vez, lhe tocava.

Os animais de sangue frio são os únicos que produzem veneno, mas também a morte é venenosa. Faz do sangue quente um líquido frio e gela os corpos, começando pelas extremidades. Os braços sumidos que, na véspera, eu suavizara com paciência e creme gordo eram agora outros. Não estavam menos mirrados, tal não seria possível, mas no dia anterior eu sentira-os mornos e neste momento estavam frios. Fiquei imóvel durante muito tempo, sem saber o que fazer, sem saber o que pensar, incapaz de alguma coisa para além de estar, e mesmo assim estando pouco. Quando, finalmente, voltei a mim e tentei erguer-lhe o braço direito, apercebi-me de que ele ganhara um enorme peso. Obriguei-me a ser corajosa e tomei-o com a mão inteira, sentindo de novo aquela frieza polar. Instintivamente, quis deixá-lo cair, mas o terror e a repulsa não se sobrepuseram ao carinho tão grande que sinto por aquela mulher e que serviu de energia para que eu movesse o meu outro braço, com rapidez e eficácia, a fim de tomar

o dela nas duas mãos. Com a direita a amparar a parte superior do braço, usei a esquerda para lhe segurar o pulso e a mão, evitando que esta se dobrasse e que a minha avó se aleijasse. Não era possível conceber que a mesma pessoa que horas antes se teria magoado em igual posição, não sentisse agora nada. Assim me detive, poupando a minha avó a uma pequena dor, e olhando-lhe a pele branca e muito fina, quase transparente. Vendo-me soluçar a compasso, as duas senhoras da agência funerária foram ajudar-me e, à medida que a vestíamos com a roupa que ela própria escolhera, anos antes, o frio medonho do corpo da minha avó foi-se transferindo para o meu.

Um caixão

De tanto o olhar, aquele caixão começou a parecer-me bonito. Não no trabalhado das formas, mas uma parte bonita da vida, algo que, por existir, é bom. Quando, minutos antes, uma voz me perguntou se poderia fechar o caixão, eu olhei em volta, à procura das árvores, ergui depois os olhos para o céu, formando acima deles uma pala com a mão, para conseguir encontrar o sol, e fiquei feliz por constatar que o funeral da minha avó não acontecia à noite, mas sim num bonito dia de primavera, e que ela ficaria para sempre num cenário não menos belo, antes sóbrio, elegante e calmo. Pode fechar, disse. E fiquei a achar que a minha avó tinha tomado a opção certa – sim, ela tinha escolhido a urna em que iria dormir o sono eterno – e que a madeira de castanho e o trabalhado barroco ofereciam ao momento toda a dignidade de que, naturalmente, eu achava merecedora a pessoa mais importante da minha vida. Instantes antes, enquanto o padre aguardava a minha resposta, fiquei com vontade de dizer que não, de gritar: espere, espere, espere, não feche ainda, deixe-me despedir dela como deve ser, ajude-me, por favor, a subir, para eu me enfiar lá dentro, para me deitar com a minha avó e a abraçar uma última vez, pousar a cabeça no peito dela e talvez até adormecer, nem que seja apenas por alguns minutos, mas dormir profundamente, para depois acordar e perceber que tudo isto era afinal um pesadelo. Não o disse, mas pensei-o, e conto-to porque sei que entenderás, tu entendes-me sempre, tu em certa medida talvez até já estivesses comigo quando, com as mãos sujas de terra, os coveiros vieram abraçar o caixão da minha avó com cordas, para depois o erguerem com força treinada, e por fim, o descerem à terra que a esperava. Enquanto isto acontecia, eu debatia-me com um sentimento de culpa. Sentia que poderia ter sido melhor neta, que deveria ter-lhe devotado mais tempo, que teria sido uma pessoa melhor e mais merecedora do amor dela caso tivesse

tentado ajudá-la a cumprir alguns sonhos, que talvez até pudesse concretizar no futuro, mesmo sabendo que os sonhos não se realizam por interposta pessoa. De súbito, ouvi o caixão pousar no fundo da cova e cheguei-me à frente, sentindo o sal nos cantos da boca.

O meu olhar fixou-se na madeira por todo aquele tempo, até que as pazadas de terra, por fim, o cobriram. Aquele féretro era a minha avó. A cada último olhar deitado à tampa fechada, eu via-a. Eu via claramente a minha avó naquele caixão e custava-me aceitar que estivessem agora a cobri-la com terra e a impedir-me de a voltar a ver. Foi então que, lançando os olhos a tudo o que havia em redor, como se alguma coisa pudesse surgir ou suceder para suspender o que ali acontecia, como se alguém pudesse chegar e declarar pare-se a morte, pare-se imediatamente a morte dessa senhora, isto é um equívoco, vi as altíssimas palmeiras que se erguem à entrada do cemitério e que, a meu ver, dão a um lugar de encontro com os mortos portuenses um despropositado ar tropical, e tive uma ideia talvez não menos disparatada. Decidi comprar um caixão.

Quatro palavras apenas

No final de vida, estranhamente, a minha avó quis aprender a ler e escrever. Quando lhe pousava um caderno no colo e lhe punha uma caneta nas mãos trémulas, sentava-me ao lado dela. Sei que gostava de me ter ali, na cama. Encostava o ombro magro e frio ao meu e dizia, sorridente: vamos à lição. Só que, logo de seguida, rejeitava todos os exercícios que eu lhe propunha. Não queria aprender as letras – já não tenho tempo para isso, dizia –, nem sequer a escrever o próprio nome, coisa que me desconcertava por completo. De todas as vezes que, com as luzes do teto e do candeeiro acesas, e de televisão desligado, eu tentava corresponder à vontade dela de aprender a ler e a escrever, porque era assim que se referia àquela vontade, a minha avó recusava-se. Fazia rabiscos, como uma criança malcomportada, e teimava que não era aquilo que queria. Dizia que só um dito lhe interessava e fazia-me prometer que, assim que fosse capaz, eu o afixaria na parede do meu quarto, para o ler todos os dias. Queria aprender uma frase apenas, que, por esse e por outros motivos, ficou, para além de exposta na parede, porque a minha avó dizia ter aprendido a escrevê-la, gravada em mim para sempre. Por mão cansada, com caligrafia nova e insegura, escreveu, a mando de ideias bem firmes, quatro palavras apenas. Era só o que queria e conquista bastante para logo afirmar que já sabia ler e escrever.

Nos dias seguintes, nada mais me pediu, senão que lhe escrevesse sempre, que não parasse nunca, para que ela no Céu pudesse continuar a acompanhar as minhas histórias, porque já sabia ler. Eu tentei, mas – não sei por que motivo – nunca consegui dirigir-lhe as cartas, nunca consegui – nem de dentro de um caixão – escrever a uma pessoa morta. Precisei de uma pessoa viva, precisei de ti, Luísa.

Surpresa

Tantas noites quis trocar-me por ti. Tu és como era a minha avó, que desprezava os conceitos de vergonha, constrangimento, ou decoro forçado. Parece que, a esse nível, eu não sou do Porto. É como se uma parte de mim tivesse nascido corrompida, ou como se, por algum motivo, tivesse degenerado. Nem ela nem tu questionariam, em qualquer que fosse a circunstância, a vossa própria lucidez e o vosso bom senso. Por exemplo, tu não terias problemas nenhuns, como perceberás, em contar-me o que se segue. Já eu, combato um imenso constrangimento para conseguir começar.

Ontem, quando fui tomar banho, por certo por ter deixado a porta da entrada mal fechada, um homem entrou cá em casa. Na verdade, e por mais que isto te pareça assustador, esse homem não entrou apenas cá em casa; ele dirigiu-se para a divisão onde eu me encontrava – o quarto de banho – e entrou. E, sem que eu tivesse tempo de me aperceber ou preparar, a dada altura, estava já dentro do duche, surpreendendo-me de costas e colocando as duas mãos – uma delas carecente de dedos – à volta da minha cintura, para de seguida encostar o corpo nu ao meu. Eu dei um grito, virei-me e encolhi-me toda, até que o olhei e não identifiquei ameaça alguma. Pelo menos, daquela ameaça que não se deseja, porque o corpo dele denunciava uma evidente vontade de constituir ameaça à minha quietude e ao abandono a que me entregara debaixo da água cadente.

O que escrevi atrás era o que gostava que tivesse acontecido. Foi uma ficçãozinha para me animar e me sentir mais forte. O pior de tudo, Luísa, minha querida amiga, foi o que de facto aconteceu: enfiei-me debaixo de água, para tomar um duche retemperador, para lavar o cabelo, que era coisa que já não fazia há quatro dias – em suma, para me lavar como deve ser. Comecei, como sempre, pelo cabelo e aproveitei o facto de ter aplicado uma máscara para me lavar com um

gel ótimo, super bem-cheiroso, que ainda não tinha estreado. Não imaginas o que então aconteceu. Ao passar a mão pela mama esquerda, Luísa, senti... nem consigo dizer. Mas acho que tu percebes. Não tomei duche sensual nenhum, como sabes, não tomei sequer um duche normal, o que aconteceu foi ter tomado um duche que terminou como acabei de referir. Isto que contei foi o que de verdade aconteceu. E, neste momento, já sei que estou com cancro da mama, tenho a certeza. Daqui a uns dias, o médico vai dizer-me: Elisabete, lamento muito, mas as notícias não são boas: tem um cancro em estado avançado e o prognóstico é muito reservado. Tempos depois, já no consultório dele, ouvi-lo-ei dizer-me que pare de esfregar a cabeça e me sente, que com aquela nervoseira toda nem sequer vou ouvir nada. Perguntar-me-á se quero beber um copo de água, ou então apanhar ar.

A dureza dos crânios

A dureza dos nossos crânios é admirável de tão desmedida. Senão, que outro motivo explicaria que, mesmo que convivamos com gente acabada, ou a caminho de se acabar, só quando efetivamente começamos a perder alguma coisa – o cabelo, a energia, a libido, a capacidade de digerir bem, ou de dormir torto num sofá – acreditamos que tudo na vida tem prazo de validade? Mesmo depois de vermos familiares agonizarem ao nosso lado, só percebemos que a nossa juventude e a nossa saúde são tão finitas como as dos outros quando elas, por algum motivo, que no caso da primeira se chama inevitabilidade e no da segunda também, ainda que se lhe junte a sorte, desabam por um ou mais dos muitos penhascos pelos quais podem e vão certamente desabar. É só então que magicamente nos apercebemos de que os outros somos nós vistos de dentro e que não há parvoíce maior do que julgar diferenciadas as existências próprias e alheias. Podemos cagar à francês, como dizia a minha avó (coisa que eu nem sequer sei o que é, por nunca ter tido coragem de lhe perguntar, mas que imagino que envolva alguma fineza, apesar da rudeza da expressão), mas todos o fazemos. E chega a ser frustrante, para além de um tanto ridículo e até risível, dar-mo-nos conta de que nascemos, por norma, desprovidos da capacidade de entender isto. Tal como só depois de roubados, pomos as trancas na porta, só depois de nos surgirem os cabelos brancos, principiamos a tomar consciência da finitude e só depois de doentes ganhamos efetiva noção de que somos todos iguais. Talvez tamanha dureza craniana – quero crer que sim – consista numa das múltiplas manifestações do chamado instinto de sobrevivência, para evitar ansiedades, paralisações, medos e agonias. Se assim for, devo admitir que foi bem pensado, pois nunca até agora tinha sentido o que hoje tomou conta de mim (a minha avó sempre disse que a ignorância era amiga da felicidade) e me fez precisar de

vir para aqui despejar palavras para cima de ti.

Agora que os meus dedos encontraram a doença em mim, agora que – grande merda, perdoa o palavrão – me foi dito que sim, que tenho uma massa alojada e a crescer e, muito provavelmente, a multiplicar-se malignamente cá por dentro, sob a pele e a carne, na mesma zona em que entra o ar que alimenta o sangue que alimenta o coração que nos dá vida a nós, emoções e sentimentos, agora que já sei, nem posso crer na burrice que durante tanto tempo tomou conta de mim, a ponto de me despreocupar e desprezar o evidente, considerando – não de modo racional, mas provado pelos atos – que o mal só acontece aos outros, irresponsavelmente ignorando que a juventude se acaba, mesmo que aos poucos, e que a degeneração, ou o declínio, se preferires, principiam de modo real muito antes de darmos conta, enfraquecendo-nos, fragilizando-nos, tornando-nos alvos a cada dia mais fáceis, para monstros como o cancro. Este que está na minha mama – e que eu palpei por certo já adulto – aproveitou-se da minha incúria para crescer sem que ninguém desse por ele. É uma criatura malévola que veio pôr-se a viver às minhas custas cá por dentro, um tumor que me ameaça e me consome, aproveitando-se de mim, da minha mente frágil. É disso que eles mais gostam. Alojaram-se, como sanguessugas, nos pontos mais débeis e desatam a devorar-nos aos poucos, engordando, gerando filhotes e multiplicando a maldade nos corpos alheios. Não está certo. Não é justo.

Depois de por três dias ter encharcado a almofada, parei já de bater nela e no colchão com as mãos fechadas, numa espécie de socos ridículos de tão fracos. Não adianta nada, mas sabe bem. Pena ter comido e bebido tão pouco por estes dias, a ponto de mal me ter nas pernas. Sentei-me para te escrever. Preciso de me recompor. Se a sorte me acompanhar, porque esta coisa não sucumbirá só com a força de acreditar, nem eu posso simplesmente decidir vencê-la, tudo correrá bem. Espero.

O Sr. Basílio

Cuidado com o que desejas. A minha avó sempre mo disse. Eu nunca liguei, sobretudo porque desejava sempre e somente coisas boas. Mas, mais tarde, e tu sabes, houve momentos em que me enfiei em cenários negros, buracos fundos. Como se desejasse não estar, ou não ser. Vezes sem conta dei forma ao meu próprio fim. Desenhei a minha morte, esculpi o meu funeral, perspetivei o vazio do depois. Foi numa dessas vezes que me pus a escrutinar o peito em busca da doença, procurando com tanto afincio que a encontrei – e comecei, de imediato, a desatinar comigo própria.

Depois disso, sentindo a ponta da espada sobre a cabeça, fui ao médico. Primeiro, uma consulta; depois, exames; por fim, uma longa espera que agora condensa numa linha, até receber o resultado da biópsia: fibroadenoma. Não tenho nenhum cancro, mas um nódulo benigno de dezanove milímetros, uma azeitona que decidiu nascer em mim e não numa árvore. Sinto-me absolutamente ridícula pelo autodiagnóstico com que tracei a minha desgraça. Tantas horas a ler sobre a doença na internet; vivemos num tempo em que confiamos nas máquinas, antes confiávamos nas pessoas. Tanto sofrimento em vão, tanta gente doente de verdade e eu a chorar por conta de uma doença imaginária. Um quarto de nós é composto por idosos, gente que precisa de cuidados reais, e eu como que a desejar doenças. Sinto muita vergonha. Não tenho aquilo a que a minha avó chamava, na fruta e nas pessoas, a madureza necessária. Sinto mesmo vergonha. O que vale é que, nestas páginas, falamos baixinho. Somos só eu e tu. E tu aceitas os meus disparates, não me censuras e até me aconselhas com a tua sensatez superior.

Estou curiosa para saber o que achas de eu chamar Sr. Basílio ao meu fibroadenoma. É um nome de que sempre gostei e que toda a vida me pareceu apropriado a alguém amigoso. É evidente que,

enquanto te recompões do que acabo de te contar, deves estar a perguntar-te por que motivo insondável e pouco são terei decidido dar um nome de que gosto a um tumor. Pois te digo que o faço justamente por se tratar de um tumor benigno. Estou em crer que me compreenderás. Tu compreendes-me sempre. Tu soubeste apaziguar-me até quando eu pensava de mim mesma coisas que só se podem pensar nesse recanto íntimo em que não precisamos de fingir.

Uma vez que quero fazer as pazes com a tristeza, que há demasiado tempo parece não querer deixar de me incomodar, decidi sair para a rua. Mas antes vou arranjar-me. Quero sentir-me bonita. Preciso disso. Lembras-te de que o fazíamos em miúdas, quando íamos olhar-nos nas montras das lojas da Rua Júlio Dinis? Chegávamos a acelerar o passo, para vermos os nossos cabelos a ondearem no ar. Ainda o fazíamos sem estarmos preocupadas com o emagrecimento, a dieta, o exercício físico, esses problemas da abundância. Tenho de eximir-me de certos pensamentos e de pedir à mulher jovem e futura que sou que se permita deixar de sofrer e encontrar a vida. E de voltar ao trabalho. Vou tratar de tudo isso e, nessa altura, tornarei a escrever-te. Caso não precise de o fazer antes.

A douda blandícia de Luísa

O dia de hoje foi terrível. Animei-me sabendo que chegaria o momento de te escrever, que teria à espera a tua ilimitada paciência e essa bonomia que te define. Tudo correu mal, desde que acordei, até que deixei o grupo da tarde e, ao passar junto ao Guarany, vi O-da-Pastinha com uma rapariga, uma gaja loira, estilo Big Brother, toda parolona. Aquilo a que a minha avó chamaria uma flausina. Mas, logo de manhã, comecei por chegar atrasada, o que é raríssimo e me envergonhou muito. Acontece que dormi tão mal, que fui ignorando o toque do despertador até já ter passado do limite. Avisei os clientes através de mensagem enviada para grupo criado para o efeito, como é evidente, mas mal cheguei um fulano disse bem alto que a uma rapariga tão gira se perdoava tudo. Acreditas nisto? Passou a manhã inteira a fazer-me olhinhos. Ainda planeei dizer-lhe que, daquela forma, não seria possível prosseguirmos, mas, apesar de furiosa, fiquei calada. É verdade, nada disse, nada fiz. Sentia-me culpada pelo atraso, por ter feito esperar quem estava a pagar-me para eu lhe mostrar a cidade. Mas, se fosses tu, Luísa, caramba, se fosses tu, o tipo não ficava sem resposta. Tu punha-lo logo no lugar dele. Nem imaginas o modo como me olhava, aquele mal-educado, machista, ordinário. Eu sei, eu sei, que, além de lhe dares uma valente reprimenda, também lhe dirias que não te importavas que te olhasse com desejo. E que podia olhar à vontade. Não tinha era direito de te importunar com um desejo não solicitado. Mas eu, como sabes, não tenho confiança para isso. Olharem-me com desejo é violarem a minha intimidade. Já tu, que és de outra fibra, consegues apreciar que te queiram. Não sentes, como eu sinto, que isso te diminua.

Sou feliz por te ter aqui. Por me escutares e aconselhares ternamente. Há em ti uma douda blandícia, que, não fosse expressão doutro tempo, merecia ser título deste longo relato que se está a fazer

livro. És boia atirada ao mar revolto, és luz que irrompe na negritude da noite, és inspiração funda e calma, quando parece já não haver ar. Como tem acontecido na maioria dos dias, escrever-te já me apaziguou. Nem foram precisas muitas linhas. Posso até ligar a TV e abandonar-me no sofá. Há gelado no congelador. É o que vou comer. Depois de um dia assim, acho que mereço.

O maquinismo celeste

Tive de voltar aqui. Estou preocupada, Luísa. Fiz o que por vezes faço, nestes casos. Ao invés de ver uma série, engolindo aos poucos meio quilo de gelado com sabor a cheesecake, liguei o televisor no canal das notícias sensacionalistas, em busca da desgraça dos outros, para tentar diminuir a importância da minha. Sim, eu sei que já ninguém diz televisor, mas a minha avó fazia-o e usar palavras que eram dela, como dentífrico ou merenda, faz-me senti-la por perto. Assim como ver que o mundo todo sofre atenua os meus próprios padecimentos. Pormo-nos às ordens das tragédias é uma forma de ludibriar a própria vida, a vida concreta, do dia a dia. Não sei se é cobardia, se é o tal instinto de sobrevivência, mas, a avaliar pelas audiências, não serei a única a usar as notícias deste modo. A minha avó era diferente, não encarava o mundo assim. Em casa, e não sei se alguma vez te contei, só podíamos usar sapatos mudos, para não incomodarmos os vizinhos, e não se podia ouvir música depois do jantar, que acontecia sempre antes das notícias e da novela. Como lavava a loiça logo que terminávamos de comer, a minha avó já só apanhava o telejornal a meio e por isso dizia sempre: só dão futebol, já não se mostra nada do mundo, que é para não vermos as desgraças que por aí andam. Sentir que escondiam a realidade do povo era coisa que a irritava muito, mas eu sabia que, lá no fundo, essas desgraças pouco lhe interessavam e que o que ela queria mesmo era chegar ao sofá a tempo de ver o começo das novelas, cujas músicas adorava trautear, fossem brasileiras ou portuguesas. Ao contrário de mim, procurava abstrair-se e resguardar-se dos sofrimentos e das tragédias, porque elas a faziam passar mal. Já eu, uso-as para minimizar a minha dor. Não me censure, por favor. Não tenho encontrado outro modo de me proteger. Tenho-te a ti, bem sei, aliás, corro para te escrever, como a minha avó corria para as igrejas às horas das prédicas, desejosa de

falar com o Senhor.

O gelado derrete dentro da embalagem, mas é importante falarmos do que se segue. Este calor temporão não se sente só por cá. Na televisão, dizem que em Espanha a situação é ainda pior e que há alcaides a proibir a rega. Os agricultores dedicados à cultura de regadio protestam nas ruas, queixam-se da medida assassina, queixam-se da falta de água, desesperam com a certeza de que nada colherão; com o fim do sustento, anteveem o desemprego e a fome. Um representante sindical dizia que é preciso parar de enviar água para Portugal. Parecia saber do que falava, dado que citou o acordo assinado há cerca de meio século e que prevê a cedência de água de duas albufeiras do Douro ao país nosso vizinho. Não sei se, por cá, as pessoas estão suficientemente atentas a isto. Bem sei que andamos todos algo retraídos, quase paralisados, com o receio de que as taxas de juro voltem a subir e a ascensão do populismo, mas as alterações climáticas são inegáveis. Aliás, o que pouca gente sabe é que Camilo Castelo Branco já falava nelas no século XIX, quando se referia à exatidão das estações no século precedente. No entender do escritor, que era também historiador, terão sido, e socorro-me agora de um livro que muito estimo, as vaporações constantes das fornalhas e o fluido elétrico de que o ambiente estava saturado a influir no maquinismo celeste, alterando-lhe o modo de atuar sobre a Terra. Camilo, nascido há dois séculos, antevia tudo isto e nós, com informação detalhada e tecnologia de ponta ao nosso dispor, parecemos querer ignorar o que está diante dos nossos olhos.

A primavera está a ser, indicam as notícias, a mais quente desde que há registos. Espera-se o mesmo do verão. França, leio entretanto, vai proibir que se encham as piscinas, que se lavem os carros e que se reguem os jardins. Nos comentários às notícias, algumas pessoas ironizam, perguntando se a ideia é lavar os carros com toalhas e regar as plantas com o orvalho. Os mesmos alcaides espanhóis que pretendem suspender o regadio anunciam a criação de praças que constituam refúgios climáticos. Falam em erguer pérgulas, fixar vegetação (com que água?, pergunto eu) e apostar em espécies autóctones, de forma que nessas praças a temperatura possa ser até dois graus inferior à do espaço circundante e ajude as casas em redor.

Este assunto preocupa-me muito. Ainda há dias, li que o gelo dos polos derrete a olhos vistos e que, um pouco por todo o lado, tomam-se os banhos de mar mais quentes de sempre. 97% do território português está em seca meteorológica, 34% em seca severa e extrema. E estamos na primavera! No ano passado, mais de 61 mil pessoas morreram vítimas do calor na Europa. Não foi em África, Luísa. E, em Portugal, pelo que percebo, mergulhada que estou em pesquisas e na leitura de notícias sobre o assunto, não há um organismo que gira os recursos hídricos. Há um órgão consultivo do Ministério do Ambiente, cujo presidente foi ao noticiário, depois da informação sobre o que se passa em Espanha, dizer que é necessário alterar barragens, que Portugal protagoniza um desperdício superior à média europeia, que há perdas no setor agrícola, mas que essas não são as mais importantes, dado que no domínio doméstico é que há muito. Mas, segundo ele, em Portugal, 80% do consumo de água é agrícola e apenas 10% doméstico. As secas mais recentes não têm chegado às nossas torneiras, porque, apesar de tudo, há uma boa gestão da água. Mas alertou para o facto de, em certas zonas do país, não se melhorar a utilização da água – e, por conseguinte, os desperdícios – há dez anos ou mais. A antiga distribuição gravítica da água, pelos vistos, leva a muitas perdas. As condutas evitam-no, mas também há que licenciar e criar charcas. Explica – tomei nota – que sem carbono no solo não se retém a água e que os agricultores, como os espanhóis que vimos nas imagens, diz ele, são os primeiros a pagar. Há que fazer gestão de risco e a situação presente exige-o. Como medidas imprescindíveis, referiu a reutilização e a dessalinização da água, a regeneração de solos, através da reintrodução do carbono. Tudo isto me angustia. Talvez fosse melhor ver o mundo como a minha avó o via. Tantas e tantas vezes, como agora, e perdoa-me a presunção, em vez de complicar, eu preferia ser capaz de aspirar aos sentimentos simples das pessoas simples.

Água de rosas

Ergui um braço, devagar, e pus-me a espiar o dia, de soslaio. Longos segundos se passaram, até que me espreguicei com o outro braço e, continuando a espreitar o mundo apenas com metade de um olho, dado o peso das pálpebras e uma inusitada aversão à luz por parte de quem em crescida ainda dorme de candeeiro aceso, destapei parte da cabeça, para não expor demasiada pele ao frio. Depois de noites difíceis, a luz fere-me os olhos, golpeia-os na córnea humedecida pelo choro comprido, estendido madrugada fora – o começo está no momento em que entrei na cama, na noite de ontem, e o final, soluçante, nesta manhã demasiado clara, em que já se vê o sol, todo lampeiro, a criar o alvorecer, para me tyrannizar, quando eu preciso é de dormir.

Se queres saber, não foi um acontecimento a deixar-me assim. Nada sucedeu, é isso que quero que fique claro, para lá de um leve e trivial inspirar. O meu namorado não acabou comigo, até porque não o tenho, também não me telefonaram a dar-me uma má notícia, fosse de que teor fosse, não caí escadas abaixo, aleijando-me nas costas, apesar de ter escorregado ao chegar a casa, para lá de outras possibilidades tão ou mais capazes de justificar várias horas a carpir no escuro. O que sucedeu, como referi, foi que, ao chegar a casa, me pus a haurir o ar, que é uma palavra bem mais jeitosa do que inalar e tem o mesmo efeito, e desatei num pranto. Foi isto. Foi exatamente isto, sem tirar nem pôr. Mas há uma explicação para o ocorrido, como há sempre para tudo o que ocorre, mesmo para aquilo que depois de explicado continua sem explicação.

Como já percebeste, estou aqui a enrolar, a adiar, a protelar, a procrastinar um esclarecimento que já mereces. O motivo é simples e prende-se com o facto, mais do que certo, de que, se relembrar o momento, irei recomençar a chorar. Mas vou encher-me de coragem,

porque também os atos mais simples requerem protagonistas valentes, e dar-te conta de que, naquele instante, ao abrir a porta de casa, cansada de trabalhar, disposta a não mais do que comer qualquer coisa leve e a desabar sobre a cama, invadiram-me o cheiro da minha avó, preenchendo-me primeiro os pulmões e logo de seguida o cérebro, e uma torrente de memórias muito boas, mas simultaneamente tristes, muito tristes, por não se tratar de mais do que recordações. Sim, um simples e conhecido odor, um aroma antigo, pode inchar-nos os olhos, até quase os desorbitar.

O cheiro da minha avó estava ali, ainda vivia naquela casa, ao contrário dela. Era ainda mais vivo do que os seus passos, que eu ainda parecia ouvir a arrastarem-se pelo soalho. Estava nas coisas todas: no sofá, na cama dela, nos móveis, na roupa que ainda a esperava no guarda-fatos, sem saber que ela não voltaria. Era uma fragrância que só a minha avó tinha, mistura dos eflúvios próprios e da água de rosas, que toda a vida usou, para propósitos vários, desde lavar o rosto a aliviar olheiras, passando por hidratar a pele, até acalmar irritações. Combinados, tais ingredientes compunham um cheiro leve e fresco que emanava de quase tudo quanto ocupava aquela casa, revoando pelo ar de cada vez que se abria uma porta, ou eu me aproximava dos objetos dela. Naquele dia, ao chegar a casa, percebi – sem ter tido sequer hipótese de duvidar – que aquele cheiro estava vivo. Senti que o cheiro da minha avó era presente, apesar de ela ser passado. E não fui capaz de compreender por que motivo parte dela tinha ficado ali, em vez de ir também. Seria para me trazer recordações boas, ou para me torturar com a evidência do desaparecimento da pessoa mais importante da minha vida? Dispostos assim, estes pensamentos parecem simples, mas as emoções e os sentimentos que lhes subjazem nunca surgem organizados; requerem interiorização e processamento, tempo e dedicação. E tanto assim é que, por norma, tais requisitos não são escolhas, mas inevitabilidades. Assim foi daquela vez também, como perceberás se te disser que passei o dia todo a chorar, enrolada, debaixo dos lençóis, como num casulo, vendo o Sol nascer, rodar sobre a cidade, e por fim deslizar horizonte abaixo, mergulhando no mar. Quando dei por mim, pôs-se então a noite a gear sobre os telhados e sobre os carros e os pombos

recolheram aos seus encolhimentos.

Onze dias

E, à sétima semana, com a minha avó a descansar sob o húmus amigo do Prado do Repouso, percebi de forma terminante que tinha de começar a arrumar as coisas e de procurar uma nova casa. Uma vez que, como é evidente, não exercemos o direito de preferência, no que toca à compra do prédio, embora naquelas semanas eu tenha jogado no Euromilhões, no Totoloto, no Totobola (ao calhas, claro), no Placard (idem), no Joker e na Lotaria Popular, para além de ter comprado raspadinhas para mim também sempre que as fui buscar para a D. Lisete, chegou uma missiva do Dr. João da Costa e Silva. Inquietei-me e senti a garganta a apertar-se, a boca ficou seca e o olho esquerdo tremeliquento. Liguei ao Dr. Belarmino, mas ele não atendeu. Corri a casa dele, ligando de novo pelo caminho. Nada. Bati à porta com força, mas ele parecia ter saído, porque o meu ouvido encostado à madeira não identificava a música dos CD de Brahms e Mahler, nem as notícias da rádio. De braços caídos, voltei para casa e pus-me às voltas na cozinha com a carta na mão. Quando, por fim, me decidi a abri-la, fiquei tão ansiosa, que deixei cair o envelope duas vezes ao chão. Quando, por fim, retirei a carta de dentro do sobrescrito e a desdobrei, lentamente, ela parecia estar ao vento. Segurando-a e esticando-a com a firmeza possível, em direções opostas, dispus-me, enfim, a lê-la. Depois de relembrar ser o representante legal – ele gostava muito desta expressão – do novo proprietário, a empresa Morteiro Sorridente Unipessoal Lda., o advogado penteadinho era a propor a V. Exa., que era a minha avó, um acordo amigável (foi a palavra que usou) semelhante aos, dizia ele, já alcançados com os demais inquilinos do imóvel sito na Rua da Pena Ventosa, n.º 42, havendo direito, naturalmente, a indemnização indexada ao consagrado por lei. A minuta que anexamos a esta carta, acrescentava, e que não só trazia já o nome e os dados pessoais da

minha avó num parágrafo em que aparecia identificada como Segunda Outorgante, vinha intitulada como ACORDO DE REVOGAÇÃO DE CONTRATO DE ARRENDAMENTO URBANO PARA FINS HABITACIONAIS e tinha a particularidade de reunir mulheres defuntas. Começava por dizer: considerando que a Segunda Outorgante celebrou com a falecida senhoria, Gertrudes Maria Ferreira Ventura dos Santos, um contrato de arrendamento de duração indeterminada para a fração sita no quarto andar do prédio supraidentificado, e que o imóvel não apresenta condições de segurança e de habitabilidade... Não consegui ler mais. Aquilo mexeu comigo. Invocavam uma pessoa morta, que havia celebrado um contrato com outra pessoa morta, a minha avó, que eles nem sabiam – ou talvez soubessem – que também estava morta. Nutridas por muita tristeza, pela perda, pela solidão, pela injustiça, pelas mágoas antigas e, de novo, pela perda, esta perda que não consigo acomodar, grossas lágrimas começaram a manchar o papel, humedecendo-o. Quando nos faltam os nossos, aloja-se em nós uma entidade indefinida – parte objeto, como um paralelo pesado e frio, e parte emoção, como a tristeza –, e essa entidade ali fica, enfiada entre o coração e o estômago, entre nós e o mundo. Encolhe-nos a fome, comprime-nos os pulmões, condiciona-nos o respirar, o deglutir, escava-nos por dentro, emagrece-nos, dá-nos sono, instala-nos frio nos ossos, tremores nas pernas, arrepios na coluna e tormentosos pensamentos em cada instante em que desocupamos a mente, para nos lembrar de que na vida nem tudo é como, em crianças, acreditávamos que seria. O pior é que já nessa altura a vida me enfiava vários paralelos na barriga. Eles provocavam-me dores fortes no estômago, indigestões e outros incômodos, que a minha avó procurava aliviar com chá de cidreira, uma botija de água quente e muitas festas no meu cabelo, que naquela altura era aloirado e cheio de caráter. Dizia-me orações que eu dava tudo para escutar de novo nestes momentos em que ela já não está. Que úteis me teriam sido quando a carta, apesar de molhada, principiou a enrijecer, o papel como que se cimentou e ganhou peso. De seguida, e apesar do calor que de repente se pusera a esquentar o Porto, comecei a sentir picadas no avesso das unhas mal pintadas. Logo depois, alguma coisa me mordeu. Eu explico: primeiro, era como se galos lutadores estivessem a debicar-me as pontas dos dedos, mas,

depois, já sentia afiados dentes de víbora a espetarem-se-me na carne tenra, até começarem a perfurar-me as falanges. Eu sentia o sangue escorrer-me pelos dedos, atravessar-me as palmas das mãos e chegar aos pulsos. Eram lágrimas, mas eu via-as tingidas de vermelho; era tristeza, mas eu sentia-a como dor.

Quando fui capaz de ler as alíneas que se seguiam aos considerandos, que relembavam o dia do falecimento da anterior senhoria, à qual sucederam os respetivos herdeiros, aos quais, por sua vez, os atuais proprietários adquiriram o imóvel, a empresa Morteiro Sorridente Unipessoal Lda., bem como o plano de obras gizado para o imóvel, a começar pelo telhado, com o desmantelamento do mesmo, para efeitos de impermeabilização do edifício, período no qual sugerimos a V. Exa. o alojamento numa unidade hoteleira da cidade, por tempo indeterminado, a expensas do Primeiro Outorgante, passando pelas demais alíneas, que relembavam a importância da segurança em contexto de obra, até a uma outra que propunha a verba de 4300€ (quatro mil e trezentos euros) como contrapartida pela cessação do contrato, desci as escadas e bati à porta de casa do Jiboias. Abriu-ma a D. Salete, que, antes de qualquer outra coisa, disse que ainda lhe doía muito a morte da minha avozinha, mas logo se pôs a lembrar que estava sem tempo, que precisava de ir ao Minipreço, e a perguntar-me o que queria. Voltei a casa sabendo que iriam morar para Rio Tinto e que estavam prestes a receber muito dinheiro de indemnização, ela não quis dizer quanto, mas uma maquia a ponto de o marido já ter comprado um frigorífico para a casa nova, dois iPhones e umas férias no Funchal. Deu-me então uma fúria organizadora que só pode ter sido motivada por ti. Senti uma energia tal, que trabalhei sem parar até às quatro da manhã, tendo preparado para a mudança mais de metade da casa. A última coisa que fiz, antes de ir dormir, foi dar uso ao caixão. Comecei por enchê-lo de livros, mas depois temi que, ao pegarem-lhe, os senhores das mudanças se assustassem; então, guardei nele boa parte da minha roupa, usei-o como mala. No dia seguinte, contudo, quando acordei e espreitei o meu mundo, a rijeza de espírito tinha-se ido e pus-me a inundar a almofada, tomada por uma saudade atroz. Como pequenas embarcações, começaram a soltar-se coisas que eu guardava na

enseada da alma e, com elas, uma profusão de emoções, que, misturando-se, formavam, a pouco e pouco, uma quimera sentimental idêntica à que senti quando há dias cheguei a casa e encontrei na sala o cheiro da minha avó desaparecida.

Voltei a procurar o Dr. Belarmino, mas fiquei a saber que ele estava para fora, tinha ido à aldeia, a fim de tratar de uns assuntos de família, tragédia que me instalou novos tremores nas pálpebras e me pôs outra vez a gastar o mosaico do chão da cozinha. Ao cabo de algumas horas, encurralada, fiz uso dos teus incentivos e enchi-me de uma bravura que te pertence muito mais do que a mim. Peguei no telemóvel, liguei ao Dr. Penteadinho e indiquei-lhe que a minha avó tinha morrido e, sem lhe dar tempo para falar, declarei-me sabedora de que, com isso, perdia o direito à casa, dado não ser cônjuge, nem ascendente, nem filha, nem enteada, nem pessoa que com ela vivesse em união de facto, que tinha lido de trás para a frente o Regime de Arrendamento Urbano com o meu advogado e que estava ciente do que iria acontecer. Imaginei-o a sorrir, do outro lado, e isso irritou-me tanto que, sem refletir, propus o último dia do mês como data para entregar a chave. Ele limitou-se a solicitar uma certidão de óbito, que eu não tinha, depois disse que ele próprio a obteria e pediu-me que aguardasse por um contacto dele, o que veio a suceder no dia seguinte, para eu assinar uma declaração na qual me comprometia a deixar a casa na data por mim proposta. Foi uma conversa fugaz, seca, e todo o processo muito rápido. Em onze dias, eu tinha de deixar a única casa onde morara e, claro, de encontrar uma nova.

Veio a noite e arrancou-me o olhar

Passaram-se seis dias e não falei disto a ninguém. Nem a ti o quis contar e vais perceber porquê. Seja como for, neste momento, não aguento mais, até porque hoje se repetiu. E para quê estar a fazer-me de valente? Nos tempos que correm, já pouca gente gosta dos fortes; a maioria prefere os que assumem as fraquezas, mesmo que sejam lamúrias, porque isso os pacifica em relação às próprias vulnerabilidades. Claro que tu não és assim, estou só a fazer conversa. Já sabes que, por vezes, me custa a arrancar. Sobretudo em momentos como este. É que a imagem ainda me atormenta. Ao regressar a casa, vinda da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, onde fui requisitar um livro, cruzei a Praça de Lisboa, admirando a torre que olhava a cidade lá do alto, e, assim que devolvi os olhos à calçada, pareceu-me tê-la visto novamente, a esgueirar-se pela Rua da Assunção, ali mesmo junto a uma loja de artigos fúnebres chamada Casa das Velas. Mas não se trata apenas de uma imagem – é um vulto, uma sombra que se move, quando o dia está no fim. Aparece-me, à falsa fé, nos momentos em que estou distraída, a pensar noutras coisas. Por norma, vejo-a encostada às paredes, por entre as ruas da Sé, uns caminhos sinuosos e íngremes por entre as casas, universo em que nunca sonhei não viver, mas do qual ela parece querer afugentar-me. E a cada dia tudo se torna mais assustador, Luísa.

Da primeira vez, admito, a culpa foi minha. Saí à rua, já ao final da tarde, em vez de ter ficado em casa. Mas não me apetecia estar aqui, a ver a minha avó em todos os objetos, em todos os móveis, em cada centímetro de casa, por isso, antes que a escuridão se abatesse sobre a cidade, decidi sair, para dar uma volta e ver vida. Estava um princípio de noite cálido e a luz dos candeeiros despejava um tom alaranjado sobre os insetos e os passeios. Eu sentia esse calor correr-me sob a blusa, numa agradável carícia. Ou seja, tudo estava ótimo, até eu

passar pela estreita e ensombrada Rua do Souto. Aí, o frio do granito produziu em mim um arrepio que, no segundo a seguir, deu lugar a uma espécie de implosão. Gelei.

Diante de mim, estava uma figura baixa, curvada e toda vestida com uns andrajos pretos. Parecia ter-se besuntado com um unguento fétido, porque o cheiro que emanava, não sei se do corpo, se da boca, era insuportável, e o rosto, ou o que parecia ser um rosto, era brilhante e pastoso. Não se lhe distinguiam feições, nem expressões, nem a boca se abria para falar, apesar de dizer muito mais do que eu queria entender. A princípio, não percebi quem era, mas depressa me lembrei de que só poderia ser ela, não poderia ser outra, certamente seria ela. E se fosse? Encolhi-me toda, encostei-me à parede fria e quis desaparecer daquele lugar. E se ela estivesse ali para me levar, uma vez que já tinha levado a minha entrevada avó? Aquela monstruosidade bexigosa e pestilenta só poderia ser a morte. A morte estava à minha frente, ainda que não totalmente nítida, mas estava. Talvez precise de recrutar gente jovem, sei lá. Só poderia ser ela. Só poderia ser a morte, eu estava já certa disso quando, aproveitando um raro abrir e fechar de olhos a que me permiti, deixei de a ver, desapareceu. Achei então – ou quis achar – que tinha sido um breve delírio, por certo provocado pela privação de sono, e pus-me com aquela mania do costume de desvalorizar o que os meus olhos, os demais sentidos e essa força a que chamam intuição me mostravam.

A verdade é que a razão nunca me acode nos momentos certos, como a ti, e, logo no dia seguinte, pimba, aconteceu de novo. Ainda nem sequer estava propriamente escuro e eu ia a pensar que nunca percebi se o que alimentava as flores da D. Aldina era água deitada com um regador ou as lágrimas que dia sim, dia sim vertia pelo marido, desaparecido nas obras da Expo 98, para onde tinha ido trabalhar com outros doze homens, em regime de subempregada, para um patrão do Marco de Canaveses. Não se sabe bem o que lhe aconteceu, mas diz-se que terá caído para dentro de uma grande sapata que estava a ser betonada ao começo do dia. Só deram pela falta dele já depois da hora da sandes, conta a D. Aldina, e puseram-se a procurar em todo o lado, menos ali. Nunca o encontraram, mas os colegas garantem que, estando ele a fazer o serviço que estava, só

pode estar sepultado no betão. Acontece que, como a obra não podia parar, ninguém quis rebentar o já construído para procurar um operário e ainda hoje Fernando está dado como desaparecido. É, certamente, por isso que a D. Aldina odeia prédios novos e tudo o que não seja esta nossa antiga e granítica Sé. Do resto tem pavor, como eu tenho da noite que, mesmo sem cair, logo adiante me plantou uma figura dançante no meio do caminho. Engoli em seco e vi-a deslizar para a ombreira de uma porta, onde ficou, meio escondida, a fitar-me. Depois, passou um palerma que costuma andar sempre a deitar-me olhinhos, um convencido com ar de arconte epónimo, que ocupa os fins de tarde a beber vinho rosé ali no bar, e eu fiquei ainda mais aflita. Com duas ameaças, estuguei o passo, mas estava nervosa e, ao tentar olhar para trás, via-me refletida nos vidros, caminhando com o ar estafalário de quem tem os pés atados pelo medo. Felizmente, logo a seguir, vi chegar O-da-Pastinha e não só o palerma se evaporou, como ela desapareceu. Ele disse boa tarde, sorriu e entrou em casa. Não imaginas como fiquei aliviada e feliz.

O problema é que tenho apanhado sustos todos os dias, a qualquer hora. Anteontem, caminhava muito cansada para casa, já temendo encontros indesejados, e pareceu-me vê-la em toda a parte. Sentia-me tomada por uma letargia sem igual, o que não deve ter ajudado, mas a aversão por aquela figura era já tão grande que se hospedou em mim um tremor a tal ponto intenso, que fazia ribombar os meus pensamentos. A terapeuta já percebeu que, para mim, é sim e não ao mesmo tempo, e talvez haja verdade nisso, porque quero e não quero com igual vontade, e a cada segundo mais razões se avolumam para que queira e para que não queira, mas naquele momento eu não queria ver o que sentia estar sempre a aparecer-me pela frente. Era apavorante e eu só desejava que O-da-Pastinha aparecesse. Desejei telefonar-lhe e pus-me a pensar nele com tanta força quanta me era possível, para ver se o chamava. Podia ligar à D. Lisete, mas senti uma estranha vergonha. A dada altura, vi a porta de um prédio destinado a alojamento local encostada e enfiei-me lá dentro. Fechei a porta, que tinha uma janela em vidro, e senti-me mais segura. Só não me lembrei de que, se ficasse ali tanto tempo quanto acabei por ficar, poderia cair a noite. Foi o que aconteceu. Que estupidez a minha, ao deixar-me ali

ficar, em vez de ter ido logo para casa. Quando quis sair daquele hallzinho iluminado, pus um pé de fora e, de repente, veio a noite e arrancou-me o olhar. Já estava escuro como breu e eu só pensava que mesmo o fim do mundo haveria de ser iluminado, ao invés de escuro. Desatei a correr para casa e tenho quase a certeza de a ter avistado, ardilosa, a dobrar a esquina e de a ter sentido no meu encaço. Se alguém me tiver visto a correr assim, esbaforida, porta adentro, certamente achará que sou maluca. Espero que O-da-Pastinha não estivesse à janela. O facto é que falar-te disto parece trazer-me a tal lucidez que me tem faltado, apazigua-me. Deveria tê-lo feito mais cedo.

Arrumações

Adiado até ao limite, mas forçado pelos sentidos, chegou o dia em que tive de arrumar os pertences da minha avó. Já tinha toda a minha vida embalada, já dormia numa casa deserta de tudo o que não fossem móveis ou caixotes de cartão, quando me decidi a fazê-lo. Até àquele momento, a roupa dela ficara santificada dentro do roupeiro e nas cómodas, como em relicários. Os objetos avulsos estavam nos mesmos lugares. Um velho relógio despertador amarelecido, ao qual eu continuava a dar corda, um batom de cieiro e um rosário, por exemplo, permaneciam em cima de um naperão, sobre a mesa de cabeceira, na qual a minha avó guardava sempre, dentro da portinha abaixo da gaveta, uma garrafa de água benta, feita de vidro, à qual recorria para borrifar tudo o que entrasse na nossa casa e na nossa vida – uns sapatos, um relógio, uma torradeira. Desde a partida dela, eu limpava o pó, mas mantinha tudo nos mesmos lugares, porque guardar aquelas coisas, ou livrar-me delas, significaria arrumar a minha avó, fazê-la desaparecer da minha vida. Mas chegou o dia em que não pude fingir mais, nem manter aquele museu afetivo. Então, decidi encaixotar tudo o mais depressa possível, sem demora – queria ser maquinal. Pus música alegre a tocar, para não ouvir o chinelar dela pela casa, como ainda acontecia todos os dias, e fui arrumando as roupas do armário, depois o calçado, até que cheguei à cómoda. Retirei a roupa toda e, no fundo da gaveta do meio, que também guardava quatro agulhas, do tempo em que a minha avó fazia crochet, encontrei uma pastinha de plástico azul.

Lá dentro, incompreensíveis para a minha avó, dormiam recortes de jornal. Ou melhor, ela não conseguia lê-los, como é evidente, mas sabia bem o que diziam. Alguém lhos tinha dado, por certo. Eram retalhos de páginas d'*O Primeiro de Janeiro*, *O Comércio do Porto* e do *Jornal de Notícias*. Os de cima davam nota de que uma mulher tinha

saltado da Ponte da Arrábida. Referiam-se vários testemunhos, mas acrescentava-se que o corpo não havia sido encontrado. Numa delas, consegui ver a data da edição. Dizia: 19 de novembro de 1994, dois dias depois da última noite em que vi a minha mãe. Luísa, não foi por não querer partilhar nada disto contigo que não to contei antes, foi porque não consegui lidar bem com esta informação. A minha sorte, em bom rigor, és tu, é o facto de teres chegado, novamente, para me ofereceres a tua amizade incondicional. Será que a minha mãe tinha terminado como a filha do Dr. Belarmino?

Dentro daquela pastinha, também havia um recorte a noticiar que uma mulher – impossível de identificar – fora colhida por um comboio rápido intercity junto à estação de Miramar, em Gaia. Seria esse o motivo de a Praia de Miramar ser a favorita da minha avó? Pensei sempre que fosse por causa da Capela do Senhor da Pedra, verdadeira erupção de fé no meio do mar. No verão, ela gostava de ir para lá. Apanhávamos o comboio em São Bento, seguíamos até Campanhã e de lá até Miramar, onde passávamos o dia. Vestindo um fato de banho preto, a minha avó gostava de se banhar – apenas até aos joelhos – ao redor da capela, quando a maré estava calma. Ia dizendo orações, enquanto comentava que aquelas águas faziam muito bem à saúde – mais tarde, soube que eram ricas em iodo. Depois, regressávamos de comboio, ou de autocarro, conforme o horário.

A minha avó nunca me falou destas hipóteses. Não sei se alguma se confirmou e parece que continuarei sem saber. Ela sempre se referiu ao tema da minha mãe como estando em aberto. Desconheço se acreditava na possibilidade de ela estar viva, que em conversa comigo alimentou sempre, ou se, por outro lado, tinha informações quanto ao desaparecimento dela. Acredito que tenha vivido, até ao fim, presa à incerteza. Só isso explica que tenha guardado estes recortes, tal como a piedade e o amor para com uma criança órfã explicam que nunca me tenha dado a entender que suspeitasse que a própria filha, a minha mãe, pudesse estar morta. Durante anos, pensei que, assim como sei foi, poderia voltar por aquela porta.

Afundada nos arrabaldes, com a alma na Sé

E então fui viver para a periferia, para um Porto que pouca gente parece querer, mas que também já não está barato. Uma cidade como um certo país que parecemos não querer ser, porque não queremos lá morar, não lhe ligamos nenhuma, não nos importáramos de encolher o território, de o transformar numa estreita faixa litoral, talvez oferecêsemos o chamado interior aos pobres, como se faz à roupa velha e a outros trastes, talvez enfiássemos lá os portugueses de segunda, como já se fez quando se construíram prisões e sanatórios bem longe da civilização, ou quando se deportou gente para além-mar. Quem não tem dinheiro não tem lugar nas cidades. Os pobres abdicam da dignidade, dividindo casas, partilhando quartos, ou habitando tugúrios, ou então perdem-na por completo e enfiam-se em caixotes, como mercadoria, e assim se abrigam, como o Ideias, nas entradas dos edifícios, ou em tendas de campismo baratas que montam em recantos de jardins ou em passeios rijos, verdadeiros estendais de miséria. Dois milhões de portugueses são pobres e, em Azevedo, Campanhã, há muitos. É um lugar com muitas casas bonitas, mas quase todas a aguardar cuidados e projetos de futuro. Anima-me o Parque Oriental da Cidade, para onde já fui caminhar, entre pinheiros, carvalhos e até sobreiros, ao longo do rio Tinto. O facto de Manuel António Pina também ter escolhido esta zona da cidade para morar valida mais ainda a minha escolha. Digo isso às pessoas, com alguma vaidade, e como tapume para uma certa vergonha. De todo o modo, estou fora da cidade, mas dentro do concelho do Porto – isso era importante, para mim. Arrendei uma casita afundada nos arrabaldes, mas penso que talvez devesse comprar, caso me adapte a morar aqui, antes que a febre imobiliária chegue cá e esta parte do Porto seja descoberta. É claro que, todas as noites, depois de me

aconchegar sob o lençol e o edredão, com o meu candeeirinho de leitura aceso, procuro casas à venda, ou para arrendar, na minha Sé, à espera de um milagre. É incrível como, mesmo moribunda, a esperança nunca morre. Como poderia ela morrer, se, embora o meu corpo tenha vindo, a minha alma ficou na Sé?

Onde habitávamos desde sempre

Então pus-me a encher o silêncio com pensamentos variados, semelhantes na pouca pertinência. Tinha o cérebro a barulhar. Percorri todos os recantos da minha mente e, no final, não concluí nada. Sentia-me a tola no meio da ponte. E por isso vim para aqui, para junto de ti, falar-te do que não me apazigua e do que me dói.

Ainda não sei se prefiro morar na periferia e fruir de uma cidade reabilitada, limpa, organizada, com bons arruamentos e cheia de opções de consumo, ou morar na versão anterior dessa cidade, aquela que estava decadente e deserta, porque sinto que sou parte dela. Faz-me lembrar o poema Dois Cimbalingos Escaldados, de Inês Lourenço, que a dada altura diz assim: curto, normal cheio / o cimbalingo, esse negro odor / com moldura branca / numa mesa de café, na cidade / onde habitávamos desde sempre. Desde sempre, Luísa. Não daria para se encontrar um meio-termo? A minha avó lembrar-me-ia de que águas passadas não movem moinhos e fá-lo-ia com o seu costumeiro sentido de oportunidade, até porque é inegável que já não há lugar para mim neste Porto. Talvez seja exagero dizer que a minha cidade já não existe. É claro que o figurino do Porto – esse que, entre outras coisas, é antigo e invicto – não desaparece, não se deixa derrotar com facilidade, desde logo porque vale muito dinheiro e atrai turistas, mas nenhum contexto se faz apenas de aparência. O Porto deixará de ser mui nobre e sempre leal, entre tudo o que ainda é e que não queremos que deixe de ser, se expulsar os portuenses, se fizer deles meros funcionários, ou até mesmo turistas. É como ser-se visita em casa própria.

É um pouco assim que me sinto. Chego e gosto do que vejo, mas dói-me ter chegado e saber que vou partir. Sinto a dor de não poder cá morar, carrego a mágoa de ter sido expulsa. Fui mandada embora e não me foram dadas alternativas. Esta nova cidade, gentrificada, não

tem espaço para quem não tem bolsos fundos. É-me permitido lá ir, para trabalhar e para consumir, mas não me deixam lá morar. E logo a voz da minha avó ressoa: da justiça, o pobre só conhece os castigos. Entro na agora belíssima Rua das Flores, outrora escura, suja e até perigosa, apesar dos alfarrabistas, como o magnífico Chaminé da Mota e o seu milhão de livros, de uma outra mercearia típica, e soam de imediato os alarmes na minha cabeça: trouxeste dinheiro? Quanto dinheiro? Muito dinheiro? Sinto-me excluída.

Não consigo conformar-me. Encanto-me com as frontarias reabilitadas, vibro com o entusiasmo que os estrangeiros sentem em relação ao que é nosso, gosto de lhes transmitir tudo o que sei, mas não queria ser apenas quem de longe vem abrir e fechar a porta. Queria receber sem sair de casa. Irrita-me que me digam que isso não é possível, como se aspirar à utopia não fosse uma forma de encontrar consensos e soluções equilibradas.

E também não venham, por favor, com a cantiguinha do conforto. Hoje, estou tão triste quanto virada do avesso. Não me refiro a ti, claro. Estou sem pachorra é para gente que vive a apaziguar-se dizendo que nada acontece por acaso, que se as coisas não correm como o previsto é porque tinha de ser, etc. e tretas. Sim, convenhamos que o ar lóbrego da cidade da minha infância tem vindo a dar, aos poucos, lugar a outra dignidade, exibindo-se talvez até, aqui e ali, com uma certa jactância nas pedras empalidecidas, nos telhados laranja-vivo, nas caixilharias sólidas e nos gradeamentos brilhantes de esmalte. Mas, para mim, ter de morar fora da Sé foi um mergulho no mar-alto numa noite escura.

Dina Carquejeira

Abriu-me a porta um senhor com ar de avô. Demorei a reconhecê-lo. Tinha tirado o bigode e parecia outra pessoa, ou, no limite, a mesma pessoa, mas mutilada, como se lhe tivesse sido extraída uma parte do rosto. Ainda hoje não consegui habituar-me ao Sr. Luís assim. Sinto que perdemos a intimidade, apesar de ele me ter recebido, como era costume, de braços abertos, e pronto a levar-me à madrinha. Foi pouco antes de ela ir para o lar em que ainda se mantém. Será que nunca se cansará verdadeiramente da vida?

A D. Violeta é uma antiguidade, como a minha avó costumava dizer. Daquelas muito caras, muito preciosas, acrescentava, tentando animá-la. Mas ela, quando sorria, fazia-o com tristeza. Tinha um sorriso de lamento, que gerava em nós compaixão. Erguia apenas ao de leve os cantos da boca, como se não pudesse ou não soubesse sorrir por inteiro, como se lamentasse o facto de estar viva, ou como se estivesse conformada com uma vida de desgraças que, durante muitos anos, eu não lhe conheci. Até ao dia em que, tendo sabido através de um telefonema do Sr. Luís que a madrinha (que, na verdade, não o era, mas apenas vizinha) iria para um lar, a fui visitar. A minha avó já estava acamada e, como atrás te falei em recortes, lembrei-me de te contar também esta história.

Tocando com a mão ao de leve no assento do sofá, a D. Violeta indicou-me que me sentasse ao lado dela. Antes, havíamos falado da saúde e do tempo, até que ela disse: está aí na despensa uma caixa de ferramentas, trá-la para cá. Era uma caixa metálica, cor de laranja, muito gasta e oxidada. E muito pesada. Quando, por fim, a pousei ao lado dela, fez o tal gesto e disse-me: agora abanca-te aqui à minha beira e pousa a mala à nossa frente. Obedeci e voltei a fazê-lo quando me mandou abri-la. A caixa chiou e chocalhou, até revelar martelos, alicates e chaves de fendas velhas e ferrugentas, que ela me pediu para

retirar e pousar no chão. Havia também saquinhos de parafusos, pregos, caixinhas com pionés, pedaços de cabos elétricos, casquilhos – enfim, tudo aquilo que é expectável encontrar-se dentro de uma caixa de ferramentas, incluindo uma série de coisas cujos nomes e funções desconheço, mas que os meus olhos não estranharam. Depois de retirada aquela sucata toda, sobraram, no fundo, três pequenas latas. Uma era laranja, como a caixa-mãe, e tinha escrito a preto: FLEXOLITE Lighter Fluid Capsules. Outra era vermelha e dizia, em letras grandes: MATTE LEÃO. Logo abaixo: HERVA MATTE SELECCIONADA E PURA – USE E ABUSE. O produtor era Leão Júnior & Cia. Por fim, a terceira, a mais pequena de todas, dizia: HERMESETAS – SACARINA CRISTALIZADA PURA. E rematava: Adoçante Perfeito – 450 Vezes Mais Doce que o Açúcar. Foi nessa caixinha que a D. Violeta me disse que pegasse. De seguida, recomendou-me cautela ao retirar a tampa. Dentro, dobradinhos como origamis, várias folhas de jornal, com um tom quase alaranjado. Pediu-me que as abrisse com máximo cuidado. A primeira, uma folha inteira d’*O Século Ilustrado*, perguntava em antetítulo: Do Inferno do Dante ou da Costa de África? E titulava, a letras muito grandes: A CALÇADA DA CORTICEIRA É O CALVÁRIO DAS CARQUEJEIRAS DO PORTO. Logo depois, dizia: e só quem as vir subir aquela rampa infernal poderá avaliar bem o tormento das míseras criaturas e a mancha abominável que essa tarefa de escravos ou forçados representa para a civilização e para a humanidade. Em silêncio, ouvindo o leve respirar dela, mesmo ali ao meu lado, li todo o artigo assinado por Hugo Rocha e datado de 19 de abril de 1943. O drama das carquejeiras não era novidade para mim e cheguei mesmo a conhecer Palmira de Sousa, a famosa Palmirinha, desaparecida em 2012, aos 102 anos, e também Valentina Machado, que morreu em 2018.

Havia também um pequeno texto d’*O Comércio do Porto*, fundado por – repara na ironia do destino – Henrique Carlos Miranda e Manuel Sousa Carqueja, além de mais tarde ter sido dirigido por Bento Carqueja, sobrinho de um dos fundadores. Era uma breve com o seguinte título: FALTA DE CARQUEJA PREOCUPA INDÚSTRIA PANIFICADORA. Referiam-se os grandes incêndios do verão como causadores de uma quebra da produção e da apanha, bem como, mais adiante, a falta – e cito – de quem faça o imprescindível trabalho de transporte e

distribuição na cidade. Eu ia lendo tudo em voz alta, como acabei por fazer para a minha avó. Também *O Primeiro de Janeiro*, no período em que era dirigido por Manuel Pinto de Azevedo Júnior, noticiou a falta de lenha e de acendalhas naquele ano. Já o *Jornal de Notícias* trazia um artigo maior sobre o ciclo da carqueja, ou chamiça, desde que era apanhada até que chegava às casas portuenses, e – apesar do muito interesse com que o li – era numa pequena fotografia que incluía, que a D. Violeta queria que eu atentasse. Nela, viam-se três mulheres dando os rostos e os corpos às câmaras, com grandes fardos de carqueja pousados no empedrado, prontos a carregar. A legenda, de letrinhas minúsculas, apresentava-as: Hermínia, Maria e Dina, carquejeiras. Lê outra vez, disse ela. E eu repeti: Hermínia, Maria e Dina, carquejeiras. Agora pega aí no meu porta-moedas, que está nessa gaveta de cima, e tira o meu bilhete de identidade, se fazes o favor. A fotografia era a dela, mas o nome não correspondia. Dizia: Ricardina Rodrigues de Assunção. Agora pega de novo na notícia, olha bem para a moça da direita na fotografia e depois olha para mim. Detive-me durante alguns segundos, surpresa. Talvez tu já tivesses percebido, mas foi só então que, com muitas dúvidas, tudo se ligou na minha cabeça: a D. Violeta, afinal, chamava-se D. Ricardina e fora carquejeira? Comecei então a perguntar sem parar: D. Violeta, quer dizer, D. Ricardina, a D. Violeta é esta Dina? Dina de Ricardina? A D. Violeta foi carquejeira? A D. Violeta foi carquejeira e nunca nos contou? Quem é que sabe disto? Isso é espantoso! Como é que nunca ninguém soube disto? Antes do 25 de Abril, andei a monte e passei a usar o nome Violeta, até porque nunca gostei de Ricardina. Enquanto dizia isto, no rosto da anciã, desenhava-se de novo o leve sorriso, e os olhos abrilhantavam-se-lhe para me dizerem que sim, que fora carquejeira. De facto, não é raro uma só expressão dizer mais do que muitas palavras e a da D. Violeta oferecia todas as respostas, mesmo que, naquele momento, a minha estupefação e o meu entusiasmo mantivessem à sombra parte do meu discernimento. A D. Violeta tem noção de que é a última das carquejeiras da cidade do Porto? A D. Violeta é a última das carquejeiras! Nem daquela, nem da vez seguinte, ilhas de lucidez num destino longo que se sumia, ela quis dizer-me muito mais. Fiquei somente a saber que durante treze anos

foi alimentando muitas bocas e a marreca que lhe ia crescendo nas costas, e que carregou o resto da vida, impedindo-a de esquecer o que passou.

Hoje, penso nela muitas vezes como Dina Carquejeira, a última das mais valentes entre todas as mulheres que já habitaram esta cidade, sofredoras de profissão, mães e filhas que transportavam, sobre castigados corpos, a carqueja que haveria de servir de acendalha nos fornos das padarias, que muito lhes devem, e nos fogões das casas da burguesia. Há nos periódicos e em arquivos fotografias impressionantes de mulheres transportando volumes cinco e seis vezes superiores aos dos próprios corpos, os chamados fardos balofos, calçada acima – a Calçada da Corticeira. Eram escravas da cidade. Chamavam-lhes mulheres de ferro, porque chegavam a carregar cinquenta e sessenta quilos às costas. Algumas morriam durante a jornada. Chegou a acontecer, e talvez Dina Carquejeira tenha visto alguma colega sucumbir, enquanto lutava para alimentar as bocas dos filhos carregando o que iria alimentar e aquecer os filhos de gente que não nascera condenada àqueles sacrifícios.

A carqueja vinha de Melres e de mais longe, em barcaças transbordantes de galhos e galhinhos, que as mulheres depois tratavam de enfardar consoante as forças, a coragem, a determinação e o desespero sentidos, como referi, pela fome dos filhos. Mas não penses que subiam a calçada e no topo deixavam a carga. Seguiam para as Antas, para a Areosa, para o Marquês, para a Maternidade, ou para o Carvalhido. As mais bravas voltavam para trás, para uma segunda carga e mais algumas moedas. Diz quem sabe que nunca paravam, fosse para beber, comer, ou fazer as necessidades – abriam as pernas e era assim. Continuaram, quebrando as costas, silenciosamente, em busca de sustento, para vergonha da cidade, até à década de 1960.

Esta infâmia nascida em finais do século XIX estava à vista de todos, cidade afora, mas de modo mais cru nos quase 250 metros da calçada, que eram capazes de abafar o melhor dos ciclistas, por conta dos 22,3% de inclinação. Para teres uma ideia, a parte mais inclinada da Rua dos Clérigos, que põe os bofes de fora a qualquer pessoa que se dirija de São Bento para a Cordoaria, tem 10%. A dolorosa, como lhe

chamavam, era uma subida que os animais não conseguiam fazer. Também poucos homens se davam a ela. Faziam-na as mulheres, em busca de sustento. Em ziguezague, para custar menos. Diz-se que chegaram a ser cem por dia. Andrajosas, desgraçadas, vergadíssimas, como esta que agora encontro e que nem que quisesse poderia esconder a corcunda que lhe nasceu nas costas. Punha um saco de sarapilheira sobre os ombros e a cabeça, depois uma rodilha e, por fim, uma corda e um carroto. Depois, enfiava-se debaixo do fardo e erguia no ar – primeiro, em equilíbrio precário, depois, firmando os pés no chão, qual halterofilista – o colosso destinado ao fogo.

Felizmente, fruto da vontade do povo, que se uniu numa associação liderada por duas mulheres valentes, de nome Arminda Santos e Maximina Girão Ribeiro, há hoje uma estátua em bronze, do escultor José Lamas, lá no topo da rampa que chegou a ser mortal para algumas mulheres. Diz: Da cidade, às carquejeiras. Tenho pena de que a D. Violeta, mesmo que ninguém soubesse que, noutra vida, fora Dina Carquejeira, não tenha podido assistir àquela inauguração. Foi por isso que, esta manhã, e apesar de ela já não ver, lhe levei ao lar uma fotografia da estátua. Tencionava pôr-lha nas mãos, descrever a escultura com minúcia, garantir-lhe que era uma homenagem muito bonita ao passado dela e de tantas mulheres. Tristemente, de Dina Carquejeira já nada encontrei; de D. Violeta só o olhar grande e parado apontando ao teto branco, a partir de uma cama. Nenhuma palavra, só um respirar pequenino e lento, tão lento que, se me deixasse tomar pela ansiedade, parecia mesmo uma despedida.

Tenho hesitado em contar

Também o que nos desagrada – nos outros e no mundo – pode ser parte de nós. Em criança, no outono e no inverno, a chuva não parava de cair – era a percepção que eu tinha. Passava os dias a observá-la a pintalgar a vidraça de traços transparentes, a vergar as folhas das plantas da D. Fátima e atirar-se contra o chão de pedra, ansiosa por chegar a outro lugar. De tanto ver a chuva, dia após dia, semana após semana, era como se ela, por mais que me desagradasse, fosse minha.

Tenho hesitado em contar-te o que agora ousarei escrever. Tenho sempre para mim que não me julgas e, de cada vez que a ti me confesso, alegro-me com o facto de não censurares esses meus pequenos delitos. Sucede que, desta vez, o que tenho para te contar é distinto. Não é um pecadilho, nem um mexerico banal, e talvez seja motivo suficiente para me entregar por muito tempo à meditação, ou a outras formas mais severas de ascetismo. Contar-to é algo que tenho andado a cerzir desde que, há dias, o assunto provocou em mim forte abalo. Não que desconheça os factos – pelo contrário, recordo-os bem –, mas porque, nos três últimos anos, procurei esquecê-los e há tempos voltei a ter de olhá-los de frente. E crê que encararmo-nos sem a maquilhagem que diariamente usamos pode ser assustador. Foi o que fiz, como disse, há algumas semanas e, desde então, medra dentro de mim a noção das atrocidades de que somos capazes.

Com o denodo que me for possível, vou contar-te o que se passou. Prometer-me-ás não fazer perguntas, não me criticar – pelo menos, agora –, dado que visitar este assunto já tem sido difícil o suficiente.

Do mesmo modo que renasceste tu, regressou a mim outra história que julgava, perdoa-me, morta e enterrada. Com essa noção vivi nos anos recentes, mais preocupada em refazer a minha vida, em organizar o presente com os olhos postos, como se costuma dizer, no futuro. Mas, ao arrumar os últimos pertences encaixotados no sótão,

encontrei duas outras caixas. A primeira continha centenas de velhos amigos: as canetas e esferográficas, quando deixavam de escrever, mas sobretudo os lápis, ao encolherem muito, por serem sucessivamente afiados, davam-me muita pena. E isso levava-me a guardá-los. Era incapaz de os deitar fora, de lhes decretar falta de interesse, ou serventia. Afinal, além de meus amigos, também eram filhos de Deus. Por isso, guardava-os e guardei-os até hoje. Vieram comigo para a casa nova, tal como a tal outra caixa. Mas dessa – ao contrário daquela em que tu estavas, ou da que continha canetas e lápis – era como se não me lembrasse, de tal forma me esforcei para seguir em frente. E agora esse assunto voltou a tomar conta de mim e eu não sei o que fazer. São recordações confusas. São cartas, postais, bilhetinhos de tamanhos e formas variados, guardanapos de papel e fotografias. Em todos, ou em quase todos, há corações aos pulos e muitas outras expressões de paixão escritas pelo mesmo punho que te costuma escrever. Mas nada disso te espantará, se um dia tiveres pachorra para ler. O que, por certo, te deixará a pensar será um conjunto de palavras escritas com outra caligrafia, sem qualquer primor, a marcador preto e grosso, no próprio caixote, que me foi entregue à porta de casa por uma transportadora. Esse foi, de resto, o único dia de toda a minha vida em que dei graças a Deus por a minha avó não saber ler. Dizia – e diz – assim: AQUI ESTÃO AS TUAS CARTAS E FOTOGRAFIAS, PARA EU NÃO VOLTAR A LEMBRAR-ME DE TI.

Choro. E tu, por favor, aceita o pedido que atrás te dirigi de não me fazeres perguntas. Nasce em mim um leve sentimento de conquista, por ter sido capaz de te contar isto, e eu não quero que ele se perca, revelando-te outras coisas que agora só iriam ferir-me mais.

São Pedro há de valer-nos

Vês como se confirma o que há tempos te dizia? Este ano, o calor veio com pressa e não chegou primeiro ao Sul, instalou-se em todo o território continental. É esperto, sabe que, por cá, temos muito para oferecer. Paisagens bonitas e diversas, gente hospitaleira, boa comida e até paz, porque não há dúvida de que noutros países já está muito mais adiantado o combate ao calor. Por cá, as fontes secam, os ribeiros deixam de correr, os rios maiores começam a encolher, por falta ou diminuição da contribuição dos pequenos e médios afluentes. No Douro, os produtores de vinho lançaram um pedido de ajuda ao governo. É muito preocupante a falta de chuva. Em miúda, ao ver-me maldizê-la por me impedir de brincar na rua, a minha avó explicava-me que ela era importante, porque também chovia sobre os pecados. Sofrerá o Porto estes dias de intenso calor por bom comportamento? Ter-se-ão os portugueses, e os portuenses em particular, tornado certinhos, uns betinhos pouco pecadores? Nunca o fomos e a prova, seguindo as crenças da minha avó, era que chovia abundantemente no Porto da minha infância. Será este um dos problemas do turismo e da gentrificação? Com tanto turista e com tanto habitante estrangeiro civilizadíssimo, é bem provável que haja menos pecados locais, logo Deus sente menos necessidade de dar banho à cidade.

A D. Lisete liga pouco a pecados, mas confia em santos e, por isso, não se atemoriza com este tema; está sempre a dizer-me: ó filha, não te apoquentes, que São Pedro há de valer-nos. Mas eu sinto um certo nervosismo, ao falar neste assunto, mesmo quando tento torná-lo mais leve. E, porque as emoções são como as ervas daninhas, de nada adianta pedir-se-lhes que não germinem, começo a sentir inquietação e temor. Por norma, comigo, é assim, sobretudo ao anoitecer. Quando o fim da tarde se anuncia no voo das andorinhas, o escuro e o medo chegam de braço dado – um para se instalar no céu, o outro em mim.

Quase todos os dias, esta sensação infesta-me por dentro e amarfanha-me a alma abaladiça; mas, hoje, a sensação parece ser também física. Apesar de o calor não ter tirado as mãos do meu pescoço durante o dia inteiro, tenho os braços e as pernas frios (parecem estar a preparar-me para em definitivo me enfiarem naquele caixão que ali tenho) e como que um ligeiríssimo zunido nos ouvidos. Sem saber explicar porquê, intuitivamente, decidi vir para aqui, para junto de ti, ter-te por perto, não vá algo de mau acontecer. Quando estou assim, já sei como é, só à chegada da luz nascente o meu espírito se apazigua. Mesmo com o frio que me gela as extremidades, sofrerei toda a noite com o calor quanto agora temo a secura.

Fonte seca

Tão reconfortante como ver confirmar-se uma má premonição é ver contrariado um mau pressentimento. Ainda não tinha começado a trabalhar e o telemóvel tocou. Era a D. Lisete, para me contar uma novidade, uma boa-nova que virou o meu espírito ao contrário: a fonte do Largo da Pena Ventosa, que há anos não é mais do que decorativa, terá recommçado a deitar água. Mas somente à noite, pelos vistos. E, se é só à noite, eu não fui lá confirmar, como imaginas, mas, segundo me contou a D. Lisete, quando se ouvem as doze badaladas, a bica começa a verter um fiozinho de água, que depois engrossa um pouco até às quatro, cinco da manhã, hora a que novamente encolhe, até desaparecer. A confirmar-se, e espero que se confirme, porque, em rigor, não vou dizer que não temo que a D. Lisete possa estar a perder o juízo, será tão extraordinário como inacreditável. Num ano como este, que ameaça bater todos os recordes de temperaturas elevadas, em que a seca extrema é já uma certeza em todo o território e as respetivas consequências altamente preocupantes, a ponto de me retirarem o sono e me fazerem ver maus presságios em tudo, de que modo se explica que uma fonte que secou há vários anos volte a deitar água?

A D. Lisete diz que de certeza é resultado das rezas dela a São Pedro. É tão certo como eu me chamar Maria Lisete, anunciou, antes de explicar: tu sabes que os melhores santos, como São Pedro, atendem muito aos pedidos da gente, sobretudo dos mais devotos. E tu sabes bem, filha, que tenho rezado a São Pedro todos os dias. Todos os dias! O entusiasmo dela até fazia vibrar ligeiramente o telemóvel. E é por tua causa, filha, é por causa dessas preocupações que te consomem. Vai daí, com tanta reza que lhe dediquei, o São Pedro, que domina tudo o que tem a ver com a água e por certo sabia que havia aqui à porta de casa uma fontezinha já reformada, decidiu dar

resposta às minhas preces. E olha, Beta, e neste momento a D. Lisete começou a falar baixinho, passei a noite a guardar água. Como já não tinha mais baldes, nem garrações, pus-me a encher tachos e tupperwares, e depois até garrafas de vinho e pacotes de leite vazios enchi. Está cá tudo armazenado em casa, para o que der e vier. Estamos bem abastecidos. É para nós e para ti, filha. E seria para a tua avozinha também, se ela cá estivesse. Que Deus a tenha. Graças a São Pedro, não há de nos faltar água, pelo menos, até dezembro, caso o outono decida não vir fazer o que tem a fazer. Temos cá já mesmo muita água, Beta. Ainda ontem enfiei um pontapé num balde que estava à beira do sofá e molhei o tapete todo, mas estou a fazer o que tu recomendaste, filha. E agora bem podes ver que era verdade quando te dizia que São Pedro não haveria de nos falhar. Bendito seja! Com jeitinho, ainda ajuda também a dar conta da figadeira do meu homem.

Preciosíssimo recurso

Quis ver com os meus próprios olhos se o que dizia a D. Lisete era verdade. Eu acreditava nela, mas ver água sair daquela fonte, nas circunstâncias atuais, roçava o inacreditável. Não penses que fui visitá-la de noite, embora a primeira sugestão dela, antes mesmo de eu lhe fazer uma outra, que veio a revelar-se definitiva, tenha sido a de eu dormir lá em casa, para à meia-noite irmos as duas encher uma garrafa. Uma vez que ela morava a não mais de cinco metros do fontanário, com as lanternas do telemóvel e a luz da via pública, disse a D. Lisete, eu conseguiria suportar perfeitamente a minha incompatibilidade com a escuridão. Ela não disse incompatibilidade, disse medo, mas eu acho que um eufemismo fica melhor. Vais ver que nem te apercebes que é de noite, filha, não vais ter medo nenhum – foi assim que disse. De todo o modo, eu sugeri-lhe que, com o telemóvel, ela filmasse o momento em que fosse à fonte encher uma garrafa. Ó, filha, tu sabes que eu não percebo nada dessas coisas, eu sei lá fazer isso! Nos longos dez minutos seguintes, tentei explicar-lhe os procedimentos, até que, a dado momento, ela perdeu a paciência e disse: não te preocupes, não te preocupes, eu cá me arranjo. E o facto é que, ainda não passava da meia-noite e meia e já um vídeo me havia chegado por mensagem. Nele, via-se claramente a D. Lisete a aproximar uma garrafa de plástico vazia, de litro e meio, da bica da fonte e a enchê-la com água corrente. Era verdade. E era incrível. Segundos depois, contava-me ao telefone ter pedido a ajuda do meu amigo – disse-o assim mesmo. Eu percebi que se referia a’O-da-Pastinha e perguntei-lhe como é que ele andava. Está como eu, filha, com saudades tuas. Eu retribuí a expressão daquele afeto e de imediato combinámos um encontro para o dia seguinte. Ato contínuo, liguei também para o Dr. Belarmino, para saber como estava. Melhor do que este que gira, Beta, bem melhor; antes fossem só artroses e

hipertensão os problemas do mundo. Pusemo-nos então a falar daquele que haveria de ser o tema da conversa que tivemos ao final da tarde. O Dr. Belarmino nunca desilude: sabe tudo de todas as coisas. Bom, talvez não saiba mesmo tudo de todas as coisas, mas sabe muito de muitos assuntos. E, como é evidente, também tinha um vasto conhecimento no domínio que me interessava.

A gestão do preciosíssimo recurso que é a água, Elisabete, tem sido apontada como um fator crítico para o desenvolvimento e, apesar dos impactos da escassez de água se estarem a sentir mais no Sul do país, onde os efeitos das alterações climáticas e da utilização intensiva dos recursos por parte das atividades económicas, sobretudo do turismo, são mais visíveis, já se estão a sentir também problemas aqui a norte. Por mais que eu lhe pedisse para não o fazer, o Dr. Belarmino chamava-me sempre Elisabete, quando os assuntos eram sérios. Abriu uma gaveta muito larga e retirou de lá um molho de jornais e revistas. Dispô-los sobre a grande secretária de madeira de carvalho e disse: se o tema te interessa, cedo-te toda esta informação que tenho vindo a reunir. Chega-te aqui, acrescentou. Comecei então a pegar naqueles periódicos, todos eles abertos nos artigos que importavam, e o Dr. Belarmino prosseguiu, explicando-me que é fundamental ativar origens alternativas, como a dessalinização e o tratamento da água residual para reutilização. Por isso, a inovação tecnológica, da qual sabes que nem sempre sou o maior partidário, afigura-se cada vez mais importante para algo como tomar um simples duche ou beber um prosaico copo de água. Reciclando água, poderemos fazer face a grande parte do problema que nos assola. Poderemos, digamos assim, importar água do mar, ou pedi-la emprestada, dessalinizá-la, usá-la e depois tratá-la para novo uso, tornando um sistema que, por natureza, já é cíclico num sistema circular completamente controlado e gerível. Tendo dito isto, e outras coisas de igual interesse, mas que guardarei para mais tarde, enfiou os jornais e revistas todos num saco e disse-me: aqui tens, faz bom proveito. Tem tudo um V de volta na ponta, quanto mais não seja, para voltares a visitar-me. Pousou-me a mão no ombro e um beijo na face, eu agradeci-lhe muito e despedimo-nos.

Uma questão de sobrevivência

Já te dei conta do prazer e da felicidade que poder tomar duche em casa trouxe à minha vida. Sucedem que o direito ao banho redunde na mesma consequência que geram os demais: tomamo-lo por adquirido. É nosso, é para sempre. É invariavelmente assim, pelo menos a um nível instintivo, que encaramos as conquistas. Já os mais avisados, por norma os mais interventivos nas lutas conducentes às vitórias, espreitam sempre pelo canto do olho, não vão os inimigos reerguer-se, ou os maus ventos soprar de novo. Eles recordam a dureza das batalhas, guardam marcas no corpo e na alma, sabem que na vida pouco ou nada há de bom que sempre dure. A minha avó queria poupar em todas as coisas, não só por saber que, de outro modo, o dinheiro não daria para tudo, mas também por saber que amanhã poderia já não haver, por se lembrar de outros amanhãs em que já não havia.

Mas eis que, um dia, o dia de hoje, por coincidência, a televisão trouxe a notícia do regresso ao passado. Como medida extrema de combate à seca e à escassez de recursos hídricos, o governo tinha finalmente decidido seguir o exemplo dos seus congéneres europeus e decretado, com efeitos imediatos, o corte no abastecimento de água, das dez da manhã às seis horas do dia seguinte. A exceção eram duas pequenas janelas horárias, das 12h30 às 13h00, e das 19h30 às 20h00. O anúncio motivou uma corrida às fontes e à água engarrafada, que muita gente andava já a armazenar desde que há semanas se reduzira a pressão nas torneiras.

Estavam desaconselhados os duches, o que gerou enorme polémica, e recomendava-se que, sendo verão e estando a temperatura elevada, se reservasse água em tinhas, vasilhas ou baldes, para banhos económicos e sem água corrente. A senhora ministra do Ambiente e a diretora-geral da Saúde também aconselhavam as pessoas a lavarem-

se com toalhas humedecidas ou a recorrerem às chamadas toalhitas para manterem a pele limpa. Banhos de mar foram também incentivados e, de repente, eu via-me de regresso à infância passada naquele Porto medieval. Proibiu-se o enchimento de piscinas e a rega dos jardins, tal como há semanas se fizera no Algarve, primeiro no Sotavento e depois na restante região, a primeira a reduzir a pressão da água nas torneiras. Era, explicavam as autoridades, uma questão de sobrevivência. O primeiro-ministro declarou, solene: nunca nos fez falta, nunca cuidámos dela, mas agora não temos alternativa.

Assuntos importantes

Uma semana depois, regressei à Sé, para devolver ao Dr. Belarmino as revistas e os jornais que me havia emprestado. Ligara também à D. Lisete, a avisá-la da minha ida, porque não o fazer não teria perdão, e de imediato me vi obrigada – com todo o gosto – a almoçar em casa dela. Rissóis de carne com arroz de tomate, filha, não é nada de especial, mas não envergonha ninguém e eu sei que tu gostas, por isso espero que te saiba bem. À chegada à Sé, vinda da Ribeira, encontrei duas senhoras muito aprumadas a conversarem à porta da Igreja dos Grilos. Eram a D. Aninhas e a D. Lúcia Lima dos Pentes, assim conhecida, no que respeita à parte dos pentes, porque o pai fora vendedor porta a porta desses utensílios, todos feitos de osso verdadeiro. A primeira queixava-se do marido, dizia que era um preguiçoso dum filho da mãe e outras coisas bem menos educadas, que por certo conseguirás imaginar, até que, de repente, olhou para a igreja, benzeu-se e continuou assim: é pior que uma omelete queimada, é como uma patanisca sem bacalhau, um pascácio da pior espécie. Olha, filha, disse a segunda, antes assim do que como o meu, que anda sempre pronto a molhar o pincel com qualquer lambisgoia. E daquela forma prosseguiram, interpelando-me, apesar da minha vontade de seguir para casa da D. Lisete. Tu nunca cases com homens assim, Betinha, estás a ouvir? Não cometas o erro que nós cometemos! E continuaram a matraquear.

Eram gente da minha gente e eu, confesso-te, até gostava de as ouvir, mas não numa altura em que me aguardava um arroz de tomate, cujo sabor eu já vinha a sentir quase desde o Palácio da Bolsa, e uns rissóis sem igual. E, depois, estava um calor estranho, pegadiço. E as senhoras não se calavam. Talvez te lembres delas, de quando éramos miúdas. Não era incomum a D. Aninhas aparecer à varanda de cuecas de gola alta, que é como quem diz ceroulas. Chamavam-lhe

Bisnaguinha, por ser magra, recordas-te? Ao contrário da D. Lúcia Lima, que várias vezes ouvi referida como uma boa chicha. Foram elas que, naquele momento em que aparentemente me faziam perder tempo, primeiro me falaram do assunto que viria a ser central: Betinha, e tu já viste como o rio vem fraquinho?

Baldes e bacias nas varandas

Findo o almoço, tão saboroso quanto a memória me prometia, pus-me a consultar no telemóvel os dados que vinha reunindo, em muitos casos fotografias dos artigos que me havia cedido o Dr. Belarmino, e que estavam ali, ao meu lado, num saco de ráfia. Confirmei que a seca na região duriense passara de severa a extrema, há cinco semanas, ultrapassando os valores das secas de 2005 e de 2012. O ano hidrológico, compreendido entre outubro e julho, está a ser o mais seco desde que, em 1931, se começaram a fazer registos. As reservas das albufeiras do Douro, que no ano passado se situavam na casa dos 35 a 40%, estão já abaixo dos 20% (a média da década anterior andava nos 70%). Disse estas e outras coisas à D. Lisete, mas ela respondeu-me com o pragmatismo costumeiro: olha, filha, eu não me entendo com esses números, mas como tu te preocupas com eles e não tens falado noutra coisa, eu cá tenho feito o que me compete. Ergueu o braço, apontou o polegar para trás e acrescentou: vai aí ao fundo e vê quantas garrafas e garrafões de água eu já enchi na nossa fonte. Levantei-me da mesa e aproximei-me da despensa, que, em jeito de porta, exibia uma cortina cor-de-rosa, e vi umas boas duas dúzias de garrafas de litro e meio, armazenadas na horizontal, e oito garrafões de cinco litros, também cheios, descansando no chão, encostados à parede. E depois disse: e agora pega lá o dinheiro e passa para cá essas raspadinhas, filha, que ainda é hoje que vou dormir ao Hotel Infante Sagres! Tu não sintas saudades disto, porque isto também já não é o que era, se calhar eu também gostava de sair daqui, era bom era que a Câmara me desse um andarzinho com uma varandinha.

Ao sair para a rua, o ar de imediato se pegou, humedecido, à minha pele, mas não prestei muita atenção, dado que a D. Lisete, apesar de desiludida por a sorte não querer nada com ela, me enfiava uma pera e um pêssego na mala – é para se te der a fome à tarde,

filha. Abracei-a muito e parti. Instantes depois, subia já a escada que me levaria ao Dr. Belarmino, mas ele, estranhamente, tinha a porta do escritório fechada. Bati, aguardei algum tempo e voltei a bater. De seguida, telefonei-lhe. Nada. Pendurei o saco na maçaneta da porta, para lhe escrever uma mensagem: Querido Dr. Belarmino, muito obrigada pelos jornais. Deixei-os à sua porta. Espero que esteja tudo bem. Beijinhos.

Ao descer de novo à rua, percebi que o céu se tornara plúmbeo, facto que explicava a densidade do ar que me entrava nos pulmões e que se colava à pele e à roupa. Na aplicação da meteorologia, anunciava-se trovoada e, quem sabe, talvez misericordiosas trombas de água para alimentarem terras, aquíferos, rios e barragens. O país parecia desejar enxurradas, e o Porto, diziam as notícias, estava prestes a receber uma. O grupo da tarde acabava de cancelar o passeio, com medo do que se anunciava, e eu, maldizendo a minha sorte, pus-me então a caminho de casa. Mal comecei a subir a calçada, voltei a cruzar-me com a D. Lúcia Lima dos Pentes, que vinha da mercearia e se apressou a dizer que o céu estava mais escuro do que era costume nestes casos de trovoadas de verão. De facto, parece muito escuro, disse eu. Escuro, Betinha? Eu nunca assim o vi, só talvez numa manhã de 1971, quando...

Minutos depois, libertei-me e prossegui. Nas varandas e nos passeios, as pessoas alinhavam baldes e bacias. Das arrecadações e armazéns, saíam grandes vasilhas e pipos. A chuva prometida vinha salvar a cidade e eu já imaginava toda a gente a dançar nas varandas, de champô na mão, aproveitando para tomar um duche e para, quem sabe, atrair mais chuva, através de uma dança tripeira. A meteorologia avisava que ventos fortes estavam para chegar. E, já se sabe, no Norte, se a chuva é grossa, o vento é ainda mais forte, portanto se vinha vento, viria chuva também. E muita.

Levantou-se então um bafejo pesado e quente. Primeiro, correu a moderada velocidade, mas, depois, pareceu querer vir todo de uma vez. Mas não vinha de norte, como era hábito, vinha de sul. Começou a soprar as folhas das árvores com compridos uivos, depois a virar os ramos, por fim a empurrar e a açoiar as próprias árvores. Caixotes do lixo, placards publicitários e trotinetes começaram a ver-se deslizar

pelas ruas como se estas estivessem cheias de água. Era um correr de ar tanto, tão quente e tão forte que lembrava uma parede avançando ao meu encontro. Fazia tremer os vidros das montras, levantava chapas em armazéns e as telhas mais frágeis nas casas mais velhas, de fachadas azulejadas. Assustava os condutores de carros e motos, atraindo-os as manobras, e parecia querer despir os transeuntes. Arrancava todas as flores, expulsava frutos dos galhos, atirava ninhinhos ao chão e disparava peças de roupa das varandas em que secavam, fazendo-as serpentear nos ares, juntamente com outros objetos indistinguíveis, como se fossem balões, e eu temia não conseguir chegar a casa.

Poderia ter acontecido

Sã e salva, cheguei a casa e fui pôr-me à janela. A D. Lisete ligou, contando que também tinha levado os tachos e as panelas para a rua. Eu perguntei-lhe se não tinham voado com o vento e ela fez questão de me lembrar: parece que já não sabes como é a nossa Sé, filha, não há mau vento que aqui sopra! É verdade, disse eu, é verdade. E, pela primeira vez, senti que já não era daquele lugar.

Para afastar a dor desse pensamento, disse-lhe que também eu estava pronta para descer as escadas com uma bacia e dois baldes na mão, logo que comesse a chover. Trocámos mais algumas palavras e eu prometi-lhe (a D. Lisete estava preocupada comigo) que voltaríamos a falar mais tarde. Passou-se uma hora, passaram-se duas e nada de chuva. Um canal de televisão fazia um direto a partir da Avenida dos Aliados, com a Câmara Municipal ao fundo, aguardando a chuva, como quem espera por um resultado eleitoral. Mas ela tardava em chegar. A dado momento, um relâmpago faiscou por entre as nuvens e, alguns segundos depois, um trovão agitou os céus. O jornalista informava que deveria estar para chover, certamente, a qualquer instante e passou a palavra a um outro jornalista que o acompanhava, vestido com um impermeável. Logo depois, outro relâmpago e, depois, mais um trovão. Os vidros das janelas trepidaram, como cálices numa cristaleira. Senti então que era imperativo arrancar a roupa à cama e fazer uso de todas as minhas forças para erguer o colchão. De seguida, motivada pela adrenalina que o medo gera, arrastei-o ao longo da casa e pu-lo ao alto, encostado à janela que me parecia mais débil. Ansiava-se pela chuva, mas temia-se a força com que, acompanhada pelo vento, prometia chegar. A temperatura caíra abruptamente – eu não me lembrava de um vento sul que não fosse quente, mas estava frio, como se tivessem trocado o começo de junho por janeiro – e a chuva, essa, não chegava.

O céu estava cinzento e assim continuou, até se apagar.

Só caga e tosse

Mas não choveu. E tu, que vês pouca televisão, talvez não imagines o desânimo que, esse sim, se abateu sobre a nossa cidade. No Mercado do Bolhão, chorava-se a falta de hortaliças, nos cafés, a falta de água para tirar cimbalinos, nas ruas, transeuntes interpelados pelos repórteres confessavam já não tomar banho há uma semana. Passaram três dias desde a promessa de chuva, já não se veem nuvens no céu e já toda a gente, sem qualquer efeito que não o também necessário alívio da raiva e da frustração, rogou pragas a São Pedro – havias era de apanhar na peida, traidor, cabrão, azeiteiro, filho duma grandessíssima puta, etc. Pelo menos, a avaliar pelo que vi hoje, na casa da D. Lisete, que tem passado os dias a distribuir pelos vizinhos a água que foi armazenando.

Só caga e tosse, só caga e tosse, lamentou. Se é para isto, ó São Pedro, disse já bem alto, como se falasse com alguém ali presente, se é para isto, vai-me à loja, andor! Andor, violeta! E começou a ficar mesmo irritada, furiosa como nunca a vi; logo ela, que era tão devota de São Pedro. Nem água tenho para me lavar por baixo, morcão do carago! E, dito isto, pegou num banco, pôs-se em cima dele e esticou o braço para um santo de louça que tinha numa prateleirinha branca, improvisada, junto ao teto. Agarrou-o com força, desceu do banco e correu, com uma desenvoltura inédita, para junto da porta da rua, que estava, como sempre, fechada apenas na metade de baixo. Puxou-a para trás e espetou com o santo no meio da calçada. São Pedro, que havia sido trazido, soube eu depois, da casa da falecida mãe, na Afurada, onde a D. Lisete nascera, nem guinchou, partiu-se em centenas de bocadinhos e quase feriu um transeunte num pé, que felizmente usava meias com as sandálias. Nesse momento, ela ainda lhe cuspiu (ao santo e não ao turista): põe-te na alheta, que não nos vamos deixar aqui a apanhar cabacos, porque tu, já se viu, se nos

mandares chuva, há de ser aos bochechos, ou às mijinhas. Andor, que eu já te devia era ter dado um banano, seu caga-tacos, seu calhordas, seu frita lêndas, estavas ali em cima, cheio de nove horas, deves mas é ser um santo da candonga, era quem te enfiasse chá de bico, seu chungoso, querias-me comer por lorpa, pois então pega, que já te fodi a focinheira e a cornadura, que tu já te andavas a habilitar, já me estavas a meter um fastio, um verdete tão grande, que agora esticaste o pernil e é bem feito!

Eu estava a assistir a isto tão espantada quanto tu estarás a lê-lo. A D. Lisete exibia uma fúria nunca vista e eu até tinha medo de respirar. Mas a verdade é que logo se acalmou, voltou para casa, abriu o frigorífico e retirou de dentro dele uma garrafa estreita de amêndoa amarga. Deitou um pouco num copo e bebeu de uma só vez. É o que há, disse. Queres? Eu fiz com a mão um sinal de recusa, terei também abanado ligeiramente a cabeça, ainda a medo, e ela foi buscar uma vassoura e um apanhador e pôs-se a varrer a rua. Estava calma e voltou, minutos depois, sorridente. Eu continuava no mesmo lugar, por certo de olhos e ouvidos ainda muito abertos. Ela perguntou-me se queria lanchar e, logo depois, acrescentou: aquele morcão já me estava a irritar, filha.

Improviso e desenrascanço

Vais gostar destas notícias, Luísa Fragata. Parece-me que, por estes dias, a necessidade se pôs a aguçar o engenho das gentes. De facto, não faz sentido andar tudo a beber leite, a secar adegas e a esvaziar as garrafeiras. O resultado não poderia ser bom. De manhã, percebi que várias pessoas começaram a improvisar sistemas de recolha da água das geadas que, em algumas noites, têm coberto os telhados. O Porto é uma cidade de quintais, muitos deles já sem grande uso, nos dias que correm, e então alguém se lembrou de esticar redes em estendais, para o referido efeito recolector, posto que – humedecidas durante a noite – estas se põem a pingar. Pingam para uma caleira, que conduz para um garrafão. Cada gota passou a ser preciosa, cada litro uma vitória.

Na margem do rio, que tem menos água do que alguma vez vi, muitos pais deixam as crianças chapinharem, apesar de ela cheirar bastante mal. É pouca, corre devagar e apresenta-se escura. Levam também os cães e eles próprios se banham, enquanto vigiam os filhos como se aquelas pocinhas fossem as cataratas do Niágara, ou uma praia de Bali. A maioria dá pouco trabalho, por nunca se ter visto em tal situação – têm um medo imenso da água, que só conhecem na banheira.

Nas praias da cidade, vi-o ontem com os meus próprios olhos, é um corupio de inventores e cientistas de domingo a encherem baldes e todo o tipo de recipientes, com o intuito de fazerem experiências com engenhocas pensadas para dessalinizar a água que o mar traz, ou somente para encherem os autoclismos e mandarem embora a porcaria. Os bombeiros fazem o mesmo – levam água do mar aos munícipes – para que estes a vertam nas sanitas, mas os camiões-cisterna não chegam para as encomendas. Os tuk-tuks e os autocarros panorâmicos despejam os turistas que sobram na Avenida D. Carlos I, na Rua Coronel Raúl Peres e na Avenida do Brasil. Nunca vi tanta

gente, como nesta altura, nas nossas praias, e muito menos a tomar banhos de mar. Eu fiz o mesmo. Dei um mergulho que me soube pela vida e deixei-me estar no mar muito mais do que alguma vez aconteceu. Parecia ter em mim a tua coragem. O facto é que a água nem estava tão fria como é costume – ou pelo menos assim me pareceu –, estava morna, e as ondas eram brandas. Parecia o Algarve. Imagina que não falta quem leve champô e até sabonetes, que amiúde se veem tombar sobre a areia molhada pela rebentação e deslizar até serem tragados pela boca do oceano. A verdade é que todos regressam, como eu há instantes, bem mais animados a casa – apesar do cheiro pestilento que se sente nas ruas, vindo da seca rede de saneamento.

Aconteceu

De manhã, as nuvens percorriam o céu azul, procurando aconchego umas nas outras. A pouco e pouco, foram preenchendo todo o espaço, até formarem um enorme teto em vários tons de cinzento. Antes da hora de almoço, trovejou. Trovejou muito. Os relâmpagos iluminaram o céu negro e os trovões puseram em sentido mesmo quem não queria saber de nada. Assim foi durante toda a tarde. O Porto estava à janela, vigilante. Só quando o horizonte escureceu e a cidade se sentava para comer, foi assinada a aliança entre o Céu e a Terra, e começou a chover. Mas não foi uma chuva comum. Se estivéssemos numa festa, seria das de arromba, e, caso fosse uma batalha, só poderia ser das mais sangrentas, porque deu a São Pedro – farto de ser insultado pelo povo e talvez ainda a lamber as feridas provocadas pela D. Lisete – uma louquice tamanha, como diria a minha avó, que, de cabeça perdida, despejou sobre a cidade uma chuva nunca vista, não sob a forma de múltiplas gotas, mas como se fosse uma colossal gota única, uma torrente de dimensão metropolitana vinda dos céus, que vergastou telhados, dobrou e derrubou ramos de árvores, alagou calçadas e devolveu ao rio a impressão de voltar a ser como dantes. Eu própria me emocionei, com a ideia de ver o fraco flume encher. Por certo, estaria ele também arrepiado, ansiando pelo fim do tormento.

Os canais de notícias e as rádios faziam diretos à janela, anunciando que uma enorme enxurrada desabava sobre o Porto, que um dilúvio de proporções bíblicas caía sobre a invicta, entre outros entusiasmos que, tristemente, logo perderam o sentido, ainda não tinha um comentador em estúdio tido tempo de dizer que, se a coisa continuasse assim, lá se iria o São João, visto que aquilo que parecia salvador de súbito afrouxou e mostrou não ter servido para encher mais do que sarjetas – e nunca um rio com a largueza e a fundura do

Douro, que há vários dias se mostrava enfraquecido. As nuvens que depressa esgotaram o seu caudal foram-se derriçando e, empurradas pelo vento, desapareceram em direção ao mar.

Um deserto de desânimo

Abri a janela e percebi que um silêncio húmido cobria a rua. Lembrando-me da pesadez da chuva da noite anterior, quis ver que efeitos produzira. Vesti apressadamente umas leggings, enfiei o meu kispo mais quente e calcei umas sapatilhas, lavei a cara, apanhei o cabelo e saí. Mal abri a porta da rua, foi como se houvesse um incêndio lá fora, porque o que se via era um ar branco a querer entrar. Mas não era seco nem cheirava a fumo; sentia-se frio na ponta do nariz e depois nos olhos, assim que nele se entrava. E era molhado, arrepiava as orelhas. Era muito molhado, era um ar que me queria afogar, pensei. A mim e a toda a cidade, porque, à medida que caminhava, percebia que não se via além de um metro em diante. Era assustador. Fui tomando notas, para agora te relatar o pouco que via. Isso deu-me confiança, fez-me sentir ligada a ti. De outro modo, não teria ido. O granito das calçadas, o cimento dos passeios e a terra dos jardins estavam húmidos, escurecidos, mas não havia indícios da tromba de água. Nem uma poça no passeio, nem ao redor de uma árvore, nem no canto de um relvado. A terra sugou tudo o que pôde e o que ficou retido libertou-se para o ar. Quase dava para ver as gotículas desentranhando-se das pedras e suspendendo-se diante dos nossos narizes. Não permitiu encher ribeiros por mais do que meia hora, não serviu senão para nos salpicar de esperança e, logo a seguir, nos atirar para o deserto do desânimo.

Quando, hora e meia depois, já de banho tomado – um banho à gato, como dizia a minha avó – e devidamente arranjada, saí para ir trabalhar, liguei à D. Lisete, mas ela não atendeu. Eu queria saber de que forma se tinha vivido aquela chuvada falsa na Sé. Queria conversar com os meus sobre o sucedido, em vez de ouvir, ou ler, as notícias, sem ter com quem as comentar. Era cedo para ligar ao Dr. Belarmino, que se deita sempre tarde e nunca acorda antes das dez.

Sinto uma frustração imensa por não poder continuar a morar no lugar ao qual pertenço. E fazem-me falta as pessoas. Não as tenho, estou longe. Restas-me tu, Luísa.

Um copo de água não se nega a ninguém

Há sempre grandes tragédias a obliterarem as nossas pequenas desgraças. Quando cheguei a casa, tombei sobre o sofá, de pés e pernas ao alto, para descansar de um dia em que, segundo o telemóvel, fiz catorze quilómetros. Pus-me a deslizar o dedo pelas notícias e li que os afluentes do Douro estão a secar. Em algumas ribeiras, como a ribeira de Aguiar, também conhecida, em parte do troço, por rio Seco, a água já deixou mesmo de correr. Vários dos principais afluentes, como o Sabor, o Távora, o Tua, ou até mesmo o Arda, que fica bem mais a jusante, estão a secar nas nascentes e a ficar empoçados. Isto é absolutamente terrível e levou-me a consultar as digitalizações que tinha feito do dossiê do Dr. Belarmino.

Fiquei a saber que o assunto tem gerado muita discussão transfronteiriça nos últimos anos. No correr apressado dos dias, tinha-me passado ao lado, admito. Desesperados com a seca, os espanhóis têm estado a tentar guardar o máximo de água que conseguem. Nas notícias, tem surgido também, de modo recorrente, a questão da Andaluzia, há vários anos afetada por problemas de seca, e que recentemente pediu ajuda a Portugal. O líder do governo dessa região de Espanha referiu que os portugueses não usam a água toda da Barragem de Alqueva, que considerou a mais importante da Europa Ocidental, com paralelo apenas na Ucrânia e na Rússia. Uma deputada do parlamento andaluz fez mesmo questão de ilustrar o problema da seguinte forma: não neguem um copo de água a quem está a morrer de sede. De facto, parece-me fazer todo o sentido que sejamos solidários e ajudemos os espanhóis, mas logo depois ouvi na televisão um representante dos agricultores alentejanos declarar que o país não se pode dar ao luxo de ceder, ou até vender, água aos espanhóis, dado que o Alqueva é a única solução para a falta de água da região. Apresentou como exemplo o caso da barragem do Monte Novo, que,

se não for fornecida por Alqueva, deixa de poder abastecer a cidade de Évora e a região envolvente. Fiquei solidária com Évora e com o Alentejo e a achar que, embora talvez pudéssemos tentar encontrar uma forma de ajudar um bocadinho os andaluzes, devemos evitar, em primeira mão, uma desgraça nacional.

Sucedem que, e lembro-me bem de o ouvir desde criança, uma tragédia nunca vem só. Relidos aqueles artigos, voltei ao telemóvel e percebi que a notícia da seca dos afluentes do rio Douro tem um contexto ainda mais preocupante, pelo menos no imediato, razão pela qual é, percebi entretanto, o assunto do dia: os espanhóis fecharam as barragens do Douro! Como se não bastasse a seca dos afluentes do lado de cá, o nosso rio deixou de ser alimentado a partir do lado de lá! Pelo que percebo, o encerramento das barragens aparenta representar uma violação da Convenção de Albufeira, um conjunto de acordos relativo ao uso da água dos rios transfronteiriços. Aliás, o governo espanhol já admitiu, e vou citar, dificuldades no cumprimento integral da convenção. Consigo imaginar a óbvia reação da minha avó, se ela cá estivesse. Lembraria que, de Espanha, nem bom vento, nem bom casamento. Mas o assunto é, de facto, aflitivo. O ministério que, do lado de lá da fronteira, tutela a gestão dos recursos hídricos terá dado ordem para se interromper a transferência, foi assim que disseram, de água para Portugal. Isto é dramático para nós. Não só no que toca aos recursos hídricos propriamente ditos, mas também no que respeita ao uso que deles se faz. A empresa que gere as nossas barragens já disse publicamente que a redução da água que nos chega afeta a produção de energia. Investigadores e outros especialistas, ouvidos pelos órgãos de comunicação social, questionam a inação da comissão criada para acompanhar o que resulta da Convenção. E o Conselho Nacional da Água parece também não atuar. Alguns dos referidos especialistas acusam o governo português de medo de iniciar conversações com Espanha, dada a altíssima probabilidade de os nossos vizinhos proporem reduções das transferências de água, ficando Portugal dependente de decisões unilaterais – e o pior é que, pelos vistos, acaba de acontecer uma, de consequências potencialmente terríveis.

Há que protestar. Não podemos comer e calar. Ou melhor, não podemos, também nós, morrer à sede. Não nos podem deixar morrer à

sede, tal como talvez não devamos deixar nessa trágica situação os andaluzes, há cinco anos em seca extrema. Leio que, repetindo manifestações de outros anos, milhares de agricultores espanhóis, das províncias de León, Zamora e Salamanca, protestaram contra o envio de água para Portugal, exigindo o fecho das barragens. E, tal como então, foram bem-sucedidos. Nós temos de exigir ao nosso governo uma resposta à altura, ao mais alto nível, para que os espanhóis cumpram, todos os anos, antes do fim do chamado ano hidrológico, que ao que parece termina no final de setembro, a cedência de água estipulada na convenção assinada em 1998. Os espanhóis alegam um regime de exceção que prevê que, em determinadas condições, a convenção não se cumpra. O governo português diz estar a verificar, com tranquilidade e rigor, se tais condições se cumprem ou não. Os agricultores espanhóis dizem que sim, a confederação dos seus congéneres portugueses garante o contrário. Noutros anos, os governos dos dois países enviaram comunicados conjuntos, indicando que estavam a procurar soluções, mas num dos principais jornais espanhóis já há dois anos se falava numa Guerra da Água. Será isso que vai acontecer? Não chegam as guerras da Síria ou do Iémen, já para não falar das que opõem Ucrânia e Rússia e Israel e Palestina? Será que também Portugal e Espanha voltarão costas um ao outro, antes de desatarem aos tiros? Que Espanha não enviará para cá água pelo Douro, pelo Tejo, pelo Minho, pelo Lima e pelo Guadiana? E que, em resposta, Portugal não cederá a Espanha água da Barragem do Alqueva, para ajudar a mitigar os problemas da Andaluzia? O fecho das barragens espanholas é dramático e gostaria de que cá estivesse a minha avó, para irmos as duas rezar e pedir para que possa ser revertido. Grande parte da água que chega ao Porto e a Gaia vem precisamente de Espanha. Em Lever, ali antes da Barragem de Crestuma-Lever, produzem-se 270 mil m³ de água tratada, para abastecer quase 1,5 milhões de pessoas do Grande Porto e do Vale do Sousa. Que vai ser desta gente? E de todas as outras que, a montante, também não terão água? Irão, de facto, os espanhóis guardar o Douro só para eles? É assustador, mas parece ser essa a convicção dos autarcas da região duriense portuguesa, uma vez que acabo de ler que, juntamente com os municípios que integram a Área Metropolitana do

Porto, estão a preparar uma reunião de emergência para amanhã, com vista à aceleração dos projetos de construção de duas centrais de dessalinização de água do mar, uma em Gaia e outra em Matosinhos.

Pedir ao rio que venha

Em tempos antigos, nas épocas de cheias, as cantadeiras de Miragaia pediam ao Douro que acalmasse a ira com que chegava. Não era raro idosos que habitavam pisos térreos, ou até mesmo caves e outros espaços lúgubres, serem encontrados a boiar, por não terem tido tempo ou forças para fugir, quando as águas galgavam a margem e começavam a derramar-se em fúria para as zonas baixas, como a Rua de Miragaia e adjacentes. O mesmo acontecia a cães e gatos que se viam encurralados. Os proprietários dos estabelecimentos deitavam mãos à cabeça por alguns segundos e logo arregaçavam as calças, como para pisar uvas, e pegavam em baldes, panos e vassouras. Muitos carros e motorizadas ficavam sem conserto, a lama enchia as sarjetas e, enquanto aguardavam os bombeiros, ano após ano, a voz das mulheres dava forma a cantares dolentes, que suplicavam ao rio que recuasse e livrasse o povo ribeirinho do dilúvio.

Neste momento, há que pedir às que ainda estiverem vivas que implorem ao Douro que venha. Que a água recomece a brotar e a irrigar o curso dos afluentes e depois disso a encher o nosso rio. Não podemos ficar à espera da boa vontade dos outros, temos de saber valer-nos a nós próprios. Quase seiscentos quilómetros de rio são deles, pouco mais de duzentos nossos. Temos barragens para represar a água, mas ela não chega cá, não descansa no Pocinho, na Valeira, na Régua, no Carrapatelo, ou em Crestuma-Lever. Talvez pareça tolice, mas temi mesmo que se desse uma guerra no Douro Internacional, aquela parte do rio que serve de fronteira e onde há também barragens, umas nossas, outras deles. As últimas são espanholas, Aldeadávila e também Saucelhe. E foi precisamente aí, entre os remotos municípios de Saucelhe e de Freixo de Espada à Cinta, que, por tanto temer, vi rebentar uma guerra.

A Guerra das Alfaias

De repente, pimba, uma pedra acerta em cheio na cabeça de um saucelhano, que tomba, redondo, manchando de vermelho a terra seca. A seguir, dispara-se um tiro de caçadeira, que fere o braço de um freixenista. Há também quem use armas de chumbos e até físgas. Em fúria, apanham-se pedras do chão e atira-se o que está à mão, enquanto, atrás de umas camionetas que compõem barricadas, uns rapazotes se animam a preparar uma espécie de cocktails molotov em garrafinhas de minis. Podes achar que estou a ficar louca, mas, a noite passada, vi mesmo isto a acontecer. Temo, de facto, ver o eclodir de uma guerra. Passam-me pela cabeça imagens de agricultores e da população em geral de Saucelhe, no lado espanhol, e de Freixo de Espada à Cinta, na margem portuguesa, a catapultarem pedras e alfaias para o outro lado, lutando pela água, gritando insultos, primeiro, em português e em espanhol, e depois, para se certificarem de que as ofensas são corretamente recebidas, também num falar raiano próximo do turístico portunhol. Dos dois lados, veem-se homens enchendo baldes no fundo da barragem, outros içam-nos e enfiam-nos em carrinhas, esquivando-se da chuva de pedras. Dois espanhóis mais destemidos nadam para o lado português, com facas na boca, para cortarem as mangueiras clandestinas que, enfiadas na água, puxam o precioso líquido para Portugal. Um é atingido por uma bicicleta velha, uma pasteleira, que é jogada lá de cima, quando este se aproxima da margem. Do lado português, há largas dezenas de freixenistas, vindos das quatro freguesias do concelho, todas elas banhadas pelo Douro, e até homens chegados de outros concelhos, envolvidos na batalha. Veem-se, ao longe, mulheres e crianças chorando pelos seus, que tombam com forquilhas a atravessarem-lhes os ventres, ou com as cabeças ensanguentadas, do alto da barragem, arriba de betão abaixo, até deixarem de se ver. Perdoa-me por

partilhar contigo este pesadelo e estes pensamentos, mas o discurso político tem estado afiado, belicoso, e é normal que nos sintamos inquietos, não é? Ansiosos. Aterrorizados, por vezes. Não haverá outras formas de resolver a questão?

Bem sei que o rio nasce com eles, mas também é certo que termina connosco. Quero crer que, caso ao longo dos seus quase oitocentos quilómetros, o Douro soubesse que teria a recebê-lo uma cidade como o Porto, e tanta gente como a que vive nestas margens, como os pescadores da Afurada, por exemplo, viajaria feliz. Mas o rio não sabe, até porque nenhuma daquela água percorreu aquele trajeto antes. Por isso, a todo o momento, o rio faz tudo de novo e, a cada chegada, tem a possibilidade de se surpreender com o cenário em que desagua. Isto, quando corre, claro. E agora não corre, e a vida de quem cá mora e se habituou a olhá-lo todos os dias parece que não flui. Em Portugal, pede-se a Espanha que se descarreguem as albufeiras. Em Espanha, ignorando o princípio da dependência mútua, dizem-nos que não farão gestões sedimentares – chamam-se assim as libertações de água – enquanto a subsistência da região depender, justamente, daquela água. Dizem que a França lhes faz o mesmo com rios como o Garona, que está seco do lado espanhol.

Quem poderia supor?

Foi então que, neste burgo que de todos é rei, o inimaginável se deu. Aqui mesmo, onde, ao longo de tantos e tão invictos séculos, quase tudo aconteceu, desafiando qualquer imaginação. Nesta cidade, que, ficando apenas com os sobejos, ofereceu o que de melhor tinha para alimentar os que salvaram Lisboa e os que além-mar conquistaram Ceuta. Nesta terra de morros nervudos, cujo povo, a fim de derrotar o invasor, se uniu em torno de um rei soldado, recebendo em troca o seu coração, símbolo de resistência, lealdade e liberdade. Foi no Porto, e escrevo-o ainda com os dedos incrédulos, que a realidade suplantou a afoiteza de todas as construções fantasiosas, de toda a produtividade imaginativa de que há registos e até mesmo a fecundidade de certos espíritos, como admito poder ser o meu. Mas que tripeiro, por mais criativo, poderia supor que as circunstâncias da cidade se alterariam como esta noite se alteraram? Quem, nesta antiga, mui nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto, poderia, ao de leve ou veleidosamente supor que, certa noite, esta noite que separou o 19 do 20 de junho, e que a partir de agora ficou em nós marcada como na pedra, o rio Douro iria desaparecer?

Desapareceu

Não entendeste mal. O rio desapareceu. O rio, o nosso rio, desapareceu! O rio Douro desapareceu, carago! Caralho, foda-se, eu que nem gosto de dizer asneiras, mas o rio desapareceu! Evaporou-se, sumiu, não está lá! Não sei dizer mais do que isto, ninguém sabe. Ainda nem conseguimos raciocinar, estamos assim – com os pensamentos rasteirinhos, incapazes de se erguerem, dizemos apenas o que vimos, ou o que não vimos, fazemos o essencial, não temos força para nos recompormos desde que soubemos, desde que nos beliscámos todos, houve até quem batesse com a cabeça na parede para acreditar.

No meu caso, e porque sei que queres tanto saber quanto eu preciso de te contar, não passava muito do alvorecer quando o telefone tocou. Era a D. Lisete, que de imediato me contou ter erguido os braços aos céus – ergueu-os aos céus, porque, mal viu a notícia na televisão, saiu à rua, mesmo de camisa de dormir, uma muito jeitosinha, cor-de-rosa, comprada nos chineses – e perguntado ao Dr. Belarmino, que também ali estava, despenteado, com os colarinhos por endireitar no topo da camisola castanha, preparando-se para descer a calçada: senhor doutor Belarmino, que tragédia é esta? Será que foi por eu ter maltratado São Pedro? E se nosso Senhor não quiser que voltemos a ver o rio?! Se achar que não somos merecedores desta água que desde sempre nos abençoou?! Será que somos maus cristãos? Eu sempre disse ao meu marido que há que rezar todos os dias, mas o homem não há forma de botar sentido ao que eu digo! E por isso não há maneira de melhorar da figadeira e, claro, de ajudar nisto da água. Diga-me, doutor Belarmino, diga-me que tudo isto não passa de um aviso para a gente se comportar melhor e que amanhã tudo volta ao normal! Aproximando-se, naquela sua forma canhestra de andar, o Dr. Belarmino ter-lhe-á respondido: é prematuro fazer juízos e desnecessário sofrer por antecipação, D. Lisete. Eu vou descer à

Ribeira, para ver com os meus próprios olhos a putativa tragédia. Inocentemos Deus, pelo menos para já, D. Lisete, porque há que averiguar os factos. Foi isto que ele me disse, Beta, foi isto que ele me disse, agorinha mesmo, eu até vim só trocar as chinelas por outro calçado e telefonar-te, porque, eu sei lá, minha filha, o meu Ambrósio ainda está na cama e eu tinha de falar com alguém, e o que aconteceu foi isto, tu liga o televisor, ai, carago, que me alejei a calçar as sapatilhas, tenho andado com os pés tão inchados, filha, olha tu não podes vir cá ter comigo? É que eu nem sei se tenho coragem de ver o rio desaparecido sem ter quem me ampare. E eu disse-lhe que sim, claro, claro que sim. Disse-lhe que me desse meia hora e ela respondeu que sim, que ficaria a rezar.

Liguei o rádio no telemóvel, que já falava do sucedido, com repórteres no local, e senti o choque. Era verdade. Até ali, parecia um devaneio, um exagero da D. Lisete. Aliás, eu nem tinha procurado visualizar o sucedido, era algo que não era sequer exequível. Fui-me vestir, mas antes abri a janela da sala. A minha avó gostava de deixar sempre a janela aberta. Para deixar a sorte entrar, explicava. E, aparentemente, estávamos a precisar dela. Mas, de repente, na rádio, disseram: tirando algumas poças, não há sinal de água no leito do Douro, onde jazem milhares de peixes mortos e muito lixo. Foi então que corri para o comando da TV e a liguei.

Água batismal

Mal liguei o televisor, o comando desprendeuse-me da mão e, logo depois, o meu queixo deve ter-lhe caído em cima. O rio, o nosso rio, não estava lá! Não se via onde sempre se viu, onde toda a vida esteve. Tinha mudado de curso, ido para outro sítio, parado de correr, sumido, desaparecido! O Douro, esse potro selvagem que rasga montanhas e esculpe vales, a cada légua crescendo em direção ao oceano onde ambiciona espriar-se ao sol e banhar-se à luz da lua, o Douro, eterno leito do nosso olhar, o Douro – nosso companheiro, irmão, pai – não estava lá! Tinha desaparecido!

Não dava para entender. Teria escolhido correr para outra cidade, talvez para Espinho, ou para Matosinhos? Teria decidido ocupar o leito do Leça? Teria secado na fonte? Estaria cansado e viria mais devagar? Ter-se-ia evaporado com a vaga de calor? Ter-se-ia aberto de súbito um grande poço, um desses buracos a que chamam dolinas, e ter-se-ia o rio perdido para debaixo da terra, no escuro, sem ver o caminho nem conhecer o destino? Ou seria tudo aquilo uma mentira? Um sonho? Um pesadelo? Esfreguei os olhos com vigor, peguei no telemóvel para confirmar a data, não fosse estar noutro tempo, talvez perto do apocalipse, eu sabia lá.

Em poucos segundos, dezenas de pensamentos e hipóteses se cruzaram na minha cabeça, mas tudo me parecia uma enorme fantasia. De resto, no Porto, a história mostra que a mentira também pode ser verdade. Onde, no contexto da chamada Muralha Primitiva, ou Cerca Velha, que circundava a Sé do Porto, havia uma Porta das Mentiras, passou a haver, algures no século XIV, uma Porta das Verdades. Hoje, onde em tempos houve portas, passa-se sem parar. Foram-se as portas, ficaram as verdades, ficaram um arco, que trazia água da nascente de Mijavelhas, e umas escadas, que ligam a Sé à zona do Barredo e à Ribeira. Foram-se as mentiras, ficaram as

verdades. Eu só conseguia pensar nisso: foram-se as mentiras, ficaram as verdades. E se toda aquela fantasia fosse também verdade? Se aquilo estivesse mesmo a acontecer?

O que se via era do foro do nunca visto, claro, mas também do nunca dito, porque nunca pensado. Através das imagens dos repórteres, só se via novidade, e para o que é novo nem sempre há palavras. Por isso, telefonei à D. Lisete e ficámos as duas, ligadas pelo ouvido, a escutar o que na televisão se dizia e a ver o que não sabíamos entender. Minutos depois, o presidente da Câmara explicou que se tratava sobretudo de uma questão política e que o rio iria voltar e que tudo faria para garantir que isso acontecesse o mais depressa possível. Se fosse um comboio, disse, a composição não havia descarrilado, apenas tinha ficado retida numa estação, por cansaço ou fraqueza.

Enquanto eu tentava enfiar uma roupa qualquer, e avisar os clientes de que, por conta do sucedido, ficariam cancelados os passeios, nas emissões dos canais de notícias explicava-se que o Douro já não trazia água, como há muito deixara de trazer a areia que falta nas praias. Por isso, o Porto começou a roer as unhas. As minhas já estavam curtas, mas ficaram mais rentes. Depois de tanto sofrimento pessoal, agora um desastre coletivo? Temo que nos estejam a atacar o futuro. Perdoa-me o egoísmo, mas num ano como este que tenho vivido, não aguentarei se me cancelarem o futuro.

Quando, noutras alturas, precisava de paz – chamo-lhe assim porque, por vezes, preciso de coisas às quais não sei dar nome –, eu descia o morro em direção ao rio, por saber que ele nunca me faltara e na certeza confortável de que nunca me faltaria. Quando entrava na praça, parava sempre uns segundos para olhar a fonte de São João, como que imaginando que ela recebia a água de toda a cidade que atrás dela se elevava, imponente, e só depois seguia até à margem, para receber o afago das águas disponíveis e dóceis. Mas, agora, parece que a Natureza perdeu toda a argúcia e perfeição. É como uma máquina parada sem combustível e isso assusta muito, sobretudo agora, que já vi a tragédia com os meus próprios olhos.

Quando, enfim, terminei de me vestir, sempre ao telefone com a D. Lisete, corri porta fora. Ela foi-me contando o que via na televisão, eu

relatava-lhe o bulício das ruas, com o trânsito mais do que parado, com polícia em toda a parte, gente a falar mais do que alguma vez, telefonemas constantes e até as pombas e as gaivotas aparentemente mais agitadas do que nunca, esvoaçando sem parar, ou sobrevoando o nervoso das pessoas. Apressei-me a descer ao rio, ou antigo rio, ou sei lá como chamar-lhe agora, com a D. Lisete, para ver com os meus próprios olhos o inacreditável que as televisões àquela hora já mostravam, uma delas com um helicóptero. Onde estava o Douro, a nossa água batismal?

Parece tudo uma grande mentira

Vímara Peres, o galego que inventou Portugal, procurava rodar a cabeça, lá no alto da estátua equestre a que Salvador Barata Feyo deu forma. Habitado ao som da água corrente, também ele queria ver o rio desaparecido. Eu aproximava-me do terreiro e via bem como ele procurava desimpedernir os movimentos, depois de tantos anos segurando o escudo redondo, com um braço, e, com o outro, erguendo o estandarte da reconquista cristã. Prestando atenção, apercebi-me de que, a pouco e pouco, o bronze ia amolecendo, ganhando um jeito ligeiro de borracha, ou talvez até de pele e de carne. Quando me vi diante da estátua, tão pichada logo após o Maio de 68, com cores fortes nas chamadas partes baixas do cavalo, o animal vitorioso retesou as patas e depois fletiu-as ligeiramente, para de seguida se erguer apenas nos membros traseiros e elevar o cavaleiro da conquista do Porto, que pela primeira vez baixou o escudo e a bandeira, esticando depois o pescoço para, por entre a torre e a catedral, tentar alcançar o lugar do rio com o olhar, numa zona em que ela e as casas não se enfrentam. Foi esta a impressão com que fiquei, à medida que, impaciente, me aproximava do adro, furando por entre a multidão.

Do alto da Sé, o que se via era uma cova larga e funda. Ao meu lado, centenas de pessoas debruçavam-se sobre o muro que separa o Paço Episcopal do Convento dos Grilos, desenhando o começo da Rua de Dom Hugo. Acotovelando-se, empoleiradas, as gentes tentavam espreitar uma ausência. Junto a nós, de olhos no chão e mãos atrás das costas, passou um zé-ninguém que disse: vai ser bonito, um São João de rio seco. Com aquela frase na cabeça, dirigi-me para casa da D. Lisete, que estava cá fora, aguardando-me, com dois garrafões de água pousados junto dela. Demos um abraço e ela ergueu os garrafões: agora já sei por que razão me disseste para ir guardando água. Não era só por causa da água que chega às torneiras. Tu és tão esperta,

Betinha! Vá, leva um, que eu levo outro. De seguida, olhou para os lados, e baixou o tom de voz: a fonte continua a deitar água e é de certeza por eu ter posto o São Pedro na linha. Esta noite, já enchi mais uma data de garrações que vão ajudar muito a resolver esta desgraça. Foi então que percebi que também a D. Lisete estava um tanto ou quanto baralhada com tudo aquilo. Ela queria levar água para a Praça da Ribeira, com o objetivo de ajudar a reencher o rio Douro. Se toda a gente contribuir um bocadinho, disse, o problema resolve-se em três tempos.

Tive de lhe explicar que tamanho voluntarismo talvez não fosse a melhor solução naquele momento e que deveríamos aguardar por indicações das autoridades. Contei-lhe que já vira o desastre, que não resistira a ir espreitar sobre o muro, e ela entristeceu. Estava a guardar a visão do inferno para um momento conjunto, queria vê-lo de mão dada comigo, não fosse o coração traí-la, que ele é por natureza um tipo muito traiçoeiro. Eu pedi-lhe desculpa e ajudei-a a subir até ao Miradouro da Rua das Aldas. Mas o alvoroço era tanto, que era difícil avançar. A D. Lisete só dizia: que sarapatel do carago. De seguida, inspirava e repetia, ofegante: que sarapatel do carago. Decidimos, então, voltar para trás e baixar ao rio, ou ao pouco que dele restava, como inicialmente programado.

Descemos a Mouzinho da Silveira quase de braço dado com uma multidão. Toda a gente queria ir ver o mesmo. Ao chegarmos à Praça do Cubo, percebi que centenas de pessoas – provavelmente, milhares – se alinhavam junto à margem espreitando o leito vazio. Ouviam-se sirenes sobrepondo-se umas às outras, e não paravam de chegar carros da polícia e dos bombeiros. A proteção civil também ali estava, para tentar pôr ordem naquela gente toda e, percebi mais tarde, impedir as pessoas de se enfiarem no leito vazio. Olhando em redor, mirando Gaia, do outro lado, eram milhares e milhares de pessoas observando o nunca visto. Havia gente às janelas, como se estivesse a ver os aviões, e a ponte estava tão cheia como no São João. Atrás, formava-se uma romaria. Na D. Lisete, destacavam-se os olhos de espanto, sob a testa enrugada, e o queixo pendido. Miúdos excitados gritavam: mãe, mãe, o rio desapareceu! Outras pessoas exclamavam, esbugalhando os olhos: the river has gone! E olhavam em direção ao

mar, como se o pudessem avistar lá.

Observados pelo amontoado de casas, que pareciam debruçar-se tanto como as pessoas nas janelas e varandins, esqueletos de barcos rabelos, de valboeiros e rabões. Viam-se milhares de coisas que não cabem num olhar, quanto mais em memórias de gente, ou neste texto. Quero partilhar contigo o que vi. Acontece que, não estando ali o rio, era como se não houvesse presente, ou como se o agora, por ser demasiado diferente de todos os outros que conhecêramos, pouco tivesse que ver com a nossa noção de presente. E, por isso, representava ainda a ausência de passado e uma cruel garantia de não haver também futuro. É assim que sinto: a dissolução do rio como um desaparecimento do presente, mas também do passado e do futuro, que melhor do que qualquer outra criação os rios representam. Ainda assim, vou tentar reorganizar o que se fixou na memória. Falava-te de barcos afundados. Já nenhum se vê a sulcar as águas. Agora, estão todos tombados sobre o lodo que cobre as areias. Um deles, ninguém sabe como ali terá ido parar, é um barco enorme, com ar de navio de guerra, mas mais pequeno. Está mesmo debaixo da Ponte Luís I e parece sólido. Até tirei umas fotografias, depois mostro-tas. Olhando agora para elas, percebo que, com a boca aberta e a popa achatada, lembra uma fragata. Uma fragata! Somos nós, Luísa! Não tinha pensado nisso! Mesmo em condições adversas, mesmo perante o apocalipse do rio, que ficou seco. Isto só pode ser um sinal. Ou então um delírio meu.

Sei que olhava para o rio, e para as pessoas olhando para o rio, certa de que todas pensavam o mesmo. Não que nós estivéssemos ali representadas por uma fragata, mas que todas se perguntavam se estariam boas da cabeça. Algumas lembravam-me a minha avó. Era como se ela se fizesse representar através delas. Mulheres com existências iguais nas dificuldades, mas que amavam o rio e o Porto e a vida com a mesma intensidade. Apertavam as mãos uma na outra junto ao peito e, por certo, pensariam o que a minha avó tantas vezes pensava e dizia quando, na fase em que dançava na corda bamba da lucidez, se mostrava mais ela: meu Deus, meu Deus, porque é que me abandonaste? Eu olhava para elas e pensava na minha avó. Vendo-me assim, a D. Lisete, que tinha um sexto sentido apuradíssimo, disse:

Beta, filha, já sabes que esta gente – e abriu os braços para a multidão que se formava – não se verga. Olha só para esses velhotes, disse depois, apontando um casal por certo da idade dela. E concretizou: esses já estão xexés, coitados, estão velhos, mas vieram de certeza aqui para lutarem pelo que é nosso, pela nossa água. Nem que seja com rezas a São Pedro, porque a ela até a costume ver na igreja e também há de ajudar. E bem era preciso, digo-te, porque o leito do rio está uma miséria, cheio de plástico e lixo aos montes.

Alguns incautos haviam descido ao leito e dois deles, adolescentes, tiveram de ser içados pelos bombeiros, por se terem afundado no lodo até à cintura. Mais adiante, via-se que as algas ali pegavam bem e, sobretudo, que a fuga do rio deixara a descoberto grandes rochas afiadas, lâminas esculpidas pelo passar das águas. Mas o que mais impressionava – e assustava – era a profundidade de alguns locais, sobretudo da ponte para trás. Bem sei que, em certas partes, o Douro chega a ter 40 metros de profundidade (parece mentira, mas é verdade), mas se soubermos mais sobre este rio nascido na Serra de Urbión talvez não estranhemos. Acabo de ver na internet que o caudal médio do Douro é de 714 metros cúbicos por segundo, ou seja, uma poderosíssima torrente capaz de levar tudo com ela. Para teres uma ideia, o Tejo tem um caudal de 500 metros cúbicos por segundo. Era muita água, a que corria à chegada ao Porto e a Gaia. É claro que, no começo, o rio corre largo e pouco caudaloso, mas depois de Zamora movimenta-se em canais profundos, ganhando um imenso corpo. Face às circunstâncias, parece ridículo escrever isto. Parece mentira. Aliás, tudo o que aqui tenho relatado parece uma grande mentira. Mas não era. A mim e à D. Lisete, abraçadas defronte do não-rio, só nos deu para chorar. Lembrava aqueles versos de Pedro Homem de Mello, tão bem cantados por Camané: Sei de um rio, sei de um rio / Onde a própria mentira tem o sabor da verdade.

O que nele jazia

O que de líquido se via era alguma imundície que escorria, vagorosamente, de orifícios quadrangulares existentes nos muros de pedra que até há pouco tempo continham o rio. De resto, o leito do nosso Douro assumia um aspeto lodoso de tons que variavam entre o amarelo-acastanhado e o verde-tropa. Assim foi até à humidade presente nas areias, nas terras e no próprio lodo se evaporar e boa parte do conjunto adquirir, primeiro, compridas fendas e, depois, uma forma craquelada. Agonizante, a água que sobrava em algumas poças suplicava pelo pôr do sol. Em certos baixios, sobreviviam peixes, que as pessoas se apressavam a apanhar, quando não o faziam as gaivotas, mas por todo o lado estertoravam outros, em muitos casos amontoados: tainhas, enguias e, sobretudo, robalos, apreciadores da água salobra que se estende até à Barragem de Crestuma-Lever. Em certos locais, eram centenas, jazendo de lado, cada um deles com um olho vítreo posto num céu já incapaz de os acudir. Também se viam algumas solhas, bogas e douradas, um ou outro sável ou lampreia. Centenas de gaivotas, talvez milhares, acorriam ao local e, depois de engolirem os peixes mais pequenos, voavam dali para fora com outros, maiores, nos bicos. Muitas disputavam-nos entre si, trocando bicadas e agressivos grasnidos; muitas mais esvoaçavam, tentando encontrar o melhor farnel. Centenas de pombos, em bando, atiravam os biquinhos ao solo dos locais mais desertos e pareciam apreciar o que quer que fosse que estavam a debicar. À volta de todas estas aves, viam-se grandes seixos rolados e milhares de outros, mais pequenos, ainda que muitas vezes estivessem cobertos por algas, ou por lixo variado, como sacos de plástico, garrafas de lixívia, latas de cerveja, trapos, tocos de madeira, peças disformes de metal ferrugento, pedaços de árvores vindos não se percebia de onde, pequenos troncos na vertical, como se tivessem nascido (como e quando?) no fundo do rio. Havia, ainda,

muito evidentes, e alvos de fotografos de Instagram, dezenas de carcaças de barquinhos de pesca e de passeio, em vários pontos nos quais, antes, corria, murmurante, o rio. Quando as águas deslizavam, acariciando os pés da cidade, o meu pensamento mostrava-se ágil, mas, naquele momento, em cenário vazio e seco, enrodilhavam-se-me as ideias, amolecia-se-me o ânimo.

A comprida cratera que se abria entre as duas cidades fazia com que milhares de pessoas se debruçassem sobre as margens. No turbilhão de que a Ribeira do Porto era sede, todos davam opiniões, muitos punham-se a ignorar as ordens das autoridades e a procurar descer para o leito, onde já centenas de pessoas tiravam fotografias, faziam vídeos e falavam ao telefone, algumas perscrutando o lixo e toda a imensidão de coisas que a ausência de água exibia.

Verifico que os especialistas têm razão e que, de facto, o Douro já pouca areia traz, dado que quase nenhuma se vê no fundo, especialmente naquela parte. Há, sobretudo, uma espécie de lama em processo de secagem. Para jusante, para os lados de Massarelos, aí sim, avista-se um solo de tom mais amarelado. Quando cheguei a casa e liguei o televisor, um ambientalista alertava para o facto de o curso do rio, na zona das duas cidades, estar cheio de pequeninos fragmentos que se confundem com areia. Segundo dizia, é incontroverso que a fragmentação dos detritos plásticos começa nos rios e que estes, tal como os mares, também estão cheios de plástico e microplásticos, que se tornam alimento dos peixes e um risco para toda a cadeia alimentar, todo o ecossistema e toda a Natureza.

Vários helicópteros sobrevoam o Douro desaparecido nas margens, na ponte velha há câmaras de televisão apontadas ao vale seco e, no ar, um rumor que lembra o dos concertos, antes de a música começar. A dado momento, junto à Alfândega, veem-se viaturas do exército – camiões e escavadoras, sobretudo – a descenderem para onde outrora correrá água. Antes de eu a ter deixado, para me plantar em frente às notícias que passavam no ecrã, a D. Lisete agarrou-me o braço e disse: tens razão, Betinha, isto parece tudo mentira. Depois, pôs-se a mordiscar os lábios e a passar as costas das mãos pelos olhos molhados, esborratando a maquilhagem. Naquele instante, impressionou-me constatar que a água pode acabar, mas as lágrimas

não. Ou, se acabarem, acabarão sempre depois da água. Primeiro vai-se a água, só depois as pessoas e as lágrimas que elas choram. E, assim, chorando de novo, voltei a casa a desejar que aquela evidente verdade pudesse tornar-se numa qualquer esfarrapada mentira.

Tricotar pensamentos

Como é evidente, de nada adiantou desejar que tudo aquilo fosse mentira. O dia 20 de junho deste ano ficará gravado na nossa memória coletiva. Terras desde sempre sepultadas sob água corrente viram o sol pela primeira vez. Tocadas por ele ao começo da manhã, ao princípio da tarde, com o calor que se fazia sentir, muitas tinham já enrijecido. E, a partir daí, foi um vê-se-te-avias no qual as autoridades não conseguiram ter mão. Não imaginas, Luísa: toda a cidade quis ir ver o que se passava. Quem deveria ir para a escola, faltou; quem era suposto estar a trabalhar, não foi; desempregados e reformados não largaram a beira-rio; e até os turistas quiseram ver e registar tudo.

A dado momento, uns olhos vermelhos puseram-se em mim e tingiram o meu rosto do mesmo tom. Eu coro sempre que fico incomodada ou chateada, não consigo disfarçar. Felizmente, de seguida, dei com o Dr. Belarmino. Vestia umas calças cinzentas, muito escuras e demasiado largas, uma camisa branca aos quadrados, meio saída de um lado, e carregava uma camisola castanha na mão. Apesar de mal-ajambrado, estava com bom ar; talvez andasse finalmente a seguir os conselhos do falecido irmão, que era médico, e segundo ele escreveu um livro importante. A boca mole, empurrada para baixo pelos anos de cachimbo e por uma alma castigada, ergueu-se quando me viu, para mostrar um sorriso terno, que multiplicou a felicidade de o rever e me lembrou que aquele homem tinha alma até Campanhã. Abraçámo-nos e, perante o meu espanto com tanta genica, ele confirmou andar a sentir-se bastante bem. Esperta como é, a D. Lisete percebeu que, por certo, deixar de fumar também teria ajudado, não é verdade, Dr. Belarmino? Ele algibeirou a mão direita e, ao fazê-la regressar segurando o cachimbo, disse: mesmo sem o acender, anda sempre comigo. Pego nele quando preciso de pensar. Enquanto conversávamos, sentámo-nos os três num murete que fica em frente ao

Cais da Estiva, com o grande desastre diante de nós. Nas notícias, que fui consultando e partilhando com eles, lia-se que nem todos os afluentes do Douro estão secos, mas também que a água que neles corre não é suficiente para encher umas pocinhas à chegada ao leito do rio. Durante toda a manhã, com uma energia surpreendente, o Dr. Belarmino discorreu sobre a crise climática e, a cada meia hora, falou ao telemóvel – um telefone móvel rudimentar – com um especialista em hidrologia conhecido dele, que adiantava explicações de base científica para aquilo que a emoção rejeitava e em que a visão nos obrigava a crer. A D. Lisete dedicou-se a acompanhar tudo o que foi sucedendo na margem e no leito do rio. Foi um vaivém de polícias, bombeiros e militares, tentando pôr ordem em milhares de cidadãos que queriam participar na História. A dado momento, foram ajudados por um boato que começou a circular nas redes sociais e que indicava que a barragem de Crestuma-Lever iria ser aberta, para uma grande descarga. A pouco e pouco, toda a gente começou a correr para as margens. Uns faziam-no informados, outros, assustados, ou reagindo como animais em manada. Acariciando o queixo, o Dr. Belarmino de pronto nos disse que aquilo seria, com toda a certeza, uma estratégia das autoridades, ou simples fake news, visto que todas as barragens tinham pouquíssima água, registando mínimos históricos, e que o cenário que ali víamos era comum a todo o Douro português. Minutos depois, imagens dos helicópteros das televisões, que subiam o curso do rio, em direção a Espanha, confirmavam-no. Vimo-lo através do Instagram e não deixava dúvidas.

Mais perto da hora de almoço, fui comprar três sandes de panado e uma preciosa e caríssima garrafa de água, para dividirmos pelos três. Quando cheguei, o Dr. Belarmino, que tinha feito questão de pagar, perguntou-me se não havia vinho e estendeu-me outra nota. Disse-me que deixasse a água para quem não podia beber outros líquidos, como os diabéticos, ou os doentes hepáticos. Minutos depois, voltei com uma garrafa de vinho branco já aberta, com a rolha enfiada apenas até meio, e três copinhos de plástico. E, assim aviados, fizemos o nosso almoço, comentando os acontecimentos em direto, de boca cheia e lábios humedecidos. No final, a D. Lisete foi comprar gelados, porque, como fez questão de assinalar, refeição completa pede fartura e

fartura tem doçura. Voltou com três Perna de Pau e só enquanto os comíamos fizemos algum silêncio, observando o nunca visto. Acontece que o que estava a suceder não era do foro do inaudito, era do domínio do inacreditável. Lambendo obliquamente o último pedaço agarrado ao pauzinho de madeira, com sabor a morango, a D. Lisete assinalava que o rio corraera sempre, que a vida de toda aquela gente era marcada pela presença dele, em constante viagem. É verdade, dizia eu, é verdade. Ou parece ser verdade. E não saíamos daquilo, abanando a cabeça, incrédulos. Que carago tinha acontecido para, há umas horas, o rio – que se obstinou sempre até tocar o oceano – se ter rompido como um cordel, ter encolhido, se ter retraído e desaparecido?

Durante toda a tarde, ali ficámos, a acompanhar a situação, até que a luz começou a desmaiar, o fim do sol faiscou sobre as poças de água sobreviventes ao calor e o vento se foi embora. A poalha assentou e, a cada minuto, a cidade desaparecia mais. Era hora de ir embora. Antes de o fazer, olhei em redor. Nos morros em que o Porto se ergue, e dos quais sempre espreitou o rio, portas e janelas estavam abertas de espanto. Como bandeiras acenando, as roupas que arejavam nas janelas e nas varandinhas das casas de Miragaia despediam-se do Douro, já lhe sentindo a falta, enquanto, lá longe, o manso mar embalava a costa e tentava adormecer a cidade, como se o dia de hoje fosse uma mentira, como se também aquela água não fosse real e o próprio oceano não existisse mais, não pudesse existir. Subi com eles até à Sé, furando por entre a multidão de braço dado com a D. Lisete, e chamei um táxi para ir para casa, porque já estava a ficar demasiado escuro. No caminho, pus-me a tricotar pensamentos.

Estado de emergência

O dia de ontem foi de estupefação e incredulidade. O de hoje trouxe outra emoção. Com consequências por certo não menos do que terríveis, a falta de água desaguou nas nossas vidas e o medo irrompeu de modo vulcânico de dentro de nós, esse lugar onde se esconde tudo o que é primitivo. Na noite de ontem, mal cheguei a casa e me pus a ver as notícias, o governo, com o aplauso das autarquias durienses, declarou estado de calamidade, que veio sobrepor-se ao estado de alerta que os próprios municípios haviam anunciado logo pela manhã. Confesso que essa primeira indicação não me surpreendeu, mas algo me diz que tu estranhaste que, perante o desaparecimento de um rio, nos puséssemos alerta. É para estarmos atentos, a olhar para o leito do rio, a ver se a água volta? Horas depois, a meio da manhã, e fazendo uso das competências que a lei lhe atribui, a proteção civil declarou o estado de contingência. E também tu te terás perguntado qual seria a contingência, a eventualidade, aquilo que se mostrava possível, mas incerto. Seria morrermos à sede? Felizmente, o passar das horas permitiu que as imagens chegassem aos gabinetes ministeriais e o governo chamou os bois pelos nomes: é evidente que o que vivemos é uma situação de calamidade.

Entretanto, circulam notícias de que as barragens que nos abastecem de água canalizada têm os níveis abaixo do mínimo. A algumas partes da cidade, mesmo nas horas de consumo autorizado, a água começou já a chegar com pouca pressão e, por isso, toda a gente se pôs a encher garrafas, garrafões e baldes, o que, dizem, só estará a agravar o problema. Das portas dos supermercados, saem compridas filas, porque o açambarcamento de água – mesmo com o racionamento decretado há semanas pelo governo – atingiu níveis recorde, assim como, claro está, o respetivo preço. Qualquer garrafita de 0,33l empina o nariz nos lineares e ainda hoje topei várias a

olharem de cima para as garrafas de vinho. Na televisão, mostraram que há até já quem raspe o gelo das arcas frigoríficas e dos congeladores, para, depois de derretido, o poder beber. Há gente a mudar para casa de familiares que moram noutras regiões do país. Veem-se notícias de turistas a cancelarem estadias e a cidade a ficar soturna. Eu própria não trabalhei hoje, por conta de cancelamentos. E começo a ficar duplamente assustada por isso. Só se fosse burra ou comesse merda, como costumava dizer a minha avó, para de imediato se benzer, é que não ficaria. Perdoa-me a linguagem rasteirinha, mas até os palavrões me sabem bem, quando me lembram a minha avó.

Por outro lado, sente-se cada vez mais um cheiro nauseabundo vindo de todo o lado. Nas casas, o fedor também já irrompe de tudo o que é ligação ao saneamento e as pessoas têm estado a tapar os ralos dos lavatórios, das sanitas, dos bidés, das banheiras, dos duches, dos lava-loiças e dos tanques. Abusa-se dos ambientadores, que, pelos vistos, são os produtos mais vendidos pelo retalho alimentar a seguir à água e às demais bebidas. Desde que esta começou a faltar que os nutricionistas alertam para os cuidados a ter com a ingestão de refrigerantes, e ainda há dias a diretora-geral da saúde referiu algo semelhante no que respeita às bebidas alcoólicas. Na Sé, temendo que a secura fosse devorar-nos a todos, as nossas antigas vizinhas encheram de velas o Arco de Sant'Ana e outros moradores escreveram uma carta a pedir ajuda ao filho da D. Eloísa, também ali nascido, dois anos antes de mim, que andou na mesma escola que eu e que todos os miúdos da Sé, mas que hoje veste fato e gravata, conduz um carro de alta cilindrada e fala como os demais deputados. Pensando no conselho que me darias, porque num momento histórico destes preciso de ti mais do que nunca, disse-lhes que não acalentassem demasiadas esperanças, porque ele hoje mora no Estoril e não deve vir cá há anos, para além de que nunca se lhe ouviu dizer que é do Porto e muito menos da Sé. Talvez devesse ter ficado calada. Sei que não tenho o direito de roubar a esperança a ninguém, mas tudo isto está a mexer muito comigo e o fulano sempre me irritou. A D. Lisete concorda e diz que o moço tem ar de chulo, que faz lembrar o famoso Pai das Putas, o rei dos proxenetas do Porto. Por outro lado, a situação é de exaspero e parece-me natural, mas tu me dirás, com o teu habitual bom senso e

a tua costumeira frontalidade, que eu direcione os nervos que sinto para algum lado. É, de resto, isso que andamos todos a fazer em relação aos espanhóis. Eles decidiram reter a demais água corrente do Douro, ignorando as nossas necessidades. Não se preocuparam sequer em partilhar alguma connosco – o que me entristece – e, por isso, não falta por aí quem repita à boca cheia que a sabedoria popular nunca falha e que sempre soubemos que, de Espanha, nem bom vento, nem bom casamento. Acontece que, nestas bandas, a ausência de surpresa não redunde em resignação, pelo contrário. Os portugueses não se conformam com nada, muito menos com injustiças. Por isso, já se iniciaram abaixo-assinados e petições várias, para apresentar à Assembleia da República e para enviar para Madrid. E, nas redes sociais, circulam queixas de espanhóis contra portugueses, uma delas acompanhada de um vídeo em que se vê o proprietário de um café, ou restaurante, não se percebe bem, a pô-los fora, enquanto grita: sabeis mais do que a Lúcia! Ide comer a vossa comida e beber a vossa água, seus mândios! Pensais que somos morcões?

As maiores riquezas

Os dias prosseguiam, de nariz ao alto, farejando água sob o sol escaldante, e poucas vezes fez tanto sentido dizer que águas passadas não movem moinhos. Pois, se não movem, e se não há outras para fazê-los mover, há que ter arte e engenho para encontrar soluções. Quem não tem cão, caça com gato. E, por saber disso, a realidade começou a preparar a poderosa alquimia com que gera os eventos extraordinários.

A partir do sofá da minha sala, com o telemóvel na mão, o computador portátil no colo e o televisor ligado ao fundo, eu ia acompanhando o que se passava neste nosso mundo em estado de emergência. É graças à preocupação que sinto pela situação de todos nós que contenho a ansiedade relativa ao meu contexto pessoal. E, aos poucos, vão surgindo sinais animadores. À hora de almoço, por exemplo, apercebi-me de que começou uma corrida desenfreada aos tesouros. No leito do rio, veem-se inúmeros homens à cata de ferro-velho para vender nas sucatas. Mas não são os únicos. Tal como, na minha infância, se pulava da ponte para as águas correntes, saltos tantas vezes imortalizados por fotógrafos cheios de paciência, meninos e rapazes desataram a correr para o fundo do vale, para aquela mole anárquica, para aquele labirinto de objetos e formas pela primeira vez despido de água. Os miúdos de hoje, ao invés dos miúdos do meu tempo, não queriam brincar. Procuravam objetos de valor. Pelos vistos, houve um que encontrou uma moeda de ouro, ou de prata, e muitos têm dado com outros tesouros, ou pelo menos é o que dizem, e alinham o sonho de tantos mais de encontrarem joias em esqueletos, jarras asiáticas, travessas de prata, isto e aquilo. Também se dão fenómenos incríveis, e típicos de países pobres, se o que referi não o é já. Na zona da barragem da Valeira, parece que desatou tudo a garimpar. Isso mesmo, há gente a garimpar. Na esperança de

encontrar as muitas e pesadas moedas de ouro que, imagine-se, há mais de cento e sessenta anos, fizeram afundar o barão de Forrester, no local onde se diz que as saias salvaram a Ferreirinha. Arqueólogos de trazer por casa, munidos de enxadas, ancinhos e pás de jardinagem, mas também especialistas dos mistérios, apetrechados com cães pisteiros, detetores de metais e outras geringonças, escrutinam cada centímetro quadrado, sonhando com riquezas.

Mas o que mais impressiona é isto de que acabei de tomar conhecimento e que me fez vir sentar-me e escrever-te. No leito do Douro, também há mulheres de olhos postos no chão, sobretudo debaixo das pontes. Sob os tabuleiros da Ponte Luís I e da Ponte da Arrábida, calcorreiam as areias, revolvem-nas com ancinhos e outros utensílios. Algumas levam os maridos, filhos ou irmãos, braços mais fortes que, erguendo enxadas ou pás, fazem covas aqui e ali, cavam buracos de esperança e a mando da intuição delas. Procuram, como por certo percebeste, entes queridos. E, desde que vi a reportagem na televisão, não consigo parar de pensar naquilo que tu própria já terás pensado também. Lembras-te, certamente, dos recortes de jornal que encontrei nos pertences da minha avó.

A esperança que brotava em mim

Não restam dúvidas de que se descobrem muitas coisas no fundo de um rio seco. Mal vi o lugar do Douro vazio de água, uma inóspita e alongada cratera, fez sentido a presença de todos os objetos que por lá se encontravam: bicicletas, trotinetes, máquinas de lavar roupa, cadeiras de plástico, cordas, âncoras, plásticos variados, etc. O que nunca me passou pela cabeça, quando vi os primeiros recoletores em ação, calcorreando o leito enlameado, foi que ali pudessem achar-se também corpos de pessoas, à medida que o lodo seca. Assim que um garoto das Fontainhas deu com um, junto à Ponte Luís I, instalou-se a balbúrdia. O miúdo apareceu junto dos amigos com um crânio humano nas mãos e todos se puseram a brincar aos zombies e ao Halloween. Quando os jornalistas deram notícia da caveira encontrada sob o tabuleiro da ponte, as redes sociais de imediato cumpriram o papel de as difundir massivamente e, no dia seguinte, não eram duas, nem três, as imagens, tristíssimas, de familiares de gente desaparecida em busca voluntária dos entes queridos que saltaram das pontes e cujos corpos nunca tinham aparecido. Segundo percebi, nestes casos terríveis, alguns dos corpos ficam a boiar, outros são encontrados por mergulhadores, no local, outros ainda uns quilómetros adiante, em alguma praia, e outros nunca mais aparecem. E, claro, mesmo quando se crê morta, a esperança de dar com quem desapareceu reemerge do fundo de quem sofreu as perdas e, neste caso, desponta do fundo de um rio dissoluto. Não imaginas o quanto isto tem mexido comigo. Graças a Deus, as autoridades decidiram intervir e impediram as pessoas de andarem a escavar o leito do rio, como quem cava batatas. Aliás, o acesso ao Douro foi proibido, na sequência da declaração do estado de contingência e, desde que se instalou o estado de emergência, há mesmo policiamento permanente nas margens. Ainda assim, fazem-se buscas e, segundo se diz, os familiares de pessoas

desaparecidas no rio vão ser convidados a entregar amostras de ADN, se as tiverem, para possível identificação. Foi uma boa forma de conter o voluntarismo daquelas famílias amarguradas.

É evidente que já percebeste tudo o que me passou pela cabeça e que sabes o que fiz. Fui buscar o saco amarelo que encontrei no sótão e que contém pertences da minha mãe e, de seguida, os recortes de jornais guardados pela minha avó, e dispus tudo em cima da mesa. Reli integralmente as páginas amareladas dos jornais, deixando para o fim as breves que davam conta de um suicídio de uma mulher na Ponte da Arrábida. De seguida, comecei a escrutinar – um a um – os pertences dela. Enfiei as sapatilhas num saco de plástico daqueles transparentes, da fruta e dos legumes, e fechei-as lá dentro, com um nó. Talvez guardassem vestígios de pele da minha mãe. Nas séries, viam-se achados desses, recolhidos com minúsculas pinças, sob poderosas lentes de aumento. Fiz o mesmo com a roupa, da qual acabei por não ter coragem de me desfazer, e enfiei tudo num saco de papel, para entregar à polícia. Só depois me lembrei da peruca de cabelos lisos e compridos, que talvez pudesse conter algum cabelo encaracoladíssimo da minha mãe pelo lado de dentro, e sobretudo da escova que estava junto dela. Uma daquelas escovas largas, de dentes metálicos com umas bolinhas na ponta. A escova estava repleta de cabelos entrelaçados. Não se percebia bem se eram cabelos da peruca, ou se algum poderia ser da minha mãe, mas talvez os especialistas pudessem descobrir. Se fosse como na televisão, seria fácilímo. E todo aquele ritual de preparação das possíveis amostras de ADN foi regando a esperança que brotava em mim, a esperança de poder saber alguma coisa da minha mãe, mesmo que fosse um desfecho trágico.

A esperança aquece os lugares mais frios

Continuo sem trabalhar. Tenho as minhas economias, é facto, mas a situação preocupa-me. Ainda que talvez não tanto quanto devesse, para ser sincera. Hoje, passei a manhã toda a ver fotografias da minha mãe. Ou, melhor, a ver as duas únicas fotografias que possuo da minha mãe. Os cabelos encaracolados davam-lhe carácter. O sorriso, numa delas, era aberto e franco, prometia boa-disposição, alegria e amizade. Mas não sei se ela era ou não assim. A blusa branca parece-me antiquada para a época, mas o contexto – claramente formal – não permite tirar ilações absolutas. Tem ar de ser uma daquelas fotografias feitas no estúdio de um fotógrafo. Na outra imagem, ela aparece mais descontraída, de calças de ganga subidas e T-shirt igualmente branca, larga, com umas riscas brancas e azul-marinho e uns dizeres, metida por dentro dos jeans apertados por um dos cintos com que dei há tempos. A T-shirt é aquela que encontrei no sótão, motivo pelo qual não fui capaz de deitar nenhuma daquelas peças de roupa fora. Entretanto, já entreguei tudo para análise. Eu e mais umas dezenas de pessoas. Não sabia que havia tanta gente a saltar das pontes, aqui no Porto. Não se noticia o assunto, para não plantar ideias nos espíritos fragilizados. E, desses que saltam, são tantos a nunca aparecerem. No caso da minha mãe, a situação é ainda mais complexa, porque nem sequer sei se ela saltou, nem sequer sei se acabou com a vida. O assunto está a mexer comigo. Tanta gente a sofrer há tanto tempo cava dores profundas, mas agora acende-se uma ténue luz de esperança e pomo-nos todos, ansiosos, a olhar o horizonte, à espera de que algo aconteça. Tem sido assim desde que, esta manhã, entreguei os pertences dela e vim para casa pôr-me a olhar as fotografias.

De então para cá, e já caiu a noite, o que tenho feito é tentar lembrar-me dos gestos e do olhar da minha mãe. Aparecem-me os movimentos daquela última noite, a mais triste de todas, se

perspetivada à distância. O que não me surge, e que talvez mais falta me faça, é a voz dela. Não tenho memória da voz da minha mãe, não consigo ouvi-la cá dentro, e não imaginas o quanto isso me entristece. As noites estão quentes como não há memória e eu sinto-me gelada. É claro que se, por acaso, o corpo dela fosse encontrado e se concluísse que ela havia decidido antecipar o fim, eu continuaria sem lhe recuperar as palavras ditas, e voltaria ao desalento, mas a possibilidade de obter alguma informação está a acalentar uma esperança, e a esperança aquece até os lugares mais frios.

Água

Já não corre água nas torneiras cá de casa.

A vidente

Sei que não és muito dada a estas coisas, que és mais da razão, mas não consigo deixar de partilhar contigo a experiência que vivi hoje. Na Rua do Sol, junto à Capela dos Alfaiates, dá consultas uma vidente cujos vaticínios são famosos, pelo enorme acerto, há muitos, muitos anos. Decidi lá ir quando li, algures, que o presidente Pinto da Costa o tinha feito, há uns meses, a fim de descobrir que sorte estava reservada para o FC Porto no campeonato – e, diz-se, que fortuna o esperava a nível de amores. Graças a ele, não só satisfiz uma curiosidade antiga (admito que o tema sempre me intrigou), como também uma necessidade premente de dar paz à inquietação que tem agitado o meu espírito.

À hora marcada, toquei à campainha redonda e encastrada na madeira esmaltada de preto e ela anunciou, com um toque que lembrava os telefones antigos, a minha presença. A alta porta abriu-se com um ruído magnético e, fazendo esforço, empurrei-a até cair numa penumbra húmida. De repente, acendeu-se uma luz automática, ao fundo, junto da escadaria. Do lado que descia para a cave, um letreiro informava: MADAME CONSTANCE. Lá em baixo, o ambiente estava mais quente e o odor era almiscarado. Atravessei a cortina de fios de contas, que batiam umas nas outras, como um espanta-espíritos, anunciando a minha entrada num espaço igualmente aquecido, mas onde reinava um cheiro que parecia ser uma mistura de vários incensos. O chão era alcatifado. A luz débil tremeluzia, mas viam-se cortinados pesados a forrar as paredes. Uma pequena poltrona, idêntica à da minha avó, mas mais baixa e forrada a veludo grená, convidou-me a sentar. Apesar de nervosa, achei que o deveria fazer e ali aguardei, observando uma estante repleta de livros, quase todos de capa dura, e escritos nas mais variadas línguas, com destaque para o francês e para o que me parecia ser árabe. De repente, apressada, uma

mulher saiu de uma sala ao fundo, atravessou aquele espaço – usava extensões e tinha umas botas pretas giras, que eu ando a namorar há muito – e subiu as escadas, sem dizer ai nem ui. Minutos depois, a porta ao fundo abriu-se e uma senhora baixa, gordinha e sorridente disse, com sotaque francês: pode entrar.

Lá dentro, ainda mais livros – alguns de ciência – espalhados por todo o lado e uma luz avermelhada. Não havia janelas e sentámo-nos em cadeiras estofadas, com uma mesa pelo meio. Madame Constance olhou-me nos olhos, sorriu não mais do que um pouco e perguntou: o que é que aflige o seu coração? Como eu balbuciasse, acrescentou: a intuição, uma intuição profunda, é a minha ferramenta de trabalho, mas para me conectar a si e aos seus rudimentos mais primitivos preciso que colabore e ponha cá fora pelo menos uma parte das energias que a inquietam. Intimidada com todo o contexto, comecei a falar-lhe da situação que a cidade vivia, do medo de não voltar a ter trabalho e também da minha avó. Madame Constance tinha cartas e cristais em cima da mesa – uns cristais grandes, de cor púrpura –, mas mantinha as mãos abertas, viradas uma para a outra e um pouquinho para cima. Ouviu tudo sem tirar os olhos dos meus, como se me sugasse a alma, e, por fim, disse: antes de mais, dá-me ideia de que você gostaria de ter outro à-vontade nas relações com as outras pessoas, mas isso é assunto para uma próxima conversa; o que me parece fundamental salientar é que você é muito honesta em relação aos seus sentimentos e tem um espírito muito altruísta, logo é perfeitamente normal que se sinta ansiosa com aquilo que o país e a cidade estão a viver. Depois, pousou a mão esquerda no cristal e acrescentou: é claro que essa humanidade extrema não a obriga a ser perfeita, por isso compreendo que não esteja a conseguir lidar com uma dificuldade coletiva extrema, como a que enfrentamos, logo após uma aparente tragédia pessoal. Mas o que quero dizer-lhe, e que espero a apazigue, é que a sua avó se tornou um ser de luz e está em todo o lado a tomar conta de si. Reencontrar-se-ão no futuro, tenho a certeza disso, e é clara a informação que me chega de que perceberá que ela está muitíssimo bem, a olhar por si. Há, aí dentro, talvez ainda algo oculta, mas não tardará a vir à superfície, uma sabedoria antiga capaz de lhe indicar o caminho demonstrando-lhe que a paz e o amor

serão as únicas realidades que viverá, caso esteja atenta à sua própria intuição. O que estou a dizer faz sentido para si? Sim, sim, respondi, mesmo sem pensar. E acrescentei, mais por boa educação do que por outra coisa: faz todo o sentido. Ela levou as mãos ao baralho de cartas, olhou-o e, depois de um longo silêncio, disse: não há aí mais nada a inquietá-la? Não haverá uma questão crucial da qual não me falou? Indecisa, atrapalhei-me e hesitei bastante, até que me lembrei de ti e decidi dizer: bom, eu gostaria de saber se vou encontrar a minha mãe. Muito bem, respondeu ela, antes de se pôr a lançar as cartas, num ritual que durou uns bons minutos. No final, recolheu-as todas e disse: tudo indica que há um encontro importantíssimo na sua vida para breve; não posso garantir que seja com a sua mãe, mas será um momento que abalará o seu coração. Talvez eu tenha arregalado os olhos e, na verdade, não sei sequer se cheguei a balbuciar alguma coisa para além de obrigada.

Madame Constance abriu uma gavetinha e tirou de dentro dela uma pequena caixa. Abriu-a com cuidado e mergulhou o indicador direito dentro de um pó amarelo, que cheirava a curcuma. De seguida, pediu-me que erguesse o indicador direito e encostou o dedo dela ao meu. Isto é pó cósmico, vindo das montanhas, dos Andes, e permite-me conectar-me a si. Foi recolhido pelos uros, os povos indígenas que os habitam e foi-me enviado por um dos líderes espirituais deles graças à grande amizade que nos une desde há mais de trinta anos. Tudo o que os uros me enviam, como aquela gravura – e apontou para um quadro pousado em cima de uma estante –, tem para mim um enorme valor e é uma das bases da intuição que me distingue e pela qual sou tão procurada. Para mim, e carregou nos rr ainda mais do que antes, aquele quadro é como para si os objetos que guarda da sua avó: talvez uma joia, uma caixa com fotografias ou outras recordações. Aliás, eu gostaria de lhe perguntar se não tem em casa uma ou mais chaves que não sabe a que porta pertencem. Eu respondi que sim, que tinha, e Madame Constance clarificou: pois essas são as chaves do seu coração e do seu futuro. Não tenha medo de se encontrar, nem tenha medo do futuro. Todas as épocas estão repletas de dificuldades e a que vivemos não é exceção. Eu perguntei se já podíamos separar os dedos e ela sorriu, antes de dizer: sim, agora já

estamos energeticamente ligadas. É provável que, durante todo o dia de hoje e a manhã de amanhã, vá sentir uma certa presença, como que uma companhia. Não se assuste, serei eu a acompanhá-la. Espero que não se incomode com isso... se preferir, posso quebrar a nossa conexão... Não é preciso, respondi, antes de continuar a ouvi-la garantir-me que tudo ficaria bem. E, sabes, não foi mau ouvir aquelas palavras.

À saída, paguei-lhe os sessenta euros e, logo depois, enfiei-me na Capela dos Alfaiates. Rezei um pai-nosso, uma ave-maria e, para finalizar, uma breve oração a Cristo, ensinada pela minha avó e que ela me pedia para repetir todas as noites: Menino Jesus, pegai-me na mão, que eu sou pequenina e caio ao chão.

ADN

Adianto-te já, até para não ficares a ansiar por uma resposta, como eu e ele ficámos, o desfecho das demoradas investigações ao ADN dos corpos encontrados no fundo do rio e às amostras cedidas por dezenas de famílias e pelo Dr. Belarmino e por mim, em particular.

Ao contrário do que a rápida descoberta de um crânio humano chegou a fazer supor, o fundo do rio não estava pejado de pessoas sepultadas no lodo. Foram encontrados três ou, melhor, que horror, dois corpos e meio no fundo do rio Douro. Um debaixo da Ponte Luís I, outro perto da Ponte da Arrábida e meio corpo, que arrepio, no trajeto entre a Ponte do Freixo e a Ponte de São João, que é aquela onde passam os comboios e que substituiu a Ponte Dona Maria I, que continua de pé, mas desativada. Esse meio corpo foi imediatamente identificado, graças a uma pulseira, e era, nem consigo conceber, de uma criança desaparecida há vários anos, um caso bastante mediático. Os outros dois corpos, ou o que deles restava, dado que – de acordo com instâncias oficiais – o que se havia encontrado eram apenas ossos, os esqueletos de duas pessoas, não correspondiam ao código genético de nenhuma das vinte e sete amostras cujas famílias (algumas de bem longe do Porto, como uma de Santarém, outra da Covilhã e uma até da Galiza, perto de Lugo) haviam entregado às autoridades. Todas ansiavam pela resolução dos seus mistérios particulares, pelo apaziguamento de dores e pela chegada de alguma paz. Era sempre essa a palavra que referiam: paz, queremos paz.

Portanto, não foi no fundo do rio que encontrei resposta para o desaparecimento da minha mãe. Nem eu nem o nosso querido Dr. Belarmino, que por aqueles dias era o rosto de um desalento antigo e profundo. A verdade é que não estou com energia suficiente para me deixar abater muito. Ando há vários dias com uma constipação teimosa (não é Covid), o que é particularmente terrível com o calor

que tem estado, dado que não consigo respirar bem. Quando era pequena, a minha avó dava-me Vinho do Porto Quinado (a garrafa dizia Porto Quinado Vitaminado), porque, se servia para matar a malária, como era de comum conhecimento, também haveria de me livrar de gripes, otites, constipações e dores de barriga. O bom vinho faz bom sangue, dizia. Tudo vai dar à minha avó, verdade seja dita – ou, como ela diria, a verdade manda Deus que seja dita. Até porque Deus ajuda a quem se ajuda. E, já se sabe, em ajudas e apostas leva o Diabo às costas. Poderia continuar nisto pela noite fora, mas não te maçarei mais. Ficas com a informação de que nada se descobriu, guarda-a para ti, não a comentes sequer comigo, porque vou tentar esquecer o assunto, enquanto curo esta constipação. É como se fosse um segredo nosso, mas daqueles que nem nós próprias referimos. Aliás, guardemo-lo bem, porque segredo de dois é segredo de Deus e segredo de três o Diabo o fez.

União e solução

Quase parece que o tempo voltou para trás e que somos de novo miúdas. Era bom que o tempo nos oferecesse essa possibilidade de reencontro com uma situação menos aflitiva e com as pessoas que nos faltam. Vim para a beira-rio bem cedo e trouxe o meu caderno. O que vejo aparenta ser, de facto, de outro tempo, da época em que nos estendíamos ao sol, muitas vezes só de cuecas, nas areias finas e macias de Lordelo do Ouro. Como não há perspectivas de que o rio volte a correr tão cedo, apesar de quem nos governa estar sempre a dizer que estão a ser levados a cabo todos os esforços no sentido de normalizar a situação, e dado que o calor está para ficar, conforme indicam os meteorologistas, as autoridades resolveram abrir o acesso a algumas partes do leito do rio. Por isso, hoje, de Massarelos para baixo, centenas de pessoas aproveitam o areal, nas zonas livres de lixo, para fazerem praia. A televisão, que atualmente vive em permanente direto das zonas ribeirinhas do Porto e de Gaia, entrevista algumas. Tomo nota do que ouço, enquanto recebo no rosto os raios quentes. Dizem adorar a solução, porque ali, resguardadas pela cidade que se ergue sobre colinas rochosas, não sofrem com a nortada, o frio vento norte que assola as praias marítimas do Porto (e de todo o Norte do país) mesmo quando no centro da cidade o calor abafa narizes e bocas.

Há ânimo nos rostos. Aliás, ao que parece, o povo do Porto tenta organizar-se, de modo espontâneo, através da internet, para resolver uma questão absolutamente fundamental. Passamos a vida toda a desejar que as coisas sejam de outro modo, mas quantas vezes partimos de facto para a ação? Já se criaram grupos de WhatsApp e no Facebook, para além de publicações nas demais redes sociais, apelando à participação. Milhares de pessoas partilharam os reptos com familiares, amigos e outros contactos. A ideia é garantir que o

imprescindível acontecerá, que, dentro de duas noites, terá lugar no Porto, com normalidade, o festejo mais ornado de alma humana, a festa das festas: o São João. Ninguém pensa na irremediabilidade do problema, todos parecem estar determinados a agir, a colaborar. Além de veraneantes que improvisaram praias, nota-se as pessoas a unirem-se. Percebo o espírito. Começo, até, a senti-lo. Mas que carago haveremos nós de fazer?, tantas vezes a cidade foi cercada, tantos anos sofreu com fome e pestes, se não há água, rega-se o São João com vinho e com cerveja, se o Douro não corre, corremos nós, se das Fontainhas à Foz não o vemos, bebemos mais até o vermos, ou pensamos nele até nos lembrarmos, ou rezamos e chamamos por ele até que surja, se desentranhe das terras e nos acuda, caia do céu como o fogo de artifício que pinta esta noite, que venha de algum lado, se quiser vir, porque Porto sem rio não é Porto, mas ainda assim não morre, não morre nunca, mesmo que o rio se esqueça de vir ou seja impedido de chegar.

O presidente da Câmara acaba de dizer, nos noticiários da hora de almoço, apreciar muito o esforço coletivo e solidário dos portuenses, antes de acrescentar ter chegado a acordo com o ministro da Administração Interna para a criação de brigadas populares de limpeza, coordenadas pela Proteção Civil, com o apoio da Polícia Municipal e dos bombeiros, para a limpeza do leito do rio. Todos os portuenses querem celebrar o São João, mas nenhum o quer fazer virado para um rio seco e cheio de lixo. O rio sempre foi motivo do nosso orgulho, não pode agora ser razão da nossa vergonha. A situação é complexa, disse, mas temos a nossa dignidade. Apelo, por isso, à colaboração de todos quantos queiram ajudar e peço que ela aconteça dentro das fundamentais regras de cooperação, civismo e urbanidade.

Ali, no fundo do rio

São agora duas e meia da tarde e já começaram os preparativos para o São João, ao mesmo tempo que a cidade se atira ao leito do rio, para as limpezas. E que raio estou eu aqui a fazer, sentada, a ver e a escrever? Estive a ler uma crónica antiga, sobre uma greve dos profissionais do setor funerário, em especial dos coveiros, e a leitura agitou-me. Nos anos 30, os referidos trabalhadores reuniam-se em assembleia na casa de pasto Atraca'Douro, em Massarelos, e – em mais do que uma ocasião – decidiram-se por greves que levaram ao trágico retomar da tradição dos enterros fluviais. Sem gente para os enterrar, carroças disponibilizadas pela autarquia transportavam os caixões até um cais, onde eram enfiados em barcos rabelos, dos quais eram depois jogados à água – cabeça primeiro, pés depois. Muitas vezes, sobretudo no caso de mulheres e crianças, enchiam-se os caixões, ao redor dos defuntos, com areia, para garantir o afundamento. Era o retomar de uma tradição frequente após batalhas, como as do Cerco do Porto, ou as Lutas Liberais. O relato do historiador Arnaldo Orlando de Sousa é tão vívido, que me pôs a questionar se não serei melhor cronista destes dias se participar no que estamos a enfrentar, ao invés de ficar em casa, a assistir pela TV e a cretinos, como agora mesmo vi, incentivados por um político populista, a negarem as alterações climáticas e criarem cenas de pancadaria à porta da Câmara Municipal.

Por motivos bem melhores, felizmente, há gente por todo o lado, mostram as imagens captadas por drones. Milhares de pessoas acorrem ao rio, o trânsito está cortado, mulheres, homens e também crianças descem aos magotes, trazem luvas calçadas e sacos de lixo, dizem os repórteres, são rios e rios, não de água, mas de gente, cidade abaixo, Rua Mouzinho da Silveira, Rua do Comércio do Porto, Rua de São Pedro de Miragaia, Escadas das Sereias, Calçada de Monchique,

Rua da Restauração, Rua de D. Pedro V e por aí fora, até à Foz. Depois da procura de tesouros feita em galochas, as pessoas calçam agora sapatilhas e vêm de calças de ganga, apesar do calor extremo, por recomendação dos coordenadores da iniciativa. As Câmaras do Porto e de Gaia mobilizam meios para recolher o lixo. Nos dias anteriores, o exército retirou os objetos maiores, como automóveis e destroços impossíveis de recolher à mão, e agora carrinhas de caixa aberta e camiões do lixo levam aquilo que as pessoas energicamente apanham. O que se vê são milhares de pessoas a trabalhar em conjunto. Num ápice, grande parte das duas cidades, cujo sangue invicto dos antepassados protegeu, mobilizou-se para limpar o fundo do rio. O rio que é nosso. Sabes que mais? Vou participar também, retomo a escrita noutra altura.

Os dias mais loucos

Foi uma experiência e tanto. A dada altura, olhei para o lado e algumas pessoas comiam uma bucha entre o trabalho. Outras traziam guarda-sóis, para se abrigarem na pausa, e sacavam de marmitas. Um casal surgiu depois com um fogareiro. Uma mulher, grande e de cabelo curto, trouxe uma bacia azul, cheia de sardinhas, um homem baixinho apareceu com um saco de febras e dois pimentos equilibrados nas mãozinhas. Alguém trouxe latas de cerveja. E isto sucedeu por todo o lado, até que, de repente, surgiu a ideia, disseminou-se não se sabe como, simplesmente ocorreu a alguém, ou a várias pessoas, e passou de umas para as outras, de não só se limpar o rio, que é o cenário de todo o São João, mas também de, este ano, se festejar o São João ali, no fundo do rio seco. Não vamos limpar isto só para ver, vamos limpar para usar, dizia um. É como em casa, o asseio é para ser vivido, não é para ser olhado, acrescentava uma mulher mesmo ao lado. E, com mais ânimo ainda, já comido e bebido, o Porto que se avista do rio, outrora um barrocal inóspito, mais todo o outro que para ali correu, deu as mãos e, em parceria com Gaia, limpou tudo quanto se via.

A ideia de usufruto do trabalho alastrou de tal modo, que as autarquias das duas cidades não quiseram contrariar a vontade popular e deram início a conversações com o Governo, com vista à criação de condições de segurança para que, no dia seguinte, os foliões pudessem movimentar-se em segurança no leito do rio. Uma parte do trabalho, e que tem que ver com a limpeza, explicou o autarca de Gaia, já está a ser feita por nós e pelas populações das duas cidades. O resto será assegurado pelos municípios, em conjunto com as autoridades competentes, que têm sido inexcusáveis desde que a tragédia aconteceu e na forma como estamos a viver este estado de emergência. O presidente da Câmara do Porto concordou e, dirigindo-

se aos respetivos munícipes, disse que estavam a começar dois dos mais intensos e extraordinários dias da História do Porto. Eu, que escrevo esta parte a posteriori, diria de outra forma: aqueles foram, provavelmente, dois dos dias mais loucos da História da cidade, como te contarei adiante.

O pulsar das festas

Quero apenas partilhar contigo que perdi a conta às vezes que me verguei, para apanhar lixo, sobretudo plásticos, mas não me cingi a determinada zona, percorri uma grande extensão do leito. Onde estive mais tempo foi no lugar em que já não se ouve o cachoar do rio da Vila a desaguar no Douro – e onde outrora cresciam carvalhos e castanheiros, coisa hoje difícil de imaginar, mas que explica a existência de uma Rua do Souto. Este momento de mudança faz-me pensar noutros tempos, recordo-os com nostalgia, mesmo não os tendo vivido senão através dos livros. Fui até à ribeira da Granja, onde noutra época havia casebres entre hortejos. Do lado de lá, em Vila Nova de Gaia, viam-se apenas bosques, arvoredos densos. Ao fundo, ondeava aquele que, como a guerra, tirou ricos filhos a mães agoniadas. Se as barcas não passavam pelo estreito corredor por onde o mar não quebrava, se não chegavam ao Porto, elas iam então procurar os moços a Leixões, rezando e rogando ao Senhor dos Navegantes, na esperança de que estivessem vivos, de que não tivessem sido apanhados pelas vagas.

Dizem os historiadores que o Porto primitivo, o de há oitocentos anos, era apenas o Morro da Sé, um humilde lugarejo, e que, quando foi muralhada, a localidade não ocupava mais do que uma área equivalente a quatro campos de futebol. Escrevendo sobre o Porto do século XIV, Alexandre Herculano disse ser terra de gentes com destinos humildes, se comparados, e cito, com os da teocrática Braga, os da cavaleirosa Coimbra, com os de Santarém, a cortesã, com os de Évora, a romana e monumental, com os de Lisboa, a mercadora, guerreira e turbulenta. Mas salvaguardou que o fermento da sua futura grandeza estava no carácter dos seus filhos. Pois esse cunho esteve bom de ver neste dia histórico. Hoje, encheriam mais do que quatro estádios do Dragão as pessoas que acorreram ao Douro para lhe devolver a

dignidade necessária e merecida. Afinal, por vontade própria, ele nunca falhou à cidade; merece, por isso, ser cenário e protagonista. Vai ser observado, lá do alto, pela Sé e pela Torre dos Clérigos, no topo do Monte da Vitória, outrora Monte do Olival. Vai, não restam agora dúvidas, exhibir como nunca aquilo a que Eugénio de Andrade chamou a pulsação febril e pagã das suas festas.

Como um orgasmo muito múltiplo

Neste dia, é sempre assim: de repente, o cheiro a carvão toma-nos conta do nariz e ficamos a saber – por mais que já o soubéssemos – que é São João. Entre cada dois carros, um fogareiro: uns, pequenitos, baratuchos, comprados nos supermercados, ou nas lojas de chineses; outros, maiores, quase sempre improvisados, em muitos casos a partir de barris de óleo cortados a meio. A todo o instante, passa gente com pesados sacos a tilintar, ou carregando caixas de minis. O cheiro dos manjericos, expostos em bancadas que os dispõem consoante o tamanho e o preço – cinco euros os pequeninos, dez os médios, quinze os grandes e vinte os de exceção. Duram até ao Natal, dizem sempre as vendedeiras. De repente, o que há pouco era promessa concretiza-se e sentimos o cheiro delas. Quilos e quilos de sardinhas, por toda a cidade, alinhadas, cabeça para um lado, rabo para o outro, prontas para serem estendidas nas grelhas, sobre as brasas preparadas com cuidado e mestria por especialistas que as sopram, abanam e borrifam, para aquele momento em que a cor de prata se enfarruscará no ritual do apuro do sabor. A partir do instante em que a primeira começar a lançar o perfume tão esperado, vai ser um contínuo assar, mas não só de sardinhas, também de pimentos, febras, entremeada, frangos e até de espetadas, que desde a manhã se deixaram a marinar em grandes tachos, ou bacias. Por toda a Sé, mesas encostadas às paredes expõem louça de barro, retirada dos armários para a ocasião. Aos poucos, vão-se enchendo de rissóis, croquetes e bolinhos de bacalhau, ou ficam a aguardar o caldo-verde, tal como a broa já cortadinha, que descansa sobre guardanapos abertos, em tabuleiros de plástico castanho, mesmo ao lado de tigelas cheias de azeitonas verdes ou pretas. Torres trazidas do interior dos cafés e tascos lutam contra o calor, para manterem a cerveja fresca. Copos de plástico empilham-se de pernas para o ar, à espera dos clientes sequiosos de finos, este ano mais caros, por

escassez da mais básica matéria-prima. Em cada esquina, há bancas onde se vendem coloridos martelos, pequenos e grandes, todos com apitos, a três euros os maiores, dois os pequenitos, ou todos a cinco para os camones, que não manjam nada, ou até mesmo a dez, depende do cromo e da carteira. Alguns querem pagar com cartão e os vendedeiros, esfregando o polegar e o indicador, como quem chama um gatinho, explicam: só com dinheiro, amigo, só com dinheiro. Se insistem, seja por teimosia, ou por bebedeira, ainda os mandam passar o cartão nas nádegas, ou enfiá-lo na peida. Colunas penduradas nas paredes debitam a altos decibéis a voz da cantora algarvia Corina, acompanhada por orquestra dirigida por Shegundo Galarza: ai, eu não sou alfacinha / nem de outra terra do Sul / a minha terra é do Norte / tem ao fundo o recorte / do mar e do céu azul / tem duas pontes de ferro / tem uma torre a brilhar / a minha terra tem vida / é uma gaiata garrida / num arraial a cantar / eu sou tripeirinha da terra de São João / trago inteirinho o Porto no coração / eu sou tripeirinha e o Porto é o meu amor / eu sou tripeirinha, sou tripeira, sim, senhor.

Mulheres – sempre de bata, como a minha avó, ou de avental – vendem lanches e pães com chouriço. Têm cabelo curto e uma idade indecifrável. Parecem velhas, mas nunca o são. Faltam-lhes alguns dentes, arrastam nos chinelos os pés rochosos, avançam pela calçada de pernas hirtas, como dois troncos. De repente, um porco no espeto, rodopiando sobre o fogo, para logo mais começar a ser fatiado, aos poucos, sendo a carne enfiada naqueles baldes transparentes de azeitonas, ou tremoços, com o molho preparado de manhã e apurado ao longo da tarde. Na Ribeira, para além da música popular, ouve-se também funk brasileiro. A rivalizar com o clássico ó meu São João / ó meu São João / tu anda pra rua / e traz um balão / ó meu São João / ó meu São João / tu anda pra rua / ó meu folião, toca o êxito Bumbum Granada. Vendem-se caipirinhas e mojitos, ao lado de bancas de cavacas e biscoitos tradicionais variados. Alguns homens urinam enfiados no Postigo do Carvão (mais logo serão dezenas, a chapinharem na porcalhice que fazem). Betas arrependidas de terem trazido calçado inadequado, ou tops caikai que têm de estar sempre a puxar para cima, exibindo as marcas de biquíni trazidas de fins de semana no Algarve, bebem shots de tequila. Grupos de jovens passam

carregando garrações de água cheios de bebidas avermelhadas com fruta a boiar, fermentando ao sol. Outros sacam garrafas de dentro das mochilas, alguns arrastam tróleys. A todo o instante, leva-se marteladas na cabeça, sendo certo que a frequência aumenta com o passar das horas e com a desinibição oferecida pelo álcool. Também por isso, a melhor altura do São João é ao fim da tarde, quando ainda não está escuro. É a hora a que comem os músicos, os técnicos e os operadores pirotécnicos que animarão a noite. Antes disso, torrentes de gente inundam todas as artérias da cidade descendo até ao mais baixo que se pode descer, este ano mais baixo ainda, o rio sem água, vários metros abaixo do limite habitual.

Do outro lado, não é diferente: veem-se as pessoas a formigar em festa, e pela primeira vez atravessa-se a pé fora da ponte. O que neste ano é distinto é a quantidade de portugueses. Ouvem-se menos outras línguas, é claro, dado que os turistas há várias semanas que pouco vêm, só estão os estrangeiros que cá moram, e não são poucos, mas os turistas costumam ser ainda mais, sobretudo nesta altura de festa, por isso parece que os portugueses são mais, e se calhar são, porque toda a gente quis vir ver o rio, ou a falta dele, e festejar em conjunto o facto de estarmos vivos. É aproveitar este ano, porque para o ano não sabemos. O pior, ouvi, é amanhã não termos água para curar a ressaca. No Porto, todas as ruas se derramam até ao rio, já se sabe, mas este ano a cidade desceu até Miragaia muito mais cedo, todos quiseram ver o acidente e participar na festa. Um delírio coletivo que eclodirá à meia-noite, como um orgasmo muito múltiplo, uma euforia que ninguém poderá controlar, porque – trau, trau, trau – o foguetório começará e o povo, já se sabe, o povo ouve e sente e gosta, é o São João que vem das entranhas, a festa que nasce em cada um, uma energia própria que toda a cidade sente, sem saber de onde vem, ou sequer se lembrar de tentar explicar, porque é nosso, é de todos, é o São João, ninguém nos pode tirar esta noite, nem estas sensações só nossas, somos felizes assim, carago, somos do Porto, carago, viva o Porto! Trau-trau-trau-trau-trau!

Não há mais nada a fazer

E então, inflados, os balões começam a subir aos céus, e são sempre muitos, aclarando o manto escuro, tornando-o quase azul. Centenas de pontos brilhantes, constelações criadas por nós, elevam-se em direção às criadas por Deus. O efeito é glorioso, as pessoas disparam com os telemóveis e enviam as fotografias aos primos e tios e amigos e mulheres e outros entes desses a que se chama queridos e que estão noutras geografias. Bom São João!, escrevem. Os olhos das crianças cintilam, as mãozinhas batem palmas, as mães abraçam-nas. Mas os disparos fotográficos parecem ter outros efeitos e, aos poucos, alguns balões extinguem-se no ar. As crianças ficam tristes, umas choram, veem-nos começar a descer, coloridos, alguns em chamas, alaranjados, vermelhos, cheios de um lume que depressa se vê em todo o lado, porque está sobre as nossas cabeças, a desenhar no céu negro.

Ciente da importância que aquele momento tem para a cidade, a Câmara mandou os camiões dos bombeiros municipais abastecerem as cisternas no mar, e estarem, como sempre, a postos para qualquer eventualidade. Não há São João sem pequenos incêndios. São foguetes que rebentam onde não deveriam, são balões que caem em erva seca, ou no meio de lixo, ou até em varandas onde está roupa a secar – já aconteceu e correu mal. Mas, por norma, quando os próprios cidadãos não o conseguem fazer, os bombeiros aparecem e resolvem. Gosto muito dos bombeiros. E nesta noite não lhes falta trabalho, porque em cada pátio há um balão e, por conseguinte, não faltam novas tentativas para animar toda a gente. Isqueiros, velas e fósforos acesos, tudo o que, em delírio pirómano, possa dar corpo ao novo e contínuo levantar redondo daquela alegria partilhada que não precisa de ser mais do que isso, é o São João, cheira a sardinhas, somos assim, vibramos porque a festa é nossa, e o resto que se lixe (a palavra é

outra, mas já te escrevi demasiados palavrões). Há que festejar a noite inteira, brindar ao São João é brindar à vida e à amizade, mesmo que a amizade seja só naquele momento, e que a vida seja bem pior – é sempre muito pior – do que naquele momento. E então brinda-se e dança-se, abraça-se quem nunca se abraçou. Não há mais nada a fazer, o que interessa é festejar, é viver, nem há tempo a perder, o que conta é aproveitar, que a manhã chega depressa. Homens urinam contra as árvores, quando as há, mulheres abaixam-se atrás dos carros, e depois volta-se a brindar, e é assim na Sé, nos Guindais, nas Fontainhas, na Cordoaria, em Miragaia, ou na Cantareira, é assim enquanto em todo o lado se ouvir aquilo a que a minha avó chamava a música de dançar, e enquanto houver bebida que não água, que este ano não há mesmo.

É assim que vai ser mais logo, ainda que desta vez vá ser muito diferente para todos e também – por outro motivo – para mim.

Regresso a casa

Quando a tarde se pôs a fugir, e temendo que a noite estivesse com tanta pressa de chegar como os foliões, decidi voltar a casa. Não havia autocarros lá por baixo – o trânsito estava cortado, como é normal neste dia –, por isso fiz o que já sabia que faria: subi até São Bento, para apanhar o comboio até Campanhã e daí seguir de autocarro até casa. Pelo caminho, incontrariáveis, a vontade e a saudade levaram-me de novo a passar pela Sé. Discretíssima, tu foste comigo, como tens ido sempre, e isso ajudou-me a fingir que me dirigia para lá como se regressasse a casa, ao invés de estar de passagem. Como é possível ser-se turista no local onde toda a vida se viveu, ou ser visita na própria casa? Era isso que eu sentia à medida que entrávamos na Sé. Ainda bem que estavas comigo, Luísa Fragata. Só tu sabes o quanto me feriu ver o nosso prédio entaipado. Eu sentia a dor e escrevia-a no telemóvel, como se falasse contigo. Que desgosto, que aflição, que mágoa tão grande tomam conta de nós quando vemos desaparecer o passado, quando constatamos o fim da nossa própria história. Como fui anotando, o próprio Largo da Pena Ventosa parecia-me pesaroso também e, apesar da música que se ouvia, e de toda a movimentação, com gente acima e gente abaixo, tudo tinha um ar soturno.

Até que sinto uma mão no ombro e ouço: bendito seja o Senhor, que te trouxe de volta, rapariga! A voz inconfundível da D. Lisete nem teve tempo de dizer mais nada, porque nos abraçámos muito. A partir daqui, já tenho de te contar, porque, como sabemos, tirando uma ou outra nota que tomo, tendo a esconder-te sempre que não estamos sozinhas. Olha para ti, disse, por fim, a D. Lisete, emagreceste nestes dias, aposto que não tens comido nada. Eu procurei alegar: ainda anteontem estivemos juntas, D. Lisete, não posso ter emagrecido... Chega aqui, que acabei de fritar uns bolinhos de bacalhau de categoria. Mas eu não estou com fome, voltei a tentar. Está bem, está

bem, já sei que vais para casa, que está a ficar de noite, já sei, já sei, mas é uma pena que vás agora para aquele desterro, assim sozinha, passar o São João. Não queres ficar aqui com a gente? Eu disse-lhe que não, mas, como sempre, não expliquei que não estaria sozinha, que te teria comigo. Vi a tristeza no rosto dela. Come ao menos um caldo-verde, que já está pronto. Foi feito com água da fonte, acrescentou, baixinho. E levas uma febra dentro de um pão. As sardinhas é que ainda não as assámos, mas vão já a seguir. Aceitei e comi depressa, porque escurecia. Ela contou-me da obra no nosso prédio – parece que é para turismo, disse –, não se poupando a pormenores. Dizem que é coisa de categoria, menina, e que até o chão vai ser aquecido e que as casas de banho vão ser em mármore. Mas eu encontrava-me tomada por um estado taciturno, ao sentir que já não pertencia àquele lugar, e por uma urgência cada vez maior de regressar antes que anoitecesse. Por mais que eu estivesse também contente por a reencontrar, a ansiedade crescia, vinha aí o fantasma do escuro. Era imperioso regressar, por isso bebi o caldo-verde, deixando muitas das couves no fundo, e peguei no pão onde dormia a febra, não sem antes agradecer muito à D. Lisete, quase tanto como a abracei, para lhe dizer melhor o quanto gostava dela. Tens a certeza de que não queres ficar aqui connosco? Ficas dentro de casa, eu acendo as luzes todas e ligo o televisor. Escusei-me muito e saí.

Quando, finalmente, cheguei a casa, pus-me a ver o São João pela televisão, no Porto Canal, enquanto arrumava umas coisas, até que o telemóvel deu sinal. Peguei-lhe, abri o WhatsApp, depois li a mensagem – que era de um número desconhecido. Dizia assim: Olá! A D. Lisete disse-me que vais passar o São João sozinha, na tua casa nova. Eu também estou sozinho e, como este é o primeiro São João que passo no Porto, gostava de ficar a saber como é. Se quiseses ir comigo... Beijinhos. Carreguei na fotografia de perfil, para confirmar a hipótese que, por vergonha e superstição, não queria formular, mas que a minha intuição tinha levantado, muito ao de leve, por total incapacidade de crer que, num momento tão difícil, a felicidade pudesse bater-me à porta. Mas a imagem não enganava e o meu coração disparou. O que agora aqui registo comecei a escrevê-lo no telemóvel, poucos minutos depois de ler a mensagem e confirmar a

identidade do remetente, para me acalmar. É claro que não vou, já é de noite – foi a primeira coisa que me ocorreu. Mas, sobretudo, não esperava – não esperava mesmo, acredita – uma mensagem d’O-da-Pastinha. Não digo que não tenha gostado de a receber. Gostei. Lembrei-me logo do que disse Madame Constance. Mas é de noite, eu não ando na rua à noite, disse para mim própria. Vai pensar que sou antipática, está a pedir-me para o guiar na estreia dele no São João e eu vou dizer-lhe que não. Por outro lado, se eu aceitasse, se eu fosse, também seria a minha primeira noite de São João. Mas não posso ir, é de noite. Vou mas é enfiar-me no sofá a ver a festa. Agradeço o convite, digo que já tenho planos e fico por casa.

Noite

O caminhão e os homens do lixo faziam uma primeira ronda de recolha após os jantares de São João. E, não sei ao certo porquê, mal o vi, voltei a entrar em casa e dirigi-me ao canto onde, empilhados, têm repousado vários caixotes trazidos da casa da Sé, à espera de que eu me decida a arrumá-los. Peguei num deles, não demasiado grande, e que por acaso já tinha embrulhado num saco de lixo, para que não se lesse, durante a mudança, o que nele estava escrito. Era a caixa de que já te falei. Nem vou repetir o que dizia. Deves lembrar-te. Quando cá chegou a casa, também não lhe quis despir o fato preto, para não ter aquelas palavras, sempre prontas a morderem-me ferozmente, a atirarem-se-me aos olhos. Talvez te perguntes por que motivo eu conservava tal coisa, se era algo que me magoava. Não serei capaz de te dizer. O que te garanto é que, naquele momento, peguei nela, embrulhei-a em mais dois sacos do lixo, que amarrei com toda a força, descí as escadas e, mesmo sendo já noite, saí pela segunda vez à rua, direta ao caminhão. Perguntei aos senhores, quando estes se preparavam para encaixar mais um contentor no caminhão, a fim de ser erguido, virado de rodas para o ar e sacudido, se podia atirar aquilo diretamente para dentro do tragadouro. Queria certificar-me de que ninguém apanhava o caixote e de que ele seria devorado por inteiro pela boca imensa daquele caminhão azul.

Aquilo – desculpa a insistência no pronome, mas não quero nomear algo que pode fazer-me tanto mal – não era pesado, mas sair-me das mãos, livrar-me de tal coisa, revelou-se a mais eficaz das dietas. Perdi toneladas e senti-o mal comecei a caminhar. A temperatura estava muito agradável, mas arrepiei-me quando, logo de seguida, formulei mentalmente a expressão noite agradável. Era noite e eu estava na rua. Mas, por estranho que pareça, não me sentia mal, habitava-me apenas uma ânsia muito ligeirinha, um nervoso que não era mais do

que um formigueiro. Ao cabo de poucos metros, cruzei-me com um homem que, ele sim, metia medo. Era já entradote e tinha olhos negros e cabelo cor de céu nublado. Acelerei o passo. Os transportes públicos estavam ao dispor dos utentes durante toda a noite e não havia tempo a perder. Felizmente, as ruas de hoje são bem mais iluminadas do que as que refiro quando falo aos turistas do Porto antigo e escuro.

Quando saí da Estação do Metro, em São Bento, ia tomada por uma inquietação maior, até porque ficara de lhe enviar uma mensagem nessa altura. Porém, dar de caras com a catedral e com os telhados do bairro da Sé desenhou-me um sorriso largo na alma, que se animou. Quase nem dei conta de que era noite, para te dizer a verdade. A Lua mostrava-se minha amiga e a quantidade de gente na rua pintava um cenário que nada tinha que ver com o que normalmente é o traçado pela noite – escuro, vazio, inóspito e inseguro. Senti-me orgulhosa de mim mesma, recordando-me do que todos os anos acontecia: a noite começava a empurrar o dia e eu ia-me aproximando de casa; quando o céu já tinha pouco de azul-celeste e começava a mostrar-se azul-marinho, ameaçando enegrecer de vez, eu subia as escadas e refugiava-me dentro de quatro paredes. Passava então a ver o São João por um televisor a três dimensões chamado janela, inclusivamente o fogo de artifício que pintava o firmamento.

Foi embrulhada nestas ideias que, depois de levar dezenas de marteladas na cabeça, caí de novo nos braços da D. Lisete. Ela tinha na mão um copo de sangria e abanava-se ao som da música, de chinelos de trazer por casa, sobre as pedras da calçada. Quando me viu, exclamou: carago, eu sabia que haverias de te fazer mulher! E capturou-me com tal vigor, que me molhou as pernas com sangria (um pedacinho de pêssego em calda entrou-me mesmo para uma das sapatilhas). A restante quis dar-ma a beber: pega, filha, bebe, bebe, que só te faz bem! Conversámos durante uns minutos, fizemos um brinde, e depois ela levou-me as palmas das mãos às faces, apertou-as um pouco, tremendo tanto delas quanto da voz, e disse: a tua avó, que Deus Nosso Senhor a tenha, de certeza que está muito orgulhosa de ti, Beta. Está a olhar por ti lá de cima, podes ter a certeza. E agora vai à tua vida, que o moço está mais nervoso do que eu sei lá. Já veio cá

abaixo fumar três ou quatro vezes e depois desata a correr para cima, para ir lavar os dentes. Diz que não quer estar ao pé de ti com mau hálito e, da última vez, até já disse que estava a pensar deixar de fumar, tu vê lá!

O milagre de São João

Poupo-te à cena em que, tendo ele descido, nos vimos e cumprimentámos, porque teve apenas a forma da atrapalhação e o tom do acanhamento. No entanto, fica sabendo que, à vergonha inicial, depressa se seguiu a desenvoltura com que por norma falo daqueles lugares. Uma vez que não me sentia à vontade, pensei: vou fazer de conta que ele é um turista. E assim fiz. Tal como, de resto, havíamos combinado, se bem te lembras, mesmo sabendo – um e outro – que não nos juntávamos pelas mesmas razões pelas quais, diariamente, eu me encontrava com os viajantes que se tornavam meus clientes. Mas nada disso interessava, dado que toda a aproximação amorosa e toda a sedução tendem a dar-se em contexto de jogo e de encenação – está nos romances.

No entanto, foi ele que se adiantou em matéria de conversa, informando-me de que era de Lisboa (como se eu já não soubesse) e que era professor, mas logo foi interrompido pela D. Lisete, que se nos pôs a desejar bom passeio, bom São João e que ele tomasse muito bem conta de mim, coisa mai rica e linda de toda a Sé do Porto! Ele garantiu que sim e fitou-me com evidente vontade – ou pelo menos foi isso que desejei. Eu quis corresponder-lhe, olhando-o de modo equivalente, mas, por timidez, não executei mais do que o pensamento. Ao ouvido, a D. Lisete disse-me – enquanto ele, por educação, fazia de conta ter algo para verificar no telemóvel – que talvez não fosse empreitada fácil, mas que torcia muito pelo nosso consórcio. E que São João iria ajudar, porque era da natureza dele favorecer casamentos. Depois, riu-se muito e mandou-nos embora – ide, ide, que a vida não espera!

Estou com muita vontade de perceber que semelhanças e diferenças há entre o São João e o Santo António, disse ele, para retomar a conversa. Mas eu nem tive oportunidade de responder.

Esperai, esperai, meus filhos! De braços erguidos, a D. Lisete, chamava-nos: vinde cá, vinde cá! Nós tínhamos descido dois ou três dos degraus, e ela subido outros tantos, que compõem o acesso ao Largo da Pena Ventosa. Quando nos aproximámos, havia já um círculo em redor dela, que gritava: olhai todos, que é milagre de São João, é milagre de São João! E, tendo disto isto, abaixou-se diante da fonte, que pingava, abriu a torneira e fê-la jorrar água! Depois, continuou: esta fonte estava seca há um ror de anos, mas hoje voltou a dar água e isso só pode ser milagre de São João! Beta, filha, tu sabes que esta água é fresca e pura! Bebei, bebamos todos, meus filhos! Eu e ele bebemos um gole cada um, as pessoas começaram a aproximar-se, a encher copos de cerveja, algumas trouxeram garrafas, começou tudo a acotovelar-se, as cabeças a encostarem-se, as bocas sequiosas a aproximarem-se da bica, a sede das pessoas parecia que crescia, por isso demos alguns passos para trás, afastámo-nos, mas todos pareciam tomados por um transe de avidez, já havia até alguns puxões, mas lá no meio, baixinha, a D. Lisete comandava as tropas e gritava: chega para todos, chega para todos! Esta água nunca nos traiu e, se São João e Deus quiserem, nunca nos há de faltar! Bebei, bebei! E as bocas e os lábios sedentos quase se tocavam, toda a gente queria água, parecia uma festa com cerveja grátis, mas o interesse estava na água, era de pândega de água, porque toda aquela gente, cada vez mais gente, o que queria era água, água, água! E a D. Lisete, mergulhada naquele mar de desejosos, acabou por assomar e dizer: ainda bem que dei cabo do cabrão do São Pedro, era ele que estava a bloquear a chegada da água, Beta! Bendito São João, que nunca nos falhou! Ide embora, meus filhos, ide embora gozar a festa! Nós rimo-nos, eu abracei-a e seguimos caminho.

A maior festa de todos os tempos

Ele retomou a conversa: dizia eu que estou com muita vontade de perceber que parecenças há entre o São João portuense e o Santo António em Lisboa. E foi então que eu comecei a falar. Nem lhe dei tempo para se apresentar melhor, ou para dizer outras coisas que eventualmente tivesse preparado, ou lhe estivessem a ocorrer. E o frenesim que sentia naquele momento é semelhante, ou pelo menos vem do mesmo sítio, deste que agora me agita enquanto te conto tudo isto. É que não tenho como não te dizer que o acho um homem elegante. Não me refiro a beleza, ou somente a beleza. O rapaz é garboso. Mas não demasiadamente. Não é como um galã de cinema. É, digamos assim, equilibrado, sobretudo no expressar. É facto que é alto, e que isso me agrada muito, mas tanto sorri com franqueza e segurança, como por vezes ruboriza ao de leve com as ousadias em que se arrisca. Acho-o fofo, nesses momentos. Apetece-me abraçá-lo e dizer-lhe que ouse mais, que todo ele seja avanço e vontade de me ter. Que me abrace com aqueles braços longos, afogando-me neles, que procure o meu corpo com o dele e o meu pescoço com a boca grande. Quero sentir na pele o calor que lhe sai dela. Antecipo esse arrepio e quase sinto os lábios dele tocarem-me na orelha. Quero tudo isso e talvez imagines o que mais, mas não de que formas. Talvez me perguntes: mas sentiste tudo isso tão rapidamente? Logo no começo? E eu talvez te responda: Não, não senti. E depois poderei acrescentar que isto são coisas que foram tomando conta de mim aos poucos e que o que sucedeu foi não ter resistido a contar-te logo, a começar pela melhor parte. Mas, se te disser isto, não estarei a ser inteiramente honesta. A verdade é que não sei o que me deu, para tão depressa tudo isto tomar conta de mim, alvoroçando-me o corpo e monopolizando-me o pensamento. Desejo muito todas estas coisas, enquanto descemos a Sé, lado a lado, mas não o demonstro, claro.

Aguardo que avance, confiando na vontade dele de identificar em mim sinais de disponibilidade e interesse. Só não voltarei a pedir-te que imagines, porque quero-o só para mim e escrever isto tanto me torna chama, como me enciúma. Eu sei que não há razão – é que não há mesmo – para me preocupar contigo a esse nível, mas ambas sabemos também que a paixão e a razão não costumam trilhar os mesmos caminhos.

Íamos lado a lado, descendo a minha Sé. Logo de início, mirando ambos a Igreja dos Grilos, contei-lhe que a construção havia sido financiada por um dos Távoras, o balio de Leça, um homem que deu tanto dinheiro, que ganhou o direito a ser sepultado na própria igreja. O túmulo ainda lá está e o brasão dos Távoras na fachada da igreja também. É a única pedra de armas dos Távoras que o Marquês de Pombal não conseguiu – ou se esqueceu de – destruir. Já o túmulo tem a palavra Távora apagada, como pode ver-se no local, expliquei. E, à medida que lhe falava das ruas, da História, da festa de São João, das tradições em matéria de comes e bebes, dos obrigatórios martelinhos e alhos-porros, o olhar iridescente dele – não acredito que estou a escrever esta piroseira – era como um íman. Nem reparei bem numa mulher que, pelos vistos, passou com a cara inchada e enegrecida junto ao olho – foi ele que notou. Eu queria olhar para ele, mas não o fazia, não só por decoro, mas também para não me espalhar ao comprido na calçada, o que seria sempre péssimo, mas pior ainda num primeiro encontro. Foi, aliás, nessa altura, que alguma consciência pareceu ter-me sido devolvida, dado que me calei, receando que ele achasse que eu tinha mais palavras do que emoções e sentimentos.

Quando passámos no que resta do Arco de Sant’Ana, O-da-Pastinha, ao qual na minha cabeça passei a referir-me como Professor (Professor era nome que lhe assentava mesmo bem!), demonstrou uma grande educação e conhecimento literário, quando disse: eu ali atrás não quis interromper, mas, segundo julgo saber, terá sido no Convento dos Grilos que Almeida Garrett terá começado a escrever uma obra marcante, que depois terminou durante o segundo exílio, intitulada precisamente *O Arco de Sant’Ana*. Sei que não consegui disfarçar um grande sorriso. Acrescentei que esse era um dos meus livros favoritos e que várias vezes o lera à minha avó, que era analfabeta e amava a

Igreja, mas adorava ouvir aquela história que punha em confronto o poder oligárquico do bispado e o povo apoiado por D. Pedro I. Ele assentiu com a cabeça, também sorridente, e disse: foi uma feliz coincidência eu ter vindo para aqui morar. Ou, melhor, não foi só coincidência, devo admitir. Quando percebi que tinha sido colocado na Sé do Porto, de imediato me lembrei do livro e senti vontade de morar por aqui. Foi por absoluta sorte que encontrei esta casa e achei que, por ficar tão perto do Arco de Sant'Ana, ou do que resta dele, tinha de ser o meu poiso durante este ano, mesmo que isso representasse um grande esforço, quase incomportável para o meu diminuto salário de professor. Mas, na fase em que me encontro, senti que havia coisas mais importantes do que o dinheiro. E ainda bem que tomei essa decisão, acrescentou, sorrindo. Eu terei, por certo, desviado o olhar, para que ele não se apercebesse do meu indisfarçável rubor e sugerido irmos ver os tais vestígios do arco. Quando estávamos defronte do que foi uma das quatro portas da chamada Muralha Primitiva, expliquei que era mesmo aquela a que estava vocacionada para o acesso à zona ribeirinha, para a qual todos se dirigiam, martelando-nos as cabeças, sem nos podermos defender, porque não estávamos munidos de apetrechos equivalentes. Talvez entusiasmado, ele voltou a citar Garrett, dizendo que gostava muito do Porto e que se lembrava frequentemente da famosa frase, publicada na Lírica de João Mínimo, que diz: Se na nossa cidade, há muito quem troque o b por v, há muito pouco quem troque a honra pela infâmia, e a liberdade pela servidão. Eu voltei a sorrir e acrescentei: vais ver que aqui na Sé, ou no que dela resta, é mesmo assim.

Na Travessa da Bainharia, e nas demais ruelas, havia milhares de pessoas, todas encostadas, que falando alto, dançando, brincando e brindando formavam torrentes humanas descendo até ao que restava do rio. Antes disso, entroncavam em Mouzinho da Silveira, em frente ao começo do hoje famoso Largo de São Domingos, e seguiam em quantidade impossível de calcular até à Ribeira. Era tanta gente, que optei por voltar atrás e descer antes a Rua dos Mercadores, que nos levaria diretamente à Praça da Ribeira. Encostados a uma porta, um conjunto de rapazes fazia brindes consecutivos com copinhos de plástico cheios de Vinho do Porto. Logo depois, ouvia-se o pregão das

sardinhas e das febras, via-se gente a comer de pé, com a boca cheia de broa e de caldo-verde, o abrir das torres para encher copos de finos, os martelinhos, os gelados, e um entra-e-sai frenético de todas as portas, as dos bares, as dos restaurantes e as das casas. Nas janelas e nos varandins, os mais velhos observavam a festa, apoiados nas grades de ferro, ou sentados em banquinhos, e alguns, com martelinhos nas mãos, e sorrisos no rosto – por certo recordando a juventude – também celebravam o São João.

À chegada à Praça da Ribeira, o ambiente era eletrizante e não eram apenas as pessoas que formavam uma só massa que se agitava, eram também as diferentes músicas que se misturavam, uma ou duas ambulâncias, eram os brindes, os apitos dos martelos, era a vida a acontecer toda muito concentrada e fundindo-se num grande rumor, uma espécie de nuvem de reverberação suspensa logo acima das nossas cabeças, que quase impedia que se visse o enorme cubo, de dois metros por dois e seiscentos quilos, que dá nome alternativo à praça, obra icónica do escultor José Rodrigues. Em alguns momentos, quase temi pelo regresso da barbárie. Penso que ele se apercebeu, porque se encostou mais a mim. E eu sentia-me segura ao lado dele. De tal modo, que nem me lembrava de que era de noite. Foi só quando, no meio da praça, olhei para o lugar onde sempre estivera o rio, que vi uma enorme lua desenhada no céu, iluminando o leito do Douro, com a ajuda das luzes da festa. Era uma lua muito cheia dela mesma, bem grande e capaz de refletir um manto de luz para cima do que estava cá em baixo. A minha avó diria que, para grandes males, grandes remédios, e aquela parecia, de facto, uma encomenda especial de Nosso Senhor para dar luz àquela situação extraordinária. É que, se a Lua era imensa, a multidão que se estendia à nossa frente, sem interrupções, até ao lado de Gaia e até à Ponte Luís I, e além dela, por debaixo do tabuleiro, bem como no sentido oposto, até perder de vista, em direção ao mar, era algo absolutamente nunca visto, inaudito, inimaginável. Apercebi-me então de que havia helicópteros a sobrevoarem aquele lugar. Talvez fossem as autoridades a vigiar o impossível de controlar, ou as televisões a mostrarem para quem estava longe, ou para quem, estando perto, não podia estar. Mas muita, muita, muita gente se reunia ali, eram várias queimas das fitas

juntas, milhares e milhares de pessoas, muito mais do que em qualquer outro São João, nos festivais de verão, ou no Santuário de Fátima. Era indizível e, por isso, não dissemos nada, apenas nos olhámos boquiabertos, ao lado de tantas outras pessoas de queixos caídos, que iam chegando e tentando dar sentido ao que viam, procurando abarcar com os olhos o que o cérebro não conseguia processar de imediato. Crianças em êxtase diziam aos pais olha, olha, olha, e reclamavam logo colo, para verem melhor e, depois, já lá no alto, ao nível dos adultos e das responsabilidades só deles, batiam palmas e gritavam, não interessava o quê, era incrível, extraordinário, impossível de descrever, e também não era preciso, porque toda a gente estava a ver, toda a gente estava a viver a maior e melhor festa de São João de sempre, provavelmente, como muito haveria de se repetir nos dias seguintes, a maior festa de todos os tempos!

Dei por mim a falar sem parar

Tentámos avançar um pedaço mais, ainda sem sabermos bem o que fazer, até que nos apercebemos do calor que se sentia e da sede que se tinha instalado nas nossas bocas. A custo, conseguimos furar até junto de um quiosque onde se vendia cerveja e, ao cabo de uns bons vinte minutos, que – por terem sido preenchidos com conversa – nos deixaram as gargantas ainda mais necessitadas, conseguimos os nossos finos, que bebemos com desértica sofreguidão. Em todo o lado, bebedeiras enormes, o que não espantava, porque as garrafas de água escasseavam e as que havia custavam cinco vezes o preço habitual, portanto quase só se bebia cerveja, que não estava a preços tão proibitivos, também muito vinho branco, fresquinho, e até vinho tinto e vinho do Porto. É um momento mau para tudo o que normalmente se bebe com gelo, como caipirinhas, mojitos e quejandos. Nas notícias, haveria de se contar que os stocks de cerveja esgotaram por completo, não só na cidade, mas também fora dela, em hipermercados, entrepostos e mercados abastecedores, e que da fábrica e dos armazéns da fábrica de cerveja, em Leça do Balio, até à zona ribeirinha do Porto, se tinha formado uma espécie de coluna, desde a manhã daquele dia e com a devida autorização da polícia, para o transporte quase ininterrupto de grades e barris, para que não faltasse o que beber àquela incalculável multidão, vinda de toda a cidade, mas também de concelhos limítrofes e de alguns mais distantes, porque, assim que as imagens do rio seco começaram a aparecer na internet e nas televisões, criou-se um sentimento único e irreprimível em milhares e milhares de pessoas, uma mescla de ensejo mirone de ver o desastre e de vontade imperiosa de não virar a cara às consequências, uma espécie de bravura e solidariedade nortenha, que dizia a todos e a cada um que deveriam estar ali. E eu, Luísa, por incrível que pareça, também estava ali e estava ali com o Professor, com O-da-Pastinha!

Prosseguimos pelo Cais da Estiva, mesmo ao lado do Postigo do Carvão, tal como eu fizera de tarde, mas agora sempre aos encontrões (o que nem era mau, porque ao menos não tinha de ver homens a urinar), levando marteladas e com o Professor sempre a pedir licença, muito bem-educado, sem perceber que isso era inconsequente. A dado momento, quando entrávamos no Largo do Terreiro e a confusão se mostrava ainda maior, ele deu-me a mão – a que não estava aleijada, digamos assim, diminuição da qual eu nunca mais me tinha lembrado, agora que penso – e eu não só me acalorei, como me enterneci. Como a confusão e os encontrões eram muitos, ele agarrou-ma bem, abrindo os dedos e enfiando-os entre os meus. Se aquela não fosse a última vez que dávamos a mão, e eu esperava que fosse a primeira de muitas, eu passaria a andar sempre do lado esquerdo dele, para podermos fazê-lo assim, como naquele instante noturno, entrelaçando os dedos.

Uma noite silenciosa e fria é sempre como um grande salão escuro e incógnito, mas a noite que vivíamos era um enorme, ruidoso e quente recinto cheio de desconhecidos. Mas aquelas pessoas não me pareciam estranhas. Eu sentia-me entre os meus, sentia-me em casa, como se a Sé se tivesse expandido e ocupado todo aquele lugar mansamente iluminado pela lua. Também isso, apesar de ser noite, me oferecia tranquilidade. E é curioso que, apesar do muito barulho, conseguíamos ouvir-nos na perfeição. Era como se, à nossa volta, gravitasse um único e grande ruído, composto por todos os barulhos da festa, e, entre ele, ou debaixo dele, ou mesmo numa bolha, enfim, algures, houvesse um espaço só nosso.

Ao subirmos para a Rua Nova da Alfândega, a circulação desafogou-se um tanto e isso permitiu-nos prestar mais atenção ao que ia acontecendo. Logo ao nosso lado, junto a um murete de pedra, um moço emborcava uma garrafa de cerveja de litro. Outros batiam palmas em redor. Estranho afã, o de engolir toda a destruição que se consegue, pensei. O Professor virou-se para mim e disse: daqui a pouco, está por aí aos caídos. E eu, por momentos, lembrei-me do meu pai, quando também andava aos caídos. Naquelas alturas, ele não falava, tartamudeava. E despejava gasganete abaixo quantidades medonhas de bebida. Embalava a embriaguez com passos ondeantes e, mais tarde, deitava-se com ela, dormiam juntos, eram um só. Sei que

falar disto é repetir-me, desculpa. Felizmente, a presença daquela mão na minha, como tantas vezes senti a tua, permitia-me escapar depressa daqueles pensamentos. E, enquanto eu lhe explicava a tradição pagã do alho-porro, que vem do século XIX e de um Porto cheio de baldios em que essa planta crescia de forma livre, lá fomos abrindo passagem, por entre as pessoas, e por entre a vida, como mais tarde veríamos. Em Miragaia, achámos que faria mais sentido descermos até ao leito do rio, dado que parecia haver menos gente nessa zona. Era a segunda vez que fazia aquele trajeto naquele dia, mas agora tudo estava muitíssimo diferente e de um modo que, imagino, nunca mais voltarei a ver. Ao olharmos para trás, e darmos com os dois tabuleiros férreos, ligados por um arco, da Ponte Luís I, obra projetada – fiz questão de explicar – pelo engenheiro belga Théophile Seyrig, sócio de Eiffel na empresa Eiffel e Companhia, vi-me a falar sem parar das várias pontes da cidade, fui à ponte de D. Maria Pia, essa sim idealizada por Gustave Eiffel, mas também concretizada por Seyrig, e hoje tristemente abandonada, falei das demais travessias, incluindo as futuras, e terminei contando duas ou três histórias da minha infância, como a que se segue. Estávamos virados para montante, o festão acontecia à nossa frente e ao nosso redor, e nós conversávamos de modo sereno sobre pontes e sobre a profundidade do rio. Ele disse-se impressionado com a fundura naquele ponto, mesmo abaixo do tabuleiro inferior da Ponte Luís I, e eu contei-lhe uma história, afiançada por bombeiros meus conhecidos, de um vizinho que mergulhara várias vezes do tabuleiro superior para salvar pessoas, ou resgatar corpos. Ele não entendeu. Se era para salvar alguém, porque não saltar do tabuleiro inferior, que estava mais perto da água? E um salto lá de cima não era fatal? Ele estava baralhado e eu fui esclarecendo. A dada altura – e isto já foi há muitos anos, salvaguardei, como se isso tornasse tudo mais plausível –, os bombeiros não encontravam o corpo de uma pessoa que muita gente garantia ter saltado ali, amarrado a uma pedra. Reza a história que o velho homem, muito insatisfeito com a vida, terá parado o carro no tabuleiro, saído de dentro dele, para se atirar ao rio, com um enorme pedregulho nos braços, de modo a garantir o afundamento. Há quem conte até que pediu a um transeunte que o ajudasse a levar a grande pedra até ao limite do

tabuleiro, onde havia uma abertura no gradeamento, que os miúdos da Ribeira aproveitavam para pular para a água, e que essa pessoa o terá auxiliado. O pedregulho estaria amarrado à sua cintura, com uma corda bem grossa, e o velho ter-se-á jogado ao rio, a pique, com ele nos braços. Segundo se diz, não conseguiu segurá-lo por mais do que um nanossegundo e o calhau ter-se-á precipitado mais depressa para a água, entrando nela antes do velho, razão pela qual ele terá mergulhado todo desengonçado, talvez partindo pernas e braços, não se sabe, e sendo sugado para o fundo pelo peso do pedregulho, afundando-se para sempre. Ou melhor, não foi para sempre porque alguém se lembrou de ir chamar este homem de que te quero falar, famoso pelos seus mergulhos e capaz de contrariar o que parecia definitivo. Duas horas depois, lá conseguiram trazer o valente, que, sem pressas, retirou a camisola e se pôs de calções, exibindo o corpo moreno e seco. Perante a demora, algumas pessoas se insurgiram, incluindo as autoridades, mas o mergulhador explicou que, se o acidente se dera às nove e meia, não havia forma de o homem estar vivo, pelo que confiassem nele, que sabia muito bem quando entrar na água. O especialista aguardou pelo sol do meio-dia, foi ao alto da ponte, olhou para baixo e procurou. Ao cabo de um minuto, não mais, disse: está ali. E repetiu: está ali, apontando para a água. Enquanto toda a gente tentava discernir alguma coisa naquela liquidez corrente, o homem jogou-se à água, mergulhando, segundo se diz, de cabeça, do alto do tabuleiro superior. Algumas pessoas atestam que saltou de pés, mas isso também pouco interessa. O que todos garantem é que entrou na água como um foguete e, longos segundos depois, perante o olhar de centenas de pessoas, emergiu de braços e mãos a abanar, readquiriu fôlego e pediu que lhe atirassem uma faca, e mergulhou de novo. Quando reassomou à tona, não vinha sozinho. Eram já milhares os que testemunhavam o resgate protagonizado por Manel Mergulhador, como era conhecido, que, sem saber, foi ao fundo do rio buscar o corpo de um primo em segundo grau e o trazia – pesadíssimo, cheio de água – para junto dos mergulhadores, que assistiam, atónitos, perante os aplausos da população. Não fosse isso e talvez tivesse sido encontrado apenas agora, muitos anos depois, quando a secura expôs o fundo do Douro.

São João de rio seco

Sabes o que é altamente irónico?, perguntei, quando os nossos olhares já tinham passado da ponte para o leito em forma de U, no qual antes corria água e agora se acumulava gente. Ele não precisou de responder, para me incentivar a continuar. O irónico é que, tradicionalmente, as celebrações do São João – e há vários especialistas a discorrerem sobre isto – convocam um imaginário que tem muito que ver com a água: as cascatas sanjoaninas, que ainda espero poder mostrar-te, e as orvalhadas, que te explico num minuto, são disso exemplo, já para não falar do facto de que as mais rijas e típicas celebrações sucederam sempre à beira-rio. Por isso é muitíssimo estranho, quase parece mentira, estarmos a viver um São João de rio seco, um São João sem água! Ele perguntou-me se eu queria que ele me beliscasse, para confirmar que não era mentira, mas não concretizou a ideia, porque, logo de seguida, talvez algo arrependido, perguntou: então e as orvalhadas? É simples, comecei por responder, era tradição as mulheres e raparigas rumarem, pela manhã do Dia de São João, às imediações da Igreja de São Martinho de Cedofeita, que era zona de pinhais, para, graças a uma intervenção purificadora, fazer férteis as mulheres estéreis e tornar mais férteis todas as outras que, pelo sim pelo não, entendiam lá ir também, muitas vezes ainda bem moças, com os pais. E o que faziam? Deitavam-se e rebolavam-se na erva húmida desses campos e pinhais, a erva banhada pelas orvalhadas. Imagina o cenário, naquelas manhãs: o mulherio todo a rebolar-se no tapete verde e os borrachões que ainda não tinham ido à cama a mirar à volta. Brincando, o Professor perguntou-me se eu alguma vez tinha feito tal coisa. Eu respondi que não, mas que o método parecia ser eficaz, uma vez que a minha avó contava que a minha mãe o tinha feito, antes de engravidar de mim. Não exatamente no mesmo local, mas nas imediações do

Bairro do Cruzinho, ali junto ao shopping e ao Mercado do Bom Sucesso, que referi a fim de o localizar. Para fechar o assunto, aponte para o céu, onde deslizavam os primeiros balões alaranjados, mesmo antes da meia-noite, e expliquei que há também uma simbologia de destruição e criação associada a estas festas, por via da presença do fogo, bastando lembrar aqueles balões que voavam acima das nossas cabeças e o fogo de artifício que haveria de rebentar mais tarde para dourar o céu negro.

Foi no larguinho de Artur Arcos que ele me disse ter fome. Queria experimentar um caldo-verde à moda do Porto, pelo que nos munimos de tudo o que havia para experimentar. Não foi apenas o caldo-verde, que estava caríssimo e havia quem dissesse que se andava a fazer com água do mar, mas também uma febra, entremeada e duas sandes de porco no espeto, acompanhadas por uma garrafa de vinho meio quente. Sentámo-nos num cantito, porque não havia mesas disponíveis, e ali – sentindo a fome vir-me não sei de onde, porque era a segunda vez que jantava – comemos e bebemos, em silêncio, se é que isto se pode dizer. Nós, pelo menos, não falámos durante um bom tempo. Ele só disse que o caldo-verde estava salgado, nem tinha precisado de sal, graças à água do mar, eu mostrei algum medo de que estivesse contaminada, mas ele tranquilizou-me: a fervura mata tudo. A princípio, tive de o ajudar a equilibrar a malga, porque com o coto não o conseguia fazer. Acabámos por lhe pousar um tabuleiro nos joelhos, que ofereceu equilíbrio ao caldo e lhe permitiu comê-lo com a mão boa. Também o ajudei a cortar a carne, com um canivetezinho de cabo de madeira que tirou do bolso, altura em que disse: estas são as coisas mais chatas... foi pena não ter pensado em nada disto quando peguei naquela faca. E depois encolheu os ombros e sorriu, e eu senti uma ternura tão grande por ele que me apeteceu oferecer-lhe metade dos dedos da minha mão. Acho que já o disse (e que mal há em repetir as verdades?), a graça não lhe estava na quietude, ele era de uma beleza expressiva. Era quando falava ou desenhava expressões que o rosto se lhe tornava mais belo e, por isso, vê-lo comer com tanto gosto – sorrindo, arregalando os olhos, lambendo os lábios – amolecia-me e fazia-me feliz. Não lhe quis perguntar porquê, por que motivo se tinha autoflagelado tão sem retorno; teríamos tempo para isso, caso ele um

dia quisesse falar do assunto. Quando nos reerguemos, avistei a Cacilda, uma velha prostituta da Sé, no seu passo balanceiro, tendo por companhia a neta, já moça, e um namorado conhecido por caixa-de-óculos. Antes, e não sei porque partilhei estas coisas com ele, dizia-se que namorava com um feijão-verde, ou seja, com um militar do exército, que tinha a cara em obras e andava sempre sem cheta, razão pela qual a velha Cacilda lhe dizia que o rapaz não valia um chavelho. Eu falava sem parar, com uma energia vinda de tão longe como a fome sentida instantes antes. Um tipo magérrimo aproximou-se então de nós e disse-nos: desmarquem a cena, desmarquem a cena, há ali marosca, vem aí a bófia. Desapareceu num abrir e fechar de olhos e nós ficámos a olhar um para o outro. Começámos a dirigir-nos para o acesso ao rio, que víamos milhares de pessoas fazerem pela entrada do parque de estacionamento da Alfândega, não sem antes deitarmos o olho aos bailaricos que começavam a acontecer, lá em baixo, entre os arcos, e diante deles, na Rua de Miragaia. Ele deu mostras de saber que, por estarem abaixo do nível do rio, resguardadas pela mais elevada Rua Nova da Alfândega, que o represava, aquelas eram as casas que por norma sofriam com as cheias, situação que já tinha visto na televisão. Eu sugeri que lá voltássemos mais tarde, caso nos apetecesse dançar. Nesse momento, encontrei o Sr. Cipriano, um indivíduo loquaz, que discorria sempre sobre os assuntos mais variados. Cumprimentei-o e ele, sem aviso, mas quero crer que por saber a que atividade me dedico, perguntou: Sabia que o Mercado do Bolhão tem mais ferro do que a Ponte Luís I? E logo mudou de assunto, para me dizer: hoje, li no *Notícias* que vão fechar a escola onde a menina estudou. Quando eu me preparava para comentar, ele virou-se para o Professor e disse: e o cavalheiro sabia que certos macacos compreendem a nossa linguagem e são capazes de empregar, por gestos, mais de cem palavras? Ele abriu muito os olhos, meneou a cabeça rapidamente e, quando se preparava para dizer alguma coisa, o Sr. Cipriano ajeitou o capachinho muito preto, disse passem bem, bom São João e virou costas. Bom São João, Sr. Cipriano, disse eu, enquanto nos ríamos e eu tentava alertar a minha companhia para as peculiaridades de determinadas figuras.

À medida que caminhávamos, verbo que O-da-Pastinha recém-

rebatizado Professor disse pouco utilizar, uma vez que em Lisboa se emprega mais o andar, concretizei o que dizia em relação às particularidades de certas figuras daquele Porto antigo. A título de exemplo, falei-lhe do Pedro Caixotes, que assim ficou conhecido por ter feito a primeira manifestação individual da freguesia de São Nicolau, logo ali acima. Com uma machadinha, com a qual no primeiro domingo de cada mês ia à lenha com o pai, lá para os lados de Valongo, rebentou todos os caixotes do lixo e contentores das imediações da casa onde morava, que ficava na Rua do Comércio do Porto. E aponteí – aquela rua ali, que sobe. Diz-se que foram mais de vinte, trinchados como carne num talho. Quando a polícia apareceu, bem como dois representantes do executivo da junta, que por coincidência reunira instantes antes, e lhe perguntaram que raio estava a fazer, Pedro disse que estava a fazer uma manifestação. Com três filhos para criar e sem emprego, tinham de lhe dar trabalho. E sabes que mais, perguntei? Deram, disse ele. E eu confirmei: isso mesmo, deram. Deram-lhe emprego. Três semanas depois, começou a trabalhar no armazém da junta, onde achavam que poderia causar menos estragos do que à solta pelas ruas. Não sei se ainda lá está, ou se já se reformou, mas há por aqui muitas histórias que parecem mentira, mas que são verdade.

A vida está viva

Quando nos vimos junto à Alfândega, no corredor de acesso ao salão de festas que era agora o Douro desaparecido, a passagem ia sendo controlada por autoridades devidamente fardadas, que de tempos a tempos levavam com marteladas ligeirinhas, muito contidas e cheias de vontade do seu oposto, e por isso provocadoras de muitos risinhos nervosos. Só no momento em que, mais adiante, voltámos a estar de frente para o enorme leito do rio, que naquela parte faz uma curva e contracurva, pudemos tornar a ver o mais impressionante cenário das nossas vidas: uma quantidade tão grande de gente, que nos pusemos logo, tal como centenas de outras pessoas, a tirar fotografias e a obstruir a passagem, deslize prontamente assinalado com um sai da frente, ó morcão, que o Professor ouviu e acatou, fazendo-nos rir, enquanto apanhávamos com mais marteladas da cabeça.

Eu temia muito o que iria encontrar. De tarde, tudo se mostrara confuso, mas mesmo sentindo saudades dos murmúrios lentos do rio, o cenário já não era de apocalipse. Os barcos encalhados tinham sido endireitados com uma espécie de barrotes de madeira, para se aguentarem de pé, e estavam agora transformados em salões de festa, ou pistas de dança, em cima e à volta dos quais centenas e centenas de pessoas agitavam no ar as respetivas lanternas dos telemóveis. Crianças penduravam algas na cabeça, simulando cabelos compridos, ou esfregavam-nas nos rostos de outras crianças, que depois ou choravam, ou lhas devolviam como se fossem granadas biológicas. No meio da multidão, e tal como nos dias anteriores, havia quem – sobretudo velhotes – continuasse a perscrutar o chão, agora mais rijo e já não lamacento, em busca de objetos de valor. Numa noite que se mantinha muito quente, velhotas, que talvez fossem as companheiras daqueles garimpeiros fluviais, e indivíduos de etnias distantes

vendiam portuguesesíssimos pães com chouriço, cervejas, gelados e sumos. Fulanos com ar suspeito perguntavam com pouca discrição se queríamos drogas variadas. E, por todo o lado, as pessoas circulavam, paravam para conversar, dançavam, saltavam e festejavam com uma alegria que impressionava, como se a festa tivesse sido sempre assim, como se o rio nunca ali tivesse estado e o normal fosse aquilo, demonstrando uma quase inacreditável – belisca-me, disse eu, dessa vez – capacidade de adaptação às circunstâncias, que eram altamente difíceis e desanimadoras. Mas parecia que não, não só para todos aqueles milhares de pessoas, como também para mim, que me deixei beliscar, contorcendo-me enquanto me ria e tentava escapar-me, desejando que ele me apanhasse. Brincávamos como duas crianças e, como todas as outras crianças, ensaiávamos o amor (eu não disse atrás que era de encenação e jogo que se fazia a sedução?), alimentando a ligação que ali parecia nascer, no mais improvável dos cenários. A felicidade extrema – a nossa e a de centenas de milhares de pessoas (nos dias seguintes, haveriam de dizer que tinham sido mais de dois milhões) – vivia-se em contexto de apocalipse, disse o Professor, não exatamente por estas palavras, porque não se referiu a nós, mas a todos os que ali estavam. E prosseguiu, salientando que enfrentávamos o ano mais quente de que havia registo, com o Sol a desabar em chamas sobre a cidade, que as torneiras estavam sem deitar água, tirando em algumas horas do dia, e que assim era por toda a parte, que os campos estavam secos, os animais moribundos, os rios a secar e até o rio, que eu sabia que também já era dele, o nosso rio Douro, não corria, não tinha água, estava seco! Vivíamos um São João de rio seco, que, muito mais do que simbólico, era demonstração de que estávamos a ser eficientíssimos na destruição do nosso planeta.

Ainda assim, e isso era o que mais o surpreendia, as gentes do Porto, e do Norte em geral, olhavam para aquilo de outro modo, não ignorando a desgraça, mas não fazendo dela uma sentença, nem realidade única e incontrariável. És muito perspicaz na tua análise, estive então para dizer, sobretudo porque muito rapidamente analisaste o espírito da cidade e terás já, por certo, percebido o que dizia Agustina quando afirmou que o Porto não era para ela um lugar, mas sim um sentimento. Estive para dizer, mas não disse. Para que

eram precisas mais palavras minhas, se ele ia tão bem? Olhou-me então nos olhos, segurou-me as mãos, e declarou: sim, o rio está seco, sim, o mundo talvez esteja perdido, mas é tudo isso motivo, na cabeça destas pessoas todas, para não festejarem o São João delas, é isso razão para deixarem de viver e de sentir e de aproveitar a vida? Minha querida Beta (esta parte já não sei se foi exatamente assim, isto é, não sei se me chamou minha querida, ou não, mas compreenderás que a emoção era muita e que eu já tinha bebido um bocado), é isso que toda esta gente diz sem o dizer! E ele tinha razão, foi isso que sentimos e que fomos pondo por palavras nos dias seguintes, nós e os cronistas, tanto os mais informais, de café ou de Facebook, como os mais doutores, como diria a minha avó, aqueles que escrevem na imprensa. Não haveriam de ser os manjericos secos e os pimentos mirrados a diminuïrem os nossos ânimos. E, se nos faltar a água, lavar-nos-emos com vinho e bebê-lo-emos até tombar. Antes assim do que de outro modo. A vida está viva, exclamaria a minha avó, se cá estivesse. Somos portuenses, somos da cidade invicta, da antiga, muito nobre, sempre leal e invicta cidade do Porto!

Ano Novo

O Professor dizia-se tão impressionado, que já se sentia portuense. Sou tripeiro, brincava, enfiando carago em todas as frases, à laia de pontuação. E então eu disse-lhe: há um poema muito bonito de Nuno Júdice, que nem é de cá, sobre o Porto. Diz que Shakespeare poderia ter vivido aqui. Ele pediu que lho mostrasse, animado, mas, ao invés, eu disse-lho, porque o sei de cor: Shakespeare podia ter vivido aqui. Podia / ter dançado na noite de S. João, quando o rio / transborda para as ruas nas correntes / humanas que as inundam. Podia ter escrito / nos invernos de ausência o que a noite / ensina sobre a privação. O Professor sacou do telemóvel e pôs a gravar. Quero poder ouvir isto sempre que quiser, justificou. E eu continuei a dizer A Noite do Porto – chama-se assim, o poema. Adiante, bebemos uma ou duas cervejas – já não sei bem onde – e prosseguimos, em direção à Ponte da Arrábida. Naquele ano, embora houvesse quem continuasse a fazer o percurso pela marginal, o caminho fazia-se pelo ledro rio seco. Quem seguia nas margens como que acompanhava o curso principal, lá em baixo, numa espécie de cortejo sanjoanino-carnavalesco, em que cada um fazia de peixe e todos juntos se faziam passar por água corrente. Eu só tinha uma certa inveja dos de Gaia, daqueles que moravam mais no alto, porque viam o Porto do melhor lado, todo iluminadinho e, desta vez, tão diferente e tão especial. De mais a mais, eu própria estava ali, em plena noite, coisa na qual ainda nem conseguia acreditar total e verdadeiramente. Falávamos daquele festejar sadio de todos, mesmo dos mais velhos, que riam a bel-prazer. O Professor completou: riem como se não estivessem para morrer. De imediato, o meu pensamento se agarrou à minha avó, até que, no meio de tudo aquilo, já não faltava muito para a meia-noite, ouvi alguém lembrar. Ao lado, um homem que usava uma cartola comentou: brinquem com o fogo, brinquem, que este ano não têm com que o apagar. Era o zé-

ninguém que eu vira à tarde, quando estava com a D. Lisete. Andava por ali muita gente da Sé. Pouco depois, avistei o Tó Maneta, um homem que morara perto de nós, mas que havia sido despejado há coisa de ano e meio, dois anos. Mas achei melhor não falar no assunto. Ao Tó Maneta faltava-lhe um pé e ganhara a alcunha por estar sempre a lamentar: antes fosse maneta. Nesse momento, Luísa, compadeci-me d'O-da-Pastinha, do meu lindo Professor, daquele homem vindo de onde vêm as melhores coisas, que me segurava a mão com firmeza e vivia tudo aquilo comigo.

Logo adiante, junto à margem para a qual fôramos arrastados sem nos apercebermos, pela torrente humana, duas engenhosas vendedeiras procuravam impingir manjericos de papel. O mais certo é que, quando perceberam que tudo se ensarilhava, e que os verdadeiros não cresceriam a ponto de poderem ser vendidos, se tenham entretido com outros que assegurassem o proveito, em papel, muito lindos, menina, não quer comprar? Leve que é bom, é p'ra ajudar a gente. E o Professor comprou um, em vaso de barro como os outros, mas feito de papel vegetal verde, que depois teve de carregar debaixo do braço o resto da noite. Ele não o conseguia segurar bem, como imaginas, porque a mão boa tinha-a a segurar a minha. Cruzámo-nos com um indivíduo vestido com um hábito de padre e com um capacete enfiado na cabeça, ou pelo menos foi o que me pareceu. Depois, reparei numa moça que caminhava com os braços junto ao tronco e baixava o olhar quando se cruzava com alguém. Nesse momento, dei-me conta de que nós, o Professor e eu, caminhávamos lado a lado, olhando o mundo de frente, e sentia que não tinha nada comigo a não ser alegria em duas doses – uma coletiva, pelo entusiasmo que se vivia, e uma mais íntima, pelo que significava ter aquela mão a segurar a minha. Talvez ali, no enorme alarido da festa, o meu coração se prendesse irremediavelmente a ele. Eu mirava-o de soslaio, quando ele observava o espetáculo em que participávamos, e via-lhe um jardim por dentro. Era o que eu queria ver e, portanto, era o que se me afigurava como real, por debaixo da pele dele.

A dada altura, ao começarmos a subir a rampa de pedra que, por norma, dava acesso à água e que naquele momento só levava de terra para terra, começou a ouvir-se toda a gente – milhares e milhares de

vozes, em uníssono – a entoar uma contagem decrescente, que fizemos questão de acompanhar, como se fosse passagem de ano:... sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um... e um longo assobio anunciou o primeiro petardo. Pau!!! E depois outro, e outro, vários seguidos, começou o foguetório, um lindíssimo fogo de artifício que dançava e escorria no céu sob o sorriso quente da Lua. E toda a gente gritava, pulava, abraçava, brindava, viva o São João! Viva o São João! Viva o Porto! Viva! Até os corpos apoucados e enfermijos dos velhos, com os esqueletos rangendo de artroses e as entranhas ardendo, se agitavam com uma energia que imitava a juventude. E eu senti-me tomar posse de tudo aquilo, daquelas sensações, daquele sentimento e daquele dia únicos. Soube de imediato que seriam meus para sempre, talvez mesmo até caso o juízo me abandonasse um dia. E, tendo pensado isto, logo senti um toque leve nas costas. Voltei-me e vi o rosto redondinho do Luís Miguel Ideias. Dei-lhe um abraço forte, que o atrapalhou bastante, e o fez deixar cair a lata de cerveja, delito pelo qual lhe pedi muita desculpa, e, ainda antes de o conseguir apresentar ao Professor, ele não perdeu tempo a dizer: e se inventássemos um outro mundo, um mundo novo, mais parecido com este? E piscou-se, dizendo: pensa nesta ideia, Beta.

O fogo continuava a rebentar e a colorir o céu e as pessoas a celebrar, como sempre neste dia, em conjunto, mas desta vez num conjunto maior, muito maior, havia ali gente – informariam as televisões nos dias seguintes – do Porto e de Gaia, mas também de Matosinhos, de Gondomar, de Valongo, de Paredes, da Trofa, da Maia, de Santo Tirso, de Vila do Conde, da Póvoa de Varzim, de Espinho, de Santa Maria da Feira, de Oliveira de Azeméis, de Vale de Cambra e até de Arouca. Todos juntos, aqueles milhares de pessoas compunham uma celebração conjunta, uma liturgia, que tinha mais de mundana e menos de religiosa. Tanto assim é, referi, que no São João nem se celebram missas; essas ficarão para meio ano depois, para o Natal.

O fogo continuou, não sei por quantos minutos mais, porque o que depois se seguiu aconteceu no domínio de um outro tempo. Estávamos à beira-rio, sem água, mas com gente, muita gente, olhando o feérico colorir dos céus. O Professorzinho apercebeu-se de uma zaragata, que envolvia muita gente. Eu conhecia-os. No alvoroço, embrulhava-se

toda a sorte de pilantras e meliantes, alguns apenas miúdos, uns nicos de gente, dando corpo a bestialidades várias e disparando socos e pontapés. Uma cena horrível. Pouco depois, surgiu a polícia e desatou tudo a correr. Alguém disse que eles andavam a roubar carteiras e telemóveis. O Professor e eu deitámos as mãos aos bolsos e, vindo não sei bem de onde, ao nosso lado, o homem da cartola sorria-nos. Entreolhámo-nos e ele disse: só te lembras de Santa Bárbara quando troveja. E desapareceu, enquanto a polícia perseguia os delinquentes e o povo perscrutava bolsos e carteiras. Ao contrário de muita gente, os nossos pertences continuavam connosco e eu gostei de sentir que a sorte nos sorria. Então, minha querida, olhei-o e disse-lhe em silêncio: toma-me nos braços. E ele, porque lá no fundo me ouviu, não só o fez, envolvendo-me com os seus braços compridos, como também baixou a cabeça até junto da minha, aproximou o rosto do meu, primeiro o nariz do meu nariz, depois o queixo do meu queixo, a boca da minha boca, e encostou os lábios dele aos meus, beijando-me de seguida com a força da vontade reprimida.

Sim, Luísa Fragata, beijámo-nos, beijámo-nos de forma longa, demorada, maravilhosa e apaixonada! Ainda consigo sentir-me naquele instante, deixando-me, abandonadamente, entre os braços dele, enquanto provávamos a poção mágica do amor. Não sei quanto tempo durou o beijo, não me perguntes, porque tanto me parece ter sido um beijo longo e delicioso, como demasiado curto. Sei que foi o primeiro de muitos que demos nessa noite que não deveria ter acabado (talvez, afinal, o escuro seja bom cúmplice para encontros) e eu senti que algo nascia ali. E não conseguia deixar de pensar que, para a minha avó, e para outras pessoas muito antigas, o ano só começava no São João. À medida que o dia 23 de junho se aproximava, nascia-lhe no rosto um leve esgar, que depressa se transformava, ao chegar ao alto, num terno sorriso de esperança, que a acompanhava pelo menos até ao São Pedro. Sabes, sinto que o meu ano talvez tenha começado ali também e esteja agora no início.

Nenhum final precisa de título

A minha avó gostava de ver o fogo do Terreiro da Sé, lá no alto, disse eu, quando o espetáculo acabou. Falas muito dela, por isso imagino que fosse mesmo importante para ti. Eu tirei os meus olhos dos dele e apontei-os à Ponte da Arrábida e ao mar que há depois – certa de que iria emocionar-me – e disse: todos os anos, nesta noite, logo a seguir ao fogo, ela abraçava-me e partilhava comigo as suas esperanças. Dizia sempre que, amanhã e no ano seguinte, tudo iria ser melhor. E eu acreditava. Para a minha avó, e para outras pessoas antigas, o ano só começava no São João e a festa como que purificava, preparando tudo quanto existia para os desafios vários da vida durante os doze meses que se seguiriam. Logo depois, ganhei coragem, voltei-me para ele e disse: sim, a minha avó era muito importante para mim; foi avó, foi mãe e foi pai, tudo ao mesmo tempo. E, sentindo um arrepio, cruzei os braços, levando as mãos aos meus próprios ombros, num gesto inconsciente de busca de autoafago, que me comove só de relembrar. Era assim que eu estava habituada a sentir o carinho de alguém – abraçando-me a mim mesma.

Afortunadamente, Luísa, ele não desiludiu, como pelos vistos algumas pessoas não desiludem, e percebeu naquele instante o que eu sentia e qual seria o papel dele. Em meio segundo, encostou o peito aos meus braços, que se desenlaçaram e o envolveram, eu acomodei a minha cabeça sobre o ombro dele, ele pousou a dele sobre a minha e assim ficámos infinitos minutos, sentindo o respirar um do outro, o meu mais acelerado e pontuado por pequenos soluços, o dele sereno e calmante. Foi tão bom que parecia mentira. Porém, o melhor de tudo é que, pela primeira vez, a tristeza não assomou a mim acompanhada de dor. Eu estava triste, sim, e estranho seria se não estivesse. Mas, desde que ela partira, aquela era a primeira vez que não sentia dor ao relembrá-la. Depois, ele beijou-me ao de leve a testa, a face, beijou-me

as lágrimas que sobravam, pousou-me os lábios sobre o nariz, o que me fez rir, de seguida sobre o queixo, depois aflorou o pescoço, o que convocou os arrepios, tal como os beijinhos nas orelhas, até por fim dirigir os lábios dele aos meus e as nossas bocas se encontrarem, resgatando-me, com isso, também da tristeza.

Talvez tudo isto te pareça uma piroseira importada de um filme de domingo, ou de um romance cor-de-rosa, mas condescende um pouco, desconta a paixão fervente que sabes que sinto, e crê, por favor, que, hoje, ao invés de me recordar apenas destes momentos, ou das conversas que tive com ele, aquilo de algum modo ampliou-me os sentidos e a percepção, e inscreveu-se na minha memória com impressionante nitidez. Mais do que isso, sinto ter captado ainda mais informação do que o normal e tê-la absorvido com tamanha avidez que ela não mais poderá deixar a minha memória. É como se tudo o que ouvi, vi, cheirei e toquei naquela noite fosse indelével, estivesse gravado na minha alma, e também no meu corpo, correndo agora em mim como o sangue, vigorando mais do que tudo o resto, dado que as horas seguintes foram de emoções e proximidades maiores.

Mais tarde, ao abrigo daquela noite (ainda nem acredito que estou a escrever isto), daquela noite sem-par na nossa história, caminhámos, os dois, entre a multidão, entre dois milhões, entre todo o mundo, em direção ao mar. Eu disse-lhe que gostaria de ver o amanhecer no Cabedelo, que era para lá que ia, não sei por que necessidade, ver o pôr do sol, logo depois de a minha avó morrer, e que tinha sido ali, ouvindo os sibilos do vento norte, que tinha dado início ao que ajudaria a recompor-me e que, não sei por que mister ou desígnio, estava agora a terminar, como o fechar de um ciclo. Luísa Fragata, bendita sejas por existires, ainda bem que exististe de novo e que, como os verdadeiros amigos, dizes presente quando a garganta se comprime e a alma encolhe, e o segundo seguinte parece inviável. Se soubesse o que a realidade agora prova, por certo a minha avó – aquele coração imenso – veria nestes meus devaneios que te trouxeram até mim a maior das serventias e te diria também: bem-hajas, Luisinha, que é como eu sempre imaginei que ela te trataria. Eu também só tenho a agradecer-te, mas não sem antes te convidar a subires connosco à Ponte da Arrábida, a ideia de lá irmos foi dele, ao

alto dessa maravilha em arco de betão sonhada por Edgar Cardoso, em meados do século passado (perdoa-me, já sabes que não resisto), com o objetivo de vermos o amanhecer, do lado do mar, e a festa que ainda persistia, do lado oposto, antes de, então sim, baixarmos à praia e ao lugar onde o mar aguardava o rio retido noutras paragens.

Lá no alto da ponte, com o abismo fluvial por debaixo, olhando a montante, havia já uma luz tímida rompendo a escuridão. Eu avistava, ao longe, a Catedral, desafiando a Serra do Pilar e seu Mosteiro, escudada por todo o bairro da Sé, feito de edifícios alapados, teimosos, sobre o granito lavrado, via as pontes velhas, via o Palácio de Cristal e a silhueta ondeante e sedutora da minha cidade, desde esse alto verdejante, até ao serpenteante asfalto do viaduto do Cais das Pedras. Cabia tudo num só olhar. E todos os momentos cabiam também naquele, se eu precisasse de resumir-te este dia. De mão dada, numa ponte cheia de gente, porque muitas outras pessoas haviam tido a mesma ideia e milhares regressavam a casa, voltámo-nos para o outro lado e, ao sinal dos agentes da polícia, atravessámos o tabuleiro da ponte, que estava fechado ao trânsito, tirando a viaturas de emergência, que de quando em quando passavam, agitando luzes azuis. Virados a poente, ou a jusante, se preferires, não sei dizer se o que se via era mais ou menos bonito do que o cenário do lado oposto. A falta do rio mostrava um estuário todo seco e barquinhos encalhados, na Marina de Gaia. Enquanto eu lhe apontava a entrada do mar, procurando o rio, no Cabedelo, e estranhando a sua ausência, sentia o dia a nascer nas nossas costas.

Do lado direito, no meio da secura que a cor amarelada da areia denunciava, identifiquei vários bandos de aves, em frente à Rua das Sobreiras. Ali, olha. E aponteí. Algumas das aves pareciam garças-reais, mas havia por lá, sem dúvida, também gaivotas e corvos-marinhos. O dia seguinte ao desaparecimento da água tinha sido de banquete para aqueles animais, com milhares de peixes encurralados em poças e baixios, prontos a capturar, e outros tantos, ou talvez mais, moribundos, agitando-se sobre a terra e o lodo, à espera de que a morte – ou um bico, o que dava no mesmo – os fosse buscar. Mas, ali, o que se via era uma mancha larga e, saindo dela, um traço escuro, que se afinava na direção do centro do leito aberto do Douro. Era,

percebi então, água corrente. Era a ribeira da Granja, ou do Ouro, o maior curso de água da cidade, que corria ainda em voz baixa para os braços do Douro, tentando alimentar o grande rio seco, como se lutasse por uma causa. E as aves que avistávamos, centenas de aves habituadas ao grande rio, prestavam vassalagem a essa longa travessia, banhando-se naquelas águas poucas, mas doces.

A dado momento, ele perguntou: e se nos sentássemos ali? E apontou para o elevador do lado sul da ponte, ao lado do qual, cruzando as pernas, nos instalaríamos segundos depois. Entre uma coisa e outra, ele afundou a mão direita – a intacta – no bolso das calças e trouxe de lá o que me pareceu ser um canivete. Ergueu-o diante dos nossos olhos e disse: foi um grande e velho amigo, que já não está entre nós, que me deu esta navalhinha. Disse-me que passaria a ser símbolo da nossa amizade e que haveria de me ser útil, o que para ele era a coisa mais bonita de se ser a alguém. E eu agora lembrei-me de lhe dar utilidade. Eu olhava-o com toda a atenção, enquanto nos instalávamos. E se fizéssemos como antigamente? À falta de uma árvore que frutifique, porque não numa ponte, que une? Eu mantinha-me em silêncio, sentindo o braço dele encostado ao meu, e sem esconder um sorriso que adivinhava o que ele faria. Então, com a mão direita, segurou a navalhinha e pediu-me ajuda para a abrir – com cuidado, para que não me aleijasse. De seguida, apontou o bico da lâmina ao betão da ponte e começou a raspar, raspar, raspar. Aos poucos, foi dando forma às iniciais dos nossos nomes – que, naquele instante, me pareceram casar lindamente uma com a outra – e, no final, não lhes fez um demasiado previsível coração em volta, mas antes um traço forte, bem fundo, por baixo. Mas não o fez sozinho: pediu-me que segurasse o canivete, pôs a mão dele por cima da minha e, em conjunto, sublinhámos a nossa união. Dei por mim a chorar a alegria que a cada momento chegava mais e mais até mim, enquanto feríamos com força o cimento, procurando garantir a intensidade e a longevidade com que se sonham todas as paixões e todos os amores.

No alto da ponte, o sol aquecia-nos o abraço e postergava qualquer abatimento. Sentindo a brisa que levava a madrugada, observávamos agora as pessoas a formigarem lá em baixo, dispersando a pouco e pouco, rumo a casa. Descendentes de gente enrijecida pelo clima

húmido e chuvoso, desde sempre trabalhadora por necessidade e livre por resistência e valentia, parecia correr no sangue daquelas pessoas, unidas por uma desgraça, os saberes elementares – e de ciência exata – do valor do hoje e do significado do amanhã. E nós dois, pairando sobre o rio seco, enquanto o sol destapava a manhã e matizava o dia, víamos isso muito bem. Foi então que ele me disse: a água há de voltar a correr. E repetiu: a água há de voltar a correr. Avançámos os metros que faltavam até ao lado de Gaia e descemos ao Cabedelo, sem necessitarmos de ir à Afurada, mas rumando em direção ao oceano, pelo fundo arenoso do rio ausente, para saber que boas-novas nos traria o sibilante vento norte.

Não preciso de mais

Não sei se deveria contar-te o que a partir de agora te conto. Temo a tua reação. Não te aborreças comigo, por favor. Sabes que hesito perante tudo e também que é a ti que vou buscar o que não tenho. É aqui, neste mundo desenhado por uma caneta sobre uma pele pautada, que tatuo o que vivi e que, já o disse, mas importa repetir, faço nascer aquilo que gostaria de ter vivido. A escrita é refúgio, é salvação e é também sonho, o degrau apontado ao céu de uma escada que conduz a outra versão de nós mesmos. A mulher que sou nestas folhas, e que deste modo e de mais nenhum conheces, encontrou no reverso da escrita outra coisa que lhe faltava. A ti, encontrei-te no relato, na confissão, no escrever diário e compassado do existir. A ele, encontrei-o na leitura. Desde sempre, ela nos dá tanto do que nos falta: as informações, as aventuras, as emoções alheias que nos estruturam e educam sentimentalmente – e até, sei-o agora, o amor. Não sou capaz de dizer porquê, mas foi num livro que li que encontrei um indício de um sentimento. Mentiria se dissesse que sei como e por que razões essa pista emergiu ali e não na vida real. Ou talvez não mentisse, mas isso não nos aproximaria da verdade. Aliás, o que é o real senão um lugar vizinho deste, feito de papel, em que costumamos encontrar-nos? Foi num livro que dei com este homem que acabaste de me ver beijar – um jovem professor em fuga, dependente do telemóvel e às turras com a vida e com a morte – e foi ao lê-lo que a ele fiquei ligada. Depois disso, cresceu em mim um sentimento e, agarrada a ele, uma história que te contei em conjunto com outras: a de um lugar que é mundo, o morro da Pena Ventosa; a de uma pessoa que era tudo e de verdade, a minha avó; e ainda a da tua própria existência, que para mim é tão palpável como esta caneta e o amor com que, a partir da leitura de um romance, com ela criei. Fazia-me falta o amor, faz-nos sempre falta o amor. Eu precisava dele, como o

mundo precisa de esperança e de coragem, para enfrentar aquilo em que se tornou e conseguir ser uma versão melhor dele mesmo. À falta daquilo que a vida nos tira e tirará sempre, que nunca nos faltem as ideias, as palavras e a imaginação, que nunca se acabem as frases e as histórias, que dure para sempre a possibilidade de criar, porque o que existe ou não chega ou é torpe ou insuportável. E eu sou ainda e somente a criança que viu o pai tombar, derrubado pelos próprios demónios, e a mãe partir pela porta da dor. Sou apenas a menina que subia contigo ao sótão, para ver o sol a aquecer os telhados e a vencer a treva. Por isso, se tu me ajudaste a enfrentar as agruras que macularam a minha infância, peço-te que aceites que ele possa dar-me o braço na idade adulta, aquela em que mais facilmente somos deixados sozinhos. Tu e ele vieram do mesmo lugar.

Perderá tudo isto valor se tiver sido efabulado? Por que lúgubres caminhos transita a realidade? E em que esquinas sombrias se encontra com a fantasia, sempre pronta a completar-lhe as omissões, os descuidos, os lapsos e as imposturas? Dir-me-ás, talvez, que exagero, que criar-te a ti é dar à luz a amizade, e que toda a amizade é uma construção, mas que parir aquele homem foi inventar o amor e que esse, por mais que precise também de ser construído, não germina nem floresce sem verdade. Mas, Luísa, não há na escrita nenhum compromisso com a verdade, apenas um ato de rebeldia, uma forma de nos vingarmos da vida. A leitura, essa, é a verdadeira ação criadora, os metros últimos da passadeira que a escrita estende. Por isso, se estás a ler isto, acredita em mim: tudo o que a aqui leste – incluindo a tua existência e a dele – aconteceu mesmo. Sei que sim, porque o sinto, não preciso de mais. Basta-me o gosto inefável da fantasia.